

**REVISTA**  
**BATISTA**  
**PIONEIRA**

*Bíblia* ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11

Número 2

Dezembro 2022

ISSN 2316-686X

**REVISTA**  
**BATISTA**  
**PIONEIRA**

*Bíblia · Teologia · Prática*

Vol. 11 · n. 2 · Dezembro | 2022

**Missão**

*Promover o debate e a socialização do conhecimento bíblico e teológico na sua interlocução com a práxis.*

Faculdade Batista  
**Pioneira**

---

R454 Revista Batista Pioneira : Bíblia, teologia, prática /  
Faculdade Batista Pioneira ; editor responsável Claiton André Kunz. –  
v. 11, n. 02, dez. 2022. – Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2022. –  
141 p.

Semestral  
ISSN 2316-686X

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade  
Batista Pioneira. II. Kunz, Claiton André. III. Título. IV. Título: Bíblia,  
teologia, prática.

CDU : 2(05)

---

*Aline Morales do Santos Theobald*  
*CRB 10/1879*

Site: [revista.batistapioneira.edu.br](http://revista.batistapioneira.edu.br)

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional*

A revista está catalogada nos seguintes indexadores:



# **REVISTA BATISTA PIONEIRA**

*Bíblia · Teologia · Prática*

## **DIRETOR GERAL E EDITOR RESPONSÁVEL**

*Dr. Claiton André Kunz*

## **CONSELHO EDITORIAL**

*Dr. Alan Doyle Myatt (Gordon-Conwell Theological Seminary/USA)*

*Dr. Antônio Renato Gusso (Faculdade Batista Pioneira)*

*Dr. Dimitrios Christidis (Aristotelian University of Thessaloniki/Grécia)*

*Dr. Helge Stadelmann (Freie Theologischen Hochschule/Alemanha)*

*Dr. Jaziel Guerreiro Martins (Faculdades Batista do Paraná)*

*Dr. Lourenço Stelio Rega (Faculdade Teológica Batista de São Paulo)*

*Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão (Faculdade Teológica Batista de SP)*

*Dr. Nicolau Reinhard (USP – Universidade de São Paulo)*

*Dr. Sam Williams (Southeastern Baptist Theological Seminary/USA)*

*Dr. Vilson Scholz (ULBRA – Consultor SBB)*

## **COMISSÃO CONSULTIVA**

*Dr. Gerson Joni Fischer (Faculdades Batista do Paraná)*

*Me. Lucas Merlo Nascimento (Faculdade Teológica Batista de SP)*

*Dr. Luciano Robson Peterlevitz (Fac. Teológica Batista de Campinas)*

*Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz (Faculdade Batista Pioneira)*

*Dr<sup>a</sup>. Mônica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)*

*Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)*

*Dr. Vanderlei Alberto Schach (Faculdade Batista Pioneira)*

*Dr. Werner Wiese (Faculdade Luterana de Teologia)*

## **REVISÃO**

*Juliana Scheibner Dellafavera e Claiton André Kunz*

## **DIAGRAMAÇÃO E CAPA**

*Delize Gabriela Grando Balaniuk*

## **FOTO DA CAPA**

*Claiton André Kunz*

*Oleiro em Nazareth Village / Israel*

# Faculdade Batista Pioneira

## **LEMA**

*Vocação levada a sério.*

## **VISÃO**

*Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico, tendo a Bíblia como Palavra de Deus.*

## **MISSÃO**

*Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.*

## **VALORES**

*Bíblia como Palavra de Deus*

*Amor a Deus e ao próximo na prática*

*Cristo como único Senhor e Salvador*

*Teoria aliada à prática ministerial*

*Excelência no ensino acadêmico*

*Estímulo ao senso crítico*

*Atitude de cooperação*

*Integridade de vida*

*Visão missionária*

*Rua Dr. Pestana, 1021 - Centro | Ijuí/RS | 98700-000  
|55| 3332.2205 | [faculdade@batistapioneira.edu.br](mailto:faculdade@batistapioneira.edu.br)  
[www.batistapioneira.edu.br](http://www.batistapioneira.edu.br)*

## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO.....7**

**EUFORIA, ARREPIOS E LÁGRIMAS: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DO CULTIVO DAS EMOÇÕES NOS EVENTOS DA IGREJA EVANGÉLICA**

*Eufhoria, chills and tears: a reflection about cultivation of emotions in the evangelical church events*

Ma. Harriet Wondracek Krüger.....8

**UM CHAMADO AO DISCIPULADO CRISTÃO: DEFINIÇÃO, COMPETÊNCIAS E RECOMPENSAS NA PERSPECTIVA DO EVANGELHO JOANINO**

*A Call to Christian Discipleship: Definition, Skills and Rewards from the Perspective of the Johannine Gospel*

Me. Francis Natan Gonçalves Martins.....19

**ECLESIASTES: UMA MENSAGEM DE TEMOR A DEUS**

*Ecclesiastes: a message of fear of God*

Me. Silvio Oliveira da Silva e Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz.....40

**EL PASTOR Y LA FILOSOFÍA**

*The pastor and the philosophy*

Dr. Juan C. de la Cruz.....51

**ENSINO TEOLÓGICO À DISTÂNCIA: ESTRATÉGIAS E TRANSFORMAÇÕES NA MODALIDADE DE APRENDIZAGEM**

*Distance theological teaching: strategies and transformations in the learning modality*

Dr. Josemar Valdir Modes, Me. Eduardo Leimann Balaniuk, Me. Francis Natan Gonçalves Martins e Esp. Cléber Mateus Ribas.....57

## **SALMOS MESSIÂNICOS**

*Messianic Psalms*

Me. Erivelton Rodrigues Nunes.....79

## **PARE DE SOFRER: HISTÓRIA, TEOLOGIA, MARKETING E A BUSCA PELO PODER POLÍTICO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

*Stop suffering: history, theology, marketing and the search for political power of the Universal Church of the Kingdom of God*

Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro.....89

## **A PRÁTICA DISCIPULADORA DE PAULO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS**

*Paul's discipleship practice and its consequences for church planting*

Me. João Eder Graebin.....108

## **O VALOR DA MÚSICA EM PAULO**

*The value of music in Paul*

Dr. Vanderlei Alberto Schach e Esp. Keila Konflanz Weege Rodrigues.....121

## **A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO: OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS NA CONCEPÇÃO PAULINA**

*The doctrine of the atonement: the fundamental principles in the Paul conception*

Esp. José Teixeira Lima e Me. Ulicélio Valente de Oliveira.....127

## **APRESENTAÇÃO**

Este é o primeiro número do volume 9 de nossa revista acadêmica. É uma grande satisfação poder oferecer aos nossos leitores mais um pouco de reflexão bíblica, teológica e prática sobre os afazeres eclesiais. Nesta edição, 10 artigos compõem o conteúdo da mesma, com os quais os respectivos autores procuram contribuir com as suas pesquisas.

São compartilhadas as seguintes temáticas: *“Euforia, arrepios e lágrimas: uma reflexão a respeito do cultivo das emoções nos eventos da igreja evangélica”* (Ma. Harriet Wondracek Krüger), *“Um chamado ao discipulado cristão: definição, competências e recompensas na perspectiva do evangelho joanino”* (Me. Francis Natan Gonçalves Martins), *“Eclesiastes: uma mensagem de temor a Deus”* (Me. Silvio Oliveira da Silva e Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz), *“El pastor y la filosofía”* (Dr. Juan C. de la Cruz), *“Ensino teológico à distância: estratégias e transformações na modalidade de aprendizagem”* (Dr. Josemar Valdir Modes, Me. Eduardo Leimann Balaniuk, Me. Francis Natan Gonçalves Martins e Esp. Cléber Mateus Ribas), *“Salmos messiânicos”* (Me. Erivelton Rodrigues Nunes), *“Pare de sofrer: história, teologia, marketing e a busca pelo poder político da Igreja Universal do Reino de Deus”* (Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro), *“A prática discipuladora de Paulo e suas consequências para o plantio de igrejas”* (João Eder Graebin), *“O valor da música em Paulo”* (Dr. Vanderlei Alberto Schach e Esp. Keila Konflanz Weege Rodrigues), *“A doutrina da expiação: os princípios fundamentais na concepção paulina”* (Esp. José Teixeira Lima e Me. Ulicélio Valente de Oliveira).

Desejamos a todos uma ótima leitura, esperando que a revista possa contribuir para o debate teológico e prático.

**DR. CLAITON ANDRÉ KUNZ**  
EDITOR RESPONSÁVEL



## **EUFORIA, ARREPIOS E LÁGRIMAS: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DO CULTIVO DAS EMOÇÕES NOS EVENTOS DA IGREJA EVANGÉLICA**

*EUFHORIA, CHILLS AND TEARS: A REFLECCION ABOUT CULTIVATION OF EMOTIONS IN THE EVANGELICAL CHURCH EVENTS*

*Ma. Hariet Wondracek Krüger<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Este artigo discorre sobre o cultivo das emoções em diversos segmentos e eventos coletivos e individuais da igreja evangélica. Primeiramente, aborda a origem das emoções, considerando a sua fisiologia, o ambiente em que ocorre e as lembranças e associações que o estimulam. Em seguida, classifica as emoções humanas individuais primárias, bem como as emoções coletivas e seus efeitos. A terceira parte desta reflexão analisa ocorrências emotivas na Bíblia, tanto nos relacionamentos pessoais como nos comunitários. Há associação da ação do Espírito Santo na totalidade do ser pessoal que também está relacionada a tomadas de resoluções, chamados específicos e mudanças em toda a comunidade.

**Palavras-chave:** Emoção. Relacionamentos. Eventos.

### **ABSTRACT**

This article is about the cultivation of emoticons in various segments and collective or individual events from de Evangelical Church. At first, this work approaches the origin os emotios, considering its physiology, the environment in wich it occurs and the memories and associations that stimulate it. Then, the presento research classifies primary individual human emotions, as well as the

<sup>1</sup> A autora é Bacharel em Música Sacra pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Rio de Janeiro), Bacharel em Sociologia pela UNIJUI (Ijuí), pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER (Curitiba), Mestre em Teologia com ênfase em Ministério da Música pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Mestre em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná (Curitiba). Professora e psicopedagoga na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS). Email: [harietwk@hotmail.com](mailto:harietwk@hotmail.com)

collective ones and their effects. Finally, the third part of this reflection analyses emotional occurrences in the Bible, both in personal and Community relationships. There is an association between the action of the Holy Spirit and the totality of the personal being, which is also related to decision-making, specific callings and changes in the entire Community.

**Keywords:** Emotions. Relationships. Events.

## INTRODUÇÃO

Quando se trata de emoções, deve-se estar consciente de que é assunto delicado e sem consenso final. É conhecido o fato de que as sensações e fortes sentimentos são estimulados nos eventos das igrejas evangélicas, considerando-os como “ação do Espírito Santo”, imprescindível nas tomadas de decisão ao lado de Cristo, nos chamados específicos, nas mudanças de rumo de vida pessoal.

Assim, surge a pergunta: até que ponto deve-se valorizar o cultivo das emoções nos eventos evangélicos? Não há resposta definitiva, mas uma reflexão a respeito do assunto é válida. Para isto, na primeira parte serão definidas, de forma simples, as origens fisiológicas, ambientais e associativas das emoções. Em seguida, haverá a abordagem a respeito dos tipos de emoções individuais primárias e as emoções coletivas, ocorridas em pequenos ou grandes grupos. Finalmente, na terceira parte, se abordará a ocorrência de emoção e fortes sentimentos na Bíblia e a suas relações com a ação do Espírito Santo.

## 1. ORIGENS DAS EMOÇÕES

Emoções e sentimentos variam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, mas todos têm várias origens, considerando os fatores “de dentro para fora”, na parte fisiológica, e “de fora para dentro”, na parte do ambiente em que ocorrem ou nas lembranças que propiciam, bem como suas associações com fatos de vida ocorridos ou nas decisões tomadas.

### 1.1 A ORIGEM FISIOLÓGICA

Emoções humanas detêm grande variação, e nunca são iguais de pessoa para pessoa. Mas todas elas, de acordo com o temperamento pessoal e fatores diversos incluídos nesta reflexão, passam por um sistema fisiológico semelhante. Entre dois neurônios podem ocorrer até dois milhões de sinapses. Considerando o fato de que há 100 bilhões deles no cérebro, percebe-se que há um número incalculável de possibilidade de comunicação. Não é possível reproduzi-los artificialmente.<sup>2</sup> Ainda há de se considerar o importante conceito de que “sinapse” é o impulso nervoso entre uma célula nervosa e outra.<sup>3</sup>

Fisiologicamente, a amígdala cortical, pequeno órgão no cérebro em forma de amêndoa, é responsável pelas questões emocionais. Ela funciona como um depósito de memória emocional, e, portanto, dá significado aos sentimentos. Se for retirada do cérebro, a pessoa se torna incapaz de “avaliar o significado emocional dos fatos”.<sup>4</sup>

Goleman divide a mente em duas partes: a de baixo é veloz, intuitiva, rápida, urgente, movida por emoções. A de cima é mais lenta, reflexiva, racional, esforçada, sede do autocontrole.<sup>5</sup> Ambas, entretanto, são centralizadoras de sensações mentais e corporais. Ao sentir fortes emoções, todo o corpo e todas as atividades são dirigidos por elas. É o que acontece com um jovem jogador de videogames,

<sup>2</sup> COQUEREL, Patrick Ramon Stafin. **Neuropsicologia**. Curitiba: Ibpex, 2011, p. 101.

<sup>3</sup> COQUEREL, 2011, p. 44.

<sup>4</sup> GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2.ed. Tradução de Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 40-41.

<sup>5</sup> GOLEMAN, Daniel. **Foco**: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 32.

extremamente concentrado em sua atividade eletrizante, ainda que virtual. Goleman afirma que, em pesquisa feita nos Estados Unidos, 8 % dos jovens de 8 a 18 anos, jogadores de videogames, se encaixam nos “critérios diagnósticos da psiquiatria para o vício”, ou seja, dependem daquele estímulo forte e emocional para se manterem funcionando.<sup>6</sup>

Neste ponto, é necessário estar ciente do fato de que é necessário para o ser humano filtrar geograficamente as emoções. Reinke afirma que “Somos criaturas moldadas por aquilo que atrai nossa atenção – e aquilo que prestamos atenção se torna nossa realidade objetiva e subjetiva”.<sup>7</sup> Isto é o que Goleman chama de “atenção seletiva”, que regula a emoção. É um dos recursos para acalmar a amígdala agitada.<sup>8</sup>

Diante destes fatos, Goleman afirma que a emoção também traz dois tipos de distração, denominados de “distração sensorial” (percepção do ambiente) e “distração emocional” (criador de tumultos internos, sentimentos frustrados), que fazem com que a pessoa se coloque na posição de resolver o que fazer com a situação.<sup>9</sup> Ao deixar-se dominar pela amígdala sensível e irritada, as emoções afloram, pois as emoções levam a tomar providências imediatas, deixando o intelecto de lado: perigos, dores, perspectivas diante da necessidade de não perder o rumo. “Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata”.<sup>10</sup>

A partir deste ponto, entram canais não verbais como o tom de voz, gestos, expressões faciais e outros. “As emoções das pessoas raramente são postas em palavras; com muito mais frequência, são expressas de outras formas”.<sup>11</sup> E, no caso de haver o ambiente propício para que isto ocorra, é possível que a emoção tome conta da mente completamente, sendo totalmente dirigida por ela. Goleman se refere à parte fisiológica afirmando que “A amígdala pode abrigar lembranças e repertórios de respostas que interpretamos sem compreender bem. (...) é um repositório de impressões emocionais e lembranças do que não temos plena consciência”.<sup>12</sup> Este é o motivo para analisar a formação das emoções a partir do ambiente em que foram formadas.

## 1.2 A ORIGEM AMBIENTAL

Não há dúvidas de que tudo neste mundo se encontra rodeado de algum ambiente. Especialmente, o ser humano depara com um “grande ‘x’” chamado universo, “e a única maneira de começar a entendê-lo é usando nossos sentidos (visão, audição, peso medida) e usando nossa razão para coordenar as sensações e percepções que temos”.<sup>13</sup>

Mesmo na falta de um destes detectores ambientais, é notória sua influência sobre as emoções. Por isto, há uma preocupação crescente na criação de ambientes propícios para os trabalhos evangélicos, de todas as formas. Luzes, som e símbolos diversos fazem parte das programações, e demandam considerável investimento financeiro. Os eventos se tornam verdadeiros espetáculos. “Imagens puxam as rédeas de nossas ações. (...)Imagens querem nossa celebração, nosso deslumbre, nossa afeição, nosso tempo e nossa indignação”.<sup>14</sup>

A imagem é um dos veículos que transporta o ser humano para o berço das emoções. Sayão

<sup>6</sup> GOLEMAN, 2014, p. 15.

<sup>7</sup> REINKE, Tony. **A guerra dos espetáculos: o cristão na era da mídia**. Tradução de Vinícius Pimentel. São José dos Campos: Fiel, 2020, p. 25.

<sup>8</sup> GOLEMAN, 2014, p. 79.

<sup>9</sup> GOLEMAN, 2014, p. 22.

<sup>10</sup> GOLEMAN, 2012, p. 30.

<sup>11</sup> GOLEMAN, 2012, p. 118-119.

<sup>12</sup> GOLEMAN, 2012, p. 45.

<sup>13</sup> ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamin Delgado Fernandes. Viços: Ultimato, 2015, p. 56.

<sup>14</sup> REINKE, 2020, p. 21.

chama a atenção para o fato de que muitas igrejas evangélicas no Brasil reproduzem este “universo mágico” através de símbolos judaicos, afastando-se da “cosmovisão hebraica e bíblica”. Há uma mistura de “elementos de nossa própria cultura brasileira revestida de símbolos judaicos”.<sup>15</sup>

Não é sem razão esta preocupação com o ambiente. Rookmaaker afirma que “fé e racionalidade não excluem uma da outra. Mas o racionalismo é algo diferente: significa que nada mais há no mundo a não ser que os sentidos possam perceber e a razão, compreender”.<sup>16</sup> Portanto, o que se vê e o que se ouve tem tudo a ver com as emoções.

A imagem é normalmente associada ao som e à música. Há um preparo prévio para tal, com danças coletivas, coreografias, até mais do que para a música. As bandas tocam em som muito alto com ritmo de *rock*, *funk*, samba ou outro ritmo que anime o povo, com gestos e coreografias. Parece ser uma bênção coletiva, causada pela participação.<sup>17</sup> Os eventos evangélicos são, desta forma, planejados para criar emoções. Morgenthaler se refere a estes elementos como “coletivos de adoração”, com todo o acompanhamento musical, teatro, apresentações em *Power Point*, todos momentos altamente emocionais. Mas existe a necessidade de pensar também no fator mental, sem dúvida.<sup>18</sup>

Ao se pensar em imagem e som, soma-se ainda o fator emocional do movimento corporal, trazido justamente pela renovação carismática e amplamente adotado pela maioria das igrejas evangélicas. Há uma propagação de reações químicas, pois o campo límbico do cérebro reage produzindo adrenalina e jogando-a na corrente sanguínea. Desperta-se assim todo o tipo de emoções. O som pode até alterar a pressão sanguínea, o batimento cardíaco, e, sem dúvida, mexe com a tensão ou relaxamento muscular.<sup>19</sup> Todo o corpo fica assim envolvido em emoção, em movimentos que repetem o piscar das luzes, o ritmo da batida, o som alto. E para que as emoções sejam completas, entra o novo fator: as associações da memória.

### 1.3 A ORIGEM NA MEMÓRIA

Coquerel afirma que “a percepção liga a sensação a uma memória”.<sup>20</sup> Isto significa que quando se percebe certo ambiente com todos os seus recursos tecnológicos visuais e auditivos, há uma imediata compensação na memória que “compara o que está acontecendo com o que aconteceu no passado”.<sup>21</sup> Muita emoção vem à tona ao ligar-se o acontecimento atual com algo, bom ou decepcionante, que aconteceu no passado.

Nos eventos e cultos evangélicos há evidente associação de sons, hinos, coreografias, com acontecimentos e até mesmo decisões do passado. A memória é algo maravilhoso, e deve mesmo ser cultivada da forma certa, como afirma Jeremias: “Todavia, lembro-me também do que me pode dar esperança” (Lm 3.21, NVI). O papel da memória é, de fato, importante, pelas conexões que possibilita. Coquerel afirma que “Quanto mais associações fazemos, mais tendemos a memorizar informações”.<sup>22</sup> Além disto, ainda de acordo com o mesmo autor “são elas que marcam as mudanças em nossas formas peculiares de sentir, pensar e agir”.<sup>23</sup>

Ao mesmo tempo em que as lembranças ativam as emoções, a atualização das percepções também

<sup>15</sup> SAYÃO, Luiz. O filosemitismo e a Reforma Protestante. In: ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova reforma: 500 anos, o que ainda precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 103.

<sup>16</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 55.

<sup>17</sup> MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1999, p. 8-9.

<sup>18</sup> MORGENTHALER, Sally. Adoração emergente. In: BASDEN, Paul. **Adoração ou Show? Críticas e defesas de seis estilos de culto.** Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2006, p. 231.

<sup>19</sup> LUIZ, Gesse. **Caminhos e descaminhos na história da liturgia cristã.** Curitiba: ADSantos, 2016, p. 125.

<sup>20</sup> COQUEREL, 2011, p. 115.

<sup>21</sup> GOLEMAN, 2012, p. 46.

<sup>22</sup> COQUEREL, 2011, p. 46.

<sup>23</sup> COQUEREL, 2011, p. 61.

traz a necessidade de reorganizá-las, com novas significações. Morgenthaler afirma que “lembrar bem é recontextualizar o passado ao presente, fundir o melhor de ontem com o melhor de hoje e, durante o processo, gerar algo completamente novo”.<sup>24</sup>

Entender os mecanismos da formação das emoções no ser humano é importante para poder classificá-las, a fim de torná-las proveitosas e construtivas, tanto individualmente como nos trabalhos coletivos que são parte importante do povo evangélico do mundo todo.

## 2. TIPOS DE EMOÇÃO

### 2.1 EMOÇÕES PRIMÁRIAS INDIVIDUAIS

Há muita diferença entre as formas de sentir as emoções, considerando que estas são “um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos e uma gama de tendências para agir”.<sup>25</sup> Devido a sofrimentos anteriores, por exemplo, evita-se ao máximo passar pelas mesmas situações. “Vivemos procurando obter vida uns dos outros e nos protegendo de fatores que consideramos ameaças à nossa integridade”.<sup>26</sup>

Há sentimentos muito controversos em relação aos impulsos de eliminar as emoções trazidas pelo sofrimento, por exemplo. Na vida individual, pode estar presente o sentimento decepcionante e negativo do mundo que assim se apresenta. Seria bom que os líderes evangélicos “falassem com mais frequência de sua luta contra o orgulho ou a indiferença, por exemplo”.<sup>27</sup>

Como emoções primárias Goleman considera a ira, tristeza, medo, prazer, amor, surpresa, nojo, vergonha, culpa.<sup>28</sup> Nesta reflexão, não há como abordar suas ramificações, mas é interessante pensar que as emoções citadas são realmente “individuais”. Nem todas são negativas, algumas são buscadas com diligência pelas pessoas, porém não podem ser relacionadas a um grupo. Geralmente, trazem um comportamento simplificado, com ações carregadas de certeza, tendendo a ações imediatas, pois “a mente emocional é muito mais rápida, agindo irrefletidamente, sem parar para pensar”.<sup>29</sup> Por exemplo, o medo leva a fugir, o amor leva a cultivar, sem racionalizar ou meditar sobre as consequências das ações.

Quando não são externadas, as emoções primárias de tornam um fardo pesado a carregar, principalmente no caso das negativas. A inércia pode se instalar com o tempo. Não se pode deixar que a consciência pessoal fique adormecida. “A moralidade, a sabedoria, a respeitabilidade e o amor precisam de uma base, um significado. Do contrário, atrofiam e se tornam como folhas secas ou como fotografias amareladas na parede”.<sup>30</sup> É por isto que se torna importante classificar as emoções primárias individuais, para que se possa tratar das emoções coletivas. Euforia, lágrimas e arrepios podem começar na individualidade e se tornarem parte da comunidade.

### 2.2 EMOÇÕES COLETIVAS

Quando pessoas se juntam e compartilham situações, elas passam a ser uma multidão, um grupo ou até comunidade. A igreja evangélica em geral é considerada um coletivo de pessoas, todas diferentes, mas que compartilham a experiência de salvação em Jesus e a busca por mais conhecimento bíblico. Idealiza o cuidado pastoral e fraterno, compartilhando suas emoções primárias e buscando compreensão para suas circunstâncias de vida.

<sup>24</sup> MORGENTHALER, 2006, p. 233.

<sup>25</sup> GOLEMAN, 2012, p. 303.

<sup>26</sup> CRABB, Larry. *De dentro para fora*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1992, p. 61.

<sup>27</sup> CRABB, 1992, p. 82-83.

<sup>28</sup> GOLEMAN, 2012, p. 303.

<sup>29</sup> GOLEMAN, 2012, p. 305.

<sup>30</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 223.

Sem dúvida, há nos trabalhos evangélicos coletivos uma busca pelo que Reinke chama de “espetáculos compartilhados”. Sua afirmação é interessante: “O que mantém nossa cultura unida já não são as crenças compartilhadas, e sim os espetáculos compartilhados”.<sup>31</sup> Em outras palavras, o que mantém comunidades evangélicas unidas seria a emoção sentida por assistir e vivenciar os mesmos *shows*. É de se questionar, de acordo com Reinke, quantos espetáculos agradáveis aos olhos e ouvidos deveriam ser incluídos nos ajuntamentos cristãos? “Quantos jogos de luz e fumaça, quantos amplificadores, quão elaborados panos de fundo, as plataformas e os púlpitos, a arte e os projetores de vídeo?”<sup>32</sup>

As emoções coletivas também apresentam outra característica: são contagiantes. Há intercâmbio de transmissão e captação, chamado por Goleman de “intercâmbio emocional”. É bem possível que “imitemos as emoções que vemos exibidas em outra pessoa. (...) Através desta imitação, as pessoas recriam em si o estado de espírito da outra”.<sup>33</sup> Choro, riso e alegria passam de uma pessoa para outra facilmente.

Há duas ameaças que cercam os eventos coletivos que enfatizam a emoção. A primeira, abordada por Beale, é o desvio de atenção do próprio Deus a ser adorado, pois “quando as pessoas, condicionadas pelo ambiente físico, concebem e criam uma imagem relativa à divindade, elas têm a atenção desviada da verdadeira natureza espiritual de Deus”.<sup>34</sup> Muitas das emoções coletivas têm criado esta falsa imagem de um Deus emocional, que deverá se adaptar aos pensamentos e desejos humanos.

A segunda ameaça que paira sobre a moção coletiva é destacada por Reinke, e tem a ver com passividade e com insensibilidade. De acordo com o autor, “Embora estejamos no controle de nossos espetáculos particulares, também nos tornamos mais passivos a eles”. Há o olhar preguiçoso e indiferente que “se contenta em ser alimentado pelos fabricantes de espetáculos”.<sup>35</sup>

A reflexão a respeito das emoções coletivas geradas durante os eventos e cultos evangélicos não pretende barrar os numerosos recursos midiáticos sonoros que se multiplicam neles. Muitos deles são também instrumentos que Deus usa, dirigidos e planejados por pessoas consagradas ao serviço do Reino. Mas, quando o maior investimento de tempo e dinheiro é a produção externa de efeitos para produzir lágrimas, arrepios e euforia, é necessária a reavaliação das motivações do agrupamento.

### 3. AS EMOÇÕES NA BÍBLIA

A Palavra de Deus apresenta muitos momentos de intensa emoção, tanto para indivíduos quanto para a comunidade do povo de Israel, no Antigo Testamento, quanto a Igreja Primitiva, no Novo Testamento. Há um motivo e uma razão bem forte para tal, pois, de acordo com Shedd, “nós, seres humanos, fazemos nosso contato com o mundo concreto por meio dos sentidos”. Olhos, ouvidos, vibrações no ar, paladar, olfato, tato, tudo recebe uma classificação: bom ou ruim.<sup>36</sup>

Este fato é ainda mais relevante caso se leve em consideração a impossibilidade da criação humana de efeitos especiais eletrônicos, por exemplo. Também nenhuma palavra escrita estava completa até então. As experiências emocionais individuais e coletivas eram necessárias para conhecer e confirmar a vontade de Deus.

#### 3.1 AS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS INDIVIDUAIS

Muitos personagens da história bíblica passaram por momentos individuais emocionantes,

<sup>31</sup> REINKE, 2020, p. 77.

<sup>32</sup> REINKE, 2020, p. 127.

<sup>33</sup> GOLEMANN, 2012, p. 135-136.

<sup>34</sup> BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria**. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

<sup>35</sup> REINKE, 2020, p. 44.

<sup>36</sup> SHEDD, Russell. **Adoração bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 31.

nos quais Deus falou através de anjos, de sonhos, de visões ou de vozes e luzes. Houve obediência incondicional quando Deus falou com Noé (Gn 6-9), com Abraão (Gn 12). Momentos emocionantes foram presenciados pelos dois personagens. O dilúvio teve a ação da mão direta de Deus. E Abraão recebeu dois anjos, presenças de Deus em sua casa, e, além de receber promessas quanto ao nascimento de seu herdeiro, intercedeu emocionadamente pela salvação de Ló, na iminência da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 18). Diferentemente, Jacó reconheceu a presença do Senhor através de um sonho (Gn 28.16-17), José, no Egito, interpretou corretamente sonhos pela intervenção direta da voz de Deus (Gn 40 e 41).

A mais emocionante experiência individual parece ter sido a de Moisés. Além da longa conversa com Deus brilhando no meio da sarça ardente (Êx 3), ele mesmo se considerava inadequado para a missão que lhe seria concedida. De acordo com Wiersbe, Moisés deve ter ficado estarrecido. “Por que Deus escolheria um fracassado?”<sup>37</sup> Foi uma emoção negativa, porém, com o tempo, Moisés foi aprovado como líder libertador em muitos outros encontros cheios de emoção. Todas as instruções a respeito dos mandamentos e leis foram recebidas pessoalmente de Deus. A Bíblia afirma que o Senhor falava “face a face” com Moisés, “como qualquer um fala com seu amigo” (Êx 33.11). Não eram visões, nem sonhos, mas sim diálogo real com o Senhor, individualmente.<sup>38</sup> Nestas conversas, muitas emoções diferentes eram expressas: desde queixas a respeito do comportamento do povo, até desânimo e vontade de desistir da missão. Estes encontros proporcionaram a Moisés “um coração quebrantado e um rosto resplandecente”.<sup>39</sup>

Encontro cheio de emoção foi também o do profeta Isaías, quando de sua visão do trono de Deus, no templo (Is 6). O profeta sentiu o peso do seu pecado e do pecado do povo no meio do qual vivia, sentiu ser purificado pelo serafim e ainda recebeu a ordem divina de uma missão difícil: pregar a um povo de coração insensível (v. 10-11). Mas a “voz do Senhor”, não a de um anjo, o encorajou e transformou a emoção negativa de medo para uma emoção positiva de coragem e entusiasmo.<sup>40</sup>

Emocionantes foram: o encontro de Maria com o anjo Gabriel (Lc 1.26-38), dos discípulos com Jesus ressurreto, de Tomé reconhecendo sua incredulidade (Jo 20.27), ou de Saulo (Paulo) no caminho de Damasco (At 9. 1-9). A Bíblia não nega a capacidade e necessidade humana de sentir emoções. Certamente, em todos estes casos, o cérebro dos personagens foi completamente tomado de adrenalina, a amígdala cerebral esteve inflamada, e nestes momentos de grande importância, Deus tomou conta de suas mentes e construiu histórias pessoais e coletivas importantes. Não se pode esquecer que as pessoas “estão desesperadas por elementos fortes que conectem visões de vida, experiências, costumes e relatos em comum”.<sup>41</sup>

Também não se pode esquecer que as pessoas, individualmente, sempre “refletirão alguma coisa, seja o caráter de Deus, seja algo do mundo. Se elas se dedicarem a Deus, serão como ele; mas se se dedicarem a algo diferente de Deus, ficarão semelhantes a isso (...)”.<sup>42</sup> Sendo assim, é importante que as emoções individuais sejam realmente reflexo de encontros reais com Deus, considerando-o Senhor e único Salvador. Isto será transmitido na ação do Espírito Santo na comunidade.

### 3.2 AS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS DO POVO DE DEUS

Israel, como povo de Deus, formado a partir dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, constantemente lembrados pelo Senhor como aliança indestrutível, para crer plenamente em sua missão, passou por

<sup>37</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Pentateuco. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008, vol. 01, p. 238.

<sup>38</sup> **BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA**. Almeida Revista e atualizada. Barueri: SBB, 2017, p. 156.

<sup>39</sup> WIERSBE, 2008, vol. 1, p. 322.

<sup>40</sup> **BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA**, 2017, p. 1094.

<sup>41</sup> MORGENTHALER, 2006, p. 233.

<sup>42</sup> BEALE, 2014, p. 281.

muitos momentos emocionantes. Forte sentimento de revolta e rejeição esteve com ele durante a escravidão no Egito (Êx 1) Haviam passado por diversas dinastias dos faraós, mas o grande número de israelitas não agradou ao novo Faraó, que começou a perseguição a eles.<sup>43</sup> Assim, o povo passou por sofrimento, descrença, admiração, até finalmente, conseguir sair milagrosamente do Egito, atravessar o Mar Vermelho em uma ação direta de Deus (Êx 14.15-25). Certamente, todos estavam com a corrente sanguínea repleta de adrenalina, coração pulando, pressão sanguínea alterada, tendo duas paredes de água ao lado do caminho.

A travessia foi realizada, houve louvor, porém o povo era inconstante em suas emoções. Reclamava e esquecia-se de milagres maravilhosos. Estas emoções muitas vezes refletiam também no seu líder. Ainda assim, Deus concedeu uma maravilhosa demonstração de poder ao deixar ver sua glória de longe, no monte Sinai (Êx 19.16-25). Certamente, houve temor coletivo em ouvir aqueles sons, pois “o poder e a majestade de Deus eram esmagadores, causando medo nos corações de todos os que lá estavam”.<sup>44</sup>

A emoção, em outro caso, tomou conta do povo quando o profeta Elias acendeu o fogo no altar a Deus, na presença de quatrocentos profetas de Baal (1Rs 18), seguido do milagre de uma grande chuva, depois de prolongada seca. Porém, nem sempre os momentos emocionantes são guardados na memória. Tudo foi rapidamente esquecido. Beale afirma categoricamente e repetidamente em sua obra que “as pessoas se parecem com o que veneram seja para sua ruína, seja para sua restauração”.<sup>45</sup> Como Israel tantas vezes confiou em deuses falsos e inconstantes, estes refletiram a instabilidade em seu viver diário.

No Novo Testamento, o povo judeu foi o que menos creu em Jesus como o Cristo prometido. Multidões se emocionavam ao segui-lo, vendo seus milagres. Eram beneficiados por eles, como na multiplicação de pães e peixes ou na apreciação de muitos milagres de cura. Jesus, nas Bodas de Caná não se revelou publicamente, mas trouxe alegria e alívio aos presentes, misturado com certa curiosidade (Jo 2.1-10). Houve emoção ao ver a morte de Jesus, com medo e decepção. E houve espanto na ascensão de Jesus, rodeado de nuvem e dois anjos, símbolo conhecido do Antigo Testamento como “presença imediata e majestosa de Deus”.<sup>46</sup>

Poucos dias depois, a emoção de muitas pessoas ficou evidente, pois no chamado “Dia de Pentecostes”, os discípulos foram batizados com o Espírito Santo (At 2.1-13), causando admiração e ceticismo aos que presenciaram o milagre. A ação do Espírito Santo está muito relacionada ao trabalho da igreja evangélica, e, de fato, é motivo e estudo o efeito emotivo que causa em diversas pessoas.

### 3.3 AS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS NA ATUALIDADE

Goleman afirma que “quanto mais forte a emoção, maior nossa fixação. Os sequestros emocionais são a supercola da atenção. Mas a questão é: por quanto tempo nosso foco se mantém capturado?”<sup>47</sup> Esta é a grande questão na atualidade. Emoções atuais são fortes e muito passageiras, dificilmente profundas por muito tempo.

Há buscas crescentes, que atraem grande parte dos trabalhos cristãos para o lado emocional. Guedes avalia o panorama afirmando que “os protestantes ditos históricos precisam se ‘reconciliar’ com o Espírito Santo, conforme expresso nas Sagradas Escrituras”.<sup>48</sup> Sim, as experiências emocionais também são importantes, pois Deus mesmo as criou. Entretanto, não poderão ser o centro de cada

<sup>43</sup> WIERSBE, 2008, vol. 1, p. 234.

<sup>44</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p. 131.

<sup>45</sup> BEALE, 2014, p. 16.

<sup>46</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p. 1807.

<sup>47</sup> GOLEMAN, 2014, p. 46.

<sup>48</sup> GUEDES, Rivalino Segundo. Um novo jeito de ser protestante no Brasil. In: ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova Reforma: 500 anos, o que precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 175.



reunião do povo de Deus. Shedd afirma que “alegrar-se no Senhor” deve ter destaque coletivo. “Um culto que não cria emoção desejável não deixa de ser contraproducente, porque forma paulatinamente um calo que irrita”.<sup>49</sup>

Mas esta emoção não deve vir de exterioridades, segundo o mesmo autor. Deve-se lutar conscientemente contra elas. “As exterioridades corroem qualquer prática bem-intencionada ou inocente, seja a de bater palmas, ajoelhar-se, ficar em pé, levantar-se ou sentar-se num banco de igreja”.<sup>50</sup> Bater palmas ou ajoelhar-se pode ser movido por uma emoção de alegria ou reverência, porém não pode ser falso ou automático. Sentar-se ou levantar-se pode ser um hábito ou tradição, que não são as motivações certas, pois deveriam ser reverência sincera e calma no estudo da Palavra.

Várias igrejas atuais se formam atualmente sem denominação formal. Hughes afirma ter participado destas “igrejas livres”, e percebeu algumas características. Geralmente há emoções no fluxo de palavras sem sentido, em tons murmurados chamados por ele de “cannabis”, música em estilo de mantra hipnotizando os participantes. Pregadores “animadores” comunicam “barbitúricos entrelaçados com uma série de histórias relacionais”.<sup>51</sup> Embora estas afirmações pareçam sarcásticas e até mesmo cruéis, refletem bastante da realidade. O mesmo autor se refere a este fenômeno como “queda livre rumo ao pragmatismo”, com cânticos selecionados de acordo com o efeito que produzirão, e não quanto ao conteúdo.<sup>52</sup>

Shedd adverte para que “os cristãos, ao se reunirem na igreja ou no lar, devem tão somente cuidar para que cada ato gire em torno da Palavra de Deus ouvida, discernida e obedecida”.<sup>53</sup> É a Palavra, movida nos corações através do Espírito Santo, que deverá trazer as emoções certas, tanto para o grupo de cristãos reunidos, como para o indivíduo. Há muitas informações no ambiente, e o excesso delas trazem um cansaço vindo de máquinas, tecnologia, velocidade e meios de comunicação. Novos modelos requerem novas formas e novos padrões de pensamento.<sup>54</sup>

Ao mesmo tempo, de acordo com Rookmaaker, “O protesto da nova geração é contra essa falha de compromisso, essa falta de valores reais, essa falta de ‘ousadia para viver’. A superficialidade e o vazio são assustadores”.<sup>55</sup> Talvez este seja o motivo para a busca de tão fortes impulsos externos, como sons e luzes assustadores ou impressionantes, muitas formas de prender a atenção do público, exageradas frases repetidas em relação a sentimentos próprios. A busca é válida, porém não pode ser artificial nem suplantam a busca pelo próprio Espírito Santo, falando ao coração humano através de emoções diversas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar uma reflexão séria a respeito da utilização das emoções que produzem euforia, arrepios e lágrimas nos eventos evangélicos não é fácil nem definitivo. Trata-se de desafio, de fato, algo para pensar. Desta forma, a análise fisiológica da formação das mais diversas emoções no corpo humano é necessária. Tratar com elas é delicado, e não se pode esquecer do fato de que há determinados ambientes que são calculados para trazerem emoções à flor da pele.

Para que isto aconteça, além de músicas, luzes e outros fatores sensoriais, a mente humana guarda depósitos de lembranças e associações, algumas agradáveis e felizes, mas grande parte delas tristes ou até traumáticas. Portanto, incentivá-las pode não ser sempre uma boa ideia.

<sup>49</sup> SHEDD, 1987, p. 63.

<sup>50</sup> SHEDD, 1987, p. 127.

<sup>51</sup> HUGHES, R. Kent. O culto na igreja livre. In: CARSON D. A. (Org). **Louvor**: análise teológica e prática. Tradução de Wilson de Almeida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 138.

<sup>52</sup> HUGHES, 2017, p. 147.

<sup>53</sup> SHEDD, 1987, p. 41.

<sup>54</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 145-146.

<sup>55</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 224.

Os tipos de emoção também são importantes, mesmo quando já estão ocorrendo. Sua classificação é fundamental para a compreensão do que está acontecendo, tanto individualmente como em grupos, grandes ou pequenos. Certamente que Deus pode falar aos corações a cada momento, porém, nesta ocasião de fragilização da mente, o inimigo também pode tentar ceifar os frutos pretendidos.

As emoções descritas na Bíblia são exemplos disto. Jamais Deus proibiu a expressão da alma humana. Os Salmos, por exemplo, estão cheios de frases de dor, de lamento, de tristeza. Mas também há o “derramar da alma” ao Senhor, que recupera as emoções negativas e as transforma em “alegres cânticos de louvor” (Sl 30.11-12).

O grande desafio da expressão de emoções junto aos cultos e eventos evangélicos atuais é a não transformação dela em “emocionalismo”. A diferença entre emoção e emocionalismo parece ser a fonte exterior, a manipulação, o ambiente forçado para tal. O Espírito Santo não precisa destes recursos para agir. Deus espera que líderes consagrados dediquem todos os recursos de mídia, áudio, som e luzes para sua obra, sem agir como o povo de Israel, que afirmou no deserto, junto ao bezerro de ouro: “Este é o deus que nos tirou do Egito”. Assim, atualmente, “estes são os recursos emocionais que fazem as pessoas se arrepiar, chorar e se alegrar”. Duramente, seria mais um ídolo formado, que faz esquecer que “todo o poder pertence a Deus” (Sl 62.11).

## REFERÊNCIAS

BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora**: uma teologia bíblica da idolatria. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014.

**BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA**. Almeida Revista e atualizada. Barueri: SBB, 2017.

COQUEREL, Patrick Ramon Stafin. **Neuropsicologia**. Curitiba: Ibplex, 2011.

CRABB, Larry. **De dentro para fora**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1992.

GOLEMAN, Daniel. **Foco**: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2.ed. Tradução de Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GUEDES, Rivalino Segundo. Um novo jeito de ser protestante no Brasil. In: ZÁGARI, Maurício (org). **Uma nova Reforma**: 500 anos, o que precisa mudar? São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

HUGHES, R. Kent. O culto na igreja livre. In: CARSON D. A. (Org.). **Louvor**: análise teológica e prática. Tradução de Wilson de Almeida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUIZ, Gesse. **Caminhos e descaminhos na história da liturgia cristã**. Curitiba: ADSantos, 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MORGENTHALER, Sally. Adoração emergente. In: BASDEN, Paul. **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2006.

REINKE, Tony. **A guerra dos espetáculos**: o cristão na era da mídia. Tradução de Vinícius Pimentel. São José dos Campos: Fiel, 2020.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamin Delgado Fernandes. Viços: Ultimato, 2015.

SAYÃO, Luiz. O filosemitismo e a Reforma Protestante. In: ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova reforma: 500 anos, o que ainda precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

SHEDD, Russell. **Adoração bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 1987.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo:** Pentateuco. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. Vol. 01.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **UM CHAMADO AO DISCIPULADO CRISTÃO: DEFINIÇÃO, COMPETÊNCIAS E RECOMPENSAS NA PERSPECTIVA DO EVANGELHO JOANINO**

*A Call to Christian Discipleship: Definition, Skills and Rewards from the Perspective of the Johannine Gospel*

Me. Francis Natan Gonçalves Martins<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo é uma análise bíblica, a partir da narrativa do evangelho segundo o apóstolo João, quanto às palavras de Jesus Cristo no tocante ao seu discipulado. Para tanto, discorre-se sobre a definição e postura do discípulo de Jesus, forma de adentrar à vida discipular e quais as custas e recompensas que um indivíduo encontrará ao lançar-se ao discipulado. Considera-se que discípulo de Jesus é o indivíduo que o segue, rendendo-se a um relacionamento pessoal de sujeição a este, com o objetivo de aprender a viver aos moldes do Senhor. Este discípulo é alguém que mediante despertar divino, creu em Jesus e sua Obra, recebendo-o como Salvador e Senhor, de forma a provar de um novo nascimento que o manterá firmado no evangelho mesmo que diante de custas a tal condição. Esta perseverança deve ser movida por amor ao seu Senhor, sendo amparada pela esperança de divinas recompensas. Caso estas marcas não sejam refletidas na conduta de um indivíduo, este não se caracteriza como um discípulo de Jesus. A presente pesquisa aduz relevância para a igreja contemporânea, a saber, para aqueles que aspiram viver o discipulado de Jesus, em conformidade com as palavras do Mestre. Sendo que, se os cristãos da atualidade compreenderem bíblicamente as condições e as marcas da vida discipular, então serão encorajados a refletir a vida de Jesus no cotidiano.

**Palavras-chave:** Discípulo. Discipulado. Cristianismo. Testemunho. Vida

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira; pós-graduado em Marketing pela Unijuí; pós-graduado e em Novas Tecnologias, Transformação Digital e Agilidade pela FIA (Fundação Instituto de Administração); e mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: [natanmartins@batistapioneira.edu.br](mailto:natanmartins@batistapioneira.edu.br)

Cristã. Evangelho.

## **ABSTRACT**

This article is a biblical analysis, from the gospel narrative according to the apostle John, regarding the words of Jesus Christ regarding his discipleship. Therefore, it discusses the definition and attitude of the disciple of Jesus, the way to enter the discipleship life and what are the costs and rewards that an individual will encounter when launching himself into discipleship. It is considered that a disciple of Jesus is the individual who follows him, surrendering to a personal relationship of subjection to him, with the objective of learning to live in the mold of the Lord. This disciple is someone who, through divine awakening, believed in Jesus and his work, receiving him as Savior and Lord, in order to prove a new birth that will keep him firm in the gospel even at the expense of such a condition. This perseverance must be motivated by love for his Lord, supported by the hope of divine rewards. If these marks are not reflected in the conduct of an individual, he is not characterized as a disciple of Jesus. The present research adduces relevance for the contemporary church, namely, for those who aspire to live the discipleship of Jesus, in accordance with the words of the Master. Since, if today's Christians understand biblically the conditions and marks of discipleship life, then they will be encouraged to reflect the life of Jesus in everyday life.

**Keywords:** Disciple. Discipleship. Christianity. A testimony. Christian life. Gospel.

## **INTRODUÇÃO**

Quão grandioso é o chamado ao discipulado cristão! É um chamado ofertado pela graça de Deus.<sup>2</sup> Mas longe de ser aceito de qualquer forma, este deve ser iniciado a partir de uma compreensão clara da sublimidade do chamado, pois tal decisão envolve reflexão madura e não um mero entusiasmo momentâneo.<sup>3</sup>

Para tanto, faz-se necessário avaliar não somente o chamado de Jesus em si, mas as implicações que a condição de discípulo e a jornada da vida discipular exigem daquele que se submete a tal. Ser discípulo de Jesus não é apenas o seguir geograficamente como as multidões que o rodeavam faziam; ser discípulo é seguir a Jesus da forma que ele quer ser seguido.<sup>4</sup> Além do mais, ser discípulo de Jesus requer uma busca do indivíduo que aspira o discipulado, pela compreensão do que o Senhor quis dizer com o uso do termo discípulo. Precisa-se estudar com atenção as descrições de tal condição nas palavras do Mestre, para assim saber o que é o discipulado que Jesus estava apresentando, ao qual estava convidando pessoas comuns.<sup>5</sup>

Vale salientar que aquele sublime convite ao discipulado das páginas dos evangelhos ainda ecoa nos dias de hoje. Mas estão cientes os que têm atendido a este chamado na atualidade? São de fato discípulos aqueles que o têm seguido?<sup>6</sup> Discorrer-se-á sobre a definição da condição de discípulo, discipulado e como se tornar um discípulo, englobando na argumentação como Jesus quer ser seguido.

Aqueles que desejam obter estas respostas precisam observar o que a Bíblia tem a dizer sobre o discipulado cristão, pois esta apresenta diretrizes seguras a todo aquele que aspira a vida discipular.

<sup>2</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 11.

<sup>3</sup> MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado**: a doutrina da imitação de Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 34.

<sup>4</sup> MADUREIRA, 2019, p. 26-27.

<sup>5</sup> MACDONALD, William. **O discípulo verdadeiro**. 2.ed. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p. 13.

<sup>6</sup> MADUREIRA, 2019, p. 25.

Visto que o foco é o discipulado cristão, faz-se necessário olhar de forma mais focada ao Novo Testamento, pois este foi escrito por discípulos; falando sobre a vida, fé e atos de discípulos de Cristo; sendo redigido e dirigido àqueles que desejam viver a vida discipular.<sup>7</sup> Certamente muito conteúdo seria encontrado em tamanha pesquisa, mas por hora, adotar-se-á nesta apenas o evangelho de Jesus segundo o apóstolo João. A escolha do evangelho de João dá-se por quatro motivos: 1) O evangelho contém 73 vezes a palavra *discípulo* e suas variantes (27,2% do uso do termo no Novo Testamento);<sup>8</sup> 2) O evangelho foi redigido com o objetivo de testemunhar que Jesus é o Cristo, para que crendo nele, seus receptores desfrutassem de vida eterna – assim subentende-se, que tinha o intuito de convidar outros à vida discipular cristã; 3) O próprio evangelista autodenomina-se *discípulo* em seu escrito (Jo 21.24);<sup>9</sup> 4) É um evangelho dirigido tanto ao judeu como ao gentio, explanando a universalidade do chamado ao discipulado cristão.<sup>10</sup>

Para uma boa compreensão do chamado discipular, passar-se-á no momento as definições do termo discípulo, discipulado, forma de se tornar um discípulo e resultados de tal condição.

## 1. DEFINIÇÃO DE DISCÍPULO

Em primeiro momento, faz-se necessário entender de forma clara o sentido da palavra discípulo, para que posteriormente se entenda com excelência a prática do discipulado. Nota-se que este título era muito importante no período bíblico, pois o termo “discípulo” aparece 269 vezes somente no Novo Testamento, sendo que a palavra “cristão” aparece apenas três vezes e a palavra “crente” somente duas.<sup>11</sup> Com isso, percebe-se a importância desta palavra para Jesus e seus primeiros seguidores.

Discípulo é alguém que se une a outra pessoa para aprender algo com esta. A partir desta união, o indivíduo que aprende vem a ser chamado de *mathetes*<sup>12</sup> (μαθητής – Jo 6.66), que em grego significa “discípulo, aprendiz, aluno ou pupilo”. Este, de forma voluntária, passa a aprender de seu *didaskalos* (διδάσκαλος – Jo 3.10), termo grego que se traduz por professor ou mestre.<sup>13</sup> Geralmente, nos evangelhos, o termo discípulo aparece carregando a ideia daqueles que desejavam ser instruídos por Jesus ou por outrem.<sup>14</sup>

Acrescenta-se também que a palavra ‘discípulo’ se deriva do termo grego *manthanō* (μανθάνω - aprender), sendo originado da expressão raiz *math* (μαθ), que traz a conotação de um pensamento/ raciocínio acompanhado pelo esforço. Discípulo é o indivíduo que segue em todos os aspectos de sua vida pessoal o ensino de alguém, investindo nisso seus esforços pessoais. Um discípulo não era apenas e meramente um aluno que colhia conteúdos de seu mestre, mas alguém que se tornava partidário em relação àquilo que aprendia, esmerando-se em tornar-se uma cópia de seu tutor.<sup>15</sup> Embora seja um termo rapidamente aliado aos discípulos de Jesus, lembra-se que esta categoria era aplicada a seguidores de outros personagens bíblicos também, como Moisés, João Batista e os fariseus.<sup>16</sup>

<sup>7</sup> WILLARD, D. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 17.

<sup>8</sup> VENAS, Odd Magnus. Discipulado: factores bíblico-teológicos del discipulado intercultural. Integralidad - **Revista digital del CEMAA**. Año 7, 15.ed. Disponível em: <http://www.cemaa.org/PDF/INTEGRALIDAD15.pdf> Lima: feb. 2014, p. 11.

<sup>9</sup> UTLEY, Bob. **New Testament Survey**: Matthew – Revelation. Marshall: Bible Lessons International, 2000, p. 36.

<sup>10</sup> DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 18-19.

<sup>11</sup> SANDERS, J. Oswald. **Discipulado espiritual**. Tradução de Elma Gomes Barreto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 8.

<sup>12</sup> Quando necessário transliterar algum termo grego ao português, o autor usará na presente pesquisa o *Dicionário Internacional de Teologia do NT* e o *Dicionário Vine: o significado do exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*.

<sup>13</sup> BRISCOE, S. **Discipulado diário para pessoas comuns**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1992, p. 15.

<sup>14</sup> MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando**: o significado, a extensão e o selo do discipulado. Niterói: Concílio, 2017, p. 168.

<sup>15</sup> VINE, W. E.; UNGER, Merrill; WHITE Jr., William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 569.

<sup>16</sup> BUCKLAND, M. A. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Joaquim S. Figueiredo. São Paulo: Vida, 1999, p. 117.

No evangelho de João, o termo discípulo e suas derivações são mencionados 73 vezes.<sup>17</sup> A partir desta utilização do termo no evangelho, pode-se entender que nos escritos joaninos, o termo designa aquele indivíduo que seguia a Jesus na vida cotidiana, tornando-se seu aluno, aprendiz, que aderiu ao seu ensino e forma de viver.<sup>18</sup> Sendo assim, os discípulos reais de Jesus, no evangelho de João, são aqueles que manifestam sua disposição em segui-lo, permanecendo em seus ensinamentos e em sua Palavra (Jo 8.31; 13.35; 15.8).<sup>19</sup>

Baumann ainda faz um acréscimo de valor a definição do termo, afirmando que discípulo é aquele que tem um relacionamento com Jesus, não restrito apenas a assuntos ditos religiosos, mas a vida como um todo.<sup>20</sup> Este relacionamento é uma caminhada contínua, onde o indivíduo passa a aplicar em sua vida os padrões de vida de Cristo, tornando-se sua cópia, pois este é o propósito de Deus àqueles que decidem se tornar discípulos de Jesus.<sup>21</sup>

Martins vai além, expondo que discípulo de Jesus é alguém que se submete ao seu senhorio, tomando as ordens de Jesus como direção suprema sobre sua vida. O discípulo de Jesus não é aquele que meramente crê em seu ensino, mas o toma como regra de vida e conduta.<sup>22</sup> Tal definição é sensata, pois amplia a compreensão ao fato de que a condição de discípulo traz consigo custas irrevogáveis, as quais devem ser pagas diariamente mediante a sujeição do discípulo a Jesus.

O verdadeiro discípulo é aquele que, primeiro, aceita o que o mestre ensina, tomando seu “jugo de instrução autoritativa”, ou seja, aceitando o que ele diz como verdade, porque ele o diz... um discípulo não é aquele que faz as coisas de acordo com sua própria vontade, isto é, um discípulo não dita como as coisas deveriam ser. Na verdade, um discípulo segue instruções e comandos, geralmente a partir de um instrutor ou um mestre. Assim, quem não acredita nos ensinamentos de Jesus, não é discípulo de verdade.<sup>23</sup>

Concordante com esta definição, Madureira acrescenta que discípulo de Jesus é alguém que segue a Cristo, amando-o acima de todas as coisas, sofrendo por sua causa e seu ensino e que rejeita tudo o que tenta o afastar de Jesus.<sup>24</sup> Sendo assim, considera-se que discípulo é aquele indivíduo que segue a Jesus, rendendo-se a um relacionamento de sujeição a este, movido por amor, com o objetivo de aprender a viver aos moldes do Senhor. Tal ato do discípulo constitui-se em discipulado, assunto que será explanado na sequência.

## 2. DEFINIÇÃO DE DISCIPULADO

Sabe-se que a palavra discipulado não é encontrada na Bíblia. Mesmo assim, tem-se conhecimento de que foi uma ação empregada por Jesus para convocar, capacitar e ensinar os seus primeiros seguidores que fariam parte inicial de sua igreja (Jo 1.37-43; Mt 4.18-23).<sup>25</sup> Jesus em momento algum buscou conceituar discipulado; quem o fez foram seus discípulos através da história, a partir da compreensão das palavras e prática do Mestre.<sup>26</sup>

Antes de adentrar em definições propriamente ditas, faz-se necessário esclarecer a existência de dois significados para esta palavra no âmbito do ministério de Jesus, as quais carregam em si conotações muito parecidas e objetivo final compartilhado. A primeira conotação de discipulado é no sentido de

<sup>17</sup> VENAS, 2014, p. 11.

<sup>18</sup> GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tradução de Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 128-129.

<sup>19</sup> VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569.

<sup>20</sup> BAUMANN, Igor Pohl. **Formação de discípulos**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2009, p. 6.

<sup>21</sup> GONÇALVES, Douglas. **Jesus copy: a revolução das cópias de Jesus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 14.

<sup>22</sup> MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando: o significado, a extensão e o selo do discipulado**. Niterói: Concílio, 2017, p. 21.

<sup>23</sup> MARTINS, 2017, p. 21.

<sup>24</sup> MADUREIRA, 2019, p. 39.

<sup>25</sup> ARAÚJO, Oliveira. **Plantação de igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 73.

<sup>26</sup> BAUMANN, 2009, p. 5.

fazer discípulos de Jesus, ação esta que encontra embasamento em Mateus 28.19, na grande comissão. Esta refere-se ao ato de ajudar outrem a tornar-se discípulo de Jesus. Já a outra conotação refere-se ao ato de seguir a Jesus, tornar-se seu discípulo, vivendo de forma a imitá-lo. Este significado encontra base em textos como, por exemplo, João 1.43 e 13.13-17.<sup>27</sup>

Compreende-se que os dois significados encontram o mesmo fim: seguir a Cristo. Mas, em relação ao sujeito da ação, as significâncias divergem, pois a primeira refere-se a outrem, enquanto a segunda ao próprio indivíduo.<sup>28</sup> Nesta obra, adotar-se-á o segundo significado, usando em alguns momentos a expressão *vida discipular* para a conotação de discipulado ao qual o autor deseja discorrer.

Mas qual é, então, a definição de discipulado? Observa-se no evangelho joanino que a expressão sugere aquilo que os discípulos foram submetidos a partir do chamado de Jesus em João 1.43, quando foram convocados para seguir a Jesus. Este chamado não se refere ao ato de meramente seguir física e geograficamente ao Senhor, mas, sim, foi este um chamado para tornar-se um aluno, um pupilo, disposto a aprender nesta condição a seguir os passos de vida do Mestre Jesus.<sup>29</sup> No evangelho de João, discipulado é apontado como a ação de indivíduos comuns que se dispuseram a seguir o Mestre Jesus, permanecendo firmemente naquilo que ele ensinou.<sup>30</sup> Nota-se que a vida discipular envolve uma mescla de conhecimento do ensino de Jesus com real comprometimento com este, sendo expresso na aplicabilidade de tais ensinamentos à vida cotidiana.

Bonhoeffer envolve a sua definição neste mesmo teor, conceituando discipulado de uma forma bem simples: “...é comprometimento exclusivo com e pessoa de Jesus Cristo”.<sup>31</sup> Mas, embora aponte de forma simples, a aplicabilidade deste conceito custa tudo ao indivíduo, pois tal comprometimento envolve o descomprometimento com tudo aquilo que pode estar em oposição ao senhorio de Cristo na vida daquele que almeja seguir a Jesus como seu discípulo.

Em sua obra “Ser e fazer discípulos”, Ortiz afirma que o discipulado é uma relação de vida em que o discípulo aprende de seu mentor não meramente conteúdo religioso, mas vida em todos os aspectos. É uma caminhada em que o discípulo se empenha em aprender a viver como Jesus viveu, nos mínimos detalhes e em suas atitudes cotidianas.<sup>32</sup> Nesta mesma ideia, Baumann resume de forma clara o que é o discipulado: “um relacionamento com Cristo”.<sup>33</sup> Entende-se que Jesus chamou indivíduos comuns, para andarem com Ele, se tornarem como Ele e pregarem a sua mensagem. Neste processo, Jesus lapidou-os em sua doutrina e prática pessoal, inspirando-os a impactar o mundo com Sua mensagem, fazendo ainda novos discípulos. Este foi o discipulado de Jesus; este foi o processo empregado por Jesus aos seus. Caso houvesse forma melhor para o ensino da vida discipular, certamente Jesus o usaria, mas demonstrou ser este o mais eficaz.<sup>34</sup>

Este relacionamento leva o discípulo a compreensão de quem o Mestre é, impulsionando o indivíduo a apenas uma atitude frente a este conhecimento: a rendição. Nesta o discípulo desiste de suas vontades de poder, submetendo-se ao querer exclusivo de Jesus. Para Madureira, esta é a definição do discipulado de Jesus.<sup>35</sup>

Trata-se, antes, de uma decisão importante na vida. Não é a simples decisão de mudar de grupo ou de time. É sujeitar-se a Jesus, ao seu senhorio, à sua Palavra, ao seu ensino. Discipulado é submeter-se a Cristo e não mais viver como se todas as coisas orbitassem

<sup>27</sup> MADUREIRA, 2019, p. 24-25.

<sup>28</sup> MADUREIRA, 2019, p. 24-25.

<sup>29</sup> KEENER, Craig S. **Comentário bíblico Atos**: Novo Testamento. Tradução: José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004, p. 269.

<sup>30</sup> VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569.

<sup>31</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 21.

<sup>32</sup> ORTIZ, Juan Carlos. **Ser e fazer discípulos**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1979, p. 94.

<sup>33</sup> BAUMANN, 2009, p. 6.

<sup>34</sup> MACDONALD, William. **O manual do discípulo**. Tradução de Giuliana Andréa Niedhardt Capella Santos. Porto Alegre: Actual, 2012, p. 13.

<sup>35</sup> MADUREIRA, 2019, p. 35.



ao nosso redor. Discipulado é auto esquecimento.<sup>36</sup>

Discipulado ainda, pode ser exemplificado pelo ato de alguém seguir a um mestre, como no caso de José de Arimateia (Jo 19.38), que se tornou discípulo de Cristo, assumindo publicamente esta jornada. O termo usado no grego para definir tal atitude de José, o tornar-se discípulo, é *ōn mathētēs* (ὄν μαθητής), o qual é derivado de *manthanō* (μανθάνω), que se traduz por aprender, mediante um pensamento acompanhado por esforço pessoal e prático. Esta atitude apresenta-se como a mais próxima do uso do termo discipulado no português.<sup>37</sup> Tamanha decisão de José expressa um ponto ápice daquilo que tais definições pontuam, onde um indivíduo é confrontado com o conhecimento da pessoa de Cristo, com seu ensino e com a necessidade de dar uma resposta frente ao Evangelho. José, por sua vez, mesmo relutando durante certo tempo, lança-se agora ao comprometimento com a fé no Cristo, de forma pública, a ponto de ser reconhecido pelo evangelista João como alguém que é *mathētēs* (μαθητής) - tornou-se discípulo de Jesus! Para tanto, teve de esquecer de si, dos seus conceitos e daquilo que o mantinha às sombras, sabendo que não lhe haveria outro caminho mais sábio. Assim, José de Arimateia assume seu relacionamento com Jesus Cristo, como um humilde aluno/seguidor.

Entende-se assim, que discipulado é o processo no qual o indivíduo se dedica inteiramente a árdua tarefa de se parecer com Jesus e permanecer em seu ensino e prática, mediante a renovação de sua mente gerada em uma experiência relacional com Cristo, de forma a glorificar a Deus!<sup>38</sup> Para lançar-se a este processo, necessário é que o indivíduo se torne um discípulo de Jesus, assunto este que será abordado a seguir.

### 3. FORMA DE TORNAR-SE UM DISCÍPULO DE JESUS

Algo que pode ser constatado no meio eclesial é que existem pessoas denominadas cristãs, até mesmo envolvidas em atividades corriqueiras da igreja, mas que na realidade não se tornaram discípulos de Jesus. Isso acontece pelo fato destes não terem percorrido um processo descrito nas páginas do Novo Testamento, o qual constitui um caminho ao qual necessariamente todo aquele que deseja ser discípulo precisa passar.<sup>39</sup> Para tornar-se um discípulo de Jesus, necessário é compreender o convite do Senhor mediante o conhecimento de seu Evangelho (Jo 10.4; 1.36-37), crer em sua Pessoa e sua obra (Jo 1.12; 20.21) e renascer para uma nova vida em Jesus (Jo 3.3), recebendo-o como Senhor, mediante a sujeição à sua vontade (Jo 1.12).

Embora muitos achem que são seguidores de Jesus, apenas achar ser discípulo não faz do indivíduo um, mesmo que este ache sinceramente que o é; para ser um discípulo em essência, precisa este indivíduo adequar-se diariamente as condições impostas ao discipulado pelo Senhor Jesus.<sup>40</sup> Além do mais, não basta apenas o indivíduo dizer crer sem gerar frutos visíveis de vida discipular, mas deve externar sincera disposição à obediência ao padrão de Jesus. Caso contrário, é apenas uma conversão da boca para fora!

Um grande problema é que uma equivocada interpretação da admissão à vida discipular tem rondado igrejas locais em todo o mundo. Há tempos a condição para início do discipulado cristão tem sido substituída apenas por um simples levantar de mãos ao fim de uma pregação, em apelos ou a um mero preenchimento de uma ficha ou cartão expressando o desejo de se tornar membro de uma comunidade eclesial, sem ao menos haver uma disposição a sujeição integral a Cristo. Tais práticas equivocadamente tem se tornado evidências únicas e contundentes para se autenticar a condição de discípulo em muitas igrejas. A verdade é que tornar-se discípulo de Jesus é muito mais que isso; é uma

<sup>36</sup> MADUREIRA, 2019, p. 35.

<sup>37</sup> VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569.

<sup>38</sup> WILLARD, 2008, p. 20.

<sup>39</sup> WILLARD, 2008, p. 11.

<sup>40</sup> MCKINLEY, Mike. **Am i really a christian?** Illinois: Crossway, 2011, p. 28-29.

disposição de fé que exige obediência permanente e pública a Jesus mediante a confiança inequívoca em sua pessoa.<sup>41</sup> Do contrário, um gesto de levantar a mão em um apelo, se não for movido pela clara compreensão do Evangelho e fé sincera, não passa de um gesto vazio.

Para tanto, necessário é observar o que a Palavra de Deus aponta relativo à conversão a Cristo. Quanto a isso, o evangelho segundo João pode fornecer bom esclarecimento sobre a forma de adentrar à vida discipular, seguindo Jesus à sua maneira.

### 3.1 CONVITE DIVINO À VIDA DISCIPULAR

O texto de João 1.43 aponta um episódio um tanto quanto curioso, pois Jesus, em um singelo encontro com Filipe, chama-o para segui-lo sem lançar mão de muitos argumentos e explicativas. Apenas diz: “siga-me”. Tal convite foi no mínimo diferente em relação aos engajamentos dos discípulos dos mestres da lei, pois geralmente, quem procurava o mestre para início do discipulado era o aspirante a discípulo ou até mesmo os seus pais. Mas Jesus parece quebrar um costume judaico e convida indivíduos à vida discipular.<sup>42</sup>

Apesar de tal diferença em relação ao início do vínculo do discípulo e mestre, algo desperta maior atenção: o fato de Filipe atender ao aparente simplório chamado. Este atender é algo muito maior que um simples acompanhamento físico, visto que o seguir, expresso no evangelho joanino, tem a conotação de tornar-se discípulo, tornar-se um aprendiz. Isso parece ocorrer com frequência dentre os relatos dos evangelhos.<sup>43</sup>

Tal relato compara-se ao chamado de Levi, em Marcos 2.14, que também desperta curiosidade pelo atender tão desprendido. Teria Levi um conhecimento prévio de Jesus e por isso agora confiava a sua vida a segui-lo? Estava Levi já preparado para tal convite? O texto não revela nenhum detalhe a mais, a não ser apenas a chamada e o pronto atendimento desta. Bonhoeffer defende que esta sequência se dê para ressaltar uma única razão para tal ação: o próprio Jesus.<sup>44</sup>

O texto de João 10.4 mostra algo que vem de encontro a estes relatos. Segundo o próprio mestre Jesus, suas ovelhas o ouvem e reconhecem a sua voz, dispondo-se a segui-lo. Assim como acontecia com o povo de Israel no Antigo Testamento, o ouvir e o atender a voz do Senhor comprovava quem eram suas ovelhas. Semelhantemente, o rebanho de Jesus reconhece a sua voz e o segue. Além do mais, sabia-se que um bom pastor reconhecia as suas ovelhas e as chamava pelos seus nomes, sendo que estas o atenderiam, por tamanha confiança no pastor, pois o reconhecimento era recíproco. De mesma forma, Jesus parece chamar os seus e prontamente era atendido.<sup>45</sup> Estas ovelhas representam os discípulos de Jesus.<sup>46</sup> Segundo Bonhoeffer, “Cristo chama, o discípulo segue...”.<sup>47</sup>

Este chamado permanece ainda hoje, por meio das palavras de Jesus nas Escrituras e através de seus discípulos. Cristo ainda chama as suas ovelhas, com sua voz mansa e que é reconhecida pelos seus.<sup>48</sup> Bonhoeffer afirma que não há outra forma de se iniciar o discipulado de Jesus a não ser pela sua chamada, pois é o mestre quem chama e desperta os seus.<sup>49</sup> O convite básico de Jesus por meio de seu chamado é que as pessoas se tornem seus discípulos, tornando-se seus imitadores.<sup>50</sup>

<sup>41</sup> CASTLEBERRY, Grant R. **The mandate of discipleship**. Disponível em: <https://tabletalkmagazine.com/article/2018/06/the-mandate-of-discipleship/> Acesso em: 11 nov. 2020, n.p.

<sup>42</sup> KEENER, 2004, p. 276.

<sup>43</sup> KEENER, 2004, p. 276.

<sup>44</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 20.

<sup>45</sup> KEENER, 2004, p. 301.

<sup>46</sup> MCKINLEY, 2011, p. 26.

<sup>47</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 20-21.

<sup>48</sup> MADUREIRA, 2019, p. 14.

<sup>49</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 20-21.

<sup>50</sup> WILLIS Jr, Avery T. **Treinamento em discipulado**. Rio de Janeiro: JUERP, s.n., vol. 1, p. 17.

Bonhoeffer prossegue, afirmando que a graça que chama o indivíduo ao discipulado, é a mesma que revela a este o Cristo, o Filho de Deus, como acontecido com os discípulos de João Batista (Jo 1.36-37). Deus é quem toca no indivíduo e nele vai trabalhando para que atenda o chamado à vida discipular. Para tanto, o mesmo Espírito que desperta neste o conhecimento de Jesus, para compreendê-lo acima de uma visão meramente humana, é quem o impele a confissão de fé em Cristo. Nota-se que Deus trabalha em todo processo da chamada ao discipulado – assim como em toda a jornada posterior.<sup>51</sup> Tal chamada deve ser atendida adequadamente, movida por sincera fé, o que será esclarecido no próximo subponto.

### 3.2 CRER EM JESUS E SUA OBRA

Após a compreendida a chamada divina, pode-se lançar os olhos ao texto de João 1.12, que aponta dois passos de resposta que o ser humano deve dar em relação ao Cristo revelado: crer e receber. Este tópico discorrerá sobre este primeiro aspecto.<sup>52</sup>

Jesus Cristo foi a Palavra de Deus enviada aos homens que estavam em trevas. Muitos rejeitaram-no, mas houve os que nele creram e a estes foi dado, pela graça, o privilégio de tornarem-se filhos de Deus através de uma nova criação.<sup>53</sup> Entende-se que o primeiro passo, que aquele que aspira se tornar discípulo de Jesus deve dar, é crer nele e em seu Nome,<sup>54</sup> pois o discipulado de Jesus na vida de um indivíduo inicia-se quando este crê no Senhor.<sup>55</sup>

O termo grego utilizado no verso citado para esta ação é *pistenuousin* (πιστεύουσιν),<sup>56</sup> termo derivado da palavra *pisteuō* (πιστεύω),<sup>57</sup> que se traduz pelo ato de dar crédito, confiar de maneira especial, além de uma mera compreensão de existência.<sup>58</sup> Esta atitude fora percebida nos primeiros discípulos de Jesus ao compreenderem quem ele era (Jo 2.11; 2.22).<sup>59</sup>

Esta fé, segundo Dodd, é uma crença de tal nível que leva o sujeito desta a uma posição de vassalagem ao objeto de sua fé. Neste caso, a fé cristã exige da pessoa uma submissão ao domínio de Jesus Cristo, devendo o sujeito colocar-se como o *doulos* (δούλον - escravo) sujeito ao seu *Kyrios* (κύριος - Senhor). Esta fé traz ao indivíduo tal envolvimento e comprometimento que não se dá com uma simplória aceitação ou consentimento intelectual de asserção de um fato – esta fé impõe ao crente a condição de propriedade do Senhor, o objeto de sua fé.<sup>60</sup>

Segundo Ladd, a fé é uma exigência que Jesus fez aos seres humanos, com o propósito de que estes sejam salvos - recebam a sua dádiva da vida eterna - e tornem-se seus discípulos. Esta exigência torna-se explícita no evangelho de João, de maneira que não é tão evidente nos escritos dos outros evangelistas. Esta fé significa uma completa confiança em Deus Pai e no seu ato de bondade ao enviar o seu Filho em resgate da humanidade caída, sendo Jesus o Messias.<sup>61</sup>

Ladd prossegue:

Aquilo que está implícito nos Sinópticos torna-se explícito em João. *Pisteuō* ocorre dez

<sup>51</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 11.

<sup>52</sup> ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adie Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, vol. 9, p. 328.

<sup>53</sup> BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Juan I. Barcelona: CLIE, 2012, vol. 5, p. 28.

<sup>54</sup> CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007, p. 126.

<sup>55</sup> MADUREIRA, 2019, p. 36.

<sup>56</sup> HODGES, Zanes C.; FARSTAD, Arthur. **Novo Testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. Tradução de Paulo Gomes e Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 352.

<sup>57</sup> GINGRICH, 1993, p. 167.

<sup>58</sup> DODD, 1977, p. 242.

<sup>59</sup> CARSON, 2007, p. 175-176.

<sup>60</sup> DODD, 1977, p. 248-249.

<sup>61</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 255.

vezes em Marcos, onze vezes em Mateus, nove vezes em Lucas. *Pisteuō* ocorre diretamente nesta forma trinta vezes em João, dezoito vezes com o dativo, treze vezes com *hoti*, trinta e seis vezes com *eis*, uma vez com *en* (3.15), e uma vez com o acusativo neutro (11.26b). Fica bem claro que no Quarto Evangelho a fé desempenha um papel na salvação que nos Sinópticos encontra-se completamente ausente. O verbo *pisteuō* ocorre em uma ampla variedade de formas.<sup>62</sup>

A ideia do ato de fé na veracidade dos testemunhos relativos à pessoa de Jesus Cristo e sua obra compõem a definição de fé nos escritos joaninos. Nas linhas do evangelho de João, os indivíduos são desafiados a depositarem sua fé em Jesus mediante a crença do testemunho das Escrituras (Jo 2.22), no testemunho escrito de Moisés (Jo 5.46-47), nas próprias palavras de Jesus (Jo 4.50) e no testemunho de suas obras (Jo 10.38), pois todos estes elementos apontam para sua divindade, envio da parte de Deus e sua obra redentora.<sup>63</sup>

É importante notar que no evangelho joanino não é utilizado o termo *pistis* (πιστις - fé) como nos outros escritos do Novo Testamento; mas João prefere utilizar apenas o termo *pisteuō* e suas derivações.<sup>64</sup> No seu evangelho, ocorre um registro da derivação no grego de uma forma distinta do ato de fé em relação aos sinóticos, por meio da expressão *pisteuō eis* (πιστεύω εἰς), mencionada 36 vezes no livro. Tal expressão envolve mais que uma compreensão de teologia correta e traz em si a conotação de uma fé que requer uma relação de compromisso pessoal entre o discípulo e Cristo. É uma fé com teor de identificação pessoal com Jesus, sendo muito mais que uma compreensão intelectual relativa a fatos tidos como verdadeiros ou aceitação de um credo doutrinário, embora tais sentimentos não sejam excluídos. Esta fé expressa uma resposta do ser humano como um todo diante da revelação que lhe foi concedida da pessoa de Cristo.<sup>65</sup>

Tal constatação de Ladd é acrescida, mostrando que esta fé consiste em discipulado:

Envolve muito mais do que acreditar em Jesus ou ter confiança nele; é uma aceitação de Jesus e daquilo que ele reivindica ser e a dedicação radical da vida da pessoa a ele. O compromisso não é emocional, mas envolve uma disposição de responder às exigências de Deus conforme foram apresentadas em e por Jesus. Torna-se evidente através da análise de outros termos equivalentes à fé, que a fé significa uma entrega completa e uma união pessoal entre o crente e Cristo.<sup>66</sup>

Tal conhecimento de Jesus e do que ele reivindica ser aliado à fé também é uma característica distinta do quarto evangelho, pois nesse João parece manter uma relação íntima entre a fé o conhecimento em suas linhas. Estas duas ideias são associadas constantemente nos relatos de João em relação à jornada terrena de Jesus e os acontecimentos a sua volta. Isso mostra-se nos seguintes versos: João 4.25,26,29 – a samaritana que reconheceu a messianidade de Jesus; João 4.42 – samaritanos o conhecem e creem; João 9.35-38 – cego curado reconheceu a divindade de Jesus e creu; João 11.45 – reconhecimento do poder de Jesus na ressurreição de Lázaro; João 17.8 – os discípulos reconhecem que Jesus havia sido enviado pelo Pai; João 17.21 e 23 – reconhecimento da unidade cristã que revela Jesus ao mundo, para que este creia nele.<sup>67</sup>

Ademais, o evangelista João declara que escreveu sua perspectiva da vida de Jesus para que seus leitores viessem crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). João demonstra claramente a importância da fé em Jesus nas linhas de seu evangelho. Nos três evangelhos sinóticos, anteriores a João, os fatos (relatos) são simplesmente discorridos, de maneira a deixar que estes causem sua própria impressão sobre o leitor. Já o evangelista João não age desta forma. Tudo em seu evangelho

<sup>62</sup> LADD, 2001, p. 256.

<sup>63</sup> LADD, 2001, p. 255.

<sup>64</sup> MAZZACORATI, Israel G.; SAYÃO, Luiz Alberto; SOUZA, Itamir Neves de. **De volta à palavra: a vida e o ensino dos apóstolos João, Paulo e Pedro.** São Paulo: RTM, 2017, p. 59-60.

<sup>65</sup> LADD, 2001, p. 256.

<sup>66</sup> LADD, 2001, p. 257.

<sup>67</sup> LADD, 2001, p. 261.

é regularmente selecionado e orientado para obtenção e constatação de um veredito do leitor em relação à messianidade de Jesus. João não se ocupa só com os fatos, mas também dos assuntos. Seu intento era inspirar seus leitores, após sua explanação da vida terrena de Cristo, à fé no Senhor, por meio da revelação de sua glória em cada relato. Tal intento de João não era um acaso, mas, como discípulo de Cristo, desejava que outros também se tornassem discípulos. Para tanto, a fé no Cristo era indispensável.<sup>68</sup>

O discipulado de Jesus está condicionado a fé por parte daquele que se lança a esta empreitada, pois para seguir a Cristo, de fato, necessário é acreditar no que o Mestre ensina por compreender quem Ele é. Ser discipulado por Jesus caracteriza-se com o andar segurando a mão de Jesus, sabendo que Ele é capaz e confiável para conduzir e ser seguido. Portanto, ser discípulo é viver em contínuo aprendizado e obediência mediante a confiança naquele que o chamou.<sup>69</sup>

Sendo assim, o evangelho de João reconhece a fé em Jesus como uma condicional para o discipulado cristão. No relato posterior à cura do cego de nascença, o texto de João 9.35-38 aponta a fé que aquele homem que fora curado demonstrara em relação a Jesus, pois declarou verbalmente a sua compreensão da pessoa de Cristo como Filho do homem. Tal declaração é seguida por um ato de adoração a Jesus (v.38), atitude tal que jamais um judeu prestaria a um mero ser humano, mas o faria apenas a Deus. Esse homem que crera tivera um encontro com Jesus e seu poder, o que despertou sua fé no Cristo,<sup>70</sup> sendo que foi taxado de discípulo de Jesus posteriormente pelos fariseus (Jo 9.28). Nota-se que a fé na pessoa de Cristo era uma marca de seus reais seguidores, a ponto de até seus opositores terem ciência de tal evidência.<sup>71</sup>

Ao mesmo tempo, olhando pelo lado oposto, o texto de João 9.27-28 mostra que os fariseus se consideravam discípulos de Moisés, pois nele criam e permaneciam na obediência à lei mosaica.<sup>72</sup> Estes estavam impossibilitados de serem discípulos de Jesus devido à sua descrença em sua divindade, o que fora reconhecido e ressaltado por Jesus em João 8.45 e no texto a seguir:<sup>73</sup>

Jesus respondeu: “Eu já lhes disse, mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não creem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.”<sup>74</sup>

Em concordância ao que fora argumentado anteriormente em relação às ovelhas de Jesus que ouvem a sua voz e seu chamado, o texto de João 10.26-27 expõe um pouco mais o que era um impeditivo ao discipulado por parte dos líderes religiosos judaicos. Jesus declarou que estes não eram suas ovelhas, por isso ouviam a sua voz apenas superficialmente, mas não a ponto de crerem e se tornarem seus discípulos. Embora o ouvissem proclamando o seu ensino, não o acatavam, negando-se a recebê-lo em seus corações.<sup>75</sup>

### 3.3 RECEBER JESUS

Outro aspecto relativo à resposta do ser humano à chamada ao discipulado é o receber a Jesus, conforme registrado em João 1.12. Carson interpreta este ato com a seguinte expressão: “...tal fé gera fidelidade à Palavra, confia nela completamente, reconhece suas declarações e a confessa com sua

<sup>68</sup> BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: o período intertestamentário e os evangelhos. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 291-292.

<sup>69</sup> MARTINS, 2017, p. 20.

<sup>70</sup> CARSON, 2007, p. 376-377.

<sup>71</sup> CARSON, 2007, p. 374-375.

<sup>72</sup> CARSON, 2007, p. 374-375.

<sup>73</sup> CARSON, 2007, p. 354-355.

<sup>74</sup> BÍBLIA NVI. João 10.25-27, 2000, p. 834.

<sup>75</sup> WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, vol. 1, p. 427-428.

gratidão. E isso que significa recebê-lo”.<sup>76</sup>

Concordante com esta interpretação, Ladd deixa o ato de receber intimamente aliado ao ato da fé, pois somente quando o discípulo crê verdadeiramente em Jesus Cristo é que tal indivíduo poderá tomar para si as verdades relativas à revelação de Jesus, tendo-as como convicção. Receber é tomar os testemunhos e palavras de Jesus como parte de si, compreendendo que Jesus é o Santo de Deus (Jo 6.69), é o Cristo, Filho de Deus (Jo 11.27), Enviado de Deus (Jo 11.42, 17.8), um com o Deus Pai (Jo 14.10-11), veio de Deus (Jo 16.27,30), é o Eu Sou (Jo 8.24) e o Caminho para vida eterna (Jo 14.6).<sup>77</sup> Tal atitude é percebida nos discípulos de Jesus, conforme o texto de João 6.68-69, em que estes, representados pelo discípulo Simão Pedro, reconhecem a incapacidade de abandono a Jesus devido à convicção que tinham de sua pessoa.<sup>78</sup>

Sweeting concorda com tal interpretação, afirmando:

Receber a Cristo é ter fé nele, crendo que Ele é Filho de Deus sem pecado, que morreu voluntariamente pelas nossas faltas, a fim de nos libertar da morte espiritual e do juízo, e para que tivéssemos vida eterna. A questão crucial é esta: Você já tomou esta decisão? Já recebeu a Jesus Cristo?<sup>79</sup>

Nesta mesma linha de pensamento, Bruce encara tal versículo como a atitude de receber aquele que é a Palavra de Deus – Jesus Cristo – depositando fé genuína neste, jurando-lhe fidelidade e acreditando piamente que ele é o que diz ser. Neste ato, o crente desfruta de um nascimento espiritual, tornando-se agora filho de Deus, o que por sua vez abre-lhe uma porta para uma nova vida, a vida discipular de Jesus.<sup>80</sup>

O ato de receber a Jesus também pode ser visto como uma decisão do indivíduo, relativa à compreensão de sua condição diante de Deus. Nesta compreensão, faz-se necessário receber Jesus como Salvador e Senhor. Para ser salvo e tornar-se discípulo de Cristo, o ser humano percebe-se perdido e incapaz de salvar a si mesmo, por isso recebe a Jesus como Salvador, tendo-o como o único capaz de salvá-lo da perdição eterna. Mas, além disso, percebe-se também como incapaz de conduzir a sua vida, compreendendo sua inclinação carnal à rebeldia e desobediência a Deus. Por isso, para viver a nova vida recebida por Cristo, precisa recebê-lo como Senhor, tendo-o agora como condutor de seus passos.<sup>81</sup>

Muito além de apenas receber a Jesus Cristo como Senhor através de uma mera confissão oral, a resposta ao genuíno discipulado de Cristo envolve uma disposição a uma vida de obediência. Nisto consiste o receber Jesus como Senhor – em ser agora submisso ao seu querer,<sup>82</sup> sendo que não há discipulado genuinamente cristão sem a rendição e submissão ao senhorio de Cristo.<sup>83</sup>

Há algo que o ser humano controla e que diz respeito à condução de sua vida: a vontade própria. Aceitar Jesus Cristo como Senhor envolve a entrega da vontade particular a ele; isso, por sua vez, significa render-se à direção que Jesus deseja dar à vida dos seus, render-se ao seu controle absoluto, mesmo em relação às coisas que desagradem o eu. Submeter a vida ao senhorio de Cristo significa desejar viver a sua boa vontade e ver seu Nome engrandecido através da conduta própria.<sup>84</sup> Ademais, aquele que ama verdadeiramente ao Senhor Jesus, obedece-lhe (Jo 14.15) e permanece em seus ensinamentos.

<sup>76</sup> CARSON, 2007, p. 126.

<sup>77</sup> LADD, 2001, p. 256-257.

<sup>78</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Milenium, 1982, vol. 2, p. 374.

<sup>79</sup> SWEETING, George. **Os primeiros passos na vida cristã**. 3.ed. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 16.

<sup>80</sup> BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008, p. 43.

<sup>81</sup> BROCK, Charles. **Boas novas para você**. Rio de Janeiro: JMN, 2004, p. 19.

<sup>82</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 20.

<sup>83</sup> MADUREIRA, 2019, p. 36.

<sup>84</sup> HENRICHSEN, Walter A. **Discípulos são feitos, não nascem prontos**. Belo Horizonte: Atos, 2002, p. 20-24.

(Jo 8.31).<sup>85</sup> Considera-se assim, que receber a Cristo consiste em acatar como verdade aquilo que as Escrituras Sagradas dizem a respeito de Jesus, tendo-o como Salvador e Senhor pessoal, de forma a viver sujeito a seu senhorio. Quando isso se faz real na vida de um ser humano, ele prova da regeneração em Jesus, também chamada de novo nascimento.

### 3.4 NASCER DE NOVO

Após a chamada divina ao discipulado, o indivíduo crê em Jesus Cristo de todo o seu coração, recebendo-o como Salvador e Senhor de sua vida. Neste momento, acontece então uma transformação sobrenatural na vida deste, a qual denomina-se na teologia cristã por *regeneração*, ou seja, nascer de novo. Segundo as palavras de Jesus, encontradas no texto de João 3.3, só fará parte de seu Reino - e subentende-se, torna-se seu discípulo - aquele que nascer de novo, renasce em Cristo a partir da fé. MacDonald afirma que o caminho do verdadeiro discipulado somente começa quando o indivíduo passa por esta transformação, em que seus intentos, aspirações, valores e prioridades são mudadas.<sup>86</sup>

Esta transformação, denominada de novo nascimento, dá-se:

1. Quando uma pessoa compreende que é pecadora, que está perdida, e que está permanentemente desnudada diante de Deus;
2. Quando reconhece que não pode salvar-se a si por ter caráter ou pelas boas obras;
3. Quando crê que o Senhor Jesus Cristo morreu como seu Substituto na Cruz;
4. Quando, por uma definida decisão de fé, reconhece Jesus como seu único Senhor e Salvador.<sup>87</sup>

Tal novo nascimento é indispensável àquele que aspira a vida discipular pelo fato de ser impossível ao ser humano comum – não convertido – viver de fato uma vida segundo o querer e à maneira do Mestre Jesus, pois pelas suas forças, o ser humano natural não pode viver a vontade de Deus. Há pessoas que acham que viver a vida cristã, ou seja, a vida discipular, faz de alguém um discípulo automaticamente. Isso absolutamente é impossível e um equívoco, pois para viver de fato o discipulado de Jesus, faz-se necessário nascer de novo, tornando-se antes um discípulo – somente a partir daí é que realmente se iniciará a vida discipular autêntica.<sup>88</sup>

Não existe a mínima capacidade no ser humano natural de viver o verdadeiro discipulado. Se tentar, vai apenas se perceber falido em tal intento. A partir do novo nascimento, o agora discípulo conta com a força da graça divina, que o sustenta e torna possível o viver a vontade de Deus, sendo um imitador de Cristo.<sup>89</sup>

Em relação a este fato, Boor afirma o seguinte quanto ao texto de João 3.3:

Isso constitui um ataque radical ao teólogo Nicodemos. Ele e seus amigos pensam que “conhecem”. Como mestres de teologia e reconhecidos membros do Sinédrio, pensam que obviamente possuem o julgamento certo e reconhecem claramente a atuação de Deus com vistas a Jesus. Na realidade, eles nem possuem condições de ver a atuação soberana de Deus. Carecem do pressuposto imprescindível para tanto. O real governo de Deus está oculto ao ser humano. Nenhuma sabedoria e nenhum pensamento próprio do ser humano lhe conferem percepção da atuação divina, tampouco o conhecimento teológico e bíblico, como Nicodemos certamente possuía de forma excelente. Os olhos do ser humano são abertos para Deus unicamente por meio de um processo que Jesus somente consegue comparar com “ser gerado” e “ser nascido”. Uma mera melhoria ou aprofundamento do ser humano e de seu pensamento teológico não atinge o alvo.<sup>90</sup>

Nicodemos poderia achar que entenderia tanto a Jesus como seu ensino de forma meramente humana, mas naquela noite Jesus pôs por terra seus pressupostos. Necessário lhe era nascer de novo

<sup>85</sup> ALLEN, 1983, vol. 9, p. 340, 388.

<sup>86</sup> MACDONALD, 1981, p. 4.

<sup>87</sup> MACDONALD, 1981, p. 4.

<sup>88</sup> MACDONALD, 1981, p. 4.

<sup>89</sup> MACDONALD, 1981, p. 4.

<sup>90</sup> BOOR, Werner de. **Evangelho de João 1: comentário esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002, p. 85.

para entender o ensino do Mestre Jesus. Fazia-se necessário provar de uma transformação radical de sua natureza, algo que humanamente lhe era impossível. Jesus usa aqui neste trecho as expressões gregas *gennēthē anothen* (γεννηθῆ ἄνωθεν) para indicar o processo ao qual Nicodemos precisaria passar. As expressões podem ser traduzidas por nascer “*de novo*” assim como por “*de cima*”. Unindo estas duas possibilidades de tradução, entende-se que para compreender a mensagem de Jesus e iniciar uma caminhada ao seu lado, faz-se necessário ser nascido de novo e isso só acontece quando o indivíduo for gerado de cima, dos céus.<sup>91</sup>

Tal colocação de Jesus atingiu em cheio o que separava tanto Nicodemos quanto a seus companheiros da compreensão da vida discipular cristã. Os líderes religiosos e os fariseus criam que sua piedosa e rigorosa religiosidade sustentava garantias diante de Deus de que seriam aceitos. Nestas, o ser humano apenas está convicto de si, excluindo o real caminho que os pode aproximar de Deus. Jesus, por sua vez, contradiz este intento e compreensão equivocada, declarando a total incapacidade humana de perfazer sua aproximação de Deus com base em seus esforços religiosos – necessário era-lhe renascer. Nicodemos parece até achar isso impossível, partindo para uma argumentativa em níveis humanos. Mas Jesus prossegue apontando que até mesmo Nicodemos, um reconhecido sábio da cultura religiosa judaica, assim como qualquer outra pessoa, precisa renascer do alto através da fé em Cristo, o que por sua vez é esclarecido no prosseguimento da conversa, em João 3.16.<sup>92</sup>

Bruce ainda complementa que tal ideia assombrara a Nicodemos, pois estava totalmente despreparado para esta conversa com o Mestre Jesus, ainda mais pelo fato deste conduzir a conversa ao âmago de sua motivação religiosa. Não se sabe ao certo o que levara o rabino Nicodemos a se dirigir a Jesus naquela noite, mas este utilizou-se desta conversa para apontar que para compreender seu ensino, provar do Reino e segui-lo, era necessário recomeçar do zero.<sup>93</sup> Dizia-se na cultura judaica que um prosélito ao judaísmo, quando admitia este jugo, era então como uma criança recém-nascida que estava a aprender uma nova forma de viver. Certamente, Nicodemos conhecia esta tradição e ao ouvir as palavras de Jesus certamente associou-as, assustando-se, pois ele estava indicando que toda sua bagagem religiosa, conquistada ao longo de muitos anos, de nada valeria para garantir seu sucesso na compreensão e na prática dos ensinamentos de Jesus: era-lhe necessário recomeçar sob uma nova perspectiva – agora dos céus – para provar do Reino de Deus. Isso foi um espanto ao rabino Nicodemos, pois fora recolocado numa condição de pupilo, um iniciante, para assim de fato ter a possibilidade de viver uma vida discipular a Jesus.<sup>94</sup>

Sendo assim, para ser um real discípulo de Jesus, necessário é nascer de novo! Não há como se lançar a genuína vida discipular de Jesus sem provar desta regeneração, onde o indivíduo desfruta de um recomeço de vida, agora sob nova perspectiva de valores e prioridades. Nenhum outro artifício será capaz de substituir tal experiência, nem mesmo uma longa jornada religiosa ou boa reputação. Ademais, ao provar do novo nascimento, o indivíduo como uma criança recém-nascida passa a uma jornada de crescimento em maturidade em Jesus como seu discípulo; caminho este onde encontrará custos de tal condição.

#### 4. CUSTO DO DISCIPULADO

Sabe-se que tudo na vida tem um custo, e o ser humano já aprendeu a mensurar o valor daquilo que possui e daquilo que deseja adquirir. Bem, e quanto a vida discipular, quanto custa? Graham certa vez afirmou: “A Salvação é de graça, mas o discipulado custa tudo o que temos”.<sup>95</sup> Tal afirmação é

<sup>91</sup> BOOR, 2002, p. 85.

<sup>92</sup> BOOR, 2002, p. 85, 91-92.

<sup>93</sup> BRUCE, 2008, p. 79-81.

<sup>94</sup> DODD, 1977, p. 402-403.

<sup>95</sup> GRAHAM, Billy. **Discipulado**. Disponível em: <https://www.projetocamposbrancos.org.br/a-salvacao-e-de-graca-mas-o-discipulado-custa-tudo-o-que-temos-billy-graham/> [s.n.], [19-?]. Acesso em: 15 out. 2021, n.p.



esclarecida nas palavras de Jesus, e aqueles que aspiram o seu discipulado devem se atentar para este fato.

Seguir a Cristo como discípulo não é algo que deve ser feito de qualquer maneira. É preciso segui-lo da forma que ele quer ser seguido, com máximo zelo e dedicação! Isso envolve custas as quais o indivíduo que aspira lançar-se ao discipulado deve estar ciente que deverá pagar. Caso não o faça, não desfrutará da realidade do discipulado de Jesus.<sup>96</sup> Discipulado que não envolva a disposição de pagar o preço, é embasado em graça barata. O genuíno discipulado de Cristo requer arrependimento sincero do pecador, sendo seguido pelo abandono da vida de pecados, tomando a própria cruz para assim viver Jesus. O abandono de si faz parte da jornada discipular, pois aquele que entende a preciosa mensagem da graça de Cristo, não titubeia em se desfazer de seus bens, seus planos, sua vontade, largar as redes e segui-lo.<sup>97</sup>

Por vezes, Jesus era rodeado por uma multidão de pessoas que desejavam segui-lo sem mensurar às custas de tal decisão. Em João 6.60-66 encontra-se um relato de aparentes discípulos que ficaram espantados com seu ensino e decidiram abandoná-lo. Estes na realidade seguiam a Jesus apenas fisicamente, geograficamente, mas não tinham depositado nele seus corações a ponto de crer verdadeiramente no seu ensino, despindo-se de seus pressupostos.<sup>98</sup>

O evangelho joanino também mostra Jesus como o sumo exemplo aos seus discípulos, renunciando a si mesmo. Durante seu ministério terreno, ele não se importou em viver sua própria vontade, mas abraçou o querer do Pai, deixando claro em suas palavras que fazia sempre o que lhe agradava (Jo 8.29), buscando a vontade divina em cada um dos seus passos (Jo 5.30), pois havia descido dos céus para isso (Jo 6.38). Jesus demonstrou claramente a cruz não apenas na sua crucificação, mas na sua conduta diária. A exemplo de Jesus, o discipulado cristão também requer a completa negação de si.<sup>99</sup>

Tal condição de Jesus à vida discipular é imposta no texto de João 12.25-26:

Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna. Quem me serve precisa seguir-me; e, onde estou, o meu servo também estará. Aquele que me serve, meu Pai o honrará.<sup>100</sup>

Este versículo traz um adendo quanto a abnegação de Jesus descrita em um verso parabólico, anterior a tal colocação; mas este também impõe validade aos seus discípulos. Estes, para serem autênticos seguidores de Jesus, a seu exemplo, precisam também renunciar às suas vontades e sua vida como um todo para segui-lo. Segundo Bruce, esta é uma condição de obrigação a cada discípulo, que deve tomar sua cruz e seguir o Mestre. Quando Jesus menciona o amar a própria vida, expõe o fato de que muitos priorizam os seus interesses em detrimento ao Reino de Jesus sobre suas vidas. Mas quando o discípulo odeia a sua vida, ou seja, abnega-se do querer egocêntrico, goza de vida na qualidade divina ainda aqui nesta terra, em união com Cristo, até a eternidade. Seguir o Mestre Jesus como seu servo envolve participar dos seus sofrimentos, mas também de suas glórias e alegrias, pois aquele que honra a Jesus com sua vida, o Pai o honrará.<sup>101</sup>

Em relação à custa do discipulado, Solonca afirma:

Negar-se a si mesmo significa despir-se totalmente na presença do Senhor Jesus Cristo, para que ele possa revesti-lo como lhe convier. Significa, também, não impor condições para segui-lo nem tentar questionar seus ensinamentos e propósitos. Em outras palavras, isto

<sup>96</sup> MADUREIRA, 2019, p. 14.

<sup>97</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 10.

<sup>98</sup> MADUREIRA, 2019, p. 24-25.

<sup>99</sup> PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 728.

<sup>100</sup> BÍBLIA NVI. João 12.25-26, 2000, p. 386.

<sup>101</sup> BRUCE, Frederick F. **João: introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 228-229.

representa abrir mão de seus conhecimentos sobre a vida e submeter-se aos conceitos do Mestre.<sup>102</sup>

Inevitavelmente, seguir a Cristo requer abandono de tudo que constitua a vida do indivíduo. MacDonald expõe que todo aquele que se dispõe ao chamado de Jesus precisa atender a esta extrema exigência. Apenas estar desejoso de abandonar tudo não basta, pois todo aquele que não renunciar a sua vida, perdê-la-á. Além do mais, a renúncia não se resume a apenas uma parte da vida, como alguns escusam, mas a vida como um todo. Jesus também não oferece um meio termo, diluindo o seu discipulado; ele propõe apenas dois grupos: os que negam a si e os que amam a si. Não há uma terceira possibilidade.<sup>103</sup> Segue ainda a afirmação de MacDonald em sua obra “O Discípulo Verdadeiro”:

O Salvador não está procurando homens e mulheres que lhe deem escassas noites – ou os seus fins de semana – ou os anos da sua aposentadoria. Antes, procura os que hão de dar-lhe o primeiro lugar em suas vidas. Procura hoje, como sempre o fez, não multidões que sigam Suas pegadas sem objetivo, só porque se deixam levar pela corrente, mas procura individualmente homens e mulheres cuja imorredoura adesão provém do fato de reconhecerem que Ele quer para Si aqueles que estão prontos para seguir o caminho da renúncia que Ele trilhou antes deles.<sup>104</sup>

Para Dietrich Bonhoeffer, não há outra forma de seguir a Cristo – apenas a partir da renúncia. O ser humano que ouve a voz de Jesus e larga tudo por ele, destrói as pontes com sua velha existência, tendo como inexistentes as possibilidades de retorno, abandonando de vez a sua velha vida e vivendo uma nova caminhada, a vida no discipulado cristão.<sup>105</sup>

O ser humano que foi chamado larga tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, mas simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir a Jesus. A esse ato não se atribui o menor valor. Em si, continua sendo uma coisa absolutamente destituída de importância, sem merecer atenção. Destruíram-se as pontes e simplesmente caminha-se em frente. Uma vez chamada para fora, a pessoa tem que abandonar a existência anterior, tem que simplesmente “existir” no sentido rigoroso da palavra. O que é velho fica para trás, totalmente abandonado.<sup>106</sup>

Ao lançar-se à vida discipular a Cristo, o ser humano renuncia às suas seguranças humanas para agora viver numa aparente insegurança. Sai do conforto, para viver o desconforto do inconformismo. Parte do aparente previsível para o imprevisível. Sendo assim, o discipulado de Jesus exige total comprometimento do ser humano, a ponto de Jesus ser o único conteúdo da vida deste - menos que isso, não há discipulado cristão.<sup>107</sup>

Além da abnegação a própria vontade para viver o querer do Mestre, entre as custas que o discípulo paga para viver o discipulado cristão, pode-se citar a renúncia à aprovação dos seres humanos em favor da aprovação de Deus. João 12.42-43 exemplifica isso por meio de líderes judeus que até creram em Jesus superficialmente, mas não ao ponto de renunciarem à estima dos fariseus – o que acarretaria a expulsão da sinagoga.<sup>108</sup> Possivelmente, este fora também o motivo pelo qual Nicodemos procurou Jesus durante a noite, em João 3, para que seu interesse pelos ensinamentos de Jesus fosse mantido obscuro aos olhos de terceiros.<sup>109</sup>

Ademais, o discípulo de Jesus deve abraçar o custo do compromisso público e reconhecido de sua condição ao discipulado. Não há como o ser sem assumir às claras tal decisão. João 19.38-39 mostra dois indivíduos que estavam tentando conciliar a vida discipular e o agrado aos líderes judeus – tal

<sup>102</sup> SOLONCA, Paulo. **Manual do discípulo**. v. 1. Florianópolis: Discípulo, 1998. p. 16.

<sup>103</sup> MACDONALD, 1981, p. 10.

<sup>104</sup> MACDONALD, 1981, p. 5.

<sup>105</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 20-21.

<sup>106</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 21.

<sup>107</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 21.

<sup>108</sup> ALLEN, 1983, vol. 9, p. 374-375.

<sup>109</sup> ALLEN, 1983, vol. 9, p. 284.

sincronia rompeu-se, pois é insustentável, tornando-se imprescindível ao discípulo o real compromisso público.<sup>110</sup> Embora tivessem sido discípulos de forma omissa, a dicotomia na vida de Nicodemos já havia sido acusada por indícios em João 7.50-52;<sup>111</sup> mas agora tais indivíduos assumiam publicamente suas condições.<sup>112</sup>

Outra custa imposta a vida discipular é a oposição e perseguição, descritas em João 15.18-20. Embora o discípulo possa encontrar apoio entre os outros discípulos, encontrará oposição com os de fora, pois o mundo trará hostilidade a estes da mesma forma que reagiu ao Mestre Jesus. Mas Jesus já advertiu os seus antecipadamente para precavê-los e incentivá-los à perseverança.<sup>113</sup>

Tal oposição também é apontada em João 16.2. Boor destaca que assim como houve uma hora de sofrer para Jesus Cristo, haverá para os seus discípulos. Jesus já os deixa orientados e preparados para esta hora, pois muitos seriam os que se levantariam contra os seguidores de Jesus, tendo esta atitude como assertiva e justa diante de Deus.<sup>114</sup> O discípulo genuíno deve estar pronto para enfrentar tais oposições sem mescla de estranheza.<sup>115</sup>

Outro custo que o discípulo paga ao embarcar na vida discipular é a renúncia de seus conceitos e religiosidade. Em João 8.12-47 é apontado um debate entre Jesus e os judeus que se recusavam a crer em Jesus, pois estavam arraigados às suas concepções religiosas; desta forma, estavam impedidos de renderem-se a fé cristã e tornarem-se seus discípulos.<sup>116</sup> Nicodemos, de certa forma, também foi confrontado quanto a seus conceitos religiosos em seu primeiro encontro com Jesus (Jo 3.1-21). Mas diferente do exemplo anterior, Nicodemos felizmente arcou com as custas do discipulado de Jesus neste aspecto, pois assumiu, com sua posterior admissão pública ao discipulado, o quanto estava equivocado a respeito do Reino de Deus. Não obstante, seu reconhecimento de equívoco quanto aos seus conceitos religiosos pode ser ressaltado em sua postura mansa diante dos questionamentos de Jesus naquela noite descrita em João 3.<sup>117</sup> Nicodemos, em sua postura, ensina o quanto um discípulo precisa se despir de seus pressupostos religiosos para seguir a Jesus como Ele quer ser seguido.

Mas o que deve encorajar o indivíduo a seguir este caminho de perda? A compreensão da preciosidade da salvação que foi garantida a partir do custo ao qual Deus pagou pelo resgate da humanidade – a vida de seu próprio Filho. Ele não achou que a vida de Cristo fosse demasiadamente cara para pagar à sua justiça pelo resgate da humanidade. Mas, pelo contrário, rendeu seu Filho em sacrifício por seres perdidos em pecado. Este preço, que foi pago da parte de Deus para garantir o resgate do ser humano pela graça divina, oferece agora o discipulado que custa ao ser humano a sua vida como um todo, através da renúncia do eu.<sup>118</sup> “Não é tolo quem dá o que não pode guardar, para ganhar o que não pode perder”.<sup>119</sup> Além do mais, aquele que se dispõe a vida discipular, pode ter a certeza de ainda outras boas recompensas da parte de seu Senhor, o que será abordado no próximo ponto.

## 5. RECOMPENSAS DO DISCIPULADO

Mas embora custoso ao ser humano, o discipulado de Cristo traz seus benefícios àqueles que a

<sup>110</sup> WIERSBE, 2006, vol. 1, p. 498-499.

<sup>111</sup> BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Tradução de Celso E. Fernandes. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 741.

<sup>112</sup> BRUCE, 2008, p. 1747.

<sup>113</sup> BRUCE, 2008, p. 1739-1740.

<sup>114</sup> BOOR, Werner de. **Evangelho de João 2: comentário esperança.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002, p. 114.

<sup>115</sup> BRUCE, Alexander B. **The training of the twelve.** 2.ed. Grand Rapids: Kregel, 2000, p. 414.

<sup>116</sup> ALLEN, 1983, vol. 9, p. 338-340.

<sup>117</sup> BOOR, 2002, p. 84-85.

<sup>118</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 10.

<sup>119</sup> JIM ELLIOT apud MACDONALD, 1981, p. 16.

ele se lançam.<sup>120</sup> Apesar de custar a vida por completo, ninguém que realmente entendeu o evangelho de Jesus seria capaz de renegá-lo, pois, através deste, o discípulo desfruta de vida sem igual com seu Senhor, pois o discipulado foi designado por Deus para dar ao ser humano a ajuda que este necessitava.<sup>121</sup> Este chamado ao discipulado é precioso, pois reflete a graça de Deus sendo derramada sobre simples seres humanos.<sup>122</sup>

Graça preciosa é a graça como santuário de Deus, que tem que ser preservado do mundo, não lançado aos cães; e por isso é graça como palavra viva, a Palavra de Deus que Ele próprio anuncia de acordo com seu beneplácito. Chega até nós como gracioso chamado ao discipulado de Jesus; vem como palavra de perdão ao espírito angustiado e ao coração esmagado. A graça é preciosa por obrigar o indivíduo a sujeitar-se ao jugo do discipulado de Jesus Cristo. As palavras de Jesus: “O meu jugo é suave e o meu fardo é leve” são expressões da graça.<sup>123</sup>

Lançar-se a vida discipular a Jesus Cristo garante grandiosas recompensas. Nesta caminhada, o discípulo prova junto ao seu Senhor de vida no seu sentido mais profundo e verdadeiro. Embora aquele que se agarra à sua vida, negando-se a renúncia, perdê-la-á; ao passo que aquele que por Cristo se renega, encontrará a vida verdadeira e mais: preservá-la-á para toda eternidade, conforme o texto de João 12.25.<sup>124</sup> Apesar de provar das dores e mazelas da vida discipular pelo Senhor Jesus e como este, o discípulo pode ter a certeza de que também participará da glória de seu Senhor, pois o Pai celestial garante tal glória àqueles que com seu Filho sofreram.<sup>125</sup>

Além do mais, a Palavra garante, em João 10.10, que aqueles que ouvem e atendem ao chamado do Supremo Pastor, encontram nele vida em abundância, vida em plenitude. Segundo Bruce, Jesus deseja o bem-estar dos seus, por isso os discípulos de Jesus podem estar certos de que o seu Mestre há de providenciar o que for mais adequado para que eles desfrutem de vida na qualidade de Deus, o que fora demonstrado no ato de dar sua vida pelos seus.<sup>126</sup> Barclay amplia tal explicação do referido verso, colocando a conotação que o termo grego *perisson* (περισσόν) traz. O teor deste termo expressa que Jesus concede aos seus discípulos um excedente nível de vida, em superabundância de qualidade. Argumenta ainda que, quando um indivíduo trata de viver sua própria vida por si, esta o é um pouco aborrecida, escura e vazia. Porém, quando este passa a caminhar junto a Jesus, reconhecendo sua presença em sua vida, esta enche-se de uma nova e significativa vitalidade, de uma superabundância de vida. Apenas quando o ser humano vive com Jesus é que a vida se converte em algo que vale a pena ser vivida, na qual passa-se de fato a vivê-la em todo o sentido do termo.<sup>127</sup>

Boor acrescenta que a vida que os discípulos de Jesus provam da parte de Deus é significativa e real. Como o Bom Pastor, Jesus não concede uma vida precária em qualidade a suas ovelhas, mas em abundância. Isso não se refere à prosperidade monetária, mas ao prazer de existir. Isso, por sua vez, apenas os discípulos de Jesus provam.<sup>128</sup> Neves ainda esclarece que pelo fato de o discípulo provar de vida eterna da parte de seu Senhor, esta não se resume apenas a vida futura, mas já se inicia no agora. A vida que Jesus promete aos seus é esta vida sem fim, sem limites de qualidade, mas rica e plena; vida esta que é abençoada no decorrer da caminhada discipular, enquanto se experimenta mais e mais do conhecimento do bondoso Mestre Jesus.<sup>129</sup> Nesta mesma interpretação, McKinley afirma que os

<sup>120</sup> HENRICHSEN, 2002, p. 27.

<sup>121</sup> HENRICHSEN, 2002, p. 27-29.

<sup>122</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 11.

<sup>123</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 11.

<sup>124</sup> MACDONALD, 1981, p. 62.

<sup>125</sup> BRUCE, 2008, p. 229.

<sup>126</sup> BRUCE, 1987, p. 196-197.

<sup>127</sup> BARCLAY, 2012, vol. 5, p. 340-341.

<sup>128</sup> BOOR, 2002, p. 247.

<sup>129</sup> NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de João: Através da Bíblia**. São Paulo: RTM, 2012, p. 181.

discípulos desfrutam de vida abundante e bênçãos eternas na presença de seu Mestre Jesus.<sup>130</sup>

Outra recompensa da vida discipular apontada pelo evangelista joanino encontra-se em João 16.27, que afirma o seguinte: “...pois o próprio Pai os ama, porquanto vocês me amaram e creram que eu vim de Deus”.<sup>131</sup> Em relação a este verso, Carson discorre:

O amor do Pai que está em questão nesses versículos dirige-se particularmente aos crentes. Assim como Jesus permanece no amor de seu Pai por ser obediente a ele (8.29; 15.10), e assim como os crentes permanecem no amor de Jesus por serem obedientes a ele (15.9-11), também esse círculo de amor é grande o bastante para incluir o próprio Pai: ele ama (*philei...*) os discípulos porque eles amam a Cristo e creem que ele veio de Deus (v. 27). A ideia, em suma, é uma extensão de 15.9-16.<sup>132</sup>

Esta é uma garantia dada pelo Mestre Jesus aos seus discípulos, àqueles que por amor a Cristo vivem em obediência ao seu querer. Jesus garante: o Pai os ama! Este amor é mantido não em favor dos méritos do discípulo, mas porque o Pai decidiu amar por sua infinita graça. Este amor não é uma mera resposta ao ato de amor daqueles que se esmeram em amar o Filho, mas é o amor que motiva toda e qualquer ação destes indivíduos, pois se ama o Filho porque o Pai o amou primeiro (1Jo 1.10). Além do mais, Jesus afirma que devido a este amor, todo discípulo tem acesso direto ao Pai, tendo a certeza de que por Ele é ouvido.<sup>133</sup>

Ademais, João aponta por meio do registro das palavras de Jesus, outra recompensa própria aos seus discípulos: a garantia da morada celestial junto ao seu Senhor. O seguinte texto exprime o desejo de Jesus de ter os seus seguidores junto a Ele e ao Pai nos céus:<sup>134</sup>

Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou.<sup>135</sup>

Além do texto apontado, outro verso demonstra este desejo da parte de Jesus em relação aos seus discípulos: “Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam a minha glória, a glória que me deste porque me amaste antes da criação do mundo”.<sup>136</sup>

Tais textos apontam que após uma longa jornada de vida discipular, aqueles que se submeteram a tal, poderão provar, da parte de seu Senhor, lugar na casa do Pai. Esta certeza os discípulos de Jesus podem guardar. Jesus assegurou isso aos seus primeiros discípulos, mas tal garantia é válida também a todos aqueles que atenderem ao seu chamado para segui-lo. Deus tem morada a todos os discípulos de Jesus e isso deve ser uma esperança viva e firme como uma âncora em seus corações. Embora possam morrer fisicamente, os seguidores de Jesus hão de provar da estadia eterna na morada celestial.<sup>137</sup>

Neste lugar, os discípulos de Jesus provarão e verão da glória de seu Senhor. Isso é um privilégio que estes experimentarão por toda a eternidade. Jesus ama seus discípulos e por isso deseja partilhar não apenas das custas da vida discipular com estes, mas dar-lhes a honra de partilharem de sua glória nos céus.<sup>138</sup>

MacDonald refere-se a essa tal esperança que o discípulo prova em relação aos céus, afirmando que a vida deste realmente pode se dizer que é espiritualmente satisfatória durante sua jornada terrena, pois será a mais recompensada na era que há de vir. Somente o discípulo de Cristo pode ser feliz neste

<sup>130</sup> MCKINLEY, 2011, p. 15.

<sup>131</sup> BÍBLIA NVI. João 16.27, 2000, p. 841.

<sup>132</sup> CARSON, 2007, p. 548.

<sup>133</sup> NEVES, 2012, p. 297.

<sup>134</sup> NEVES, 2012, p. 314.

<sup>135</sup> BÍBLIA NVI, João 14.1-4, 2000, p. 838.

<sup>136</sup> BÍBLIA NVI. João 17.24, 2000, p. 841.

<sup>137</sup> BOOR, 2002, p. 81-82.

<sup>138</sup> ALLEN, 1983, vol. 9, p. 400.

tempo e na eternidade, pela esperança que seu Senhor o provê.<sup>139</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandiosa responsabilidade é assumir a vida discipular de Jesus, pois tal condição requer comprometimento exclusivo em todos os âmbitos da vida do indivíduo que se dispõe a esta. Esta responsabilidade inicia-se já nos primeiros passos da jornada cristã, em que mediante um relacionamento pessoal com o Mestre, o aspirante ao discipulado compromete-se em viver segundo os passos de Jesus. Este processo deve ser progressivo, de forma que a vida do ser humano passa a refletir cada vez mais este engajamento com o Senhor; mas longe de ser este o reflexo de um esforço apenas em aspecto humano, é fruto do agir sobrenatural do Espírito Santo na vida do discípulo, após seu novo nascimento. Isso é o discipulado de Jesus.

Salienta-se, porém, que o discipulado envolve custas irrevogáveis, sendo que qualquer negação de algum aspecto destas, compromete a condição de discípulo de Jesus. Resume-se tais custas em uma expressão do Mestre Jesus: “Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna” (Jo 12.25). Entende-se que viver o discipulado de Jesus, requer morte para si, para viver segundo o querer do Senhor.

Mas embora a vida discipular de Jesus custe ao ser humano o empenho da vida como um todo, esta oferece inigualáveis recompensas, pois somente aquele que se torna discípulo de Jesus, mediante uma entrega real à vivência do Evangelho, desfruta da vida na abundante qualidade de Deus – nesta vida e por toda a eternidade. Para tanto, o discípulo goza da presença do Espírito Santo em sua vida, da certeza de sua salvação, do amor do Pai, do relacionamento com o Trino Deus, da resposta às suas orações, da paz sobre-humana, e por fim, de um lugar na casa do Pai, junto a Jesus!

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento**. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. Vol. 9. 432 p.
- ARAÚJO, Oliveira. **Plantação de igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1990. 99 p.
- BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Juan I. Barcelona: CLIE, 2012. Vol. 5. 304 p.
- BAUMANN, Igor Pohl. **Formação de discípulos**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2009. 70 p.
- BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras: o período intertestamentário e os evangelhos**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1985. 336 p.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**. Nova versão internacional. Santos: Bíblica, 2000. 992 p.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 208 p.
- BOOR, Werner de. **Evangelho de João 1: comentário esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 262 p.
- BOOR, Werner de. **Evangelho de João 2: comentário esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 216 p.
- BRISCOE, S. **Discipulado diário para pessoas comuns**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1992. 180 p.
- BROCK, Charles. **Boas novas para você**. Rio de Janeiro: JMN, 2004. 32 p.

---

<sup>139</sup> MACDONALD, 1981, p. 63.

- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução de Celso E. Fernandes. Santo André: Academia Cristã, 2011. 1792 p.
- BRUCE, Alexander B. **The training of the twelve**. 2.ed. Grand Rapids: Kregel, 2000. 534 p.
- BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2272 p.
- BRUCE, Frederick F. **João**: introdução e comentário. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987. 355 p.
- BUCKLAND, M. A. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Joaquim S. Figueiredo. São Paulo: Vida, 1999. 453 p.
- CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.
- CASTLEBERRY, Grant R. **The mandate of discipleship**. Disponível em <https://tabletalkmagazine.com/article/2018/06/the-mandate-of-discipleship/> Acesso em: 11 nov. 2020. n.p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Mileium, 1982. Vol. 2. 662 p.
- DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977. 625 p.
- GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tradução de Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993. 228 p.
- GONÇALVES, Douglas. **Jesus copy**: a revolução das cópias de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. 96 p.
- GRAHAM, Billy. **Discipulado**. Disponível em: <https://www.projetcamposbrancos.org.br/a-salvacao-e-de-graca-mas-o-discipulado-custa-tudo-o-que-temos-billy-graham/> [s.n.], [19-?]. Acesso em: 15 out. 2021. n.p.
- HENRICHSEN, Walter A. **Discípulos são feitos, não nascem prontos**. Belo Horizonte: Atos, 2002. 143 p.
- HODGES, Zanes C.; FARSTAD, Arthur. **Novo Testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. Tradução de Paulo Gomes e Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 984 p.
- KEENER, Craig S. **Comentário bíblico Atos**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 863 p.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek, Jussara Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001. 584 p.
- MACDONALD, William. **O manual do discípulo**. Tradução de Giuliana Andréa Niedhardt Capella Santos. Porto Alegre: Actual, 2012. 64 p.
- MACDONALD, Willian. **O discípulo verdadeiro**. 2.ed. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão, 1981. 54 p.
- MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2019. 79 p.
- MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando**: o significado, a extensão e o selo do discipulado. Ni-

terói: Concílio, 2017. 280 p.

MAZZACORATI, Israel G.; SAYÃO, Luiz Alberto; SOUZA, Itamir Neves de. **De volta à palavra: a vida e o ensino dos apóstolos João, Paulo e Pedro.** São Paulo: RTM, 2017. 153 p.

MCKINLEY, Mike. **Am i really a christian?** Illinois: Crossway, 2011. 189 p.

NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de João: Através da Bíblia.** São Paulo: RTM, 2012. 378 p.

ORTIZ, Juan Carlos. **Ser e fazer discípulos.** Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1979. 126 p.

PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe.** Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. 2050 p.

SANDERS, J. Oswald. **Discipulado espiritual.** Tradução de Elma Gomes Barreto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. 171 p.

SOLONCA, Paulo. **Manual do discípulo.** Florianópolis: Discípulo, 1998. Vol. 1. 160 p.

SWEETING, George. **Os primeiros passos na vida cristã.** 3.ed. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1987. 128 p.

UTLEY, Bob. **New Testament Survey: Matthew – Revelation.** Marshall: Bible Lessons International, 2000. 231 p.

VENAS, Odd Magnus. Discipulado: factores bíblico-teológicos del discipulado intercultural. Integralidad - **Revista digital del CEMAA.** Año 7, 15.ed. Disponível em: <http://www.cemaa.org/PDF/INTEGRALIDAD15.pdf> Lima: feb. 2014. 52 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill; WHITE Jr., William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento.** Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 1. 952 p.

WILLARD, D. **A grande omissão: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo.** Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. 214 p.

WILLIS Jr, Avery T. **Treinamento em discipulado.** Rio de Janeiro: JUERP, s.d. Vol. 1. 166 p.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*



## **ECLESIASTES: UMA MENSAGEM DE TEMOR A DEUS**

*Ecclesiastes: a message of fear of God*

Me. Silvio Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo oferece uma análise da mensagem de temor a Deus que está contida em *Eclesiastes*. Para tal proposta, é utilizado o caminho teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica, que utiliza os materiais já elaborados e sistematizados, como livros e artigos científicos. O texto de *Qohélet* é uma substancial apresentação da necessidade do ser humano em se render diante da magnificência do Pai celestial.

**Palavras-chave:** *Eclesiastes*. Deus. Adoração. Pregador. Ser humano.

### **ABSTRACT**

The article offers an analysis of the message of fear of God that is contained in *Ecclesiastes*. For such a proposal, the theoretical-methodological path of bibliographical research is used, which uses materials already elaborated and systematized, such as books and scientific articles. Qohélet's text is a substantial presentation of the human being's need to surrender before the magnificence of the heavenly Father.

**Keywords:** *Ecclesiastes*. God. Worship. Preacher. Human being.

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física e Teologia. Pós-graduado (*Lato Sensu*) em Docência no Ensino Superior e Teologia; e em Aconselhamento Pastoral. Mestrando em Teologia pela FABAPAR e Pastor da Primeira Igreja Batista em Várzea da Alegria. Email: silteledfisica@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia (Faculdades Batista do Paraná - Curitiba/PR) e em Pedagogia (UNIJUÍ- Ijuí/RS); Mestre e Doutora em Bíblia (Escola Superior de Teologia - São Leopoldo/RS); Pós-Doutorado em Exegese e Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Curitiba/PR). Professora da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS e Professora do Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná em Curitiba/PR. Editora responsável da Revista *Ensaios Teológicos* (ISBN: 2447-4878). Coordenadora do grupo de Pesquisa "Leitura e Interpretação de Textos Bíblicos". E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

## INTRODUÇÃO

O Eclesiastes é composto por uma mensagem de temor ao Senhor. O autor do livro diz que o texto são palavras do Pregador e escreve mostrando que teme a Deus por meio de suas palavras. Em seu relato alista princípios que conduzem o seu leitor e ouvinte a temer ao Senhor, isto é, a ter uma atitude de substancial respeito e abundante reverência ao Senhor. Neste artigo, inicialmente será analisada a perspectiva do Pregador que teme a Deus, em seguida, expor-se-á a vida do ser humano que exulta ao Senhor, e, por fim, será evidenciado como é enaltecido o único Deus Criador apresentado pelo *Qobélet*.<sup>3</sup>

### 1. UM PREGADOR QUE TEME A DEUS

Eclesiastes ou *Qobélet* (termo hebraico para Eclesiastes) é uma palavra do Pregador, ou seja, aquele que convoca uma assembleia, significa que ele seria o mestre ou algum orador expondo o seu conhecimento. *Qobélet* traz uma ideia de que o livro é escrito por alguém que prega para uma congregação, visto que a Septuaginta quando traduziu o *Qobélet* deu-lhe o nome de *Ekklesiastes* que traz um sentido de comunidade.

O Pregador<sup>4</sup> escreveu Eclesiastes dentro do contexto da literatura sapiencial, neste sentido o foco de seus escritos são as observações, experiências e aprendizados passados de geração em geração.<sup>5</sup> Por isso, percebe-se tanto uma robusta afinidade com os textos e temáticas de Jó, Salmos e Provérbios<sup>6</sup> quanto uma conexão que eles possuem no que diz respeito à exultação<sup>7</sup> ao Senhor. *Qobélet* aborda diversas questões da vida humana e as suas vicissitudes. Apresenta o ser humano como um ser finito e incapaz de explicar o Deus transcendente. O Senhor é inefável e digno de receber toda adoração. Para o autor de tal livro, homens e mulheres devem se achegar ao Pai celestial compreendendo que Ele é Santo. O escritor desse texto sagrado é um sábio Pregador que traz uma mensagem de exultação ao Criador (Ec 12.1-3) de todas as coisas e que impulsiona os seus leitores a desejarem estar rendidos diante da sabedoria do Altíssimo.

O *Qobélet* é uma pregação e pregar é uma exposição que deve ser baseada em Deus e ser exposta em conformidade com a contemporaneidade. De acordo com Neill, pregar é levar em consideração dois elementos, a saber: um inalterável, que é a Palavra de Deus e o outro, variável, que é o padrão das pessoas e das situações que mudam constantemente.<sup>8</sup>

O autor de *Qobélet* expõe ao seu público que uma vida que vale a pena ser vivida está associada ao temor ao Senhor, quando se encontra tanto na Casa de Deus quanto em ações basilares da vida, como comer, beber e trabalhar (Ec 2.24). O escritor chega a essa conclusão após muito observar as nuances da vida debaixo do sol. O Pregador verificou que todas as atitudes da vida devem reverenciar ao Pai celestial. Para Stott, a verdadeira adoração deve expressar tanto o que está no coração quanto ser acompanhada de uma vida dedicada à retidão solicitada por Deus.<sup>9</sup>

A mensagem do Pregador de Eclesiastes é uma exposição da vivência humana, de modo que

<sup>3</sup> *Qobélet* é a palavra hebraica traduzida de Pregador. Como guisa de exemplo, Líndez é um escritor que utiliza o termo *Qobélet* como sinônimo para o Eclesiastes. Ver mais sobre em: LINDEZ, J. V. **Sabedoria e sábios em Israel**. 3.ed. Tradução de José Benedito Alves. São Paulo: Loyola, 2014, p. 167.

<sup>4</sup> Este título é atribuído ao autor do texto de Eclesiastes.

<sup>5</sup> De acordo com Zuck, a denominação de sapiencial ocorre por conta da frequente ocorrência de palavras como *hokmah* (sabedoria) e *hakam* (sábio), e das abordagens no que tange tanto a sabedoria quanto o do viver sabiamente. Ver mais sobre em: ZUCK, R. B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 279.

<sup>6</sup> Há uma boa discussão entre os biblistas sobre quais livros devem ser considerados sapienciais. Ver mais sobre em: ZUCK, 2019, p. 279-281.

<sup>7</sup> De acordo com o Dicionário Strong, são sinônimos de exultação: alegria, gozo, louvor, adoração, júbilo, extremo prazer etc. Ver mais sobre em: STRONG, James. **Nueva concordância Strong exhaustiva de la Biblia**. São Paulo: SBB, 2002, p. 631-1979.

<sup>8</sup> NEIL, S. C. **On the ministry**. London: SCM Press, 1952, p. 74

<sup>9</sup> STOTT, John. **A igreja autêntica**. São Paulo: ABU, 2013, p. 43. Tal fato pode ser observado em 1 Samuel 15.22.

ele apresenta a vida sem superficialidades, e a retrata com as suas devidas profundidades. Essas o encaminham para uma total rendição a soberania divina, de maneira que ele passa a visualizar a vida e valorizar cada momento em que é possível adorar ao Senhor, inclusive naqueles instantes em que se está diante de injustiças não corrigidas aos olhos humanos e de enigmas que não podem ser explicados por aqueles que são finitos, ou mesmo nos prazeres considerados mais simples, como beber e comer (Ec 2.24), coisas básicas para a sobrevivência humana. Para o Pregador, mesmo que a vida esteja diante de situações inexplicáveis, como diante da maldade (Ec 3.16), Deus deve ser reverenciado, isso é o que mostra o autor ao usar a expressão *temer*<sup>10</sup>, no hebraico.

As palavras do escritor, inspiradas por Deus, são fruto de uma vida na qual tudo observou e concluiu que a exaltação a Deus deve envolver tudo na vida. O sábio Pregador é alguém que encontrou sentido para a sua vivência quando descobriu que o significado da vida era temer a Deus (Ec 3.14). Alguns ensinamentos realçados pelo Pregador, como temer a Deus e a incerteza do ser humano quanto à obra do Altíssimo possui proximidades no escrito. Assim, a vida e a mensagem do Pregador foram alinhadas, de modo que o seu conteúdo culminou em um texto sagrado, plenamente inspirado pelo Senhor. De acordo com Coelho Filho, o conteúdo de *Qobélet* é “o sentido da vida está em vivê-la na presença de Deus”.<sup>11</sup>

O autor ao escrever *Qobélet* está vivenciando um período maduro da sua vida, de maneira que experiências foram vivenciadas e conhecimento foi associado à prática do viver. O livro de *Qobélet* pode ser chamado tanto de *O Livro do Pregador* quanto de *O Livro do Professor*, uma vez que o seu texto aponta robustos ensinamentos que são provenientes de um exemplar mestre que é capaz de associar conhecimento a sabedoria. Essa, de acordo com o Pregador, resume-se a temer ao Senhor e, dessa forma, adorá-lo.

É notório que o Pregador não apenas possuía um vasto conhecimento como também era capaz de aplicá-lo, por ser um indivíduo dotado de relevante sabedoria. Como dito, há semelhança entre os escritos sapienciais, pois o sábio fazia seus registros baseado na observação e experiência. Se comparado, por exemplo com Provérbios há muitas semelhanças como nos diferentes temas que envolviam a vida e incentivavam temer ao Senhor (Pv 1.7; 3.5-7; 9.10; 16.20; Ec 12.13-14). Entretanto, apesar da semelhança com os escritos sapienciais, o realista *Qobélet* também apresentou diferença em relação a sabedoria tradicional dos demais autores dos livros Poéticos e Sapienciais. Sabe-se que cada um dos autores bíblicos tem suas particularidades, como por exemplo se comparado Provérbios com Eclesiastes, ou seja, enquanto em Provérbios pode-se observar ensinamentos bem objetivos em Eclesiastes há reflexões, embora também práticas são diferenciadas por mostrarem que tudo na vida é passageiro e vão. Neste sentido, parece que o *Qobélet* buscava encontrar significados para sua vida e não vivia de forma sistemática achando que todos os resultados de suas observações seriam iguais. Na verdade, toda literatura sapiencial é muito prática, mas cada autor destes livros tem sua forma de mostrar a vida no cotidiano e o autor de Eclesiastes mostrou a importância de reverenciar ao Criador.

O Pregador de Eclesiastes era um homem que se dedicava a observar tudo o que está debaixo do sol, a fim de se tornar sábio e ser capaz de explicar as particularidades do ser humano. Sim, ele era um bom observador e a realidade próxima ao ser humano (o que sucede sob o sol (1.13), era o foco de toda a sua atenção. Ele fez exageradas afirmações, dando a impressão de que não existia algo que não tivesse analisado pessoalmente, pois segundo ele “*tudo isso eu examinei com sabedoria...*” (7.23). Ele afirmou que aplicou seu coração para esquadrinhar e a informar-se com sabedoria de tudo quanto sucedia debaixo do céu (1.13) e, ainda, que viu todas as obras que se faziam debaixo do sol (1.14).

<sup>10</sup> No texto em hebraico (Ec 12.13) a expressão utilizada para temer é *yare* (יָרֵא) que entre outras coisas como *temer*, pode significar *ter medo* e *reverenciar*. Como diz Bowling: ‘Quando Deus é o objeto de temor, a ênfase novamente recai no respeito e reverência’ (In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 657).

<sup>11</sup> COELHO FILHO, I. G. **Eclesiastes: comentário pastoral da Bíblia King James atualizada**. São Paulo: Abba Press, 2013, p. 26.

Diante destas afirmações observa-se que ele era um pesquisador ávido que buscava conhecer e encontrar o sentido das realidades humanas. Ele era um sábio diferenciado, se comparado, por exemplo com os sábios amigos de Jó, que trouxeram suas conclusões da tradição<sup>12</sup> recebida e por isso não entendiam o que havia acontecido com Jó para além da teologia da retribuição. Mas ele, como sábio constatou a contradição entre o que se ensinava e o que acontecia: “*Isto eu sei: tudo vai bem para os que temem a Deus...*” (7.15; 8.12-14). Portanto, ele era alguém que fazia, de maneira diligente, uma análise minuciosa da realidade em que se encontrava e não aceitava respostas superficiais para situações complexas.

O texto sagrado de Eclesiastes confronta, de forma contundente, os graves problemas humanos, como a questão das frequentes injustiças que ocorreriam debaixo do sol. Além disso, o autor colocou em xeque as soluções que eram apresentadas tradicionalmente e não transformavam nem a realidade nem a consciência humana diante dos graves problemas que ocorriam, tanto na vida de justos quanto de injustos.

O autor do livro, de maneira constante, realçou a questão de uma sabedoria necessária ao ser humano. No entanto, segundo ele, tal busca era cansativa. O indivíduo que se dispõe a viver, de forma sábia, precisa se dedicar, de modo que passe a maior parte do seu tempo a pensar nas diferentes causalidades da vida e as implicações que elas trazem ao ser humano. Dedicar-se a alcançar a sabedoria em conformidade com as indicações divinas é uma forma de exultar ao Senhor, visto que ser sábio é algo relevante nas Escrituras Sagradas (Ec 9.13-18).

De fato, para que um indivíduo se torne sábio é primordial que ele dedique uma grande energia da sua vida em observações e análises. Mas, de acordo com o autor de Eclesiastes, ser sábio não apenas é necessário como também primordial para viver (Ec 7.19). Assim, torna-se necessário conhecer o que é a sabedoria. Zuck, apresenta algumas definições de sabedoria a partir de relevantes pensadores, a saber:

A definição clássica de Von Rad diz que sabedoria é ‘a essência da qual o homem precisa para uma vida apropriada’ e ‘o conhecimento prático das leis da vida e do mundo, baseado na experiência’. Já em 1933, Fichtner falou que a sabedoria é a busca do homem por um domínio de vida, uma busca que foi transmitida oralmente e por escrito na forma de admoestações. [...] Crenshaw propõe que sabedoria é ‘a busca por auto-entendimento em termos dos relacionamentos com as coisas, as pessoas e o Criador’. [...] Sabedoria, de acordo com Paterson, é uma capacidade; ser sábio é possuir a capacidade necessária para uma tarefa em particular. [...] O indivíduo é ‘bem-sucedido’ quando dirige a vida de acordo com os desígnios de Deus, os planos divinos para o mundo. Vendo a ordem moral de Deus, sentindo pela revelação divina o que Deus deseja e planeja para o gênero humano, somos desafiados pela literatura sapiencial a administrar a vida em linha com esses princípios estabelecidos pelo Criador.<sup>13</sup>

O autor de Eclesiastes aponta que uma vida sem Deus não possui significado. Para ele, o fundamento de uma existência relevante está em deixar que a sabedoria humana seja moldada a partir da sabedoria divina. Essa deve ser o alicerce para qualquer indivíduo sábio. De acordo com tal exposição, o erudito perceberá ao longo de sua vida que as suas experiências serão apenas futilidades e vacuidades e, assim, faz-se necessário basear a sua vivência em princípios designados pelo Senhor que cria, governa e controla todas as coisas neste Universo.<sup>14</sup> Desse modo, o *Qóbelet*, de maneira reverente, sintetiza a sua vida em proclamar uma mensagem de temor ao Eterno, visto que o seu intelecto está rendido diante da transcendência divina a qual ele não pode compreender e examinar, da forma que

<sup>12</sup> Ao citar a Tradição Oral, neste artigo, não se está menosprezando ou desvalorizando a mesma, mas apenas indicando que o autor de Eclesiastes ia além da Tradição Oral ou não se contentava apenas com tais ensinamentos, por isso suas conclusões foram diferenciadas.

<sup>13</sup> ZUCK, 2019, p. 283-285.

<sup>14</sup> As Escrituras Sagradas indicam que o relacionamento do ser humano com Deus segue o princípio do menor para o maior, respectivamente. Alguns exemplos são claros: em Eclesiastes 12.1, o homem é criatura do Criador; em Hebreus 3.6, o ser humano é a casa do Construtor; e em João 15.5, o indivíduo é o ramo da Videira. No entanto, o Pai celestial trata os seus como amigos e proporciona uma relação de proximidade e afetuosidade, como pode ser notado em Tiago 2.23.

faz com outras coisas da vida terrena. Conhecer Deus da mesma forma seria o mesmo que igualar-se a Deus, algo simplesmente é impossível. Assim, é preciso entender a atitude do *Qobélet*, pois ele sabe dos seus limites diante do mundo e de Deus soberano e acima de tudo entende a necessidade de temê-Lo.

## 2. O SER HUMANO QUE NECESSITA TEMER A DEUS

O *Qobélet* traz diversos ensinamentos ao indivíduo, bem como sobre o indivíduo. Esse é para ele um ser finito e criado por Deus, isto é, está sujeito à morte. O ser humano para o escritor deste livro é capaz de avaliar situações (Ec 2.11), observar o mundo (Ec 2.24), entender acontecimentos (Ec 2.14) e tirar conclusões necessárias (Ec 5.18). Além disso, o livro indica que o Altíssimo dotou o indivíduo com diversificadas emoções, como amor, ódio, alegria e tristeza.

O autor ainda deixa neste texto sagrado, um relevante princípio para o indivíduo lembrar-se: “tudo é vaidade”.<sup>15</sup> Em Eclesiastes, há uma repetição da ideia de que tudo é vaidade. Essa palavra é proveniente do vocábulo hebraico: *hebel*.<sup>16</sup> Tal termo é repetido trinta e oito vezes neste livro,<sup>17</sup> de modo que é um conceito relevante e necessário de ser entendido pelo ser humano temente a Deus. *Hebel* traz um sentido de algo similar a um sopro, vapor, efemeridade, algo sem sentido ou que não possui fundamento. Sobre as traduções que se pode ter de *hebel*, ressalta Filho:

Nossas traduções fizeram de *hebel* a palavra “vaidade”. Seu sentido é ‘sopro, vaidade, efêmero’ e pode significar ‘ídolo’. *Hebel* é o nome hebraico de Abel (Gn 4.2). No caso deste personagem, o nome alude à brevidade de sua vida, que foi como um sopro, sem deixar descendência ou marcas. Apesar de seu caráter insinuado em (Hb 11.4) e (1Jo 3.12), Abel não deixou marcas no mundo. Sua vida foi efêmera. Esta é a razão pela qual recebeu o seu nome. Isto nos ajuda a entender que *hebel* tem o sentido de algo efêmero, passageiro, instável.<sup>18</sup>

Para Ellul, o vocábulo *hebel* foi traduzido por vários séculos como vaidade, no entanto, nos últimos anos diversos estudiosos estão traduzindo com a ideia de *vapor*. Em *Qobélet*, a intencionalidade do autor é realçar o fato de que nem a vida e nem os fatos que ocorrem na vida possuem algum alicerce, ou seja, são como a sombra, a fumaça e o vapor, de forma que o ser humano que teme a Deus deve fundamentar a sua vivência em Deus, visto que tudo o que norteia a sua existência é algo passageiro que se esvai.<sup>19</sup>

De acordo com Kidner, o *hebel* é o que não se pode pegar com as mãos, como a rajada de um vento ou um assoprar de alguém. De fato, a vaidade descrita no *Qobélet* ensina o indivíduo que ele deve viver tendo em vista que a sua existência na Terra é passageira, que a vida é transitória, que algumas injustiças não serão corrigidas aos seus olhos e que há robustas coisas que são incognoscíveis e inexplicáveis.<sup>20</sup> Coelho Filho faz uma relação da vaidade apresentada pelo Eclesiastes com a vaidade dos dias contemporâneos:

O problema enfrentado por *Qobélet* nesta postura assumida é o mesmo de muita gente hoje: viver em função do momento, do efêmero, da plástica, da idade, e não de valores ou de um projeto extratemporal, que invada a eternidade. Um projeto de vida que se circunscreva ao aqui e agora, só a este mundo, trará um grande vazio. Nós temos necessidades espirituais e ignorá-las ou abafá-las com o barulho de festas, de risos, de

<sup>15</sup> Em Eclesiastes 1.2, o texto diz: “Vaidade de vaidades...”. Para Cook, esta repetição aponta uma intensidade proposta pelo autor do texto sagrado, sendo algo conhecido do idiomatismo hebraico. Assim, segundo o pensador, a expressão indica a vaidade no mais alto grau. Ver mais sobre em: COOK, F. C. **Bible Commentary on the Old Testament Proverbs-Ezekiel**. 13.ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1977, p. 91.

<sup>16</sup> Há outras transliterações deste vocábulo hebraico, como a de Isaltino Gomes Coelho Filho, que a translitera como *Heh’bel*. Neste artigo, está transliterado como *hebel*, pois esta está adequada à expressão bíblica no hebraico.

<sup>17</sup> Para Lindez, *hebel* é um termo muito representativo em Eclesiastes, visto que em sentido de comparação, das setenta e três vezes que este termo é citado no Antigo Testamento, trinta e oito está no *Qobélet*, isto é, mais da metade. Ver mais sobre em: LINDEZ, 2014, p. 174.

<sup>18</sup> COELHO FILHO, 2013, p. 21.

<sup>19</sup> ELLUL, Jacques. **Reason for Being – a meditation on Ecclesiastes**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 50.

<sup>20</sup> KIDNER, Derek. **A mensagem de Eclesiastes**. São Paulo: ABU, 1989, p. 10

música, a nada leva. Quando vejo tanta gente hoje ouvindo um tipo de música mais parecido com uma britadeira, em som altíssimo, pergunto-me se não será para abafar a voz da consciência que está gritando: “É correr atrás do vento!”. E quem corre atrás do vento nunca alcança, e sempre cansa.<sup>21</sup>

Para Eclesiastes, o indivíduo deve desfrutar das necessidades básicas da vida, como o beber, o comer e o trabalhar (Ec 2.24), pois desde as coisas mais simples as coisas mais complexas, todas elas são proporcionadas pelo Pai celestial. Tudo o que é bom e basilar que o indivíduo possa ter em sua existência são dádivas de Deus concedidas ao ser humano. O homem e a mulher que adoram a Deus devem viver para agradá-lo, de forma que as suas existências sejam uma reverência ao Senhor. Vale ressaltar que Deus presenteia o ser humano que o agrada, de modo que em Eclesiastes 2.26, registra-se que: “... Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada...”. Para Melo, Salomão indica que “a felicidade se encontra no ato de agradar a Deus”.<sup>22</sup>

O ser humano precisa, agradá-Lo sendo grato pela realização de qualquer coisa na vida diária, como o exercício do trabalho secular ou os afazeres da casa. Ademais, o indivíduo que exulta a Deus, é agradecido, também, por todas as percepções ao longo do dia, como o ouvir o canto dos pássaros ou ao lavar as mãos e perceber a água passando pelos seus dedos. Reconhecê-LO em todo o tempo é uma maneira de estar em contínua adoração ao Salvador. Destaca Piper:

Um modo de apreciar a presença e comunhão de Deus é por meio da percepção agradecida por sua capacidade de fazer qualquer trabalho, incluindo este trabalho, devido à graça dele. ‘Ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais’ (At 17.25). Todas as suas faculdades de visão, audição e tato, todas as suas habilidades motoras com as mãos e as pernas, todos os seus atos mentais de observar, organizar e acessar, todas suas capacidades que o fazem bom nesse serviço em particular – todas essas coisas são dádivas de Deus. Saber isso pode enchê-lo de um sentimento de gratidão contínua oferecido a Deus em oração. ‘Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu, de todo o coração, e glorificarei para sempre o teu nome’ (Sl 86.12). Por vezes a maravilha de saber quem é Deus nos invade enquanto trabalhamos e nós sussurraremos seu louvor: ‘Bendize, ó minha alma, ao Senhor! Senhor, Deus meu, como tu és magnífico’ (Sl 104.1). Quando você acrescenta a isso o reconhecimento de que depende de Deus para cada minuto futuro da vida e por todo o auxílio de que você precisa, sua gratidão transborda em fé para cada momento vindouro e para o restante do dia, semana, mês, ano e década.<sup>23</sup>

Em Eclesiastes 1.3, há uma pergunta crucial para o ser humano: “Que proveito<sup>24</sup> tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?”<sup>25</sup> É exposto no *Qobélet* um questionamento sobre qual seria o benefício para o ser humano de todo o somatório de suas atividades e empreendimentos pessoais. O escrito do autor do texto sagrado não está indicando o trabalho necessário ao sustento, mas sim o penoso e sofrido estado da totalidade dos substanciais afazeres do ser humano. Esta indagação faz parte do esboço do livro, de modo que ela aponta para a necessidade do indivíduo em se render em reverência ao Senhor.

Todas as ocupações do ser humano estão sob o controle de Deus, de maneira que nada que ele possa se encarregar de fazer poderá mudar os planos do Senhor (Ec 1.4-7). Para o *Qobélet*, Deus está no controle de todas as coisas e muitas delas o ser humano por mais sábio que seja não é capaz de explicá-las e deve considerar que muitas coisas dependem do tempo e do acaso. Pode-se verificar tal percepção em Eclesiastes 9.11: “Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o

<sup>21</sup> COELHO FILHO, 2013, p. 50.

<sup>22</sup> MELO, J. L. *Eclesiastes*: versículo por versículo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 12.

<sup>23</sup> PIPER, John. *Não jogue sua vida fora*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 103.

<sup>24</sup> Para Filho, a palavra proveito nesta pergunta traz o sentido de “qual é o dividendo, qual o lucro de nossa vida aqui?” Ver mais sobre em: COELHO FILHO, 2013, p. 31.

<sup>25</sup> Coelho Filho expõe que a expressão “dabaixo do sol” ocorre trinta vezes em Eclesiastes e possui um relevante significado. Para o pensador, o vocábulo indica o lugar que o homem vive e está em contraste com a esfera divina. Assim, segundo o teólogo “dabaixo do sol” quer dizer: “a esfera da vida criada e vivida pelo homem”. Ver mais sobre em: COELHO FILHO, 2013, p. 30.

favor; porém tudo depende do tempo e do acaso”.

Embora o *Qobélet* tanto exprimir uma determinada falta de ordem nos acontecimentos da vida quanto uma incapacidade de apontar explicações,<sup>26</sup> ressalta diversos princípios relevantes que trazem ordem e paz ao ser humano, como o de que as injustiças serão retificadas (Ec 3.17), que Deus recompensa aqueles que o agradam (Ec 2.26) e que a vida presenteada pelo Senhor é uma dádiva (Ec 2.24) e, portanto, deve ser desfrutada (Ec 3.12-13). Sobre a vida apontada pelo Eclesiastes, destaca Coelho Filho:

A vida é um dom de Deus e deve ser vivida de maneira adequada, não segundo os nossos padrões, mas segundo a revelação concedida por Deus. Ele julgará a todos nós, mesmo naquilo que mais oculto for. Assim *Qobélet* chega ao final. Os dois limites de seu livro devem ser considerados, analisando-se a trajetória literária que ele empreendeu. O ponto de partida, quando a razão está só: ‘Que grande ilusão! Que grande inutilidade! Nada faz sentido! diz o sábio’. (1.1). E o ponto de chegada, após a rendição à fé: ‘Agora que já se disse tudo, eis aqui a conclusão a que chegamos: ama reverentemente a Deus e obedece aos seus mandamentos; porquanto foi para isso que fomos criados’ (12.13).<sup>27</sup>

Certo é que o indivíduo que teme a Deus é capaz de gozar do que tem, e da mesma maneira, reconhecer Deus em tudo o que possui, visto que tudo o que pode desfrutar é dom concedido pelo Senhor. Para o autor de Eclesiastes, o ser humano que aprender a temer a Deus saberá que a vida deve ser mais que ter coisas. Além disso, fica claro na forma de exposição que o indivíduo não encontrará sentido na vida por meio do poder, fama, trabalho, prazeres, e empreendimento materiais. O *Qobélet* indica que o sentido da vida humana está em temer a Deus. Não um temor que apenas nutre sentimentos, mas que adota uma significativa postura tanto de respeito quanto de reverência.

De acordo com Wiersbe, Salomão ao refletir sobre a vida na perspectiva que está “debaixo do sol” não chega a nenhuma ordem, no entanto, quando examina a existência a partir do ponto de vista de Deus, encontra fundamentos, assim tudo se junta e se constitui em completude.<sup>28</sup> Para o Pregador ou para o autor de Eclesiastes, o indivíduo que exulta a Deus tem a sua vida sintetizada em temer a Deus. Para Lindez, o Pregador indica que temer a Deus é uma atitude mais pessoal e sincera do homem e da mulher diante de Deus, revelando um respeito absoluto e fundamentado na convicção da grandeza do Senhor.<sup>29</sup>

O indivíduo que teme ao Senhor é aquele que apresenta toda a sua vida em rendição ao Deus transcendente. O ser humano que teme a Deus é aquele que o reverencia em todo o tempo, ou seja, exulta ao Pai celestial em sua vida cotidiana, relacionamentos, pensamentos, trabalhos, objetivos e sonhos. Desse modo, para este indivíduo estar com Ele é o bem mais precioso da sua vida, de forma que a sua vida anseia oferecer júbilos ao Senhor em todo o tempo de sua existência.

### **3. O DEUS QUE É LEMBRADO, NÃO PRECISA SER EXPLICADO, MAS TEMIDO**

O Senhor é exultado e lembrado em Eclesiastes, de maneira que este livro o apresenta como o Deus criador (Ec 12.1) e neste sentido pode-se imaginar que o autor via Deus como o criador de todas as coisas, senhor da natureza, senhor do tempo (Ec 3.1-8), infinito, insondável ao raciocínio humano (Ec 11.5) e digno de receber adoração em todo o tempo. Para o escritor e Pregador, Deus está nos céus (Ec 5.2), faz todas as coisas (Ec 11.5), sendo assim, entende-se que ele compreendia que de Deus

<sup>26</sup> Para Zuck, superficialmente o Eclesiastes traz uma aparência de desespero secularista, pois traz refrões repetidos, como ‘tudo é vaidade’, ‘também isso é vaidade, aflição de espírito’, e ‘debaixo do sol’. No entanto, o pensador indica que isso fica somente na frivolidade do livro, visto que este texto sagrado incentiva o homem a agradar a Deus, a temer a Deus e a lembrar-se dEle. Ver mais sobre em: ZUCK, 2019, p. 318-319.

<sup>27</sup> COELHO FILHO, 2013, p. 193.

<sup>28</sup> WIERSBE, Warren. **Comentário Bíblico Expositivo - Antigo Testamento: Poéticos**. 3.ed. Santo André: Geográfica, 2008, p. 511.

<sup>29</sup> LINDEZ, 2014, p. 221.

também é o governo e controle de tudo, ainda que, o indivíduo não entenda toda a gestão criacional divina.

Há no *Qobélet* uma pregação que expõe um Deus digno de total respeito e contemplação. O escrito neste texto sagrado guia o seu leitor a exaltar o Soberano. Para Kauflin, a exaltação a Deus ocorre por meio do coração, dos pensamentos, do amor, da fé, da gratidão, do anseio, das ações, da obediência voluntária, do louvor específico, do falar virtuoso, do serviço motivado pela graça e pelo testemunho fiel.<sup>30</sup>

A pregação contida em Eclesiastes conduz o ser humano a adorar a Deus com cada princípio apresentado, com cada constatação demonstrada, com cada reconhecimento de finitude humana e com cada exultação diante da transcendência e imanência do Criador. O Deus digno de ser reverenciado é o Criador, de modo que a sua ordem verbal trouxe a realidade tanto os céus quanto a terra, guiou a separação do mar e da terra seca e arquitetou as fundações da Terra. Ademais, formou a coroa de sua criação: o homem e a mulher, designando-os como gerenciadores da Terra. Quanto à criação, Zuck destaca que o trabalho do Senhor na criação é evidência da sua glória e, assim, toda a criação é convocada a adorá-lo.<sup>31</sup>

Para o Eclesiastes, somente o Deus merece aclamação de toda a humanidade. Ele é soberano sobre toda a criação. *Qobélet* o aclama quando indica que Ele é Senhor do tempo, da natureza, da vida e da morte. O Rei universal é quem sustenta e governa todas as coisas que estão debaixo do sol e fora dele. Para Zuck, “no papel de Rei universal, Deus assegura a ordem e a justiça no mundo e entre o seu povo, exibindo o poder de guerreiro invencível. A resposta apropriada para este Rei soberano é confiança e louvor”.<sup>32</sup>

O *Qobélet* não visa provar a existência de Deus. Antes, possui o objetivo de apontar a pessoa do Senhor, de forma que apresenta os planos, palavras e obras do Criador eterno. Para ele, a partir das observações que ele havia feito, a existência de Deus era um fato. Somente o Todo-Poderoso poderia ser o construtor dessa obra. No que tange a criação e seu Criador, ressalta Lourenço:

Pelo fato de Deus ser sábio (ICo 1.25), todas as obras das suas mãos demonstram sinais de extrema sabedoria, especialmente os seres vivos, devido a complexidade de cada um deles (Sl 104.24). Isto explica o *desing* inteligente encontrado na natureza pela biologia. Pelo fato de Deus possuir glória e majestade (Sl 96.6), o universo reflete essa glória e majestade (Sl 8.1; Sl 19.1). Isto explica a enorme beleza encontrada no universo pela astronomia. Pelo fato de Deus possuir força e poder (Is 40.25-26), todo o universo reflete uma sustentabilidade dos processos complexos e poderosos de troca e produção de energia encontrados pela física, astrofísica, química e biologia, na natureza.<sup>33</sup>

O escritor de Eclesiastes não estava imbuído em provar que Deus era o Criador, pois para o Pregador, Ele é. O Redentor em sua infinita grandiosidade revela-se a ele. O *Qobélet* enfatiza que o indispensável para a vida do indivíduo é temer ao Revelado, o qual de maneira insondável, revela-se ao ser humano. Tal ação deve ser reverenciada, de forma que o indivíduo a recebe como uma dádiva e uma possibilidade de seguir em conhecer o indescritível Senhor.

Para Ankerberg e Weldon, o discípulo do Senhor não pode ter uma visão errada do tópico das origens. As boas-novas é que existe a possibilidade do ser humano conhecer o Deus criador por meio de Cristo (Jo 1.1-3).<sup>34</sup> O livro de Eclesiastes expõe a inescrutabilidade do Altíssimo (Ec 3.11), a sua

<sup>30</sup> KAUFILIN, Bob. **Verdadeiros adoradores**: buscando o que Deus valoriza. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 55-68.

<sup>31</sup> ZUCK, 2019, p.231.

<sup>32</sup> ZUCK, 2019, p. 228.

<sup>33</sup> LOURENÇO, A. J. B. **A Igreja e o Criacionismo**. São Paulo: Fiel, 2018, p. 48-49.

<sup>34</sup> ANKERBERG, J.; WELDON, J. **Os fatos sobre Criação e Evolução**. 2.ed. Tradução de Neyd Siqueira. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1999, p. 71. Jesus é o Deus que se dá a conhecer e revela-se ao ser humano, de maneira que Ele demonstra ser o Deus Criador e que redimirá a sua criação. Quanto ao ensino desse fato, há uma boa discussão sobre as instruções de Cristo e o direcionamento dos discípulos a proclamar tais ensinamentos em: ZULUAGA, D. A. B. Una



gloriosa bondade e a sua santidade (Ec 5.1). Deus, apesar de sua capacidade inesgotável e infinitude, aproxima-se do ser humano para a comunhão e isso resulta em uma contínua vontade humana de encontrar o seu Criador, adorá-LO e amá-LO.

À medida que o ser humano conhece a Deus, quanto mais percebe a impossibilidade de apreendê-LO em completude, tal fato o conduz a exultação, pois reconhece que está diante de um mistério, não no sentido de uma limitação de conhecimento, mas na perspectiva de que está diante do ilimitado conhecimento. Para o *Qobélet*, Deus não é totalmente conhecido, mas também não é um mistério desconhecido, pois em parte é possível reconhecê-lo, nas coisas criadas e nos acontecimentos por ele analisados e é isso que encanta, deslumbra e atrai o ser humano de maneira incessante. Esse conhecer ocorre quando o Pregador contempla o nascer e o pôr-do-sol (Ec 1.5), a movimentação dos ventos (Ec 1.6), da ciclicidade dos rios, do volume do mar e da evaporação das águas (Ec 1.7), e o fôlego da vida no ser humano e nos animais (Ec 3.19-21). Certamente que para ele o fôlego da existência tanto dos seres humanos quanto dos animais estava no controle do seu Criador.

Mckenzie, no que tange a governabilidade do Senhor sobre a criação, assim assevera:

É Iahweh quem comanda os astros do céu, chamando-os todos pelo nome (Is 40.26). Não apenas em sua criação primeira, mas também em sua aparição cotidiana, as fileiras celestes são guiadas por Iahweh (Is 45.12), que as chama e elas se apresentam (Is 48.13). É Iahweh quem faz a aurora e o crepúsculo, que transforma a noite em dia e o dia em noite (Am 4.13; 5.8). Iahweh mede a água na cavidade de sua mão (Is 40.12). É Ele que mantém a vida que deu, quem dá vida aos homens da terra e espírito aos que caminham sobre a terra (Is 42.5). É Iahweh que dá a primavera aos animais selvagens nos vales, os pastos ao rebanho e a forragem ao gado. Os animais esperam de Iahweh que lhes dê o alimento no tempo devido. Quando Iahweh suspende seu sopro, os animais morrem; quando insufla o seu sopro, os animais são criados. Assim, Iahweh renova constantemente a face da terra.<sup>35</sup>

*Qobélet* visa realçar que toda a criação está sujeita a força do tempo e de suas mudanças. Não há nada que o indivíduo possa fazer para alterar esta constatação, pois elas são superiores e incontrolláveis por ele, mas Deus é quem rege o tempo de nascer, morrer, plantar, arrancar o que se plantou, matar, curar e outros. Assim, ao ser humano cabe observar tal regência, render-se a sabedoria divina e adorar ao Soberano regente.<sup>36</sup>

O Pregador desperta o seu público para uma atitude de reconhecimento de quem é Deus e, assim, viverem, de forma que o tempo de suas existências seja dedicado a oferecer toda honra e glória a Ele. Diante do Criador, afogam-se as palavras, perdem-se as referências finitas e desordenam as intelecções. De fato, perante o Deus soberano o sábio deve temer e guardar os seus mandamentos. Em síntese, no *Qobélet*, Deus é o único digno de toda a reverência e ainda que não seja totalmente compreendido deve ser temido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mensagem contida no *Qobélet* é de temor ao Senhor.<sup>37</sup> O Pregador expõe a majestade do Altíssimo e impele o seu público a conduzir a sua existência em verdadeira exultação ao Pai celestial.

---

lectura del Evangelio de Juan en clave de discipulado. **Kenosis**. Rionegro-Colombia, v.2, n.3, julio-diciembre/ 2014, p. 88-102, p. 88-102.

<sup>35</sup> MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. Tradução de Álvaro Cunha, et al. São Paulo: Paulus, 1984, p. 181.

<sup>36</sup> Essa constatação indicada em *Eclesiastes* não retira do indivíduo a responsabilidade de cuidar da criação divina, como amar o próximo e praticar ações em prol da natureza criada por Deus.

<sup>37</sup> Ellul, em *Reason for being – a meditation on Ecclesiastes*, divide quem ousa escrever algo sobre *Eclesiastes* em grandes vaidosos ou grandes temerários. Nesse sentido, a parte dos temerários são aqueles que ousam refletir sobre o *Qobélet* com o alicerce na conclusão do livro: “De tudo o que se ouviu, a conclusão é esta: tema a Deus e guarde os seus mandamentos, porque isto é o dever de cada pessoa” (Ec 12.13). Ver mais sobre em: ELLUL, 1990. Sobre este artigo, vale ressaltar que é fruto de uma análise específica de *Eclesiastes* no que diz respeito a sua mensagem de adoração a Deus e, assim, não encerra as discussões sobre o texto, antes acrescenta mais uma pesquisa sobre esse profundo livro tendo como ponto de partida o temor ao Senhor.

Segundo o Eclesiastes, o ser humano deve reconhecer a Deus como o Criador e Senhor sobre todas as coisas e, assim, render-se a sua amorosa soberania, temê-lo e guardar os seus mandamentos. Para o *Qobélet*, Deus é indescritível, inapreensível, inefável e o único digno de receber toda a adoração.

Para o *Qobélet* existem coisas que não serão compreendidas no aspecto transcendente, e assim ele ensina que é necessário, reconhecimento dos limites humanos diante do mundo e de Deus. Certo é que o ser humano quer ter tudo sob seu domínio, mas isso diante de um Deus tão grandioso não é possível. Ainda assim, o Pregador não entra em pânico, nem mesmo diante das dúvidas encontradas ou da finitude do ser humano, pois ele consegue entender que a vida tem seus encantos, por isso ele convida **os seus ouvintes a saber desfrutá-los** (3.12s; 3.22; 5.17; 8.15 e 9.7-9) os sentidos da vida, e até isso é dom de Deus (2.24; 3.12-13).

Todas as coisas básicas e simples que são acessíveis ao ser humano, como: comer, beber, trabalhar podem trazer momentos de felicidade. Entretanto, necessário é ter ciência que Deus é a fonte de todas as coisas e de todas as alegrias da vida, pequenas e grandes.

Além disso, Deus deve ser respeitado, isso é algo de suma importância e precisa ser feito conscientemente e com o todo respeito (5.2), pois para Qôhelet aproximar-se de Deus é mais importante que sacrifício. O versículo 5.6b, que diz “Tu, em troca, teme a Deus”, evidencia todo respeito que ele tinha a Deus, bem como que ele entendeu a grandeza de Deus a pequenez do ser humano, por isso Deus deve ser reverenciado e temido.

## REFERÊNCIAS

ANKERBERG, J.; WELDON, J. **Os fatos sobre Criação e Evolução**. 2.ed. Tradução de Neyd Siqueira. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2.ed. Almeida Revista e atualizada. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

COELHO FILHO, I. G. **Eclesiastes: comentário pastoral da Bíblia King James atualizada**. São Paulo: Abba Press, 2013.

COOK, F. C. **Bible Commentary on the Old Testament Proverbs-Ezekiel**. 13.ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1977.

ELLUL, Jacques. **Reason for Being – a meditation on Ecclesiastes**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

HARRIS, R. L.; ARCHER Jr, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KAUFLIN, Bob. **Verdadeiros adoradores: buscando o que Deus valoriza**. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KIDNER, Derek. **A mensagem de Eclesiastes**. São Paulo: ABU, 1989.

LINDEZ, J. V. **Sabedoria e sábios em Israel**. 3.ed. Tradução de José Benedito Alves. São Paulo: Loyola, 2014.

LOURENÇO, A. J. B. **A Igreja e o Criacionismo**. São Paulo: Fiel, 2018.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. Tradução de Álvaro Cunha, et al. São Paulo: Paulus, 1984.

MELO, J. L. **Eclesiastes: versículo por versículo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

NEIL, S. C. **On the ministry**. London: SCM Press, 1952.

PIPER, John. **Não jogue sua vida fora**. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

STOTT, John. **A igreja autêntica**. São Paulo: ABU, 2013.

STRONG, James. **Nueva concordância Strong exhaustiva de la Biblia**. São Paulo: SBB, 2002.

WIERSBE, Warren. **Comentário Bíblico Expositivo - Antigo Testamento: Poéticos**. 3.ed. Santo André: Geográfica, 2008.

ZUCK, R. B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

ZULUAGA, D. A. B. Una lectura del Evangelio de Juan en clave de discipulado. **Kenosis**. Rionegro-Colombia, v.2, n.3, julio-diciembre/ 2014, p. 88-102.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **EL PASTOR Y LA FILOSOFÍA**

*The pastor and the philosophy*

Dr. Juan C. de la Cruz<sup>1</sup>

### **RESUMEN**

Este artículo trata de la necesidad que tiene un pastor en el mundo actual de entender la filosofía y su *modus operandi* hoy. Así los líderes cristianos no deben perder de vista el poder de la filosofía en moldear el pensamiento, y, por ende, las culturas de las masas; pues aunque los aportes de los “filósofos” griegos siguen siendo el motor de las ciencias naturales modernas, que en un sentido es algo muy beneficioso; no obstante, sobre los múltiples aportes de muchos en la historia al arsenal filosófico, la propuesta de Einstein del relativismo científico e ideológico marca la tendencia tanto de la modernidad y la pos-modernidad. Y es ese relativismo ideológico que da paso a ideas tan locas como las de “dios ha muerto” de Nietzsche, e incluso a las vulgares “ideologías” de Butler. Y no fue sino el apartarse de estos debates y abandonar la palestra pública y las academias por parte de los cristianos conservadores que dejó las puertas abiertas a los estragos perpetrados por los seculares en todos los frentes. El ministro de el Señor no debe darse el lujo de ignorar ni la historia de la filosofía, ni sus métodos; debe evitar la trampa del saber como un fin en sí mismo. El ministro del evangelio debe buscar y animar siervo de Cristo a buscar la gloria de Dios en todo el que hacer de la vida del cristiano desde la cuna hasta la tumba. El teólogo, por su parte, y por tanto el exégeta bíblico y el hombre de púlpito, deben evitar la trampa de santificar a Platón, Aristóteles y Kant, mismo que desvelarse por Atenas en desprecio de Jerusalén. Es menester que el teólogo cristiano procure saber, pero siendo un divinista y un biblicista, sacando su método de la Escritura, en vez de empañar la verdad con las sutiles mentiras filosóficas. Su mente debe procurar estar nutrida, no de cultura general y del método filosófico en sí, sino de la Palabra; debe enseñar y predicar la Palabra; debe buscar el agrado de Dios y el bien de las almas.

<sup>1</sup> Juan C. de la Cruz (IQ / UASD, MS / UASD, BA/STEBD, ThM / SBS, MA / SEBTS, PhD pelo SBS). Pastor principal en la Iglesia Bautista Nueva Jerusalén, Bonaio, Republica Dominicana (@ibnjrd). Director del *Southern Baptist School for Biblical Studies*, en República Dominicana ([www.sbs-edu.org](http://www.sbs-edu.org)). E-mail: [jcanabel@gmail.com](mailto:jcanabel@gmail.com)

El ministro debe honrar su llamado, a saber, predicar y enseñar todo el Consejo de Dios. En su equilibrio, el hombre de púlpito debe hacer todo tipo de esfuerzo para no dejar que el método de su oficio permee el método bíblico y su fin. Su saber debe ser profuso, pero para procurar honrar el método Divino. Su abundante sapiencia debe ser para que al tener la mente de Cristo, evite cualquier mixtura perniciosa entre biblicismo y cientificismo, teología y filosofía, fe y razón, ideología y piedad.

**Palabras-clave:** Filosofía. Filósofo. Cientificismo. Método. Saber. Fin en sí mismo. Teólogo.

## **ASBTRACT**

This article deals with the need for a pastor in today's world to understand philosophy and its modus operandi today. Thus, Christian leaders must not lose sight of the power of philosophy in shaping the thinking, and therefore, the cultures of the masses; because although the contributions of the Greek "philosophers" continue to be the motor of modern natural sciences, which in a sense is something very beneficial; However, over the multiple contributions of many in history to the philosophical arsenal, Einstein's proposal of scientific and ideological relativism marks the trend of both modernity and post-modernity. And it is this ideological relativism that gives way to ideas as crazy as Nietzsche's "god is dead", and even Butler's vulgar "ideologies". And it was only the withdrawal of these debates and the abandonment of the public arena and the academies by conservative Christians that left the doors open to the havoc wreaked by seculars on all fronts. The minister of the Lord should not allow himself the luxury of ignoring the history of philosophy, nor its methods; on the contrary, he must avoid the trap of knowing as an end in itself. The minister of the gospel must seek and encourage the servant of Christ to seek the glory of God in all that is done in the Christian's life from the cradle to the grave. The theologian, for his part, and therefore the biblical exegete and pulpit man, must avoid the trap of sanctifying Plato, Aristotle and Kant, even as he reveals himself to Athens in contempt for Jerusalem. It is necessary that the Christian theologian seeks to know, but being a divine and a biblicist, drawing his method from Scripture, instead of clouding the truth with subtle philosophical lies. His mind must seek to be nourished, not by general knowledge and the philosophical method itself, but by the Word; he must teach and preach the Word; must seek the pleasure of God and the good of souls. The minister must honor his calling, namely, to preach and teach the whole Council of God. In his balance, the man in the pulpit must make every effort not to let the method of his trade permeate the biblical method and his end. Your knowledge must be profuse, but to try to honor the Divine method. His abundant wisdom must be so that by having the mind of Christ, he avoids any pernicious mixture between Biblicism and scientism, theology and philosophy, faith and reason, ideology and piety.

**Keywords:** Philosophy. Philosopher. scientism. Method. Know. End in itself. Theologian.

## **INTRODUCCIÓN**

Para abordar este tema es menester definir a que nos referimos con "filosofía". Esta terminología ha tomado diversos significados en el tiempo, y nuestros días no son la excepción. Por ejemplo, en los días cuando floreció la disciplina filosófica, en la antigua Grecia especialmente, un filósofo era

prácticamente un científico. De hecho, las disciplinas científicas naturales “física” y las “matemáticas” con sus variantes, fueron ampliamente desarrolladas por los egipcios y los griegos.

Por definición y epistemología el término “filosofía” significa “amor al saber”, por lo que un filósofo es quien ama el saber. Pero este significado epistemológico no necesariamente hace justicia a la implicación del término, y mucho menos en nuestros días.

Creo que se hace justicia al término si decimos que la filosofía hoy es ‘*el tratado de las ideas revolucionarias*’. Ejemplo de esto es *Stephen Hawking* y sus famosos postulados científicistas, como “la teoría de los agujeros negros”. De hecho, Hawking<sup>2</sup> es un físico teórico (cosmólogo de Oxford y Cambridge), igual que lo fueron Einstein y Oppenheimer. En sus días lo fue también Aristóteles. Su *Órganon* (tratado de lógica), su *Física*, su *Biología* y su *Metafísica* dan fe de ello.

Mi amigo, hermano, mentor y pastor Otto Sánchez suele decir que “los filósofos de hoy son mayormente los cantantes populares”. Su tesis viene al caso en virtud de que ese renglón de las artes dirige muchos de los cambios sociales que sufre nuestro mundo. Por ejemplo: Los *rockeros* crearon toda una escuela de pensamiento en el mundo.

Pero hagamos un análisis del significado de la filosofía como tal, para entrar al rol que esta ha jugado en la historia de la teología y del magisterio de la iglesia.

Para los gurús Platón y Aristóteles, si bien invirtieron sus métodos de llegar a la “verdad” y al conocimiento, sus ideales eran semejantes. Según el segundo, el propósito individual de la filosofía era el “*areté*”, y su fin colectivo la “política”. Toda la procura del hombre debe ser, entonces, encontrar la felicidad (*areté*).

En la época más cercana a Cristo, la filosofía debatía mucho la manera de alcanzar ese ideal de la felicidad. Se volcaron mucho a los asuntos morales, aunque estos no escapaban de Sócrates, Platón y Aristóteles. De hecho, la ética y moral de aquellos padres de la filosofía griega es muy cuestionable, si bien establecieron dicha disciplina (la ética). Platón escribió que su maestro era homosexual, y él, aparentemente, no escondió sus afecciones homosexuales tampoco; pero son los padres de la “ética” y la “filosofía” griega.

En tal onda, siempre ha habido animadversión o admiración por la filosofía griega entre los creyentes. Por ejemplo, Berkhof nos relata que: “Taciano no veía nada bueno en la filosofía griega; mientras que Justino decía que la verdad que había en la filosofía griega se debía atribuir al Logos”.<sup>3</sup>

## 1. CÓMO LUCE UN VERDADERO FILÓSOFO HOY

Sin un correcto entendimiento de la filosofía como tal, nuestras mentes se quedarán contemplando en Sócrates, Platón, Aristóteles, y tal vez a Parménides, Arquímedes y Spinoza. Pero no debemos perder de vista el poder de la filosofía en moldear el pensamiento, y, por ende, las culturas de las masas. Todas las corrientes principales de la vida cotidiana, y en todos los tiempos, ha habido filósofos.

Por ejemplo, aunque por historia conocemos a Aristóteles como filósofo, y lo fue, si hubiera existido entre nosotros (en cualquier cultura post-renacentista), le llamaríamos ‘un gran científico’. De hecho, no sólo desarrolló la física y la metafísica con sus métodos, sino que desde los días de Tomás de Aquino, en el siglo XIII, el aristotelismo impera en el método teológico igualmente. Platón y Aristóteles son los padres de los métodos de investigación científica y filosófica “inductivo/deductivo”, que son métodos contrarios en la manera como se acercan a los fenómenos y la data existente para llegar a conclusiones. La investigación científica moderna, que es el ala de la filosofía antigua que impera en reputación, aun hoy utiliza los métodos de Platón y Aristóteles. Y la física y las matemáticas de Aristóteles, junto con los postulados de Arquímedes y la escuela atomista, persisten casi intactos hasta

<sup>2</sup> Consultar: <http://www.astromia.com/biografias/hawking.htm>

<sup>3</sup> BERKHOF, Louis. *Historia de las Doctrinas Cristianas*. Barcelona: El Estandarte de la Verdad, 1995, p. 73.

hoy en las ciencias. La física y la mecánica newtonianas no tiene mucho más que lo que crearon los griegos, salvo en el cálculo infinitesimal e integral que desarrollaron los persas y que Newton patentizó como suyos en sus días.

Los filósofos modernos occidentales, Baruch Spinoza, Leibniz, René Descartes, Emanuel Kant, David Hume, y Albert Einstein fueron mayormente científicos. De hecho, Spinoza disertó sobre los números y sobre física astronómica, tanto como sobre la ética y la filosofía. Kant desempolvó el método filosófico y científico moderno con su “Método Crítico”, al cual se llega con una serie de “Tesis/Antítesis” (lidiando con razones y contradicciones hasta ajustarse en una idea satisfactoria). Pero en el fondo eso corresponde a los métodos de Platón y Aristóteles combinados. En realidad, Kant es el padre del pensamiento moderno con su “ilustración”. En su “Crítica de la Razón Pura”, Kant antropologizó la teología Teocéntrica que hasta entonces imperaba, gracias a su concepción y postulado de la “autonomía de la razón”. En sus esquemas, Dios queda relegado a una comprensión fenomenológica de “causa y efecto”, encerrado en el cosmos cerrado y mecánico, donde tal vez exista una pequeña brecha para que Dios escape del mundo enclaustrado de los fenómenos, que no da lugar a los obrenatural. Se desató desde entonces, especialmente en las academias de Alemania, Inglaterra, Francia y zonas aledañas, una cacería de brujas contra “la revelación divina”, “la soberanía de Dios” y la, según ellos, “mitológica” necesidad de la “gracia divina” para salvar al hombre. Posterior y consecuentemente surgieron las escuelas críticas hasta llegar a las descaradas propuestas de Bultmann, en su “desmitologización”.

Todo el caldo de cultivo del kantianismo estaba suficientemente maduro para que dentro del humanismo surgieran hombre como Augusto Comte y su ‘culto al hombre’, Charles Lyel y su arqueología materialista, Charles Darwin y su “origen de las especies”, fuera de todo concepto de Dios. Karl Marx y su propuesta, junto con Engels, del “Materialismo Dialéctico”. Entre los otros grandes esfuerzos de Marx se encuentran “Capitalismo, crítica de la economía política”, “el Manifiesto Comunista”, entre otros, que marcaron un hito en la historia de la filosofía moderna, estableciendo, incluso, disciplinas como “Economía” y “Sociología”. Cerrando el tumultuoso siglo XIX y abriendo el XX, siguió el derrotero el pernicioso Sigmund Freud, con sus trabajos sobre la conducta humana, concentrados en sus tesis aberrantes del “Psicoanálisis”, donde se engendraron monstruos como su famoso “Complejo de Edipo”, etc.

Pero el golpe de gracia lo propinó el siguiente judío de esta trilogía (Marx, Freud, Einstein), el archi famoso científico Albert Einstein. Aunque Albert jugaba con las ciencias, y es respetado entre los científicos, sus trabajos son más filosóficos que científicos, de ahí su universal alcance. Su archi-famoso trabajo de la “Teoría de la Relatividad”, que dicta mucho de ser ciencia aplicada, no se quedó en el juego científicista, sino que terminó de trastornar el ya híper-vulnerable pensamiento de la sociedad moderna, volcándola al post-modernismo en su universalización del “relativismo” en todos los campos de la sociedad. A partir de entonces, todo es “relativo”. Desde Einstein, hasta los conceptos son relativos, “dependen del ojo con que se miren”. El relativismo penetró casi instantáneamente desde la facultad de ciencias de Princeton, en New Jersey, al mundo entero en bola de humo.

El mayor peligro en todo esto es la desmitologización bultmanniana en las mentes de los teólogos, la “muerte de Dios” en la filosofía científica académica y social propinada mayormente por Darwin, Marx y Nietzsche, y el relativismo moral iniciado por Comte, empujado por Freud y patentizado por Einstein, que ha dado paso a vulgaridades como “las ideologías de género” patentizadas por Judith Butler y solventadas por organizaciones como la fundación Rockefeller. ¡Así es nuestro mundo!

Las respuestas de la ortodoxia evangélica a menudo no fueron sabias. Profirieron abandonar las academias, los grandes seminarios, entregar las escuelas y hospitales en manos de los estados, preñado de liberalismo, etc. Hasta este punto de evaporación ha llegado la lucha por “la verdad” en manos de “la razón”.

## **2. ESCAPANDO DE LA TRAMPA DE LA FILOSOFÍA COMO UN FIN EN SÍ MISMA**

El amor al saber puede conducir a una pasión por el saber cómo un fin en sí mismo. Eso le aconteció al sabio Salomón en una etapa de su vida, según nos relata en el libro de Eclesiastés. Volcó su vida al saber, pero terminó su jornada frustrado porque su fin era el saber, tratando de buscarle sentido a la vida, a “lo que se hace debajo del sol”.

Si el fin de lo que hacemos no es “la gloria de Dios”, terminaremos frustrados. Esta vida tiene retos muy intensos. La maldad, las injusticias y la frustración imperan en todos los estamentos de la existencia. Y aunque esta vida puede ser disfrutada en un grado sustancial, se necesita de un poder sobrenatural, el poder de Dios, para volcar nuestra cosmovisión a lo correcto y debido. Sin la regeneración, los resultados de esta vida serán simplemente funestos. Pablo nos da fe en Romanos 1.18ss del derrotero que le espera al hombre en esta existencia si su procura no llega a ser la gloria de Dios.

El refugio en “el saber” no es algo aislado. La Biblioteca del Congreso de los Estados Unidos posee más de 25 millones de volúmenes. Hay varias decenas de bibliotecas como esa en el mundo: la de Madrid, Londres, Leningrado, el Vaticano, y casi cada universidad de renombre en el mundo no se queda atrás. El saber es parte integral de la búsqueda incansable del hombre. No hay que ignorarlo, pero se debe evitar la trampa del saber como una finalidad en sí misma.

## **3. LOS NEXOS ENTRE LA FILOSOFÍA Y LA TEOLOGÍA**

No sé si tildarlo de lamentable, los hombres de la Palabra, especialmente en las academias, aman los métodos humanos. Platón, Aristóteles y Kant son prácticamente inmortales. Las formas menos académicas de la exposición de la verdad a menudo nos parecen, a los mismos teólogos y pastores, formas vulgares del saber. A menudo queremos hacer respirar nuestra erudición, y procuramos seguir los modelos de Union, Westminster, Fuller y Princeton en nuestras academias de capacitación teológica. Otros modelos nos parecen infantiles.

Carey y Spurgeon rehuyeron de tales propuestas. Es famosa la ilustración de cuando aquel joven de aire monárquico se entrevistó con Spurgeon para indagar sobre la “acreditación” de su escuela y programa. Después de las preguntas del joven, el pastor Spurgeon le contestó algo como esto “querido joven, si usted quiere acreditación, vaya a la Universidad de Londres, aquí entrenamos predicadores y pastores”.

El príncipe de los predicadores urgía a sus estudiantes a ser eruditos en la Palabra. Les escribió: “Es necesario que seáis teólogos”.

## **4. SIENDO EQUILIBRADOS ENTONCES**

Creo que un pastor se ordena y se le paga para dos asuntos fundamentales, el ministerio de la Palabra y el de la Oración (ver Hechos 6.1-4). El Apóstol Pablo nos mandó a escudriñarlo todo y retener lo bueno (1 Tesalonicenses 5.21), imitando así a los bereanos (Hechos 17.11), y al mismo Espíritu de Dios que “todo lo Escudriña, aun lo profundo de Dios” (1 Corintios 2.10; Apocalipsis 2.23). Debemos conocer todo cuanto nos sea posible, nunca como un fin en sí mismo, sino “para la gloria de Dios” (1 Corintios 10.31).

El llamado del pastor es a enseñar y predicar “todo el consejo de Dios”. En ese sentido, debe ser un hombre de verdad, apto para enseñar, bien nutrido con “la Palabra de Verdad”, entendiendo que su competencia viene de Dios y no de los hombres, que trabaja primeramente para Dios, que su procura es agrandar en todo a su Amo y Señor. Y que su capacitación para dicho oficio debe ser primero en “la Palabra”, no en las ciencias ni en la filosofía; pues “toda la Escritura es inspirada por Dios y útil para



todas las funciones del pastor, e incluso para su completa preparación” (ver 2 Timoteo 3.16, 17).

Pero el pastor, a menudo, es un hombre con capacitación no solo ministerial. A menudo es médico, arquitecto, ingeniero, profesor, científico, etc. Suele ser ducho en el saber. Ese acerbo de conocimiento no es malo ni pernicioso necesariamente. La cultura secular puede ayudar al hombre de Dios si “huye de la falsamente llamada ciencia (lit. *gnosis*)”. Y debemos estar claro que Dios ha trastornado “la sabiduría (lit. Sofía/que sería nuestro vocablo filosofía) de este mundo”. Siendo teólogos, como es el deber de todo pastor, la capacitación en las ciencias y la filosofía nos ayudaran a combatir con eficiencia las sutiles propuestas mundanales; y en última instancia, a proponer soluciones de cosmovisiones bíblicas y convincentes que dominen el pensamiento de nuestro mundo, como lo hicieron los padres y los escolásticos.

A pesar de los muchos errores en las “doctrinas” y filosofías postuladas por los padres, incluso Agustín, la gloria de aquel mover de hombres de agudeza intelectual como Ireneo, Orígenes, el mismo Agustín, entre otros, fue que saturaron el mundo de sus días (perdurando por más un milenio) de una cosmovisión cristiana generalizada, a pesar de la mucha competencia de la erudición de entonces.

Hoy necesitamos no solo ideas buenas, necesitamos un ejército de eruditos que “trastornemos el mundo entero” con propuestas de mucho valor. No queremos más Kant, Bultmann, Schleiermacher, ni Barth, hombres de agudeza muy exquisita; pero que tornaron en mundanal e infernal el pensamiento teológico, al filtrarlo por sus razones filosóficas. Mejor queremos agustines, luteranos, calvinos, edwards, fullers, careys, spurgeons, machens, stotts, macarthurs, pipers, mohlers, etc., quienes siendo agudos y duchos en filosofía y método, han trastornado sus entornos y muchas generaciones rindiéndolos a la verdad y la piedad.

¿Imagínese usted a Pitágoras (padre de la ética, según Aristóteles), o a Sócrates, o a Platón, o al mismo Aristóteles, o a Epicuro, o a Séneca, dictándonos (a los cristianos) las grandes lecciones de la “ética” y la “moral”, en virtud de la paternidad que a ellos se les atribuye de tales disciplinas? ¿Puede usted imaginar a los creyentes imitando sus postulados y sus praxis?<sup>4</sup>

Los santos, que tenemos la mente de Cristo (1 Corintios 2.17), debemos evitar cualquier mixtura perniciosa entre biblicismo y cientificismo, teología y filosofía, fe y razón. Pero no hay manera alguna de rebatir el error y ser eficientes en nuestra generación sin conocer a carta cabal las filosofías perniciosas en boga. Retengamos las razones nobles que nos ofrezca la filosofía; pero, al mismo tiempo, cuidemos de no morder el anzuelo de filtrar como científicas y verdaderas las perniciosas propuestas de la filosofía científica.

¡Pongamos en alto el nombre de Cristo enarbolando la bandera de la fe, aun cuando poseamos un agudo tacto filosófico y científico en el debido campo! ¡Honremos a Cristo dando lo mejor de nuestras mentes renovadas por el Espíritu al Maestro de maestros!

## REFERENCIAS

Disponible en: <http://www.astromia.com/biografias/hawking.htm>

BERKHOF, Louis. **Historia de las Doctrinas Cristianas**. Barcelona: El Estandarte de la Verdad, 1995.

DE LA CRUZ, Juan. **La “Ética” de Jesús**. Santo Domingo: Publicación del autor, 2019.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional

<sup>4</sup> DE LA CRUZ, Juan. **La “Ética” de Jesús**. Santo Domingo: Publicación del autor, 2019, p. 13

## **ENSINO TEOLÓGICO À DISTÂNCIA: ESTRATÉGIAS E TRANSFORMAÇÕES NA MODALIDADE DE APRENDIZAGEM**

*Distance theological teaching: strategies and transformations in the learning modality*

Dr. Josemar Valdir Modes<sup>1</sup>

Me. Eduardo Leimann Balaniuk<sup>2</sup>

Me. Francis Natan Gonçalves Martins<sup>3</sup>

Esp. Cléber Mateus Ribas<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Estruturar um ensino à distância de forma que transforme a modalidade de aprendizagem, talvez seja uma tradução do que a sociedade tem vivenciado nos últimos anos. Assim, é necessário investigar o acesso a diversas práticas e instrumentos relacionados com o processo de ensino-aprendizagem via EaD, encarando-o como um fenômeno pedagógico, e não somente geográfico. Não obstante, o ensino teológico também adentra este campo da modalidade de ensino, apresentando seus desafios que dizem respeito a sua cultura e valores. Assim, esta pesquisa apresenta as vantagens do ensino a distância no âmbito teológico, buscando transpor suas

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Especialista na área de Liderança e Gestão Corporativa pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Mestre livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e Mestre em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, com concentração em História e Cultura. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: [dinho@batistapioneira.edu.br](mailto:dinho@batistapioneira.edu.br)

<sup>2</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Especialista em Libras e educação para surdos pela Universidade Pitágoras/UNOPAR. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Atua como Coordenador de Extensão, Coordenador do Projeto Wake Up, Professor, Tutor EAD e intérprete de Libras da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [eduardo@batistapioneira.edu.br](mailto:eduardo@batistapioneira.edu.br)

<sup>3</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-graduado em Marketing pela Unijui e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios, Professor e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: [natanmartins@batistapioneira.edu.br](mailto:natanmartins@batistapioneira.edu.br)

<sup>4</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Especialista em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [cleber@batistapioneira.edu.br](mailto:cleber@batistapioneira.edu.br)

dificuldades particulares, encontrando oportunidades na viabilidade da capacitação neste campo do conhecimento. Para entender o processo da história e estudo teológico, esta pesquisa apresenta as principais decisões deste campo de ensino, a fim de mostrar os desafios e oportunidades. Em seguida, busca descrever os principais agentes envolvidos com a educação à distância, a saber: alunos e professores; agentes estes os quais devem empenhar-se para a geração de conhecimento participativo e significativo. Por fim, explana a viabilidade do desenvolvimento pessoal e tecnológico para o ensino teológico à distância oferecido pela instituição de ensino superior, denominada Faculdade Batista Pioneira, apresentando princípios para a qualidade do ensino de forma que a essência proposta pela instituição seja preservada apesar das mudanças no formato de ensino. Compreende-se que é necessário apontar um novo caminho para a EaD, que deve ser percorrido não só por pesquisadores, mas por toda a equipe institucional. Tal proposta só se torna possível mediante a gestão de uma liderança estratégica adequada, que vise a fluidez de processos de implementação de curso, mediante o conhecimento partilhado.

**Palavras-chave:** Ensino à distância. Teologia. Aprendizagem. Educação.

## **ABSTRACT**

Structuring distance learning in a way that transforms the learning modality is perhaps a translation of what society has experienced in recent years. Thus, it is necessary to investigate access to different practices and instruments related to the teaching-learning process via EaD, viewing it as a pedagogical phenomenon, and not just a geographic one. However, theological teaching also enters this field of teaching modality, presenting its challenges that concern its culture and values. Thus, this research presents the advantages of distance learning in the theological context, seeking to overcome its particular difficulties, finding opportunities in the viability of training in this field of knowledge. In order to understand the process of history and theological study, this research presents the main decisions of this teaching field, in order to show the challenges and opportunities. Then, it seeks to describe the main agents involved with distance education, namely: students and teachers; agents who must commit themselves to the generation of participatory and meaningful knowledge. Finally, it explains the feasibility of personal and technological development for distance theological teaching offered by the institution of higher education, called Faculdade Batista Pioneira, presenting principles for the quality of teaching so that the essence proposed by the institution is preserved despite changes in the teaching format. It is understood that it is necessary to point out a new path for EaD, which must be followed not only by researchers, but by the entire institutional team. Such a proposal is only possible through the management of an adequate strategic leadership, which aims at the fluidity of the course implementation processes, through shared knowledge.

**Keywords:** Distance learning. Theology. Learning. Education.

## **INTRODUÇÃO**

O estudo da teologia é tão antigo quanto a história da igreja, e foi responsável pelo surgimento de inúmeras universidades na Europa e América do Norte. Da mesma forma que o estudo da teologia foi importante para o estudo universitário também o foi para a expansão do movimento denominacional, fazendo surgir diferentes comunidades da fé, com práticas culturais distintas.

O objetivo desta pesquisa é mostrar o pano de fundo que envolve o reconhecimento dos cursos de teologia pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), o posicionamento do governo quanto à confessionalidade e os desafios de se pensar um curso que preza por relacionamentos numa modalidade a distância.

Na primeira parte se fará um breve relato da história do estudo teológico, tendo como foco o Brasil, apontando as principais decisões promulgadas pelo Ministério da Educação e Cultura na direção de reconhecer estes cursos diante do enorme desafio da confessionalidade.

Na segunda parte o foco recairá sobre os principais agentes envolvidos com a educação a distância: os alunos e professores. A correta compreensão dos desafios por parte destes agentes é fundamental para que o ensino-aprendizado ocorra de forma efetiva. Toda a perspectiva de abordagem levará em conta a percepção de que está se falando de um curso de graduação em teologia, com as suas especificidades e o desafio de tornar remoto um curso que na história foi presencial, marcado pela convivência dos regimes de internato.

A reflexão será importante tendo em vista as imensas distâncias territoriais do Brasil que dificultam a ida dos alunos aos centros de estudo; também será significativa diante do aumento do número de instituições que estão oferecendo teologia a distância, buscando estabelecer alguns princípios significativos para que a qualidade do ensino teológico seja preservada.

Quanto ao método empregado nesta pesquisa, será aplicada, pois refere-se ao estudo que busca resolver problemas práticos. Essa metodologia é utilizada para encontrar soluções para questões do cotidiano e desenvolver propostas inovadoras. A aplicação imediata e prática das descobertas é o que a distingue da pesquisa básica, que se concentra em preocupações teóricas. Esta pesquisa se preocupa tanto com propostas de liderança inovadora para o ambiente educacional EaD, como visa gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução destes problemas. A pesquisa buscará aprofundar o conhecimento conceitual e prático no tocante à liderança em um ambiente transicional, bem como a relevância do ensino à distância em um mundo digital. A partir daí, a análise interpretativa auxiliará a pesquisa a verificar as ideias expostas e como se relacionam com as posições gerais do pensamento teórico e como é conhecido em outras fontes.<sup>5</sup> A abordagem interpretativa para pesquisas, em sistemas de informação, pode mostrar-se adequada e produtiva para se alcançar resultados significativos. Esta abordagem permite aprofundar questões não respondidas, ou não facilmente respondidas, por outras abordagens.<sup>6</sup>

A pesquisa, também, além de aplicada será descritiva e qualitativa. Este método mostrará as várias perspectivas dentro do tema proposto, levando em consideração a estratégia de investigação.<sup>7</sup> É preciso esclarecer, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de processos, através do estudo dos avanços educacionais, principalmente no viés da educação à distância. Uma vez que o objetivo deste trabalho é investigar a liderança em tempos de grandes transformações na modalidade de aprendizagem. Esse tipo de pesquisa trará o tema, a fim de ser familiarizado com o problema. O instrumento a ser utilizado, inicialmente, será a pesquisa bibliográfica. Uma pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites.

Também será aplicado o método dedutivo, que parte de premissas que sustentam por completo a conclusão.<sup>8</sup> A partir daí, este método auxiliará a desenvolver o problema geral que visa descrever as ferramentas e métodos para desenvolver a liderança em meio a aprendizagem no formato EaD. O

<sup>5</sup> SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 56.

<sup>6</sup> JOSEMIN, Gilberto Clóvis. **Entendimento interpretativo em pesquisa qualitativa sobre sistemas de informação**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/div\\_ersos/down\\_zi\\_ps/58/ADI1539.pdf](http://www.anpad.org.br/div_ersos/down_zi_ps/58/ADI1539.pdf)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

<sup>7</sup> FLUCK, Marlon Ronald. **Manual de elaboração de TCC e dissertação**. Curitiba: Fabapar, 2014, p. 31.

<sup>8</sup> LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2016, p. 74.

método dedutivo parte de teoria e leis para predizer a ocorrência dos fenômenos particulares (conexão descendente).<sup>9</sup>

## 1. O QUE É O ESTUDO EAD?

### 1.1 HISTÓRICO DO EAD NO BRASIL

O conceito da EAD no Brasil é definido oficialmente no Decreto nº 5622, de 19 de dezembro de 2005:

Art. 1º - Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a EAD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educacionais em lugares ou tempos diversos.<sup>10</sup>

Diferentes autores têm buscado definir a Educação a Distância e, seus conceitos transitam essencialmente na experiência do ensino “sem que alunos e professores estejam presentes no mesmo lugar à mesma hora”.<sup>11</sup>

O parágrafo 1º deste artigo estabelece a obrigatoriedade de existência de momentos presenciais:

§1º - A EAD organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para: I – Avaliação de estudantes; II – Estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente; III – Defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; IV – Atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso.<sup>12</sup>

No Brasil pode-se acompanhar o desenvolvimento de instrumentos e metodologias empregadas no ensino EaD, conforme quadro que segue:

FIGURA 01 – Períodos da Educação a Distância no Brasil.

#### Períodos da Educação a Distância no Brasil

| DESCRIÇÃO   | 1º Período                 | 2º Período                          | 3º Período            | 4º Período                      | 5º Período  |
|---|----------------------------|-------------------------------------|-----------------------|---------------------------------|---|
| <b>PERÍODO</b>  | 1850-1960                  | 1960-1985                           | 1985-1995             | 1995-2005                       | 2005-   |
| <b>DESIGNAÇÃO</b>   | Ensino por Correspondência | Tele-ensino                         | Multimídia            | <i>E-Learning</i> <sup>13</sup> | <i>M-Learning</i> <sup>14</sup>   |
| <b>REPRESENTAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO DE CONTEÚDOS</b>            | Monomídia                  | Múltiplas Mídias                    | Multimídia Interativa | Multimídia Colaborativa         | Multimídia conectada e contextual   |
| <b>SUORTE TECNOLÓGICO DE DISTRIBUIÇÃO DE CONTEÚDOS</b>      | Impressa                   | Emissões Radiofônicas e Televisivas | CDs e DVDs            | Internet e Web                  | PDA's, telefones, celulares, tablets, <i>players</i> de MPn, <i>Smartphones</i> |
| <b>FREQUÊNCIA E RELEVÂNCIA DOS MOMENTOS COMUNICACIONAIS</b> | Quase inexistente          | Muito reduzida                      | Muito reduzida        | Significativa e relevante       | Significativa e relevante   |

Fonte: Adaptado de MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada.**

São Paulo: Thomson Learning, 2007, p. 25-46.

O ensino a distância (EAD) aumentou consideravelmente nos últimos anos e com o avanço

<sup>9</sup> LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa.** 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017, p. 107.

<sup>10</sup> BRASIL. **DECRETO Nº 5.622**, de 19 de dezembro de 2005.

<sup>11</sup> EBERT, Luis Augusto; POSSAMEI, Cleide Tirana Nunes; SIMON, Vanessa Silveira Pereira. *Perspectivas profissionais.* Indaial: UNIASSELVI, 2017, p. 63.

<sup>12</sup> BRASIL. **DECRETO Nº 5.622**, de 19 de dezembro de 2005.

<sup>13</sup> E-LEARNING, em inglês, quer dizer aprendizagem eletrônica.

<sup>14</sup> M-LEARNING corresponde à Mobile Learning e se concretiza por meio dos diversos dispositivos móveis conectados à internet que permitem o aprendizado.

da pandemia, esta forma de estudo se popularizou ainda mais. Dados estatísticos destacam que essa modalidade de ensino cresce muito a cada dia no Brasil e no mundo. Segundo dados do Censo de Ensino Superior de 2016, as matrículas no EAD aumentaram 7,2% frente a uma queda de 1,2 nas matrículas do presencial.<sup>15</sup> Esta evolução é observada pelo INEP há anos:

Se no ano de 2000 o INEP anunciava a existência de 10 cursos de graduação, em 2003 esse número era de 52, atendendo a cerca de 50 mil alunos. Em 19 de dezembro de 2006 o INEP noticiava que, entre os anos de 2003 a 2006, houve aumento de 571% de cursos a distância e de 371% dos matriculados nessa modalidade. Em 2005 os alunos da EaD representavam 2,6% do universo dos estudantes no nível superior. Já em 2006 essa participação fora aumentada para 4,4%. Dados do Censo do Ensino Superior de 2007 indicaram que a graduação a distância era oferecida por 97 instituições, com o número de vagas aumentado em 89,4% em relação a 2006, totalizando 369.766 matrículas. Isto representava 7% do total de matrículas dos cursos de graduação.<sup>16</sup>

Segundo Moore e Kearsley (1996), a Educação a Distância é não apenas pela distância entre os alunos e professores, mas pelo tempo diferente no qual compartilham e apreendem o conhecimento. Mattar (2011, p. 3) reforça que, “ao contrário da separação espacial, que normalmente marca a EAD, a separação temporal tem sido cada vez menos essencial para defini-la, já que novas tecnologias possibilitam realizar valiosas atividades síncronas”.<sup>17</sup>

A Educação a Distância envolve diversos agentes, retirando a responsabilidade única do professor, como elemento chave para a transmissão do conhecimento. Diferentes profissionais atuam com os alunos para efetivar a transmissão do conteúdo: coordenadores, professores conteudistas, tutores (presenciais e a distância), técnicos (de informática, de laboratório e específicos de cursos), Web (design e roteirista) e de secretaria (registro acadêmico), todos interligados na missão de educar.<sup>18</sup>

Concebe-se a necessidade de cooperação entre a Instituição de Ensino Superior (IES) com sua equipe técnico-administrativa, professores e alunos, para o pleno desenvolvimento do educando e das suas potencialidades. Este desenvolvimento conjunto faz a Faculdade Batista Pioneira conceber seu paradigma epistemológico a partir da pedagogia construtivista, na qual se destaca o papel do aprendiz, que se torna protagonista nas ações de ensino/aprendizagem, e tem como princípios: (1) a experiência é a metodologia principal para a construção do conhecimento, que gera significado; (2) a interpretação do conhecimento, de forma individualizada por cada aluno, é que gera a aprendizagem; (3) a aprendizagem é construída a partir da colaboração, incluindo múltiplas perspectivas em sua abordagem e percepção; (4) situações reais devem ser concebidas como base para o aprendizado; e (5) as avaliações são parte do processo de ensino/aprendizagem, numa perspectiva de continuidade e construção, e não mera avaliação dos conhecimentos adquiridos.<sup>19</sup>

## 1.2 EDUCAÇÃO TEOLÓGICA EAD NO BRASIL

Antes de abordar o EaD pela perspectiva dos cursos de teologia, é importante compreender a mentalidade por trás desta modalidade de ensino e seu desenvolvimento no Brasil. Pode-se definir o ensino a distância como:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, de modo que se propicie, ainda, maior articulação e efetiva

<sup>15</sup> INEP. **Relatório Técnico:** Censo da Educação Superior de 2016. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/dmdocuments/relatorio-tecnico-2016/RT%20TC%2076%20-%20B.pdf> Acesso em: 7 dez. 2022.

<sup>16</sup> INEP. **Relatório Técnico:** Censo da Educação Superior de 2007. Disponível em: [http://www.inep.gov.br/download/superior/cento/2007/Resumo\\_tecnico\\_2007\\_pdf](http://www.inep.gov.br/download/superior/cento/2007/Resumo_tecnico_2007_pdf). Acesso em: 25 ago. 2009.

<sup>17</sup> MATTAR, J. **Guia de Educação a distância.** São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 3.

<sup>18</sup> MOORE. Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação à distância:** sistemas de aprendizagem on-line. 3.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013, n.p.

<sup>19</sup> LIMA, Valéria Vernaschi. **Constructivist spiral:** an active learning methodology. Botucatu: Interface, 2017, p. 421-434.

interação e complementariedade entre a presencial e a virtualidade “real”, o local e o global, a subjetividade e a participação democrática nos processos de ensino e aprendizagem em rede, envolvendo estudantes e profissionais da educação (professores, tutores e gestores), que desenvolvem atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos.<sup>20</sup>

O crescimento desta modalidade de ensino vem se manifestando de forma clara em todo o Brasil. A própria pandemia e a flexibilização do ensino presencial para o formato remoto, autorizado pelo MEC e implementando por todas as faculdades e universidades no Brasil, provavelmente alavancará ainda mais esta projeção do EaD, que tem suscitado uma nova abordagem e terminologia.

A evolução nas formas de ensinar e aprender devido à introdução das novas tecnologias (TIC) tem sofrido mudanças tão profundas, que já se cogita nem mais se falar em educação a distância. Fala-se em substituir o termo “educação a distância” por “educação virtual”; “semipresencial” por “educação flexível”. Na verdade, “distância” é um termo fadado a desaparecer quando o assunto for educação.<sup>21</sup>

Foi o Decreto número 9.057, de 25 de maio de 2017, que possibilitou a autorização de cursos de graduação exclusivamente a distância, sem a necessidade da IES oferecer o mesmo curso no formato presencial, massificando este formato de ensino em todo o País.<sup>22</sup>

Dentre os motivos evidentes para o crescimento desta modalidade de ensino pode-se listar: “(1) a necessidade de fazer mais com menos; (2) a necessidade de aprendizagens em constante mudança; (3) o impacto das novas tecnologias no ensino e aprendizagem”.<sup>23</sup>

Houve um aumento de instituições oferecendo cursos de graduação presencial e a distância de forma exponencial, inclusive na área da teologia, como mostra o gráfico na sequência.

**FIGURA 02 – Aumento do número das instituições que oferecem cursos de teologia entre os anos 2010 a 2019**

| Ano                    | 2010       | 2019                 |
|------------------------|------------|----------------------|
| Número de instituições | 88         | 213                  |
| Modalidade de ensino   | Presencial | Presencial/distância |

O crescimento de instituições e cursos não significa plena aceitação do meio religioso/confessional brasileiro, com tendência conservadora significativa. Para muitos o estudo teológico vai além do aspecto acadêmico, conforme mencionado por Santo:

A formação teológica, como formação religiosa, não pode ser vista apenas como formação acadêmica, mas também moral, comunitária e espiritual – constituindo-se, estas três últimas dimensões, o grande desafio para a formação na modalidade a distância.<sup>24</sup>

Uma vez compreendida esta projeção histórica e liberdade curricular, cabe agora discutir esta modalidade de ensino dentro de um curso com tendências presenciais, mas que necessita de assertividade no EaD. O que é necessário no EaD de teologia para que seja tão eficiente e eficaz quando o são os cursos presenciais?

<sup>20</sup>BRASIL, MEC, Resoluções de 2016B. <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/455-governo-1745665505/ogaos-vinculados-627285149/34011-resolucoes-da-camara-de-educacao-basica-ceb-2016>. Acesso em: 7 dez. 2022.

<sup>21</sup>BUENO, N. O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica. (Dissertação de mestrado) 1999. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/dissertacoes/1999/natalia.pdf>. Acesso em 20 jun. 2015, p. 75.

<sup>22</sup>BRASIL. Decreto nº 9.057, 25 maio de 2017.

<sup>23</sup>SOUZA, Lidiane Ribeiro da Silva de. Uma proposta didático-pedagógica para curso superior de teologia na modalidade EAD com práticas inovadoras. Curitiba, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter. 2016. p. 20.

<sup>24</sup>SANTO, E. R. Educação teológica a distância: perspectivas teóricas para análise da viabilidade de uma formação de liderança religiosa na modalidade a distância. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1352009105142.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020. p. 2.

## 2. VANTAGENS E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO EAD

### 2.1 VANTAGENS DO EAD

As diferentes modalidades de ensino (presencial e EaD) precisam ser assimiladas a partir das características pessoais dos alunos. Há alunos com perfil para o EaD, enquanto outros são para o presencial. Não se conseguirá verificar as mesmas vantagens do ensino a distância em todos os alunos envolvidos, exatamente pelo perfil educacional individual.

Landim afirmou que a EaD é a modalidade de ensino-aprendizagem mais apropriada para reduzir as distâncias e os isolamentos geográficos, psicossociais, econômicos e culturais, caracterizando uma nova revolução na democratização do conhecimento.<sup>25</sup>

Conforme Matos, as principais características e vantagens da educação a distância podem ser resumidas da seguinte forma:

- a) abrange-se uma maior diversidade de alunos que de outra forma seria impossível;
- b) o estudante e o professor normalmente não se encontram no mesmo espaço físico, o que é vantajoso para os casos onde seria muito dispendioso que isso acontecesse;
- c) o estudante não se desloca aos locais tradicionais de ensino, exceto nos casos em que seja necessário algum apoio de material existente em laboratórios ou em oficinas;
- d) os horários praticados pelo aluno não são rígidos, muito pelo contrário, são bastante flexíveis permitindo o aproveitamento do tempo livre;
- e) o ritmo adotado pelo aluno é de sua exclusiva responsabilidade;
- f) os temas de aprendizagem são mais vastos do que nos tradicionais locais de ensino;
- g) é possível receber contribuições de pessoas que por razões de disponibilidade não o poderiam fazer em um sistema tradicional.<sup>26</sup>

Roca apresenta outras vantagens específicas da formação a distância:

- a) Uma ótima relação custo/eficiência para satisfazer as necessidades da formação;
- b) expansão da formação a organização e grupos não favorecidos por outras modalidades de ensino;
- c) estimulação das transferências inter-regionais e internacionais em matéria de experiências, conclusões e materiais de formação;
- d) necessidade do envolvimento dos estudantes e alto nível de motivação;
- e) o próprio estudante assume a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem.<sup>27</sup>

### 2.2 DESAFIOS DO EAD

A compreensão da amplitude do estudo EaD é essencial para que se note os desafios.

A EaD não é apenas uma solução paliativa para atender alunos situados distantes geograficamente das instituições educacionais nem trata da simples transposição de conteúdos e métodos de ensino presencial para outros meios telemáticos.<sup>28</sup>

Um dos maiores desafios a serem transpostos no EaD é o envolvimento do aluno que está em um lugar diferente, num horário diferente e numa cultura muito diferente. O aluno é parte essencial para o sucesso do ensino EaD. Notada a importância dada aos alunos no processo da Educação a Distância, precisa-se estabelecer alguns princípios importantes para que o processo de ensino/aprendizagem seja completo.

Como não há um local específico e uma hora determinada para o estudo, há a necessidade de se levar o aluno a estabelecer a sua rotina de estudos. Essa singularidade do EaD exige um aluno com determinadas características, que evocam na Instituição a necessidade de se desenvolver um perfil de estudante integrado ao ensino a distância. As antigas concepções do estudo, dominadas pela

<sup>25</sup> LANDIM, 1997.

<sup>26</sup> MATOS, H. A. B. **Sistemas de Formação**. Universidade de Coimbra. Coimbra, 1998. Disponível em: <http://student.de.uc.pt~kikas/DLIndex.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>27</sup> ROCA, Octavi. A autoformação e a formação à distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem. In: SANCHO, Juana María. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

<sup>28</sup> ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância em meio digital: novos espaços e outros tempos de aprender, ensinar e avaliar. In: **VIRTUAL EDUCA**, 2003, Miami, USA. Anais... Miami, USA, 2003.



modalidade presencial, não se aplicam mais em sua totalidade aos sistemas de ensino contemporâneos e precisam ser divididas em estudo presencial e estudo EaD, conseqüentemente apontando para dois distintos tipos de alunos também.

Especialistas atestam que o aluno que deseja aprender *on-line* precisa apresentar (ou ter consciência) um perfil com estas características:

- a. deve ser capaz de se motivar;
- b. ser responsável pelo seu processo de aprendizagem (tendo seu ritmo de estudo, porém, deve acompanhar a turma e obedecer aos prazos estabelecidos);
- c. ser capaz de organizar seu tempo de estudo (demonstrar autonomia na construção do seu conhecimento, sabendo identificar os temas sobre os quais tem maior domínio);
- d. ser capaz de interagir com os colegas (mantendo boas relações com tutores e professores, expondo seus anseios e buscando superar suas dificuldades).<sup>29</sup>

Sabendo que não estará presente fisicamente em sala de aula, é essencial que o aluno organize um ambiente propício para o estudo, com um horário programado diariamente, para que a aprendizagem desenvolva ao máximo o seu potencial. Aqui vai uma dica extremamente importante: rotina de estudos. O aluno que conseguir padronizar a sua rotina terá mais condições de aproveitar, absorver e aplicar os conteúdos. É significativo que se estabeleça uma rotina semanal de estudos e se busque segui-la fielmente.

Embora a aprendizagem ocorra de forma individualizada e em espaços diferentes, o aluno não pode conceber este afastamento como isolamento. Ele não está sozinho! Tantos professores, como tutores e colegas estão a distância de um clique. É importante que a interação e o contato com professores e colegas seja uma busca constante do aluno EaD.

Toda a comunicação entre os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem ocorre num espaço específico, preparado para esse fim, com todos os recursos reconhecidos pela IES, chamado de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Conhecer cada espaço do AVA implica em múltiplas oportunidades de interação e aprendizagem.

Além dos aspectos já mencionados, há outras habilidades e competências importantes que um estudante de EAD deve desenvolver e que são determinantes para seu sucesso, conforme apontado por especialistas: **1) automotivação:** A motivação precisa vir do próprio aluno primeiramente. A IES terá sempre uma equipe multidisciplinar para fazer contato com o aluno, buscando incentivá-lo a uma rotina de estudos com o máximo de aproveitamento, mas todo este esforço não surtirá efeito se o aluno não for automotivado. **2) autodisciplina para a organização da rotina de estudos e cumprimento das atividades propostas:** a determinação e a responsabilidade devem ser a base para o sucesso em um curso a distância. Manter regularidade nas tarefas e leituras, concentrar-se no que é essencial e se livrar de todas as distrações do mundo virtual são uma necessidade. O aluno EaD precisa criar uma rotina e executá-la diariamente, até se tornar um hábito na sua vida; **3) proatividade na interação e curiosidade pelo conteúdo:** as participações nos debates podem ser sempre significativas, dependendo da postura de cada aluno em se manifestar. As interações com os professores por meio das ferramentas disponíveis no ambiente virtual, como Fórum, Webconferência ou E-mail, conforme disponibilidade de horários são primordiais no aprendizado; **4) conhecimento tecnológico:** não há a necessidade de ser um expert na área da informática para fazer um curso EaD mas, ao mesmo tempo, é necessário que se faça uso desta ferramenta e que se tenha acesso aos recursos básicos, como um aparelho que conecte o aluno às salas de estudo com agilidade e acesso à internet de qualidade. Nem sempre é o conhecimento prévio do aluno sobre as ferramentas de aprendizagem que determinam seu sucesso na caminhada, mas a sua curiosidade em descobrir e usar todas as ferramentas propostas pela

<sup>29</sup> GUIA DO ALUNO ON-LINE. 2008. Disponível em: [http://www.moodlemais.com.br/file.php/1/Biblioteca/Guia\\_do\\_Aluno\\_de\\_EAD.pdf](http://www.moodlemais.com.br/file.php/1/Biblioteca/Guia_do_Aluno_de_EAD.pdf). Acesso em 22 out. 2017.

plataforma; **5) materiais didáticos:** durante os anos de estudo o aluno receberá inúmeros materiais digitais para o estudo. É importante que ele faça a leitura pormenorizada destes materiais, arquivando-os de forma organizada para consultas futuras.<sup>30</sup>

Fica evidente a complexidade desta forma de estudo. Ela não é para todos, apenas para os alunos com real perfil EaD. Educação a Distância é só para aqueles que têm perfil para esta modalidade! O quadro que segue traz 12 competências básicas de um aluno EaD com o grau de dificuldade para o desempenho destas competências:

**FIGURA 03 – Doze competências do aluno EaD  
GRAU DE DIFICULDADE DAS COMPETÊNCIAS**

| <b>BÁSICAS</b>   | <b>MEDIANAS</b>         | <b>DIFÍCEIS</b>    |
|------------------|-------------------------|--------------------|
| Fluência Digital | Administração do Tempo  | Autoavaliação      |
| Autonomia        | Comunicação             | Automotivação      |
| Organização      | Reflexão                | Flexibilidade      |
| Planejamento     | Presencialidade Virtual | Trabalho em Equipe |

Fonte: EBERT; POSSAMAI; SIMON, 2017, p. 107.

Fazer um curso de educação a distância, não ter a obrigatoriedade diária da sala de aula, poder organizar seu tempo e local de estudo e definir como estudar parece ser a melhor opção do mundo, fácil? Todavia, é neste momento que os alunos se enganam. Para surpresa das pessoas que escolhem esta modalidade de ensino, estudar sozinho, assistir vídeos e ler conteúdos, fazer tarefas, participar dos fóruns, enquetes e *chats* sem a presença de um professor em sala e sem compartilhar desses momentos com a turma não é pouca coisa.<sup>31</sup>

Para superar estes desafios e ajudar o aluno a estabelecer sua rotina de estudos, é que as IES acabam contratando uma equipe especializada para ajudar os seus estudantes nas suas demandas: os tutores ou professores tutores.

### **2.3 DESAFIOS DO EAD NA ÁREA DA TEOLOGIA**

Durante um bom tempo esta metodologia de ensino/aprendizagem foi vista com desconfiança. Para alguns a educação à distância era vista como “um facilitário pedagógico para quem não deseja fazer muito esforço para regularizar sua situação escolar ou como uma educação de segunda categoria”<sup>32</sup> para pessoas com menos recursos. Se estas perspectivas movem o aluno em direção à esta modalidade de estudo, será um fracasso completo, pois os investimentos financeiros não são tão menores quando se leva em conta a questão da movimentação para as provas presenciais e, sem sombra de dúvida, este formato de interação para a apreensão do conteúdo exige muito mais do aluno quando comparado ao curso presencial.

Também há enormes exigência da parte dos professores, desde uma reformulação mental sobre as técnicas de ensino, apropriação de novas tecnologias e metodologias, longas gravações e atualização constante não apenas nos conteúdos, mas nas formas inovadoras de transmiti-lo.

Como a Educação a Distância se estabelece através de tecnologias nas quais professores e alunos, mesmo que separados espacial e/ou temporalmente, realizam atividades de ensino e aprendizagem, entende-se o quanto é importante que se desenvolva um projeto educacional que perpassa por uma

<sup>30</sup> PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA EAD. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020, p. 16-19.

<sup>31</sup> EBERT; POSSAMAI; SIMON, 2017, p. 109.

<sup>32</sup> ELIASQUEVICI, M. K.; JUNIOR, A. C. P. O papel da incerteza no planejamento de sistemas de educação a distância. *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 2, 2008, p. 216.

equipe multidisciplinar abrangente, que contemple todas as esferas da educação à distância. Esta equipe auxiliará alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem.

Concebe-se a necessidade de cooperação entre a Instituição de Ensino Superior (IES) com sua equipe técnico-administrativa, professores e alunos, para o pleno desenvolvimento do educando e das suas potencialidades. Este desenvolvimento conjunto precisa levar as instituições teológicas a conceberem seu paradigma epistemológico a partir da pedagogia construtivista, na qual se destaca o papel do aprendiz, que se torna protagonista nas ações de ensino/aprendizagem, e tem como princípios: (1) a experiência como metodologia principal para a construção do conhecimento, que gera significado; (2) a interpretação do conhecimento, de forma individualizada por cada aluno, gera a aprendizagem; (3) a aprendizagem é construída a partir da colaboração, incluindo múltiplas perspectivas em sua abordagem e percepção; (4) situações reais devem ser concebidas como base para o aprendizado; e (5) as avaliações são parte do processo de ensino/aprendizagem, numa perspectiva de continuidade e construção, e não mera avaliação dos conhecimentos adquiridos.<sup>33</sup>

Estas perspectivas construtivistas evocam a necessidade da participação ativa dos aprendizes que, a partir das suas experiências e vivências, vão recriando os conceitos e aplicando a sua realidade. Cabe ao professor a importante tarefa de dialogar com os alunos, conhecendo e reconhecendo a sua realidade, para levá-los a uma jornada pessoal de desenvolvimento das suas habilidades. Desta forma a Educação a Distância redobra a necessidade da comunicação mediada por uma equipe multidisciplinar, que mediante várias tecnologias, propiciam uma relação plena entre professores e alunos.

A equação que segue sintetiza as dimensões significativas para a Educação a Distância: *Comunicação + Equipe Multidisciplinar + Tecnologias + Ambiente Virtual de Aprendizagem = ensino transformador*, independente do lugar onde o aluno está. A comunicação é o grande objetivo a ser atingido através de uma equipe que utiliza todas as tecnologias possíveis num ambiente especial, preparado para este diálogo com o aluno.

A comunicação é um desafio imenso em todas as esferas, não sendo diferente na Educação a Distância. O conhecimento dos recursos tecnológicos é diferente de pessoa para pessoa e, há a necessidade de se partir do lugar e condições em que o aluno está. “Conhecer essas características dos alunos permite a construção de um projeto pedagógico coerente com a realidade dos educandos, bem como a adoção de tecnologias de aprendizagem inovadoras”.<sup>34</sup>

Estas recomendações são pertinentes a todos os cursos EaD, mas entende-se que são essenciais quando se pensa um curso de teologia na modalidade a distância. A aplicação destes princípios aos principais agentes comprometidos com a educação, pode ser resumida em duas expressões centrais: alunos – perfil proativo; professores – adaptabilidade constante.

## **2.4 OS PROFESSORES DO EAD: CONHECENDO E USANDO AS TICS**

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) são uma característica da sociedade atual, que realiza todos os seus processos de trabalho e lazer através do uso destes recursos. Estas tecnologias também chegaram ao ambiente educacional, contribuindo para a propagação de conteúdos e fundamentando o ensino EaD. Pode-se afirmar com certeza de que o EaD não seria uma realidade exitosa se não houvesse a implementação de notas TICs na sociedade e no ambiente educacional.

Como este desenvolvimento tecnológico está em constante evolução, pode-se afirmar que há uma revolução educacional em andamento.

A revolução digital transformou o espaço educacional. Nas épocas anteriores, a educação era oferecida em lugares físicos e ‘espiritualmente’ estáveis: nas escolas e nas mentes dos professores. O ambiente educacional era situado no tempo e no espaço. O aluno

<sup>33</sup> LIMA, 2017, p. 421-434.

<sup>34</sup> O perfil dos alunos da primeira turma de enfermagem da universidade Tuiuti, jan./2022, p. 109-122.

precisava deslocar-se regularmente até os lugares do saber - um campus, uma biblioteca, um laboratório - para aprender. Na era digital, é o saber que viaja veloz nas estradas virtuais da informação. Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender.<sup>35</sup>

Estas mudanças não ocorrem sem afetar seus principais atores: alunos e professores. Há a necessidade de se repensar completamente a metodologia de ensino/aprendizagem.<sup>36</sup>

Para que as novas tecnologias não sejam vistas como apenas mais um modismo, mas com a relevância e o poder educacional transformador que elas possuem, é preciso refletir sobre o processo de ensino de maneira global. Antes de tudo, é necessário que todos estejam conscientes e preparados para assumir novas perspectivas filosóficas, que contemplem visões inovadoras de ensino e de escola, aproveitando-se das amplas possibilidades comunicativas e informativas das novas tecnologias, para a concretização de um ensino crítico e transformador de qualidade”.<sup>37</sup>

Se não houver esta mudança de mentalidade nesta socialização de conteúdos e construção do conhecimento, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) não serão nada além de um repositório de vídeos, mas assistidos pelos alunos, sem interação e compartilhar do conhecimento. Por si só, as TICs não produzem o ensino e aprendizagem; elas são meios apenas que precisam ser utilizados e apropriados pelos seus interlocutores.

As novas tecnologias tanto podem auxiliar como atrapalhar nos processos educacionais. A sua mera presença em si, não é uma vantagem, mas o seu uso apropriado o é. Por exemplo, o fato de uma escola ou universidade possuir laboratórios não torna a educação melhor ou pior, o que vai determinar a qualidade da educação é como esse laboratório é usado por alunos e professores. O fato dos estudantes terem tablets e acessarem a internet durante as aulas pode tanto ser positivo quanto negativo dependendo do tipo e do objetivo de acesso à internet e de sua relação com os conteúdos educacionais da aula.<sup>38</sup>

Desenvolver novos recursos, dominar os já existentes e promover interação é imprescindível na abordagem educacional EaD. Cabe às instituições promoverem “metodologias ativas de aprendizagem [que] colocam o aluno como protagonista, ou seja, em atividades interativas com outros alunos, aprendendo e se desenvolvendo de modo colaborativo”.<sup>39</sup>

As “metodologias ativas” são plurais e contextuais, devendo ser adaptadas aos conteúdos, currículos e realidade dos estudantes. Esta é uma perspectiva importante no EaD: há sempre algo novo, ou outro recurso, uma forma diferente de ensinar e aprender. O ensino pode acontecer por projetos, sala de aula invertida, ensino híbrido, gamificação, ou nenhuma destas opções, sendo algo completamente inovador e diferente. Promover a interação presencial entre os alunos, seja nos momentos de provas presenciais obrigatórias ou outros seminários ou encontros, gerando um ensino híbrido, pode ser outra experiência muito significativa.

Dois conceitos são especialmente poderosos para a aprendizagem hoje: aprendizagem ativa e aprendizagem híbrida. As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo. Híbrido, hoje, tem uma mediação tecnológica forte: físico-digital, móvel, ubíquo, realidade física e aumentada, que trazem inúmeras possibilidades de combinações, arranjos, itinerários, atividades.<sup>40</sup>

<sup>35</sup> KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 32.

<sup>36</sup> KENSKI, 2012, p. 46.

<sup>37</sup> KENSKI, 2012, p. 73.

<sup>38</sup> GABRIEL, M. **Educar: a revolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 12.

<sup>39</sup> CAMARGO; DAROS, 2018, p. 16.

<sup>40</sup> BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórica-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018, p. 4.

“O ensino híbrido permite que esses estudantes aprendam online ao mesmo tempo em que se beneficiam da supervisão física e, em muitos casos, da instrução presencial”.<sup>41</sup> Este pormenor é ainda mais significativo quando se está pensando na educação teológica, pois ela depende muito do contato com o outro para a prática ministerial.

Cabe aos alunos o conhecimento das TICs; já aos professores compete o desafio de dominá-las. Por mais que a IES tenha uma equipe multidisciplinar trabalhando na elaboração dos materiais, quem pensa a aula e o conteúdo é o professor. Por mais que os alunos possam estar distantes uns dos outros boa parte do ano, as TICs adequadas com a mentalidade de aula híbrida podem aproximar esses estudantes e promover a interação necessária para um aprendizado efetivo.

### **3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL E TECNOLÓGICO PARA O EAD NA FACULDADE BATISTA PIONEIRA**<sup>42</sup>

A Faculdade Batista Pioneira fundamenta sua prática pedagógica nos princípios da pedagogia interativa, de natureza democrática e pluralista, com um eixo metodológico firmemente estabelecido e que prioriza metodologias ativas de ensino e aprendizagem, que supera acentuadamente a pedagogia da transmissão passiva de conhecimentos utilizada nos métodos tradicionais de ensino, possibilitando o aperfeiçoamento contínuo de atitudes, conhecimentos e habilidades dos estudantes.

Da mesma forma, no âmbito da modalidade a distância, no Curso de Bacharelado em Teologia EaD da IES, utilizar-se-á a metodologia de ensino e aprendizagem que considere o sujeito que aprende como centro do processo da aprendizagem, que deve compreender uma concepção de avaliação que não se limite a uma simples aferição de saberes. Deve dispor de uma busca ativa do conhecimento e da aprendizagem, capaz de contemplar todos os objetivos previamente definidos, além de verificar as competências adquiridas durante a sua formação.

Trata-se da opção da IES pelos pressupostos teóricos cognitivistas da aprendizagem: construtivismo, interacionismo, aprendizagem significativa e conectivismo. Essa metodologia toma como ponto focal o ambiente virtual de aprendizagem, já que este integra um conjunto de interfaces de conteúdos e interfaces de comunicação, encerrando um espaço de objetos técnicos e tecnológicos aliados às redes sociais ali constituídas, permitindo integrar conteúdo à comunicação entre atores durante os processos de ensino e de aprendizagem, elaborados minuciosamente pelo NEaD.

Nesse sentido, também no Curso de Teologia EaD é fundamental o uso, pelo professor conteudista e professor tutor, de múltiplos recursos que exploram as possibilidades cognitivas dos alunos, atribuindo-lhes a centralidade na construção de suas aprendizagens. Espera-se que, por esse caminho, o aluno envolva-se afetivamente e intelectualmente com as suas aprendizagens, apreendendo conhecimentos, técnicas e tecnologias necessárias a um desempenho profissional ético (expresso em atitudes de respeito à diversidade de pessoas e ao meio ambiente) e competente, constituindo-se cidadão. Para atingir este objetivo, a IES organizou uma equipe multidisciplinar que constitui o NEaD antes da elaboração de qualquer material didático instrucional, visando, através da equipe, dar todo o suporte para a criação de mídias criativas para a aprendizagem.

As competências expressas pelo Currículo do Curso de Teologia EaD são desenvolvidas por meio da utilização das metodologias ativas, que supõem e consolidam um aprendizado ativo. A metodologia ativa refere-se a um conjunto de ferramentas, cuja utilização tem como responsabilidade fazer com que os estudantes aprendam de fato, que se parta sempre de um problema a ser resolvido e que essa resolução passe pela experiência prática. Inclui a participação ativa pela busca do conhecimento por meio de experiências reais ou simuladas com o objetivo de desenvolver a capacidade de resolver problemas com

<sup>41</sup> CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013, p. 7.

<sup>42</sup> PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA EAD. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020, *passim*. O conteúdo que segue foi retirado do PPC, montado para a IES com participação dos autores.

sucesso. Várias ações práticas serão desenvolvidas pelos alunos no contexto social e eclesiológico no qual estarão inseridos também. O Estágio Supervisionado e as Atividades Complementares auxiliarão nesta metodologia pedagógica.

Assim, busca-se por meio de um conjunto de ferramentas e estratégias desenvolver no estudante a autonomia, curiosidade, autogerenciamento de sua formação e seu aprendizado, responsabilidade, estímulo à construção de sua própria história, respeito a sua bagagem cultural anterior, iniciativa, intuição e capacidade de questionamento. Os métodos ativos de aprendizagem supõem uma sólida formação teórica, psicológica e pedagógica para conhecer claramente a natureza do ato pedagógico e para compreendê-lo como uma prática social que demanda fundamentos científicos.

A modalidade a distância da Faculdade Batista Pioneira tem como regime acadêmico o módulo seriado, com matrículas realizadas pelos discentes a cada semestre. O semestre corresponde a um bloco de conteúdos, com aulas iniciadas e finalizadas por acesso à plataforma de aprendizagem virtual e com encontros presenciais para avaliações de cada bloco. No encontro presencial, além da avaliação, os alunos reúnem-se e participam de treinamentos, tendo acesso presencial aos serviços de apoio aos discentes disponibilizados pela IES, sempre divididos em dois grupos: um grupo realizando as provas enquanto outro realiza outras atividades interativas.

O processo de ensino e aprendizagem ocorre no acesso do aluno às disciplinas do respectivo semestre. As unidades de ensino de cada disciplina serão ministradas através de videoaulas gravadas ou ao-vivo, infográficos, exercícios, materiais adicionais e da leitura dos capítulos do livro texto, sob a mediação virtual do professor tutor. Nesse contexto, são realizadas atividades diversas de fomento à aprendizagem e de avaliação, tais como: fóruns, chats, discussões, discussões de temas transversais e análises de casos, pesquisas, estudo de textos, powerpoints, hipertextos, vídeos-aulas e e-books (livro texto, periódicos e biblioteca virtual), questionários, exercícios de fixação, atividades interdisciplinares, avaliações randômicas, avaliações de aprendizagem, etc., sempre estimulando a busca constante e ativa por parte do aluno do conhecimento e da aprendizagem.

### **3.1 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)**

Define-se como Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) o conjunto de recursos tecnológicos que são utilizados de forma integrada na estratégia pedagógica para a educação a distância. Trata-se da mediação didático pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação (TICs), com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos. A Faculdade, através de seu Núcleo de Educação à Distância, utilizará de todos os recursos disponíveis e verificará constantemente a existência de atualizações para implementar novas TICs nos processos de ensino-aprendizagem.

As TICs facilitam o relacionamento de alunos e professores no que se refere à troca de conhecimentos, informações e experiências. Além dos textos e videoaulas, os docentes do Curso de Bacharelado em Teologia EaD podem realizar debates e fóruns de discussão, exercícios de fixação, avaliações e outras estratégias que tornam a aprendizagem mais significativa e interativa.

As TICs são utilizadas em todas as disciplinas do Curso com a inserção de textos, vídeos, links e demais recursos e ferramentas da própria plataforma que servem para auxiliar no processo de ensino aprendizagem na modalidade a distância (EaD). Dessa forma, o aluno adquire conhecimentos de Internet (pesquisa de sites, envio e recebimento de e-mails), além de trabalhar, constantemente, com ferramentas de comunicação e informação disponíveis na estrutura virtual da IES.

Na Faculdade Batista Pioneira, o NEaD foi responsável pelo desenvolvimento do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), customizado a partir do Moodle, com o propósito de aperfeiçoar o processo de interação entre alunos e professores e entre os próprios alunos, potencializando o processo de ensino aprendizagem por meio do princípio da educação colaborativa. O AVA, contém

vários conteúdos e ferramentas voltadas ao aprendizado e dispõe de todos os recursos necessários para viabilizar a qualidade do processo de ensino aprendizagem a distância da IES, tais como chat, fórum, exercícios de fixação, avaliações randômicas, avaliações de aprendizagem, links, vídeos, textos, powerpoints, hipertextos, videoaulas e e-books (livro texto e biblioteca virtual).

O Portal do ambiente virtual de aprendizagem foi desenvolvido, sendo já utilizado, testado, reavaliado e otimizado desde 2013, nos cursos de extensão e como complemento para o aprendizado no Curso de Graduação Presencial. O Portal foi adequado e customizado no âmbito da Faculdade Batista Pioneira com o objetivo de atender as especificidades da proposta educacional a distância da IES, mediante os princípios e diretrizes legais, o contexto institucional e as características dos seus alunos. Destaca-se que esse ambiente permanece em constante sintonia com as exigências de flexibilidade, otimização do tempo, redução de gastos, desenvolvimento científico e amplo processo de avaliação da sua qualidade, para utilização plena e otimizada no âmbito do Curso de Bacharelado em Teologia EaD da IES.

### **3.2 MATERIAIS E CONTEÚDOS INSTRUCIONAIS**

Na elaboração do material didático instrucional para uso a distância busca-se integrar as diferentes mídias e explorar a convergência das tecnologias, sempre na perspectiva da construção do conhecimento e da possibilidade de interação entre os diversos atores. Todo o material didático instrucional é elaborado em consonância com o Projeto Pedagógico de Curso, com abordagem do conteúdo específico da área, indicando bibliografias básicas e complementares, atendendo às especificidades da modalidade de EAD, em particular quanto à dialogicidade da linguagem, como promotor da autonomia de estudo. O material didático é produzido por professores titulados e com experiências e formações nas áreas contempladas pela matriz curricular do curso. Os professores conteudistas são os profissionais que desenvolvem os conteúdos, selecionando e reunindo os materiais, organizando e propondo o estudo de textos e a realização de atividades para a disciplina sob sua responsabilidade. A construção dos materiais didáticos é acompanhada pelo Núcleo de Educação à Distância (NEaD) composto por profissionais capazes de desenvolver materiais, apoiando o professor em EAD.

Para atender a estas orientações, o material didático deve:

- Cobrir de forma sistemática e organizada o conteúdo preconizado pelas diretrizes curriculares, segundo documentação do Ministério da Educação, para cada área do conhecimento, com atualização permanente;
- Atender os conceitos preconizados por este PPC, atendendo as expectativas do perfil do egresso deste instrumento;
- Ser estruturados em linguagem dialógica, de modo a promover autonomia do aluno, desenvolvendo sua capacidade para aprender e controlar o próprio desenvolvimento;
- Prever um módulo introdutório que leve ao domínio de conhecimentos e habilidades básicas, referentes à tecnologia utilizada, e forneça para o aluno uma visão geral da metodologia em educação a distância a ser utilizada no curso, tendo em vista ajudar seu planejamento inicial de estudos e em favor da construção de sua autonomia;
- Detalhar que competências cognitivas, habilidades e atitudes o aluno deverá alcançar ao fim de cada disciplina, oferecendo-lhe oportunidades sistemáticas de autoavaliação;
- Dispor de esquemas alternativos para atendimento de alunos com deficiência;
- Indicar bibliografia e sites complementares, de maneira a incentivar o aprofundamento e complementação da aprendizagem.

Dessa forma, o material didático instrucional, disponibilizado aos alunos, permite executar a formação definida no Projeto Pedagógico de Curso considerando, em uma análise sistêmica e global, os

aspectos: abrangência, acessibilidade, bibliografia adequada às exigências da formação, aprofundamento e coerência teórica.

No Curso de Bacharelado em Teologia EaD os materiais didáticos e instrucionais serão concebidos pelo professor conteudista com a assessoria do NEaD e da coordenação do curso. Este acompanhamento auxiliará o professor na formatação dos materiais segundo o roteiro:

- a. Mapa de Atividades do curso – é o documento que descreve todas as atividades que serão realizadas pelo aluno no decorrer da disciplina. Ele é organizado da seguinte maneira: aula, unidade, subunidade, objetivos específicos e atividades;
- b. As Matrizes Instrucionais de todas as atividades que requerem detalhamento (incluindo os exercícios), indicando como elas deverão ser produzidas;
- c. Os Scripts de todos os vídeos, vídeos interativos e aulas síncronas previstas;
- d. Livro Texto da disciplina;
- e. A Ementa da disciplina (incluindo a bibliografia básica e complementar).

Durante o processo de elaboração do material que consiste nas etapas de desenvolvimento, customização e editoração, utiliza-se o Google Drive compartilhado entre as partes envolvidas (equipe multidisciplinar) e divididos em pastas identificadas pelo curso, unidade curricular e processo de elaboração, para melhor controle do fluxo de trabalho da equipe. Salienta-se que o fluxograma de trabalho na elaboração do material didático consiste em produção e validação do conteúdo do material didático, bem como diagramação e validação do mesmo, até o envio da versão final.

Os materiais decorrentes deste trabalho serão disponibilizados dentro do AVA em diferentes formatos, como chat, fórum, exercícios de fixação, avaliações randômicas, avaliações de aprendizagem, links, vídeos, textos, slides, hipertextos, videoaulas e e-books (livro texto e biblioteca virtual), entre outros. O e-book (livro texto) é disponibilizado em dois formatos: para leitura online dentro do AVA, e em formato PDF, podendo ser baixado e impresso pelo aluno. As videoaulas são disponibilizadas virtualmente (dentro do espaço da disciplina em link específico). O propósito do material e conteúdos do curso serem disponibilizados multimodal é viabilizar o acesso aos alunos, independentemente dos recursos tecnológicos que eles dispõem, dentro de um fluxo logístico que garanta o recebimento.

Após o acesso do aluno aos conteúdos, videoaulas e ao livro texto, as atividades e exercícios são disponibilizados com o objetivo de problematizar os temas desenvolvidos em cada aula, exigindo do aluno reflexão e produção de conhecimento, a partir da resolução de situações-problema, aplicabilidade do conhecimento e outras formas de interação, preparando-o para as avaliações de aprendizagem. Para tanto, os fóruns, chats e o atendimento do professor conteudista e do professor tutor também são de fundamental importância na realização do processo de ensino aprendizagem.

A sugestão de links e textos complementam o estudo dos temas, enriquecem e suplantam a aprendizagem, da mesma forma que as referências bibliográficas e a indicação de sites da Web servem como fonte de pesquisa e estudo relevantes. Os hipertextos apresentam links para outros sites e informações que levam o aluno a complementar os conteúdos contidos no material instrucional produzido pela IES. Os vídeos complementares trazem palestras e ministrações importantes de diversos professores sobre os temas das aulas, o que agrega ao potencial de aprendizagem da proposta pedagógica da IES.

O material didático instrucional é um poderoso diferencial na promoção da aprendizagem autônoma, por isso, após a sua elaboração, é devidamente revisado e corrigido pelo NEaD, inclusive com o devido controle do padrão dos materiais produzidos, qualidade, utilização da marca e do logo. Portanto, a partir dessa preocupação, a IES vem produzindo um material de autoestudo de qualidade, caracterizado por um conteúdo atual, vivo e próximo às necessidades do aluno, constituindo-se como um instrumento de dialogicidade entre o aluno e o conhecimento. Os materiais educacionais propostos



para esse curso foram desenvolvidos no sentido de trabalhar a partir das competências, habilidades, atitudes e valores previstos na proposta pedagógica da IES e no Projeto Pedagógico do Curso de Teologia EaD.

A perspectiva da contextualização e atualização do material didático instrucional exige do professor conteudista e do professor tutor capacitação continuada, visando a transformar os conteúdos teóricos em projetos práticos, bem como à capacitação, visando ao desenvolvimento das aulas e atividades por meio do Portal e do AVA. Esse processo de aprender a fazer consiste no “aprender a aprender”, de forma que o docente crie condições para que esse aprendizado ocorra com eficiência e eficácia, exigindo do aluno uma produção, reflexiva: escreve, elabora, argumenta e expõe seus pontos de vista de forma fundamentada. Permite ainda um processo de informação e conhecimento que insere o aluno nas teorias mais modernas e aceitas no contexto contemporâneo; proporciona a interação, não só entre professor conteudista, professor tutor e aluno, mas dos alunos entre si; explícita e sinaliza a relação entre a Faculdade e o papel da sociedade; engendra autonomia no desenvolvimento das aprendizagens e saberes próprios da área do curso, além de exigir os conhecimentos mínimos de informática para o aproveitamento do curso em todas as suas possibilidades.

Como critério de autoavaliação da qualidade dos materiais e conteúdos educacionais do curso de uma forma geral, foram adotados os critérios apontados pela comissão de especialistas da área de educação a distância do MEC, que podem ser sintetizados nas seguintes categorias de análise:

- Integração dos equipamentos e materiais;
- Associação dos materiais educacionais entre si;
- Disponibilidade de informação e comunicação;
- Facilidade para o desenvolvimento dos trabalhos colaborativos;
- Existência de princípios pedagógicos.

A preocupação do NEaD, da coordenação e professores, tendo como parâmetros as categorias acima expostas, centra sua atenção nos seguintes critérios avaliativos: usabilidade, interatividade, robustez, fácil disponibilidade de conteúdo e uma boa relação de custo-benefício, o que facilita o acesso do aluno a uma educação de qualidade. O foco dessa avaliação está centrado no usuário, assim, além da avaliação procedida pelos professores e coordenação, o aluno será o ator principal dos procedimentos avaliativos. É a partir da avaliação da equipe técnica e, sobretudo, dos alunos, que os materiais e recursos educacionais serão revistos e remodelados.

### **3.3 O DESIGNER INSTRUCIONAL**

A partir do que foi apresentado até aqui é possível inferir que apenas um professor com experiência no ensino presencial e conhecimento teológico condizente com as doutrinas batistas não é suficiente para que uma IES batista ofereça cursos de Teologia que sejam eficientes e relevantes. O planejamento do estudo teológico não é uma tarefa simples, pois envolve inúmeras questões que devem ser levadas em consideração e podem ir além dos conhecimentos do docente. Por isso, é importante contar com o auxílio de um profissional de Design instrucional (DI). Conforme Filatro, o design instrucional [...] “consiste em uma sequência de etapas que permitem construir as mais variadas soluções - como um curso, uma disciplina, uma trilha de aprendizagem, um vídeo educativo, um tutorial multimídia, um livro didático impresso ou digital - para necessidades educacionais específicas”.<sup>43</sup> Ainda segundo esta autora,

Na verdade, o DI faz parte de uma grande família de ciências do design - formada por membros como o design industrial, o design gráfico e o web design, entre outros - e com ela compartilha um processo comum, por meio do qual se busca alcançar um objetivo específico, desde a compreensão de um problema ou necessidade específicos, o design de

<sup>43</sup> FILATRO, Andrea. **Tópicos em design instrucional**. São Paulo: Senac, 2019, p. 7.

uma solução e a implementação dessa solução cuidadosamente elaborada.<sup>44</sup>

Uma vez que faz parte deste grupo de ciências do design, ele consiste em um processo criativo que demanda inovação. A questão mais importante acerca da inovação é [...] “a interação entre as pessoas e a expressão de suas ideias”.<sup>45</sup>

A área do designer instrucional é relativamente recente. Ela inicia-se com a necessidade de treinamento de novos soldados no manejo das armas durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de então a pesquisa na área se intensificou, até que na década de 70 surgiu a primeira proposição acerca dos modelos de design instrucional. Nas décadas seguintes, com o avanço das tecnologias houve um avanço exponencial com diversas novas teorias e modelos de design instrucional e, no início do presente século, destacou-se o surgimento do e-learning (aprendizagem eletrônica).<sup>46</sup>

Após o surgimento deste último, houve muito avanço tanto na área do design instrucional quanto no surgimento de novas tecnologias, bem como em relação à internet e aos espaços virtuais. Por isso, ocorreu uma transformação drástica na forma como a educação acontece. Sobre isso, Totti aponta que:

Os métodos de ensino-aprendizagem têm evoluído ao longo dos anos. No passado, os limites dos aprendizes se resumiam a uma sala de aula e a um professor à sua frente, ensinando-lhes um conteúdo em uma lousa. Nos dias de hoje, em um mundo cada vez mais globalizado, onde muitas vezes o aluno é o sujeito do seu próprio processo de aprendizagem, as fronteiras dos aprendizes vão muito além de uma sala de aula física, pois são espaços virtuais disponíveis ao se dar um clique. Os aprendizes podem acessar esses espaços do ponto de ônibus, de casa, do shopping, do clube etc. Podem acessá-los pelos mais variados meios, como o notebook, o tablet e o smartphone.<sup>47</sup>

Atualmente há diferentes modelos de design instrucional, abordagens e teorias pedagógicas, TICs e outras questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Ao produzir um curso teológico a distância, uma IES batista terá obrigatoriamente de realizar um planejamento da instrução. No entanto, sem valer-se da ciência do design instrucional a IES corre um sério risco de que o processo de ensino-aprendizagem seja ineficaz para boa parte de seus alunos. Sem um planejamento correto é difícil que qualquer atividade ou produção humana seja bem-sucedida e não é diferente em relação aos processos educacionais.

Desta forma, tendo em vista que o design instrucional se refere ao ato de planejar a aprendizagem, o profissional designer instrucional é quem, [...] “utilizando seus conhecimentos pedagógicos e gerenciais, desenha e desenvolve as soluções educacionais para que determinado conteúdo possa ser mais bem explorado e aprendido pelos alunos”.<sup>48</sup>

A atividade do designer instrucional tem por objetivo, primeiramente, [...] “reduzir distâncias e aumentar o envolvimento emocional do aluno com o conteúdo, com o professor e com outros alunos”.<sup>49</sup> Além disso, o designer instrucional tem competência para: “conceber, planejar, desenvolver e validar cursos online, presenciais ou semipresenciais, sobretudo os que são ofertados por meio da internet, para instituições públicas, privadas e/ou do terceiro setor”.<sup>50</sup> O profissional também precisa saber trabalhar em equipe, identificar as melhores estratégias de acordo com cada conteúdo, manter-se atualizado no que tange às novas tecnologias e conhecer a proposta do curso a ser desenvolvido, a fim de dar o suporte necessário e gerenciar a equipe multidisciplinar no processo de produção.<sup>51</sup> Conforme

<sup>44</sup> FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa; et. al. **DI 4.0: inovação em educação corporativa**. São Paulo: Saraiva, 2019, p. 91.

<sup>45</sup> FILATRO, 2019, p. 104.

<sup>46</sup> TOTTI, Flaviana. **Cenários de design instrucional**. São Paulo: Senac, 2019, p. 10-11.

<sup>47</sup> TOTTI, 2019, p. 8.

<sup>48</sup> TOTTI, 2019, p. 12.

<sup>49</sup> TOTTI, 2019, p. 24.

<sup>50</sup> TOTTI, 2019, p. 29.

<sup>51</sup> FILATRO, 2019, p. 13.

Totti, citando Franco, Braga e Rodrigues, é responsabilidade do designer instrucional:

[...] organizar todo o processo multidisciplinar (das áreas de mídias, educação, comunicação, gestão, conhecimento específico, etc.) e encontrar soluções para problemas educacionais que envolvam o desenvolvimento de projetos de cursos no modelo totalmente virtual ou em outros modelos que combinem momentos presenciais com momentos a distância utilizando recursos virtuais. Esses tipos de cursos são chamados de semipresenciais ou blended learning ou b-learning.<sup>52</sup>

Neste sentido, algo importante a se apontar é que o designer instrucional frequentemente trabalhará com maior ênfase no estudo a distância ou b-learning. Isso não o impede de atuar apoiando os docentes na modalidade presencial. No entanto, uma vez que no âmbito teológico batista em nível superior estes muitas vezes são profissionais capacitados e com vasta experiência na área do ensino, este auxílio se torna quase, senão totalmente, desnecessário. Algo a se considerar também é a necessidade ou não de ele possuir graduação em Teologia. Uma vez que sua função é de apoiar pedagogicamente os projetos educacionais e os professores e tutores nas etapas, em especial de planejamento, desenvolvimento e avaliação,<sup>53</sup> é possível inferir que isto não seja necessário, visto que ele não exercerá função de docente no curso a ser desenvolvido e não lhe cabe ingerir no conteúdo teológico. No entanto, é interessante que seja conhecedor das principais doutrinas batistas para que suas contribuições não sejam contrárias a elas.

Há que se pontuar ainda algumas questões que corroboram a importância da presença do designer instrucional no desenvolvimento de cursos de Teologia batista em nível superior. Primeiramente, uma vez que ele “trafega” por diferentes áreas da academia, conhece teorias e abordagens pedagógicas e está sempre atento às novas tecnologias, ele pode participar da gerência do planejamento de forma ativa e produtiva. Segundo Totti,

A área de design instrucional caracteriza-se por ter profissionais com expertise e que se responsabilizam pelo design da instrução, ou seja, por ter designers instrucionais (DIs). A presença do DI é fundamental em todas as fases do processo de criação dos projetos e compreende diferentes níveis de atuação: a concepção dos projetos, planejamento, a escolha dos referenciais metodológicos, a elaboração de atividades e dos objetivos de aprendizagem, a utilização dos recursos de design instrucional e a indicação de mídias e ferramentas para tornar o conteúdo didático e eficaz em seu propósito.<sup>54</sup>

Além disso, é possível que a IES batista deseje desenvolver conteúdos instrucionais para diferentes públicos dentre seu portfólio de produtos de extensão. Neste caso, este profissional é capacitado para oferecer as melhores alternativas. Totti afirma que “a forma de ensinar pode ser modificada de acordo com cada contexto e solução educacional. Cabe ao DI encontrar as melhores práticas para organizar a aprendizagem e as mídias que serão utilizadas no formato on-line, presencial ou semipresencial”.<sup>55</sup> Assim, uma vez que há entre os batistas uma ênfase no ensino nas mais diversas faixas etárias, o profissional pode auxiliar na produção de jogos educacionais para crianças e adolescentes, cursos e materiais para escolas bíblicas para adultos e no desenvolvimento de plataformas de cursos de extensão.

Também é importante apontar que, uma vez que possui conhecimento acerca das abordagens e teorias pedagógicas, ele pode vir a ser útil à IES ao servir de apoio aos docentes que não possuem tal conhecimento. Isto é importante, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, em seu artigo sessenta e seis, estabelece que: “A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”.<sup>56</sup> Ou seja, não se faz necessário possuir graduação ou especialização na área da Educação. Assim, é possível que muitos dos

<sup>52</sup> FRANCO; BRAGA; RODRIGUES, 2010, citados por TOTTI, 2019, p. 12.

<sup>53</sup> CHAQUIME; FIGUEIREDO, 2013, citados por TOTTI, 2019, p. 15.

<sup>54</sup> TOTTI, 2019, p. 12.

<sup>55</sup> TOTTI, 2019, p. 41.

<sup>56</sup> BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 21 mai. 2022.

docentes não estejam familiarizados com as teorias e abordagens educacionais.

Portanto, mediante o exposto é possível afirmar que o designer instrucional é bastante importante para que se propicie uma maior qualidade no que tange à educação teológica batista na modalidade do ensino a distância. Totti resume perfeitamente esta realidade ao afirmar que:

Percebe-se que o designer instrucional é o responsável por projetar as soluções educacionais que melhor atendam a cada tipo de problema instrucional (e-learning, curso presencial, b-learning), a cada propósito dos cursos (treinamento, formação, atualização, etc.), ao tempo disponível pelos alunos para fazer o curso e pelo uso de recursos ou mídias nos projetos. Ele é o ‘maestro’, que projeta, cria, desenvolve e rege sua ‘orquestra’.<sup>57</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estruturar um ensino à distância de forma que transforme a modalidade de aprendizagem, talvez seja uma tradução do que a sociedade tem vivenciado nos últimos anos. Esta pesquisa tratou de investigar o acesso a diversas práticas e instrumentos relacionados com o processo de ensino-aprendizagem via EaD. Todo o amplo espectro que envolve o ensino à distância e virtual faz uso das TICs para abrir as janelas do mundo não somente a alunos que estão longe dos grandes centros, mas a todos aqueles que desejam uma educação mais interativa, capaz de incentivar a pessoa a refletir sobre o que está aprendendo e entender o conteúdo, a fim de fazer sua parte para mudar o mundo. A reflexão talvez seja também a maior e melhor ferramenta que o líder que trabalha com o EaD pode utilizar para criar conteúdos mais adequados ao mundo atual, em constante mutação, no qual uma notícia ou lição repetida não serve mais e precisa ser substituída por um ensino vivo, que se adapte às necessidades dos alunos de hoje.

Com o objetivo de entender o processo da história e estudo teológico, o primeiro ponto apresentou as principais decisões, quanto ao ensino teológico, a fim de mostrar os desafios e oportunidades. Percebeu-se que o ensino a distância aumentou consideravelmente nos últimos anos, e a oportunidade de alunos e professores ensinarem e aprenderem em tempo diferente marcam a viabilidade do ensino virtual. A evolução das novas tecnologias fez o ensino perceber as necessidades em fazer mais com menos e pensar em educação em tempos de constantes mudanças.

Ao longo do segundo capítulo, foi descrito sobre os principais agentes envolvidos com a educação a distância, a saber: alunos e professores. Para isso, destacou-se os desafios enfrentados por cada um desses agentes. Assim, este capítulo apresentou as vantagens do ensino a distância. Alguns fatores positivos desta abordagem é a redução nas distâncias geográficas, psicossociais, econômicas e culturais. Foi descrito que houve uma revolução e democratização do conhecimento. Além disso, foi apontado os desafios enfrentados na modalidade a distância. Neste quesito, ressalta-se que o aluno precisa estabelecer uma rotina para esta forma de ensino-aprendizagem.

Por fim, o último capítulo mostrou o desenvolvimento pessoal e tecnológico para o ensino à distância oferecido do curso de teologia na Faculdade Batista Pioneira. Diante desta realidade, a pesquisa aprofundou alguns princípios para a qualidade do ensino teológico de forma que a essência ensinada na instituição de ensino seja preservada apesar das mudanças no formato de ensino.

Para estruturar os processos educacionais para alunos de EaD, é preciso entender que a distância é um fenômeno pedagógico, e não somente geográfico. Assim, precisa-se apontar um novo caminho para a EaD, que deve ser percorrido não só por pesquisadores, mas também por gestores, administradores, professores e todos os que atuam ou pretendem atuar na área. Pode-se afirmar que esse tipo de ensino facilita o acesso e a produção de conhecimento de maneira mais participativa, por meio de um esforço compartilhado. Além disso, o uso de dispositivos digitais, da internet e até mesmo das redes sociais aprimora o aprendizado expandido e contínuo, mas também a participação dos alunos. Assim, são

<sup>57</sup> TOTTI, 2019, p. 32.

necessários instrumentos mais precisos de planejamento, que levem em consideração uma grande quantidade de restrições e condições para o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, será vivenciado a liderança estratégica em tempos de transformações no ambiente educacional.

## REFERÊNCIAS

ALLAN. **The Evangelicals: an Illustrated History**. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância em meio digital: novos espaços e outros tempos de aprender, ensinar e avaliar. In: **VIRTUAL EDUCA**, 2003, Miami, USA. Anais... Miami, USA, 2003.

BACICH, Lilian; MORAN, José (ORGs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórica-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARRO, Jorge Henrique (org.). **Uma igreja sem propósitos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

BONINO, José Míguez. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BOSCH, David. **Missão transformadora**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, (2014). **Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Teologia**. Brasília: MEC/ CNE. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=16071&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=16071&Itemid=). Acesso em: 31 out. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação, (2016a). **Diretrizes curriculares nacionais para o curso de Graduação em Teologia**. Brasília: MEC/ CNE. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category\\_slug=sete\\_mbro-2016-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=sete_mbro-2016-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Parecer CES 241/99**, 15 mar. 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/>. Acesso em: 31 out. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Teologia - Bacharelado**, Minuta v. 1.4. Brasília: MEC/CNE, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6951-dcn-teologia &Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6951-dcn-teologia &Itemid=30192)>. Acesso em: 04 out. 2020.

BRASIL. **Decreto no 9.057**, de 25 de maio de 2017. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm)>. Acessado em 12 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 dez. 1996.

BUENO, N. **O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica**. (Dissertação de mestrado) 1999. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/dissertacoes/1999/natalia.pdf>. Acesso em 20 jun. 2015.

CALVANI, C. E. **O Movimento Evangelical: considerações históricas e teológicas**. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1993.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CAVALCANTI, R. **As origens do evangelicalismo**. Ultimato, Viçosa, jul. 1998.

CAVALCANTI, R. **Evangelicalismo, anglicanos e evangélicos**. Ultimato, Viçosa, maio/jun. 2000.

CAVALCANTI, R. Os protestantes e os evangélicos: liberalismo, neofundamentalismo e evangelicalismo”. UI-

timato, nov. 1993.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE, São Paulo, n.5, 2º sem. 2007.

EBERT, Luis Augusto; POSSAMEI, Cleide Tirana Nunes; SIMON, Vanessa Silveira Pereira. **Perspectivas profissionais**. Indaial: UNIASSELVI, 2017.

ELIASQUEVICI, M. K.; JUNIOR, A. C. P. O papel da incerteza no planejamento de sistemas de educação a distância. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 2, p. 209-325, 2008. p. 216.

FLUCK, Marlon Ronald. **Manual de elaboração de TCC e dissertação**. Curitiba: Fabapar, 2014.

FRESTON. **Fé bíblica e crise brasileira**. Ultimato, nov. 1993.

GABRIEL, M. **Educar: a revolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Missão Integral: um convite à reflexão**, 20 jul. 2010. Disponível em: <<http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br/2010/07/missao-integral-um-convite-reflexao.html>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOSEMIN, Gilberto Clóvis. **Entendimento interpretativo em pesquisa qualitativa sobre sistemas de informação**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/div\\_ersos/down\\_zips/58/ADI1539.pdf](http://www.anpad.org.br/div_ersos/down_zips/58/ADI1539.pdf)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. **Missão integral transformadora**. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 32.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Valéria Vernaschi. **Constructivist spiral: an active learning methodology**. Botucatu: Interface, 2017.

LONGUINI NETO, Luis. **O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002.

MARSDEN, George. **Understanding Fundamentalism and Evangelicalism**. Grand Rapids: Erdmans, 1991.

MATOS, H. A. B. **Sistemas de Formação**. Universidade de Coimbra. Coimbra, 1998. Disponível em: <http://student.de.uc.pt/~kikas/DLIndex.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MATTAR, J. **Guia de Educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning. Portal Educação, 2011.

MENDONÇA. **“Quem é evangélico no Brasil?”** Contexto Pastoral, Debate nº 8, 1992.

MOORE. Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação à distância: sistemas de aprendizagem on-line**. 3.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral**, 28 ago. 2014. Disponível em <http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>. Acesso em: 09 fev. 2015.

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA EAD.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020.

QUIROZ (comp.). **Teologia en el camino:** documentos presentados en los últimos veinte años por diferentes comunidades cristianas de América Latina, [198?].

ROCA, Octavi. A autoformação e a formação à distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem. In: SANCHO, Juana Maria. **Para uma tecnologia educacional.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANTO, E. R. **Educação teológica a distância:** perspectivas teóricas para análise da viabilidade de uma formação de liderança religiosa na modalidade a distância. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1352009105142.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

SANTOS, Luiz Fernando dos. Por uma igreja mundana. **Ultimato**, 20 fev. 2013. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SOUZA, Lidiane Ribeiro da Silva de. **Uma proposta didático-pedagógica para curso superior de teologia na modalidade EAD com práticas inovadoras.** Curitiba, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter. 2016,

SCHAEFFER, Francis A. **Manifesto cristão.** [S.l.]: Refúgio, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos.** Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2005.

STEER, R. **Guarding the Holy Fire.** The Evangelicalism of John R. W. Stott, J. I. Packer, and Alister McGrath. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.

STOTT, J. R. W. **Evangelical Truth.** A personal plea for unity. Leicester: Inter-Varsity Press, 1999.

STOTT, J. R. W. **Las controversias de Jesús.** Tradução de Olivia de Hussey. Buenos Aires: Certeza, 1975.

STOTT, John. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne.** Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional

## **SALMOS MESSIÂNICOS**

*Messianic Psalms*

Me. Erivelton Rodrigues Nunes<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Ao analisar a mensagem geral das Escrituras Sagradas fica evidente que o tema central é Cristo, o Messias prometido a Israel e o Salvador do mundo. Indubitavelmente é possível ver Cristo nos livros do Novo Testamento, adicionalmente, o Antigo Testamento cristão ou TANAKH (Torá, Nevi'im e Ketuvim) judaico está repleto de referências relacionadas a Jesus Cristo, principalmente na literatura poética, em especial, no livro de Salmos. Alguns estudiosos cristãos classificam os salmos levando em consideração uma categoria especial denominada “Salmos Messiânicos” como por exemplo: os Salmos 2, 8, 16, 22, 23, 24, 31, 34, 40, 41, 45, 48, 68, 69, 72, 89, 91, 102, 110, 118, entre outros. Para ser considerado um Salmo Messiânico é necessário conter uma referência direta ao Messias no próprio salmo e outra no Novo Testamento que ateste essa verdade. Dessa forma, todo salmo messiânico aponta diretamente para Jesus. O próprio Cristo ratificou essa ideia na explicação dada aos seus discípulos no caminho de Emaús, quando disse: “importava que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44). Nessa tríplice divisão está representada a totalidade da Bíblia Hebraica ou TANAKH dos judeus, com destaque especial à terceira divisão representada majoritariamente pelos Salmos.

**Palavras-chaves:** Messias. Salmos. Ungido.

### **ABSTRACT**

Analyzing the general message of the Holy Scriptures, it becomes evident that the central theme is Christ, the Messiah promised to Israel and the Savior of the world. It is undoubtedly possible to see Christ in the books of the New Testament,

<sup>1</sup> O autor é graduado em Educação Musical pela UFSCAR, Redes de Computadores pela FHO-UNIARARAS, Teologia pelo Seminário SEIFA e mestre em Teologia pela FABAPAR. E-mail: ernsys@gmail.com



in addition, the Christian Old Testament or Jewish TANAKH (Torah, Nevi'im and Ketuvim) is full of references related to Jesus Christ, mainly in the poetic literature, in particular, in the book of Psalms. Some Christian scholars classify the psalms taking into account a special category called “Messianic Psalms” such as Psalms 2, 8, 16, 22, 23, 24, 31, 34, 40, 41, 45, 48, 68, 69, 72, 89, 91, 102, 110, 118 among others. To be considered a Messianic Psalm, it is necessary to contain a direct reference to the Messiah in the Psalm itself and another in the New Testament that attests to this truth. In this way, every Messianic Psalm points directly to Jesus. Christ himself ratified this idea in the explanation given to his disciples on the road to Emmaus, when he said: “it mattered that all that is written of me in the Law of Moses, the Prophets and the Psalms be fulfilled” (Luke 24.44). In this triple division is represented the totality of the Hebrew Bible or TANAKH of the Jews, with special emphasis on the third division represented mainly by the Psalms.

**Keywords:** Messiah. Psalms. Anointed.

## INTRODUÇÃO

A Bíblia Sagrada possui uma mensagem centrada na pessoa e obra de Cristo, isto é, o Messias prometido por Deus à nação de Israel através de inúmeras profecias contidas no Antigo Testamento. Faz-se necessário esclarecer alguns termos técnicos para melhor compreensão deste artigo. A Bíblia Sagrada usada pelos cristãos é composta por Antigo Testamento (AT) escrito originalmente em hebraico e o Novo Testamento (NT) escrito em grego. A Bíblia Hebraica ou TANAKH usada pelos judeus equivale apenas ao Antigo Testamento usado pelos cristãos. A palavra TANAKH é um acrônimo das três principais divisões da Bíblia Hebraica, ou seja, Torá, Nevi'im e Ketuvim, onde a Torá compreende o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), Nevi'im os textos Proféticos (Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias) e Ketuvim os Escritos (Salmos, Provérbios, Jó, Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, I e II Crônicas). A palavra grega Χριστός (*Christos*)<sup>2</sup> significa “ungido” e sua origem nesse contexto vem do substantivo hebraico מָשִׁיחַ (*māšîaḥ*).<sup>3</sup> Dessa forma, o Novo Testamento apresenta Jesus como o “Messias” ou o “Cristo”. O autor do Evangelho de João no capítulo 1 e versículo 41 declarou: “Este achou primeiro a seu irmão Simão e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo)”. O mesmo autor ao registrar o diálogo de Jesus com a mulher samaritana esclareceu:

A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo (Jo 4.25,26).

Nas traduções contemporâneas da Bíblia, o termo Messias funciona como um título e Cristo como um nome ou sobrenome, isto é, Jesus Cristo. Mateus registra no primeiro versículo do Novo Testamento a seguinte declaração: “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). João registra a razão dos sinais e milagres operados por Jesus: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (Jo 20.31). Lucas, autor de Atos dos Apóstolos ratificou: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.36). Portanto, não há dúvidas de que o Novo Testamento identifica Jesus ao Messias (Cristo) prometido à nação de Israel, que até então era a nação detentora das Escrituras Sagradas (TANAKH ou AT). Embora todo o Antigo Testamento faça referências a Jesus, o presente artigo se limita a analisar parte da literatura

<sup>2</sup> Todas as palavras gregas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes de: BRANNAN, R. *Léxico Lexham do Novo Testamento Grego*. Bellingham: Lexham, 2020.

<sup>3</sup> Todas as palavras hebraicas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes de: BRANNAN, R. *Léxico Lexham da Bíblia Hebraica*. Bellingham: Lexham, 2020.

poética.

## 1. OS SALMOS NA LITERATURA POÉTICA

De acordo com Pinto, a tradição judaica preservou o nome genérico סֵפֶר תְּהִלָּה (*sefer tehillam*), “o livro dos louvores”. A palavra תְּהִלָּה (*tehillam*) é originária da raiz hebraica da palavra aleluia que significa “Louvai a Yahweh”. A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, usou o título Ψάλλοι (*psalmoi*) ou Ψαλτήριον (*Psalterion*), sugere canções acompanhadas por instrumentos de cordas. Já o título latino *Liber Psalmorum* simplesmente translitera o conceito grego. Nas Bíblias em português o título Salmos origina-se do manuscrito da Septuaginta conhecido como Codex Vaticanus, ψαλμός (*psalmos*). A expressão “O Livro dos Salmos” vem da Vulgata (*Liber Psalmorum*) e a palavra Saltério, usada para representar toda a coleção, se encontra no manuscrito da Septuaginta conhecido como Codex Alexandrinus.<sup>4</sup>

Alguns estudiosos cristãos classificam os salmos levando em consideração uma categoria especial denominada “Salmos Messiânicos”. Lieth destaca os Salmos 2, 8, 16, 22, 23, 24, 31, 34, 40, 41, 45, 48, 68, 69, 72, 89, 91, 102, 110 e 118.<sup>5</sup> Wiersbe afirma que para um salmo ser considerado messiânico, ele deve ser citado no Novo Testamento com referência a Jesus.<sup>6</sup> Lieth ainda afirma que é necessário conter uma referência direta ao Messias no próprio Salmo e outra no Novo Testamento que ateste essa verdade. Dessa forma, todo Salmo Messiânico aponta diretamente para Jesus.<sup>7</sup> O autor do Evangelho de Lucas registra as palavras de Cristo, ratificando essa verdade na explicação dada aos seus discípulos no caminho de Emaús: “importava que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44). Jesus cita com essas palavras a estrutura da Bíblia Hebraica com sua tríplice divisão, usando os Salmos como título da terceira divisão uma vez que é a parte mais representativa em volume escrito.

Belcher chega mais longe em sua análise ao afirmar que todos os salmos têm uma relação com a pessoa e obra de Cristo, não apenas os salmos messiânicos tradicionais. Sob essa perspectiva, é um privilégio ver a majestade de Cristo nas páginas das Escrituras.<sup>8</sup> Como resultado desse fato, o povo de Deus é encorajado a louvar e render ação de graças a Deus. Isso não significa que Cristo será encontrado em cada versículo, mas entender como os principais conceitos e ideias do Antigo Testamento são fundamentais para a compreensão da pessoa e obra de Cristo. Selderhuis, George e Manetsch afirmam em relação aos salmos que se deve considerar que toda profecia se refere a Cristo, a não ser quando ficar muito claro, com base nas palavras do texto, que estão falando sobre outra pessoa.<sup>9</sup> O próprio Cristo ao discutir com os líderes religiosos judaicos lançou-lhes em rosto: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (Jo 5.39). Para Jamieson, Davi foi o servo escolhido por Deus para governar Seu povo, sendo o ancestral linear, “segundo a carne” (At 2.30; Rm 1.3), de Seu adorável Filho, e Seu tipo, em suas relações oficiais, tanto no sofrimento quanto no triunfo. Geralmente, as provações de Davi pelos ímpios retrataram as provações de Cristo, e seu sucesso final o sucesso do reino de Cristo.<sup>10</sup> Os pesquisadores Selderhuis, George e Manetsch comentam o posicionamento do reformador Lutero quanto à interpretação dos Salmos e sua relação com Cristo. O significado de um salmo deve ser procurado no Espírito, pois superficialmente pode

<sup>4</sup> PINTO, C. O. C. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 449.

<sup>5</sup> LIETH, Norbert. **Salmos Messiânicos**. Porto Alegre: Actual, 2010, p. 8.

<sup>6</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento - Volume III: Poéticos**. Santo André: Geográfica, 2006, p. 88.

<sup>7</sup> LIETH, 2010, p. 8.

<sup>8</sup> BELCHER Jr, R. P. **The Messiah and the Psalms: Preaching Christ from All the Psalms**. Ross-shire, Scotland: Mentor, 2006, p. 7.

<sup>9</sup> SELDERHUIS, H. J.; GEORGE, T. F.; MANETSCH, S. M. **Salmos 1-72**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 40.

<sup>10</sup> JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997, p. 346.

ser entendido que seja sobre Davi. Todas as histórias das Sagradas Escrituras – se forem entendidas corretamente – apontam para ele. Se Cristo for tirado das Escrituras, o que resta nelas? Embora seja possível encontrar Cristo em todos os Salmos, este artigo se limita a analisar apenas alguns salmos messiânicos tradicionais.<sup>11</sup>

## 2. PRINCIPAIS SALMOS MESSIÂNICOS

Os salmos messiânicos como mencionado anteriormente, tratam especificamente de salmos que possuem referências diretas a pessoa e obra de Jesus Cristo confirmadas por textos do Novo Testamento. Lieth, citando Risto Santala, afirma que o Novo Testamento contém 224 passagens diferentes de 103 salmos. Como certas citações dos salmos em parte são mencionadas mais vezes, o número total passa para 280 referências no Novo Testamento. Sendo assim, os salmos têm o Messias e o Seu Reino como tema.<sup>12</sup> MacDonald em seu comentário bíblico apresenta a seguinte tabela com um resumo de alguns salmos messiânicos e suas respectivas referências neotestamentárias:<sup>13</sup>

| Salmo        | Representação                        | Cumprimento      |
|--------------|--------------------------------------|------------------|
| Salmo 2.7    | Filho de Deus                        | Mateus 3.17      |
| Salmo 8.2    | Louvido pelas crianças               | Mateus 2.15–16   |
| Salmo 8.6    | Reina sobre todas as coisas          | Hebreus 2.8      |
| Salmo 16.10  | Ressuscita dentre os mortos          | Mateus 28.7      |
| Salmo 22.1   | Abandonado por Deus                  | Mateus 27.46     |
| Salmo 22.7–8 | Escarnecido pelos inimigos           | Lucas 23.35      |
| Salmo 22.16  | Pés e mãos traspassados              | João 20.27       |
| Salmo 22.18  | Lançam sortes sobre suas vestes      | Mateus 27.35–36  |
| Salmo 34.20  | Ossos intactos                       | João 19.32–33,36 |
| Salmo 35.11  | Acusado por falsas testemunhas       | Marcos 14.57     |
| Salmo 35.19  | Odiado sem motivo                    | João 15.25       |
| Salmo 40.7–8 | Desejoso de cumprir a vontade do Pai | Hebreus 10.7     |
| Salmo 41.9   | Traído por um amigo                  | Lucas 22.47      |
| Salmo 45.6   | Rei eterno                           | Hebreus 1.8      |
| Salmo 68.18  | Sobe ao céu                          | Atos 1.9–11      |
| Salmo 69.9   | Zeloso pela casa de Deus             | João 2.17        |
| Salmo 69.21  | Oferecem-lhe fel e vinagre           | Mateus 27.34     |
| Salmo 109.4  | Ora pelos inimigos                   | Lucas 23.34      |
| Salmo 109.8  | O traidor é substituído              | Atos 1.20        |
| Salmo 110.1  | Governa sobre seus inimigos          | Mateus 22.44     |
| Salmo 110.4  | Sacerdócio eterno                    | Hebreus 5.6      |
| Salmo 118.22 | Pedra angular do edifício de Deus    | Mateus 21.42     |
| Salmo 118.26 | Vem em nome do Senhor                | Mateus 21.9      |

Tabela 1 - Salmos Messiânicos

### 2.1 SALMO 2 - O REINADO DO MESSIAS

O primeiro salmo a ser analisado será o Salmo 2, que segundo Wiersbe é o salmo com a maior quantidade de referências no Novo Testamento, ou seja, dezoito alusões: Mateus 3.17; 7.23; 17.5; Marcos 1.11; 9.7; Lucas 3.22; 9.35; João 1.49; Atos 4.25,26; 13.33; Filipenses 2.12; Hebreus 1.2, 5; 5.5;

<sup>11</sup> SELDERHUIS; GEORGE; MANETSCH, 2018, p. 40.

<sup>12</sup> LIETH, 2010, p. 8.

<sup>13</sup> MACDONALD, W. **Comentário Bíblico Popular**: Antigo Testamento. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 369.

Apocalipse 2.26, 27; 11.18; 12.5; 19.15. O Salmo 2, além de ser considerado Messiânico, também é classificado como um Salmo Real. Este salmo apresenta Jesus como o Messias, Rei e Filho de Deus. Embora a epígrafe original no texto hebraico não identifique o seu autor, o texto de Atos dos Apóstolos capítulo 4 lança luz sobre a autoria, classificando-o como um salmo de Davi.<sup>14</sup> Durante um período de intensa perseguição à Igreja de Cristo pelos líderes religiosos de Jerusalém, a Igreja e os apóstolos, cheios do Espírito Santo, clamam a Deus em oração e fazem uso do Salmo 2 revelando mistérios anteriormente ocultos:

E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há; que disseste pela boca de Davi, teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido. Porque, verdadeiramente, contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungeste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer. Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra, enquanto estendes a mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome do teu santo Filho Jesus (At 4.24-30).

A referência messiânica já é vista no primeiro versículo do Salmo 2: “Por que se amotinam as nações, e os povos imaginam coisas vãs?” No segundo, continua a citação: “Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido”. Quando os textos são comparados com Atos dos Apóstolos, descobre-se que a autoria é atribuída a Davi, a rebelião dos gentios contra o Messias se cumpriu por intermédio de Herodes (edomita ou idumeu), Pôncio Pilatos (romano) com outros gentios e os povos de Israel. O versículo 7 do Salmo encontra correspondência em Hebreus 1.5 referindo-se a Jesus como o Filho de Deus e o versículo 9 corresponde ao texto de Apocalipse 12.5 que fala sobre o poder de julgar do Rei Jesus.

Embora alguns trechos desse salmo messiânico tenham se cumprido no ministério terreno de Cristo, ainda há referências escatológicas para se cumprir, inclusive as que são confirmadas em Apocalipse. MacDonald afirma que para situar este salmo no devido contexto, é preciso olhar adiante para o final da grande tribulação. Nessa ocasião, uma grande coalizão de governantes e nações se formará com o firme propósito de impedir que Cristo assuma o governo mundial. Deus conferiu a Cristo autoridade para tratar de toda insubordinação e rebelião. Com vara de ferro, ele despedaçará como um vaso de oleiro aqueles que se levantarem contra ele. Conforme indicam outras partes da Escritura, Cristo exercerá autoridade quando voltar à terra e ao longo de seu reinado de mil anos. Antes de ser coroado Rei, destruirá todos que não conhecem a Deus e se recusam a obedecer ao evangelho. No milênio, governará com vara de ferro e castigará a rebelião onde ela se levantar.<sup>15</sup> Wiersbe compara os textos do Salmo 2 e 2 Samuel 7 e constata que o conteúdo deles vai muito além de Davi e seus sucessores, pois tanto a aliança quanto o salmo falam de um reino universal e de um trono estabelecido para sempre - um reinado que só pode se cumprir em Jesus Cristo, o Filho de Davi.<sup>16</sup>

## 2.2 SALMO 8

Para Wiersbe, o salmo 8 é uma bela expressão de louvor ao Senhor, o Deus da criação que dispensa sua atenção a seres humanos tão frágeis. Este salmo pode ser classificado com salmo da natureza e como salmo messiânico uma vez que é citado quatro vezes no Novo Testamento.<sup>17</sup> O versículo 2 está referenciado em Mateus 21.16 quando as crianças louvavam a Jesus e os sacerdotes e escribas questionaram se Jesus estava ouvindo o que elas diziam, ao que ele respondeu: “Sim; nunca

<sup>14</sup> WIERSBE, 2006, p. 89.

<sup>15</sup> MACDONALD, 2011, p. 372.

<sup>16</sup> WIERSBE, 2006, p. 90.

<sup>17</sup> WIERSBE, 2006, p. 103.

lestes: Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor?” (Mt 21.16). Para Harman, mesmo as crianças mais novas podem entoar seu louvor, e esse louvor é capaz de acalmar o íntimo de seus inimigos. Jesus citou o versículo 2 (Mt 21.16) ao repreender as autoridades que queriam que ele fizesse calar as crianças que entoavam seu louvor quando entrava em Jerusalém.<sup>18</sup> O versículo 6 do Salmo 8 está referenciado em 1 Coríntios 15.27 e Efésios 1.22,23:

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés (Sm 8.6).

Porque todas as coisas sujeitou debaixo de seus pés. Mas, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que sujeitou todas as coisas (1Co 15.27).

E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos (Ef 1.22,23).

Os versículos 4 a 7 do Salmo 8 estão referenciados no texto neotestamentário de Hebreus 2.5-8:

Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo (Sl 8.4-7).

Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos; mas, em certo lugar, testificou alguém, dizendo: Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras de tuas mãos. Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas, agora, ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas (Hb 2.5-8).

Para Jamieson, é muito evidente pelas exposições inspiradas dos apóstolos (Hb 2. 6-8; 1 Co 15.27, 28) que a linguagem aqui empregada encontra seu cumprimento apenas na exaltação final de Cristo.<sup>19</sup> Barry afirma que Paulo aplica esta frase a Cristo no NT (1Co 15.27-28). O autor de Hebreus também cita este salmo, aplicando-o a Jesus (Hb 2.5-9). Ambas as passagens declaram o senhorio e reinado final de Cristo, que um dia será totalmente realizado no mundo.<sup>20</sup> Lieth afirma que o Salmo 8 trata do “Filho do Homem”, Jesus Cristo, que em sua segunda vinda receberá o pleno domínio sobre a criação redimida.<sup>21</sup> Calvino ao comentar o salmo 8, pondera:

Davi, aqui, restringe sua atenção nos benefícios temporais de Deus, mas nosso dever é elevá-la ao alto e contemplar os inestimáveis tesouros do reino do céu, os quais ele revelou em Cristo, bem assim todos os dons que pertencem à vida espiritual que, ao refletirmos sobre os mesmos, nossos corações se inflamem de amor por Deus, para que sejamos incitados à prática da piedade, e para que não sejamos levados à condição de indolência e venhamos a ser omissos na celebração de seus louvores.<sup>22</sup>

### 2.3 SALMO 22, O MESSIAS SOFREDOR

Selderhuis, George e Manestsch afirmam que a maioria dos comentaristas modernos entende o Salmo 22 como uma profecia literal sobre Cristo. Davi fica em segundo plano. Até mesmo nos textos de pessoas como Calvino e Münster, que buscam distinguir com maior clareza Davi e o Cristo profetizado, a interpretação cristológica predomina. Para a igreja, este salmo serve como uma descrição de sua participação em Cristo, trazendo encorajamento, consolo e conforto na medida em que ela se une a ele em seu sofrimento, morte e vitória.<sup>23</sup>

De acordo com Harman, o Salmo 22 é citado treze vezes no Novo Testamento, sendo nove

<sup>18</sup> HARMAN, A. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 91.

<sup>19</sup> JAMIESON, 1997, p. 349.

<sup>20</sup> BARRY, J. D.; MAGNUM, D.; BROWN, D. R.; HEISER, M. S.; CUSTIS, M.; RITZEMA, E.; BOMAR, D. *Faithlife Study Bible*. Bellingham: Lexham, 2016, n.p.

<sup>21</sup> LIETH, 2010, p. 29.

<sup>22</sup> CALVINO, J. *Salmos*. São José dos Campos: Fiel, 2012, vol. 1, p. 157.

<sup>23</sup> SELDERHUIS; GEORGE; MANESTSCH, 2018, p. 207.

vezes só no relato do sofrimento e morte de Jesus, isso indica que o significado mais completo só pode ser compreendido na aflição messiânica de nosso Senhor.<sup>24</sup> Para Wiersbe, os Salmos 22, 23 e 24 fazem parte de uma trilogia sobre Cristo, o Pastor. No Salmo 22 o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas (Jo 10.1-18); no Salmo 23, o grande pastor dedica a vida às suas ovelhas e cuida delas (Hb 13.20, 21); e no Salmo 24, o pastor supremo volta à glória para recompensar suas ovelhas por seu serviço (1Pe 5.4).<sup>25</sup> O autor do Salmo 22 é Davi, todavia é difícil associar os eventos descritos no salmo a ele porque Deus jamais o abandonou, antes sempre lhe deu amigos para ajudá-lo e livramento de todos os seus inimigos. O sofrimento descrito não está relacionado a alguém doente em seu leito, muito menos a um soldado em batalha. A descrição é de um criminoso sendo executado. Devido às referências dos quatro Evangelhos e da epístola de Hebreus fica evidente que se trata de um salmo messiânico.

Para Lieth, outra prova da inspiração das Escrituras está na condenação por crucificação, uma vez que essa maneira de condenação nunca foi praticada pelos judeus. Ela foi instituída pelos romanos. Como o Salmo 22 foi escrito por Davi, isso significa que a crucificação foi descrita 1.000 anos antes de sua ocorrência e cumprimento na vida e obra de Jesus.<sup>26</sup> A tabela a seguir mostra as 13 referências do Salmo 22 no Novo Testamento:

| Salmos       | Cumprimento                      |
|--------------|----------------------------------|
| Salmo 22.1   | Mateus 27.46                     |
| Salmo 22.2   | Mateus 27.45                     |
| Salmo 22.6-8 | Mateus 27.41-43                  |
| Salmo 22.10  | Lucas 1.32                       |
| Salmo 22.15  | João 19.28                       |
| Salmo 22.16  | Marcos 15.16-20                  |
| Salmo 22.16  | Lucas 24.39 e João 20.25         |
| Salmo 22.17  | Mateus 27.39-41 e Lucas 23.35-36 |
| Salmo 22.18  | João 19.23-24                    |
| Salmo 22.22  | Hebreus 2.11-12                  |
| Salmo 22.25  | Desde o Pentecostes, na Igreja   |
| Salmo 22.26  | João 6.58                        |
| Salmo 22.31  | João 19.30                       |

**Tabela 2 - Referências do Salmo 22**

Harman observa que o salmo começa com um clamor de desespero: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Esta é a expressão máxima de desolação usada por Jesus na cruz. De acordo com o relato do autor do Evangelho de Mateus as palavras “Eloí, Eloí, lamá sabactâni” (Mt 27.46), constituem o equivalente aramaico das palavras hebraicas do versículo 1 do Salmo 22.<sup>27</sup> MacDonald recomenda em seu comentário:

Aproxime-se desse salmo com toda a solenidade e reverência, pois é bem provável que você nunca tenha pisado em terreno mais sagrado. Eis o Gólgota onde o Bom Pastor entregou a vida por suas ovelhas. Por três horas, a terra ficou envolta em densas trevas. Agora, “o clamor orfanado de Emanuel” ecoa pelo universo: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”<sup>28</sup>

Wiersbe divide o salmo 22 em duas grandes partes. A primeira compreende os versículos 1 a 21 e concentra-se na oração e sofrimento na cruz. A segunda parte compreende os versículos 22 a 31 e

<sup>24</sup> HARMAN, 2011, p. 129.

<sup>25</sup> WIERSBE, 2006, p. 130.

<sup>26</sup> LIETH, 2010, p. 56.

<sup>27</sup> HARMAN, 2011, p. 130.

<sup>28</sup> MACDONALD, 2011, p. 390.

trata da ressurreição e os louvores a Deus.<sup>29</sup> Para Belcher, o Salmo 22 é um lamento individual (v.1-21) com uma seção expandida de louvor e ação de graças pela resposta de Deus ao lamento (v.22-31). A seção de lamento vai e volta entre a terrível experiência de sofrimento do salmista (v. 1-2, 6-8, 12-18) e declarações de confiança (v. 3-5, 9-11), com um pedido de ajuda terminando o lamento (v.19–21). A seção de louvor e ação de graças mostra a implicação da resposta de Deus ao lamento não apenas por Israel (v.22-26), mas por toda a terra (v.27-29), incluindo as gerações futuras (v.30-31).<sup>30</sup>

Lieth comenta o processo da crucificação descrito no Salmo 22:

O Salmo 22 é uma figura pitoresca da morte pela crucificação. Os ossos (das mãos, dos braços, dos ombros e da pélvis) desconjuntados (v. 14); a transpiração profunda causada pelo intenso sofrimento (v. 14); o trabalho do coração afetado (v. 14); as forças exauridas e a sede intensa (v. 15); as mãos e os pés perfurados (v. 16 comparar com João 20.20); nudez parcial com o atentado à modéstia (v. 17), tudo está associado com o modo da morte. As circunstâncias acompanhantes eram precisamente aquelas que se cumpriram na crucificação de Cristo. O grito desolado do v. 1 (Mt 27.46); os períodos de luz e trevas do v. 2 (Mt 27.45); o tratamento desprezível e humilhante dos v. 6-8, 12-13 (Mt 27.39-44); o deitar das sortes v. 18 (Mt 27.35), onde tudo se cumpriu literalmente.<sup>31</sup>

Depois do sofrimento na cruz (v.1-21) vem a ressurreição, o cântico de vitória (v.22-31) porque Deus ouviu a oração. O Cristo ressurreto louvou a Deus no meio do seu povo de acordo com Hebreus 2.12 dizendo: “Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação”. De acordo com Wiersbe não há registros que Jesus ressuscitou e apareceu a algum incrédulo (1Co 15.1-7) antes somente aos crentes, à sua congregação<sup>32</sup>:

Então, declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação. Vós que temeis ao Senhor, louvai-o; todos vós, descendência de Jacó, glorificai-o; e temei-o todos vós, descendência de Israel. Porque não desprezou nem abominou a aflição do aflito, nem escondeu dele o seu rosto; antes, quando ele clamou, o ouviu. O meu louvor virá de ti na grande congregação; pagarei os meus votos perante os que o temem (Sl 22.22-25).

Os versículos finais do Salmo 22, ou seja, 26 a 31 denotam o período escatológico, a segunda vinda de Cristo. Lieth resume os eventos que ocorrerão quando Cristo estabelecer o seu reino a partir do Salmo 22<sup>33</sup>:

| Evento  | Referência  |
|---|---|
| Igreja com Cristo   | Os mansos comerão e se fartarão; louvarão ao Senhor os que o buscam; o vosso coração viverá eternamente (Sl 22.26).   |
| Todas as nações se converterão ao Senhor  | Todos os limites da terra se lembrarão e se converterão ao Senhor; e todas as gerações das nações adorarão perante a tua face (Sl 22.27).   |
| Jesus reinará sobre todas as nações   | Porque o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações (Sl 22.28).  |
| Todos usufruirão do Reino, não haverá mais diferenças sociais                                       | Todos os grandes da terra comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele; como também os que não podem reter a sua vida (Sl 22.29).  |
| Todo joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória do Pai | Todos os grandes da terra comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele; como também os que não podem reter a sua vida (Sl 22.29).<br>...para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.10-11). |

<sup>29</sup> WIERSBE, 2006, p. 130.

<sup>30</sup> BELCHER, 2006, p. 168.

<sup>31</sup> LIETH, 2010, p. 59.

<sup>32</sup> WIERSBE, 2006, p. 132.

<sup>33</sup> LIETH, 2010, p. 62.

|   |   |
|---|---|
| Jesus reinará com santa justiça e cetro de ferro sobre todas as gerações da terra | Todos os grandes da terra comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele; como também os que não podem reter a sua vida (Sl 22.29).<br>E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono (Ap 12.5).<br>Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro (Sl 2.9). |
| Os remanescentes de Israel<br>O servirão como semente sagrada                     | Uma semente o servirá; falará do Senhor de geração em geração (Sl 22.30).   |
| Estes remanescentes proclamarão Sua justiça no Reino Milenar                      | Chegarão e anunciarão a sua justiça ao povo que nascer, porquanto ele o fez (Sl 22.31).   |

Tabela 3 - Eventos escatológicos do Salmo 22

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do espaço e tempo não é possível abordar todos os salmos messiânicos neste artigo. No entanto, os que foram abordados são suficientes para mostrar a riqueza que há na literatura poética dos Salmos. É comum buscar a profecia na literatura dos profetas, contudo, em meio aos louvores do povo de Deus, também há profecias divinamente inspiradas, principalmente ligadas à pessoa de Cristo. Inclusive há alguns textos bíblicos que mencionam o ministério profético exercido por Davi e pelos músicos sob seu comando:

E Davi, juntamente com os capitães do exército, separou para o ministério os filhos de Asafe, e de Hemã, e de Jedutum, para profetizarem com harpas, e com alaúdes, e com saltérios; e este foi o número dos homens aptos para a obra do seu ministério (1Cr 25.1).

Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. Sendo, pois, ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono (At 2.29-30).

Estudar a literatura poética e principalmente os Salmos Messiânicos ajuda a fortalecer a fé de todo cristão, ressaltar a grandeza de Deus e seus atributos incomunicáveis como a Onisciência, Onipotência e Onipresença além de provar a inspiração divina e inerrância das Escrituras, uma vez que as predições registradas nos salmos da época de Davi, cerca de 1.000 anos se cumpriram fielmente na pessoa e obra de Jesus Cristo.

## REFERÊNCIAS

BARRY, J. D.; MAGNUM, D.; BROWN, D. R.; HEISER, M. S.; CUSTIS, M.; RITZEMA, E.; BOMAR, D. **Faithlife Study Bible**. Bellingham: Lexham, 2016.

BELCHER Jr, R. P. **The Messiah and the Psalms: Preaching Christ from All the Psalms**. Ross-shire, Scotland: Mentor, 2006.

BRANNAN, R. **Léxico Lexham da Bíblia Hebraica**. Bellingham: Lexham, 2020.

BRANNAN, R. **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham: Lexham, 2020.

CALVINO, J. **Salmos**. São José dos Campos: Fiel, 2012. Vol. 1.

HARMAN, A. **Salmos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bib-**



le. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

LIETH, Norbert. **Salmos Messiânicos**. Porto Alegre: Actual, 2010.

MACDONALD, W. **Comentário Bíblico Popular: Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

PINTO, C. O. C. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

SELDERHUIS, H. J.; GEORGE, T. F.; MANETSCH, S. M. **Salmos 1-72**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento - Volume III: Poéticos**. Santo André: Geográfica, 2006.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **PARE DE SOFRER: HISTÓRIA, TEOLOGIA, MARKETING E A BUSCA PELO PODER POLÍTICO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

*Stop suffering: history, theology, marketing and the search for political power of the Universal Church of the Kingdom of God*

Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), focando nas principais características desta denominação: sua história, teologia, *marketing* e a sua busca pelo poder político. O capítulo sobre a história da Igreja Universal do Reino de Deus aborda o surgimento desta denominação dentro das “ondas” do pentecostalismo, a importância do seu líder, Edir Macedo e a sua espantosa expansão, tanto nacional como internacionalmente. No segundo capítulo, teologia da Universal, direciona-se a atenção para os três “pilares” da teologia da IURD: teologia da prosperidade, batalha espiritual e sincretismo religioso; focalizando como estes “pilares” sustentam toda a ação da IURD. O capítulo direcionado para o *marketing*, o terceiro capítulo deste artigo, trabalha a importância do *marketing* e da propaganda, assim como do uso das mídias de comunicação para o crescimento e a influência da IURD no contexto brasileiro. Por fim, o quarto capítulo trata sobre a busca pelo poder político da Igreja Universal do Reino de Deus. Como foi o ingresso desta denominação na política partidária, como essa igreja age nas eleições e qual foi a influência da IURD em algumas eleições das quais participou ativamente.

**Palavras-chave:** Igreja Universal do Reino de Deus. IURD. Teologia da prosperidade. Neopentecostalismo.

<sup>1</sup> O autor é mestre em Teologia pelo programa de mestrado profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: [contato.gustavoalbernaz@gmail.com](mailto:contato.gustavoalbernaz@gmail.com).

## ABSTRACT

This paper aims to talk about the Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), focused on the major characteristics of this denomination: history, theology, marketing and its look for political power. The chapter about the history of the Igreja Universal do Reino de Deus focus to the origin of this denomination inside the “waves” of Pentecostalism, the importance of its leader, Edir Macedo, and its astonishing expansion, nationally and internationally. In the second chapter, Universal’s theology, focus on the three “columns” of the theology of IURD: Health and Wealth Gospel, spiritual battle and religious syncretism; focusing on how these “columns” nourish all the action of the IURD. The chapter directed to marketing, the third chapter of this essay, talk about the marketing and advertising importance, as well as the use of communication media for the growth and influence of the IURD in the Brazilian context. Finally, the fourth chapter deals with the search for political power of the Igreja Universal do Reino de Deus. How was the beginning of this denomination into politics, how is the action in the elections and which is the influence of the IURD in some elections that its actively participated.

**Keywords:** Igreja Universal do Reino de Deus. IURD. Health and Wealth Gospel. Neopentecostalism.

## INTRODUÇÃO

No dia 31 de julho de 2014, os olhos de todo o Brasil estavam voltados para a inauguração de um templo que demorou mais de 4 anos para a sua construção, que tem em sua composição 40 mil metros quadrados de pedras vindas de Israel, com capacidade para mais de 10 mil pessoas na sua nave principal e cuja inauguração contou com a presença de autoridades políticas do mais alto escalão<sup>2</sup>. Este é o Templo de Salomão.

O Templo de Salomão é um dos maiores símbolos do poder financeiro, institucional, político e religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. Como uma igreja com pouco menos de 40 anos pode construir um templo de tamanha magnitude? Como esta igreja tem como “braço” midiático a segunda rede de televisão mais assistida do Brasil? Estas perguntas levaram a pesquisa realizada neste artigo.

Nesse artigo procurou-se conhecer a história dessa igreja, a sua teologia, o *marketing* institucional desta denominação e a sua busca pelo poder político, como maneiras de entender melhor esse fenômeno religioso que é a Igreja Universal do Reino de Deus.

## 1. A HISTÓRIA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma denominação de abrangência internacional, a sua influência pode ser vista no Brasil e além das suas fronteiras. Nesta primeira parte deste artigo procurar-se-á alocar esta denominação dentro de um movimento histórico que possa melhor explicar como ocorreu o surgimento desta denominação. Após isso será apresentado o perfil do seu líder máximo, Edir Macedo, e ao final desta parte analisar-se-á o que os estudiosos tem apresentado como explicação para a rápida expansão deste empreendimento religioso.

### 1.1 AS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Nenhuma instituição surge no vácuo, não é diferente com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Para se entender o surgimento da IURD é necessário o conhecimento do desenvolvimento

<sup>2</sup> UNIVERSAL.ORG. **Detalhes da obra** – Templo de Salomão. Disponível em: <https://sites.universal.org/templodesalomao/detalhes-da-obra/>. Acessado em: 08 de jul. 2019.

histórico do pentecostalismo no Brasil.

Duarte afirma que os trabalhos acadêmicos, a partir da década de 1990, têm utilizado algumas metodologias com o objetivo de classificar os diversos movimentos protestantes e, em particular, os pentecostais no Brasil. Uma tipologia foi construída por Antônio Gouvêa. Ele classifica as igrejas protestantes da seguinte maneira: protestantismo de imigração (Igreja Luterana); de missão (Igrejas Batista, Metodista, Presbiteriana e Congregacional); pentecostalismo clássico (Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Evangélica o Brasil para Cristo) e Agências de cura divina (Deus é Amor).<sup>3</sup> Todavia, não é possível encaixar a IURD em nenhuma das tipologias apresentadas.

Neste trabalho, então, preferiu-se utilizar a tipologia criada por Paul Freston. Este autor afirma que:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto desta pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e um outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). (...) O contexto é fundamentalmente carioca.<sup>4</sup>

Segundo Mariano, entre 1910 e 1950 reinava em absoluto no Brasil o chamado pentecostalismo clássico, tendo como referências a Congregação Cristã no Brasil (CCB), fundada em 1910, em São Paulo, por um ítalo-americano; e a Assembleia de Deus do Brasil (AD), fundada em 1911, na cidade de Belém<sup>5</sup>, por missionários suecos, com passagem pelo Estados Unidos. Pode-se entender, desta maneira, que “o período de implantação foi profundamente marcado pela influência de missionários estrangeiros”.<sup>6</sup>

Esse ramo do protestantismo espalhou-se por todo território nacional. Nos seus inícios, essas igrejas eram compostas, majoritariamente, por pessoas pobres e de pouca escolaridade. Eram perseguidas tanto por católicos como por protestantes históricos. Ambas se caracterizam pelo: anticatolicismo, ênfase na glossolalia (dom de línguas), comportamento sectário e ascético e a crença na volta iminente de Cristo.<sup>7</sup>

Atualmente seu perfil social mudou parcialmente. Porém, ambas mantêm vivas alguma de suas tradições. A CCB parece irreduzível em seu tradicionalismo, já a AD demonstra ser mais flexível, principalmente em relação ao seu sectarismo social. Como evidência disso pode-se pontuar a sua inserção na política e a busca de visibilidade através da televisão.<sup>8</sup>

A segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo, iniciando-se pela ação de missionários americanos, que através da Cruzada Nacional de Evangelização, trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa tendo como centro a mensagem de cura divina (Igreja do Evangelho Quadrangular, 1953).<sup>9</sup> Surgira no Brasil, nesta época, igrejas como a Igreja Evangélica Pentecostal O

<sup>3</sup> DUARTE, Marcello F. A teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus e a demonização das religiões afro-brasileiras. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 91-111, jan./abr. 2019, p. 93.

<sup>4</sup> FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70s.

<sup>5</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 29.

<sup>6</sup> BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência: Estudo Exploratório. *Estudos Teológicos*, 35(1):21-38, 1995, p. 22.

<sup>7</sup> MARIANO, 2005, p. 29.

<sup>8</sup> MARIANO, 2005, p. 29-30.

<sup>9</sup> MARIANO, 2005, p. 30.

Brasil para Cristo (1955, fundada por Manoel de Mello, brasileiro, oriundo da AD)<sup>10</sup>, além das igrejas Deus é Amor (1962) e Casa da Bênção (1964).<sup>11</sup>

Sobre a ênfase teológica da segunda onda Mariano afirma:

A ênfase teológica no dom de cura divina, a partir dos anos 50, foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro. As maiores e mais representativas denominações da segunda onda, citadas acima, continuam a enfatizá-la, visto que a cura constitui um de seus mais poderosos recursos proselitistas.<sup>12</sup>

Pode-se dizer que as primeiras duas ondas pentecostais apresentam, na teologia, diferenças nas ênfases que cada qual confere a um ou a outro dom do Espírito Santo<sup>13</sup>, segundo Foester. Enquanto a primeira enfatiza o dom da glossolalia, a segunda ressalta o dom de cura divina e é, por isso, também chamada de pentecostalismo da cura divina.<sup>14</sup>

A terceira onda se inicia na segunda metade dos anos 70, cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90. A Igreja de Nova Vida, 1960, fundada por Robert McAlister está na origem da Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1997), maior representante do que veio a ser chamado neopentecostalismo, além das igrejas Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1980) e Cristo Vive (Rio de Janeiro, 1986).<sup>15</sup> Já na Igreja de Nova Vida (de onde eram membros Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo<sup>16</sup>) encontra-se, de forma embrionária, algumas características do neopentecostalismo. Tais como: intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição do fiel e a ausência de legalismo quanto ao comportamento.<sup>17</sup>

Citando Oro, Mariano afirma que:

As igrejas neopentecostais são autóctones, têm líderes fortes e pouca inclinação à tolerância e ao ecumenismo, opõem-se aos cultos afro-brasileiros, estimulam a expressividade emocional, utilizam muito os meios de comunicação de massa, enfatizam rituais de cura e exorcismo, estruturam-se empresarialmente, adotam técnicas de marketing e retiram dinheiro dos fiéis ao colocar “no mercado religioso de bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento”.<sup>18</sup>

Como características principais dessa onda, Mariano elenca três, que são: a exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo; Teologia da Prosperidade e a liberação do usos e costumes (tão enfatizado pelas ondas precedentes). No neopentecostalismo há a ruptura com o ascetismo e o sectarismo das ondas anteriores, assim, o neopentecostalismo traz uma secularização para o pentecostalismo, e constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação no mundo.<sup>19</sup> Enquanto as igrejas pentecostais de primeira onda sustentam a ação do Espírito Santo, no batismo do Espírito Santo e o dom de falar em línguas desconhecidas (glossolalia), e a segunda onda na cura divina como elementos essenciais de sua fé, a IURD, e as demais igrejas neopentecostais, dão ênfase tanto à Teologia da prosperidade quanto à guerra espiritual contra as ações do Diabo.<sup>20</sup> Sobre a teologia da IURD este artigo desenvolverá posteriormente em um outro capítulo.

Nas palavras do líder e fundador da IURD, Edir Macedo, a diferença principal da sua igreja para as demais é que:

<sup>10</sup> BOBSIN, 1995, p. 24.

<sup>11</sup> MARIANO, 2005, p. 30.

<sup>12</sup> MARIANO, 2005, p. 31.

<sup>13</sup> FOESTER, Norbert H. C. Pentecostalismo brasileiro clássico e secularização. *Estudos de Religião*, Ano XXI, n. 32, jan/jun 2007, p. 202-203.

<sup>14</sup> FOESTER, 2007, p. 203.

<sup>15</sup> MARIANO, 2005, p. 32.

<sup>16</sup> MARIANO, 2005, p. 35.

<sup>17</sup> MARIANO, 2005, p. 51.

<sup>18</sup> MARIANO, 2005, p. 35.

<sup>19</sup> MARIANO, 2005, p. 35.

<sup>20</sup> DUARTE, 2019, p. 94.

A Igreja atual tem que agir. Já vivemos o clima de pregação protestante de Lutero, o da pregação avivalista com João Wesley e agora temos que sair da mera pregação pentecostal, que está na moda, para a plena pregação. Temos que sair por aí dizendo que Jesus Cristo, batiza com o Espírito Santo, mas também, e antes de tudo, liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo e seus anjos.<sup>21</sup>

É sobre o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus que agora este artigo irá tratar.

## 2.2 EDIR MACEDO

Como afirma Bledsoe, “tal como muitos grupos pentecostais e neopentecostais (...), particularmente no Brasil, um líder carismático costuma controlar e assumir publicamente o papel principal (...) dentro da denominação”.<sup>22</sup> Não é diferente o que ocorre entre a IURD e Edir Macedo.

Edir Bezerra Macedo nasceu em 1945 na cidade de Rio das Flores, Rio de Janeiro. Sua família era católica, mas isso não os impedia de terem contato com religiões de matriz africana. Aos 18 anos, morando no Rio de Janeiro, converteu-se em um culto da Igreja de Nova Vida, onde permaneceu como membro durante doze anos.<sup>23</sup>

Edir saiu da Igreja de Nova Vida farto da falta de apoio as suas atividades evangelísticas. Ao lado de seu cunhado Romildo Ribeiro Soares (R. R. Soares) e outros companheiros fundaram a Cruzada do Caminho Eterno em 1975. Só que houve uma cisão dentro deste movimento, então Edir Macedo, R.R Soares e Roberto Lopes, saídos da Cruzada do Caminho Eterno, fundaram em 09/07/1977 a Igreja Universal do Reino de Deus. Romildo Soares se desligaria da IURD em 1980 para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus.<sup>24</sup>

Sobre a fundação da IURD e a importância de seu fundador, Mariano comenta:

Qualquer um que a tivesse visto surgir na sala de uma ex-funerária do bairro da Abolição, subúrbio da zona norte do Rio, não sustentaria grandes expectativas a seu respeito. Seu destino provável, como o de tantos grupos pentecostais cismáticos, seria a obscuridade da periferia ou dos entrincheirados morros e favelas do Rio. No entanto, apesar da remota probabilidade de êxito, a história lhe foi assaz generosa, milagrosa até. Parte deste sucesso deve ser creditado a seu controverso líder, o bispo Macedo. Venerado por fiéis e subalternos, criticado por adversários religiosos e pastores concorrentes, acusado pela polícia de estelionato, curandeirismo e de enriquecimento às custas da exploração da miséria, ignorância e credulidade alheias. Macedo vai, em parte graças ao Diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos seu império.<sup>25</sup>

Atualmente reside em Miami, Flórida, Estados Unidos. De lá o bispo mantém controle e contato com os líderes de sua igreja, suas atividades organizacionais e filiadas. Sua autoridade não se estende apenas ao lado administrativo, mas também sobre os ensinamentos e as práticas da IURD.<sup>26</sup>

## 2.3 A EXPANSÃO DA IURD

Mariano assegura que “em duas décadas de existência, (a IURD) conseguiu a proeza de estar entre as maiores igrejas evangélicas do país”<sup>27</sup>, mas como ocorreu essa rápida expansão da IURD, não só pelo Brasil, mas ao redor do globo?

Rocha Júnior afirma que a Igreja Universal do Reino de Deus constitui o grande fenômeno do pentecostalismo nacional. Seu crescimento mais significativo é registrado a partir dos anos 1980, quando principiou a aquisição das primeiras rádios. O número de templos no Brasil supera a casa dos

<sup>21</sup> MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Universal, 2002, p. 131.

<sup>22</sup> BLEDSOE, David Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso.** São Paulo: Hagnos, 2012, p. 63.

<sup>23</sup> MARIANO, 2005, p. 54-55.

<sup>24</sup> MARIANO, 2005, p. 55-54.

<sup>25</sup> MARIANO, 2005, p. 54.

<sup>26</sup> BLEDSOE, 2012, p. 63-64.

<sup>27</sup> MARIANO, 2005, p. 54.

seis mil<sup>28</sup> e o de fiéis é, segundo dados do IBGE apontados por Bledsoe, 2,1 milhões.<sup>29</sup>

A Universal está presente em mais de 100 países e nenhuma outra denominação religiosa surgida no Brasil alcançou essa expressão internacional. Seu forte uso da mídia, a inserção na política partidária, sua competência administrativa e a sua capacidade de mobilizar fiéis e arrecadar recursos financeiros não encontram semelhantes na história de nenhuma outra grande denominação religiosa brasileira.<sup>30</sup>

Rocha Júnior propõe a hipótese de que a década de 80 foi muito benéfica para a Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo ele, embora não se possa protestar o valor das estratégias de marketing adotadas pela igreja em seus primeiros anos como forma de explicar a sua rápida expansão, também não se pode ignorar que o ambiente sócio-econômico da época era favorável ao discurso da IURD. A década de 1980 é conhecida entre os economistas como a “década perdida”. Nessa época a economia brasileira combinava o nível de inflação elevada com a recessão e desemprego.<sup>31</sup>

Com este cenário econômico, Júnior chega à conclusão de que:

Com a população empobrecida e com as empresas estranguladas pelo ambiente econômico desfavorável – hiperinflação e recessão – estava posto o cenário propício para o crescimento de uma igreja que tinha em seu discurso a promessa de solução para as questões materiais cotidianas. Não eram as benesses da vida após a morte que os pastores da Universal clamavam em seus sermões – eles prometiam a conquista de um emprego, a promoção profissional, a cura das enfermidades, o fim das dívidas, ou seja, um cardápio que não tardou a seduzir milhares de brasileiros desesperançados.<sup>32</sup>

Sem desconsiderar os fatores econômicos da época e o discurso atrativo da IURD os principais pesquisadores que estudaram o extraordinário crescimento das igrejas neopentecostais ocorrido no Brasil na segunda metade do século passado elencam três elementos que justificariam o fenômeno, são eles: lideranças carismáticas, recurso financeiro abundante e boa utilização dos meios de comunicação, com destaque para o rádio e a televisão.<sup>33</sup>

Internacionalmente a IURD é um grande fenômeno. Bledsoe coloca a África do Sul como o maior sucesso missionário da IURD, parte desse sucesso é explicado pela proximidade em questões econômicas e a adaptação da ideia da opressão através de forças espirituais locais<sup>34</sup>, o próprio Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo e prefeito do Rio de Janeiro, lançou, quando morou na África do Sul, “*Mutis, Sangomas and Yungas: tradition or witchcraft?*”, uma versão local do livro “Orixás, Caboclos & Guias: deuses ou demônios?” de Macedo.<sup>35</sup>

No livro de David A. Bledsoe, o autor, com base em Oro e Semán, explica que na Argentina, outro caso de sucesso da IURD a estratégia foi modificada:

A população argentina em geral tende mais para o secular do que seu correspondente brasileiro. Além disso, os argentinos estigmatizam as religiões afro-brasileiras e, às vezes, discriminam os que frequentam os quase dois mil centros afro-brasileiros presentes no país. Por isso, a liderança da IURD modificou seu discurso, reduzindo a ênfase afro-brasileira (embora não a tenha eliminado totalmente) e promovendo a libertação da bruxaria e doenças fisiológicas. Embora o conceito de “sentir bem” não seja novo para os argentinos nem para a IURD, a liderança enfatiza mais este lado através de sua mensagem de prosperidade. Essa adaptação resultou na atração, pela IURD, não apenas das classes

<sup>28</sup> ROCHA JÚNIOR, Volgano. O Neopentecostalismo e a década perdida: como a crise dos anos 1980 estimulou o crescimento da IURD. *Revista Unitas*, v.5, n.2 (n. especial), 2017, p. 820.

<sup>29</sup> BLEDSOE, 2012, p. 90.

<sup>30</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 820.

<sup>31</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 822.

<sup>32</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 825.

<sup>33</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 831.

<sup>34</sup> BLEDSOE, 2012, p. 92.

<sup>35</sup> REFKALEFSKY, Eduardo. **Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, e dos Televangelistas nos EUA: um estudo comparado.** Trabalho apresentado no II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação. p. 13.

mais baixas, mas de alguns segmentos da classe média.<sup>36</sup>

A expansão da IURD tem levado a sua larga influência no cristianismo brasileiro, indireta e diretamente. Indiretamente refere-se as divisões internas ocorridas na IURD que produziram novas igrejas neopentecostais, tais como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980, fundada por R. R. Soares), a Igreja Mundial do poder de Deus (1998, fundada por Valdomiro Santiago)<sup>37</sup> e, a mais recente, Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (2006, fundada por Agenor Duque, que já foi membro tanto da IURD como da IMPD). Diretamente a IURD tem influenciado igrejas no seu modo de pensar, sejam igrejas históricas, como a Primeira Igreja Batista do Brasil, que se “neopentecostalizou”; sejam elas de segunda onda, como a Assembleia de Deus de Madureira, que revelou sua inclinação à terceira onda quando em 1990 os pastores de sua convenção se aliaram a Macedo para dar início ao Conselho Nacional de Pastores do Brasil.<sup>38</sup> Bledsoe conclui:

O movimento neopentecostal brasileiro mostra semelhanças e interdependências com o pentecostalismo global e norte-americano. Não obstante, demonstra suas próprias peculiaridades e distinções locais. Este movimento também tem afetado algumas igrejas previamente estabelecidas, associadas às ondas pentecostais iniciais, igrejas renovadas, denominações históricas tradicionais e paróquias católicas. Assim, o neopentecostalismo tem promovido a diversificação do pentecostalismo e do cenário evangélico geral no Brasil.<sup>39</sup>

Agora, que já foram abordadas as três ondas do pentecostalismo brasileiro para explicar o aparecimento da IURD, a figura de seu líder máximo, Edir Macedo, e como os especialistas explicam a rápida expansão desta denominação e a sua influência para além de suas próprias igreja está na hora de se analisar a teologia da IURD.

## 2. A TEOLOGIA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

É possível falar sobre uma teologia iurdiana? Esse questionamento é importante já que muitas vezes o seu líder, Edir Macedo, se apresenta como alguém avesso à teologia, já que para ele todas as formas de teologia são fúteis; confundem os simples e ilude os sábios. Segundo ele, muitos intelectuais da fé estão no “cativeiro da teologia”.<sup>40</sup> No seu canal no *YouTube* podemos ver um testemunho de um graduado em Teologia que diz que o conhecimento teológico não o ajudou a ser próximo de Deus, ao contrário. O título do vídeo é sugestivo: Walter – o teólogo que não conhecia a Deus.<sup>41</sup>

Porém, isso não quer dizer que a IURD não tenha uma teologia. Pode-se definir teologia como uma visão de mundo expressa por um grupo de fiéis. Para Campos “é fácil verificar que há uma visão de mundo, teológica, que emerge dos ritos, cânticos, sermões, estudos bíblicos, programas de rádio e televisão (...) visão assimilada e interiorizada pelos seus seguidores”.<sup>42</sup>

Pode até parecer contraditório, mas o Bispo Macedo que tanto critica o emprego da teologia tem mais de 20 livros de sua autoria sobre assuntos teológicos<sup>43</sup> (dois deles são considerados textos clássicos para a IURD, e, apesar de deixar os evangélicos divididos, são obras monumentais para o pensamento neopentecostal, são eles: “A libertação da teologia” e o controverso “Orixás, Caboclos & Guias, deuses ou demônios?”<sup>44</sup>), além de um blog onde segundo o site da Universal já foi acessado mais de 130

<sup>36</sup> BLEDSOE, 2012, p. 93.

<sup>37</sup> BLEDSOE, 2012, p. 72.

<sup>38</sup> BLEDSOE, 2012, p. 57-58.

<sup>39</sup> BLEDSOE, 2012, p. 58-59.

<sup>40</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e UMESP, 1997, p. 330.

<sup>41</sup> CANAL BISPO EDIR MACEDO. **Walter**: um teólogo que não conhecia Deus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gOKmlMyPCrw>. Acesso em: 01 de jul. 2019.

<sup>42</sup> CAMPOS, 1997, p. 328.

<sup>43</sup> BLOG BISPO EDIR MACEDO. Livros. Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/livros/>. Acesso em 01 de jul. 2019.

<sup>44</sup> DAMASCENO, Maria R. V. de Oliveira; et.al. Sincretismo, Protestantismo e Neopentecostalismo: O Cristianismo em seu enfoque nas



milhões de vezes<sup>45</sup>, onde o bispo também aborda assuntos pertinentes a fé cristã.

Neste trabalho, portanto, assegura-se que a Igreja Universal do Reino de Deus possui sim uma teologia, e pretende comentar três dos principais pilares desta visão de mundo religiosa: A teologia da prosperidade; a batalha espiritual e o sincretismo religioso.

## 2.1 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

A origem da teologia da prosperidade, nos EUA *Health and Wealth Gospel*, remonta aos anos 40 onde reuniu crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé. Mas só se constituiu como movimento doutrinário na década de 70, quando encontrou, através de grupos evangélicos carismáticos nos EUA, visibilidade e poder para se difundir por outras correntes cristãs.<sup>46</sup>

Sob a liderança de Kenneth Hagin, o movimento de Confissão Positiva (crença de que os cristãos detêm poder de trazer à existência o que declaram, decretam e determinam em voz alta<sup>47</sup>) difundiu-se por vários países. A Confissão Positiva tem raízes nos pensamentos de Phineas Quimby, que estudou espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia (1802-1866) e que influenciou diretamente Essek W. Kenyon (1867-1948), principal inspiração de K. Hagin.<sup>48</sup>

Mariano conta que:

Kenyon nunca pregou nem escreveu sobre prosperidade. Dele, Hagin aprendeu ensinamentos apenas sobre cura divina e Confissão Positiva. Foi o televangelista Oral Roberts quem criou a noção de “Vida Abundante” e deu início à pregação da doutrina da prosperidade, prometendo retorno financeiro sete vezes maior que o valor ofertado. Roberts passou a dar maior ênfase a tal mensagem a partir de 1954, quando, ao ingressar na TV, suas despesas aumentaram consideravelmente. Allen, Lindsay, Hagin e Osborn a adotaram posteriormente. Nos anos 70, essa doutrina ganharia maior projeção por meio do ministério de Kenneth e Gloria Copeland (discípulos de K. Hagin), que radicalizaram prometendo retorno centuplicado dos dízimos e ofertas.<sup>49</sup> Hoje são inúmeros os pregadores norte-americanos do *Health and Wealth Gospel*. Entre os principais, além dos citados, constam Ken Hagin Jr., Robert Schuller, Charles Capps, Jerry Savelle, Benny Hinn, Paul Crouch, Fred Price. Saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento, eis as promessas desses pregadores.<sup>50</sup>

Campos, por sua vez, enxerga uma conexão entre a teologia da prosperidade e a *New Age* (Nova Era). Alguns elementos, segundo este autor, são compartilhados entre essas duas visões de mundo, são eles: a rejeição ao sofrimento; valorização da confissão positiva como maneira de superar os problemas humanos e aceitação da prática como eixo determinante da espiritualidade.<sup>51</sup>

Como esta teologia norte-americana veio para o Brasil? Historicamente, com o processo de modernização do Brasil na década de 1970, e a conseqüente promoção social e econômica dos fiéis, as tensões advindas do ascetismo pentecostal, que requeria sacrifícios e provocava descontentamentos, começaram a surgir. Diante das mudanças na sociedade e novas demandas o mercado religioso se integrou a nova realidade. Segundo Júnior “algumas lideranças pentecostais começaram a ajustar as exigências às disposições e possibilidades de cumprimento por parte dos virtuais adeptos e fiéis. O sectarismo e ascetismo cederam lugar à acomodação ao mundo”.<sup>52</sup>

---

populações tradicionais. *Revista Unitas*, v.7, n. 1, 2019, p. 143.

<sup>45</sup> UNIVERSAL.ORG. **Blog do Bispo Macedo completa 10 anos**. Disponível em: <https://www.universal.org/blog/2017/09/09/blog-do-bispo-macedo-completa-10-anos/>. Acesso em 01 de jul. 2019.

<sup>46</sup> MARIANO, 2005, p. 151.

<sup>47</sup> MARIANO, 2005, p. 153.

<sup>48</sup> MARIANO, 2005, p. 151.

<sup>49</sup> MARIANO, 2005, p. 152.

<sup>50</sup> MARIANO, 2005, p. 152.

<sup>51</sup> CAMPOS, 1997, p. 364-366.

<sup>52</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 826.

O escopo doutrinário da teologia da prosperidade encaixou-se como uma “luva” no esforço para atender a demanda imediatista da solução de problemas financeiros e a satisfação de desejos de consumo dos fiéis pobres, que buscavam legitimar seu novo modo de vida.<sup>53</sup> Segundo Rocha Júnior:

A semente da nova concepção teológica encontrou terreno fértil nas igrejas que surgiam na ocasião e que viriam a compor o que se chamou mais tarde de movimento neopentecostal: Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblia da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Nacional do Senhor Jesus Cristo, e com destaque para as duas mais representativas igrejas – Internacional da Graça de Deus e Universal do Reino de Deus.<sup>54</sup>

Na prática, a teologia da prosperidade, adotada pela IURD, prega que o plano divino é fazer o homem feliz, abençoado, saudável e próspero financeiramente. Dessa maneira a posse e a aquisição de bens, a boa saúde e a vida sem maiores aflições ou problemas são apresentados como sinais da espiritualidade de um crente fiel.<sup>55</sup> De acordo com Mariano “a teologia da prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento (...) enaltece o bem-estar do cristão neste mundo”.<sup>56</sup>

O crente na teologia da prosperidade não pede ou suplica à Deus, isso seria um sinal de pouca fé, antes ele decreta, determina, exige, reivindica as bênçãos que tem direito.<sup>57</sup> Se antes o sacrifício que era exigido do cristão era uma vida de ascetismo de negação ao mundo, agora, no neopentecostalismo, que afirma o mundo, o sacrifício exigido é de natureza financeira: dízimos e ofertas.<sup>58</sup>

Sobre as ofertas, Edir Macedo afirma que ela “é o que aproxima o ser humano de Deus”<sup>59</sup>, e sobre os dízimos ele afirma que o cristão devolve a décima parte daquilo que Deus lhe deu e que quem não dá, o incrédulo, não reconhece o senhorio de Jesus Cristo e está roubando aquilo que é de Deus.<sup>60</sup> Ao escrever sobre a diferença das bênçãos provenientes do dízimo e da oferta o Bispo afirma que há diferença já que o dízimo é obrigação e a oferta é dada por amor, por isso há diferença entre as bênçãos provenientes de um e de outro.<sup>61</sup> Tudo está relacionado a quanto pretende-se “sacrificar por amor a Deus”.

Nas palavras de Campos:

O cristão deve portanto, colocar a sua fé em ação e se tornar um sócio de Deus. Isso é feito quando o adorador se compromete a “devolver” aquilo que é de Deus, ou seja o dízimo. Deus, em contrapartida, garantirá as bênçãos da cura e o sucesso no empreendimento. Daí, a importância da palavra “determinar”. Ao fiel cabe transformar o seu desejo em palavras “determinadas”, isto é, ditas com fé, sem dúvida alguma, o que as transforma numa vontade divina que as coisas aconteçam conforme o desejo.<sup>62</sup>

Ao que tudo indica, a contribuição à IURD não coage o cristão somente, ela se estende ao próprio Criador. “A contribuição, portanto, força Deus a cumprir as suas promessas. Como na sociedade, também na IURD predomina a lógica da manipulação a partir do poder do dinheiro. Deus age em consequência da doação humana”.<sup>63</sup> Por fim, cabe aqui a afirmativa, integral, de Mariano sobre o assunto:

Deus não pode deixar de cumprir suas promessas bíblicas. O Criador não tem escolha senão cumprir o prometido. Presa às promessas que fez, a onipotência divina fica

<sup>53</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 827.

<sup>54</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 828.

<sup>55</sup> MARIANO, 2005, p. 157.

<sup>56</sup> MARIANO, 2005, p. 158.

<sup>57</sup> MARIANO, 2005, p. 154.

<sup>58</sup> MARIANO, 2005, p. 44.

<sup>59</sup> MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Universal, 1998, vol. I, p. 98.

<sup>60</sup> MACEDO, 1998, vol. 1, p. 98,100.

<sup>61</sup> MACEDO, 1998, vol. 1, p. 99.

<sup>62</sup> CAMPOS, 1997, p. 368.

<sup>63</sup> BOBSIN, 1995, p. 27.

comprometida. Nesta sociedade, a parte que cabe aos homens consiste em pagar o dízimo, ter fé em Deus e em sua Palavra e confessar ou profetizar as bênçãos divinas em sua vida. Enquanto a parte de Deus reside no pronto cumprimento de suas promessas (repreender o “devorador” e conceber bênçãos em abundância), das quais Ele, desde que satisfeita as condições contratuais, em hipótese alguma pode se furtar. Nessa relação contratual em que Deus tem obrigações a cumprir, o fiel, se tem deveres para com Ele, igualmente tem direitos. Na medida em que tem consciência de seus direitos, o fiel pode exigir de Deus o cumprimento deles. E é exatamente por isso que ocorre. Com isso, além de ter sua soberania drasticamente diminuída, Deus torna-se vítima de frequentes manipulações por parte de seus sócios, até porque não pode se ver livre delas, a menos que “quebre sua Palavra”, algo inimaginável na ótica destes crentes.<sup>64</sup>

Nesta sessão, abordou-se a teologia da prosperidade, sua história, ingresso no Brasil, sua prática na IURD e sua lógica contratual entre Deus e seu fiel. Na próxima sessão será abordada a batalha espiritual, segundo pilar identificável da teologia iurdiana.

## 2.2 BATALHA ESPIRITUAL

A cosmologia da IURD se assemelha a visão tripartida dos antigos judeus: Céu, morada de Deus; Terra, pertencente aos seres humanos; e Inferno, lugar destinado aos demônios. O mundo seria a arena onde a luta entre Deus e o Diabo é travada. O objeto desta guerra espiritual é o ser humano.<sup>65</sup>

O dualismo, a luta entre o reino celestial e o reino das trevas, permeia todo o cristianismo, pode-se observá-lo, por exemplo, no pentecostalismo clássico. A diferença é que o neopentecostalismo exacerbou essa guerra. O neopentecostalismo enxerga a presença e a ação do Diabo em todo lugar e em qualquer coisa e até invocar a sua manifestação nos cultos é uma prática que distingue teologicamente as igrejas neopentecostais das demais.<sup>66</sup>

Como afirma Mariano:

Em matéria de manifestação extática, já não se pode mais dizer que a marca distintiva de certos segmentos neopentecostais seja a glossolalia, mas sim o transe de possessão. De tão enfatizada que é, a possessão demoníaca tornou-se indissociável da imagem e da identidade da Igreja Universal e Internacional da Graça. De tanto invocar demônios para se manifestarem nos cultos, conseguiram transformar, ritual e doutrinariamente, o transe de possessão em sua marca.<sup>67</sup>

Na IURD cada exorcismo, portanto, é uma prova da vitória de Deus na guerra cósmica contra Satã.<sup>68</sup> As igrejas neopentecostais têm identificado as entidades das religiões mediúnicas como demônios, e além disso tem atribuído a essas entidades a responsabilidade por uma série de males e infortúnios que podem gerar sofrimento no ser humano.<sup>69</sup> Mas o que os cultos mediúnicos têm haver com tudo isto? “Do ponto de vista desses crentes, o Diabo e seus asseclas agem no “mundo material” por meio dessas religiões, de seus adeptos idólatras e de outras agências satânicas, para levar os seres humanos à perdição”.<sup>70</sup> Daí que advém a necessidade nas igrejas neopentecostais de combater as crenças mediúnicas e afro-brasileiras.

A importância do demonismo é tanta dentro da IURD que Bobsin traça o paralelo de que a luta contra os “demônios” dos cultos afro, umbanda e espiritismo está para esta denominação assim como a justificação por graça e pela fé está para a Igreja Evangélica Luterana.<sup>71</sup> Ao criticar essa prática nas igrejas neopentecostais, Martins enfatiza o sentido que esta prática pode trazer a muitas pessoas na

<sup>64</sup> MARIANO, 2005, p. 162.

<sup>65</sup> CAMPOS, 1997, p. 336.

<sup>66</sup> MARIANO, 2005, p. 113-114.

<sup>67</sup> MARIANO, 2005, p. 129-130.

<sup>68</sup> CAMPOS, 1997, p. 336.

<sup>69</sup> MARIANO, 2005, p. 129-130.

<sup>70</sup> MARIANO, 2005, p. 113.

<sup>71</sup> BOBSIN, 1995, p. 32.

modernidade:

A prática demonológica dessas igrejas, no entanto, acaba cumprindo uma série de necessidades do ser humano das grandes metrópoles. Uma delas é a necessidade do interior do ser humano que busca um sentido de vida. Assim, a demonologia isopentecostal, sem consciência disso, acaba dando um significado para a dor e o sofrimento humano, proporcionando-lhe um novo significado que tira, em certo sentido, o peso que as consequências de erros, marginalidades, violências e autocrítica têm trazido para o brasileiro que vive na miséria, na angústia, na depressão e alienado da sociedade e da própria vida. Assim, a prática demonológica dessas igrejas acaba cumprindo um papel que vai de encontro a determinadas necessidades do ser humano e este fica satisfeito com certas explicações e experiências que vivencia naquele meio denominado “evangélico”, embora não o seja de fato.<sup>72</sup>

Sem o Diabo, o inimigo que sempre nos cultos é expulso, humilhado e combatido, a Universal não seria a instituição que é, e nem teria o poder espiritual que diz possuir. “Enfim, sem o Diabo e seus asseclas, não teriam (igrejas neopentecostais) como justificar, diagnosticar e sanar os males que acometem seus fiéis, nem como legitimar a sua própria existência ou natureza divina”.<sup>73</sup> Agora, que se observou a importância da guerra espiritual para a IURD, pode-se passar a análise do sincretismo religioso dentro desta denominação.

### 2.3 SINCRETISMO RELIGIOSO

Uma das marcas mais distintivas, e um dos pilares teológicos da IURD é o sincretismo religioso. A IURD incorpora elementos de várias religiões brasileiras, ela criou um verdadeiro “supermercado” de produtos e serviços religiosos, que atendem à todas às classes sociais e segmentos populacionais. Do ponto de vista teológico, a IURD faz uma mistura de aspectos da teologia cristã com as teologias exotéricas, doutrinas do espiritismo, candomblé e umbanda. Esta mistura de religiões é uma forma de criar uma teologia eclética, que atenda às necessidades dos “consumidores”.<sup>74</sup> Peagle e Filho identificaram alguns exemplos deste sincretismo:

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) trabalha simultaneamente com a matriz judaica, quando afirma que aquilo que oriunda de Israel é mais sagrada do que outros lugares; com a matriz afro, nos cultos de “descarrego”; e com uma matriz católica, quando sacraliza objetos (rosa e bala unguida, por exemplo), permitindo que o fiel interprete essas matrizes e as ressignifique.<sup>75</sup>

Os exemplos que sustentam a afirmação do sincretismo religioso iurdista não param por aí. Mariano comenta que apesar das críticas de outros setores evangélicos a IURD distribui objetos unguídos aos seus fiéis que segundo a igreja são dotados de poderes mágicos ou miraculosos, o que aproxima muito essa igreja de práticas de cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular.<sup>76</sup> Nessa igreja ocorre o ritual do “corpo fechado”, típico da umbanda, além da “corrente da mesa branca”, que evoca um ritual kardecista<sup>77</sup> e a distribuição de fitas com dizeres de vitória como “nação dos 318” ou “nação dos vitoriosos” para serem colocados nos seus braços, uma prática muito similar, em Belém do Pará, as fitas distribuídas durante os festejos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.<sup>78</sup>

Para Edir Macedo, esses objetos e reuniões são apenas “pontos de contato” que permitem ao fiel

<sup>72</sup> MARTINS, Jaziel Guerreiro. A demonologia isopentecostal: uma busca pela ressignificação e superação do sofrimento humano. **Via Teológica**. Vol. 16, n. 32, Dez. 2015, p. 11.

<sup>73</sup> MARIANO, 2005, p. 136-137.

<sup>74</sup> DAMASCENO, 2019, p. 147.

<sup>75</sup> PAEGLE, Eduardo G. de Moura; FILHO, Eduardo M. de A. Maranhão. Mercado e discurso religioso na modernidade líquida. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 37, jul./dez. 2009, p. 213.

<sup>76</sup> MARIANO, 2005, p. 133.

<sup>77</sup> MARIANO, 2005, p. 135.

<sup>78</sup> BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira; CAMPOS, Samuel Marques. Identidade iurdiana em tempos líquidos: questões sobre diferença e tradução na formação identitária da IURD. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap**. V. 3, n. 1, dezembro/2013, p. 53.

o “despertar da fé”. Segundo ele essa técnica também foi empregada por Jesus. Esses objetos depois de ungidos são apresentados aos fiéis com poderes mágicos que permitem que eles sejam usados para resolver problemas, curas doenças e até fazer prosperar.<sup>79</sup> Não raro estes objetos são vendidos por valores inconcebíveis no mercado secular.

Com esse panorama geral sobre a teologia da Igreja Universal do Reino de Deus, passando pelos três pilares que constituem a sua visão de mundo: teologia da prosperidade, batalha espiritual e sincretismo religioso, pode-se passar a análise de algo que faz essa igreja se destacar frente a todas as outras: o seu *marketing*.

### **3. O MARKETING DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Define-se *marketing* como o conhecimento do mercado, a sua divisão em segmentos e a procura do ponto de vista da clientela. O *marketing* não somente procura estudar, mas também facilitar o processo de troca, influenciando os comportamentos humanos. Segundo Philip Kotler, *marketing* é a atividade humana dirigida para a satisfação das necessidades e desejos, através do processo de troca. O axioma do *marketing* é: os seres humanos possuem desejos e procuram satisfazê-los, a troca é um desses meios de satisfação.<sup>80</sup> Seja qual for o tipo do produto oferecido para a satisfação, até mesmo religioso. Neste caso fala-se de bens simbólicos, mas como são divulgados esses bens?

#### **3.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DA IURD**

Anteriormente, em uma situação de quase monopólio das instituições religiosas por parte da Igreja Católica, não era necessário a busca por resultados ou a competição entre organizações religiosas. Mas, já nos anos 60, as organizações religiosas se encontraram em um contexto competitivo e é no *marketing* que algumas destas igrejas vão se beneficiar de seus princípios para melhorar a sua performance neste mercado religioso.<sup>81</sup> Os meios de comunicação são os melhores veículos para a divulgação de uma instituição, e a IURD entendeu isso. Como afirma Damasceno:

As estratégias utilizadas pelos líderes da IURD (...) consistem em persuadir através de cooptação de marketing e publicidade, o uso de mídias (rádios e televisões), música e meios de comunicação escrita, a internet e as redes sociais, para obter propagação da marca, dos ideais dos sermões e obtenção de curas e prosperidade econômica através de entrega de ofertas e dízimos.<sup>82</sup>

Bledsoe sugere que o uso da mídia pela IURD, através da rádio, televisão e do seu jornal semanal, a Folha Universal (com mais 2,3 milhões de cópias distribuídas semanalmente em seus templos ou por fiéis nas ruas, esse periódico serve para a defesa da IURD e suas ações), beneficia significativamente sua expansão e presença social. Essas fontes servem para: incentivar os seus seguidores a frequentar suas igrejas filiadas; promover a identidade da organização; e transmitir a sua ideologia.<sup>83</sup>

Antes de 1990, a imprensa, pouco se preocupava com as programações pentecostais na televisão e na rádio. A mídia estava sob controle de empresários seculares, eles não percebiam nenhuma ameaça ao empresariado da indústria cultural. Isso tudo mudaria com a compra da Rede Record por Edir Macedo.<sup>84</sup>

A compra da Rede Record de Televisão pela Igreja Universal em 1990, despertou enorme reação nos meios empresariais e jornalísticos da época. Fora do Estado do Rio de Janeiro a IURD era bem pouco conhecida, o que tornava ainda mais inexplicável o investimento realizado nesta compra, da

<sup>79</sup> MARIANO, 2005, p. 133.

<sup>80</sup> CAMPOS, 1997, p. 336.

<sup>81</sup> CAMPOS, 1997, p. 212-213.

<sup>82</sup> DAMASCENO, 2019, p. 145.

<sup>83</sup> BLEDSOE, 2012, p. 102-103.

<sup>84</sup> CAMPOS, 1997, p. 286.

ordem de 45 milhões de dólares. Passou a ser impossível, a partir de então, dissociar a Universal das atividades empresariais e das estratégias de *marketing* e midiáticas.<sup>85</sup> Atualmente, o valor da Record está avaliado em 4 bilhões de reais, ela é a segunda rede de televisão mais assistida do país.<sup>86</sup> Com a compra desta rede de televisão:

Introduzia-se no Brasil uma estratégia pentecostal surgida nos Estados Unidos, nas décadas anteriores, pela qual os líderes religiosos pretendem reconquistar um lugar mais privilegiado no principal centro gerador de símbolos da cultura ocidental – a televisão. Para apaziguar a opinião pública, Macedo afirmava ser a sua meta transformar a Record numa rede profissional, moderna e bem colocada no mercado de comunicação. É claro que a prática posterior tem demonstrado haver nessa emissora, uma programação voltada para a aquisição de dividendos religiosos e políticos.<sup>87</sup>

Porém, a estratégia de comunicação da IURD difere dos televangelistas norte americanos. O rádio e a televisão para a IURD são meios para atrair as pessoas aos seus templos.<sup>88</sup> Na sua programação encontramos o “rito do copo d’água”, onde os fiéis tomam água em suas casas, que já foram abençoadas pelos pastores em alguma igreja Universal, assim que o apresentador de um de seus programas faz uma oração. A partir daí esta água tem poderes mágicos como curar uma enfermidade ou a resolução de problemas.<sup>89</sup> Também encontramos programas para a defesa da IURD, como o programa “Eu fui vítima de Fake News”; ou programas voltados para testemunhos de pessoas que foram transformadas quando passaram a frequentar uma Universal, como o programa “Entrelinhas”. Sobre os testemunhos Mariano afirma que:

Não é à toa que os testemunhos de bênçãos dos crentes bem-sucedidos levados à rádio e à TV, além de discorrerem sobre conversão a Jesus, renúncia às religiões idólatras, casamentos restaurados, curas milagrosas, superação da depressão, do alcoolismo, do uso de drogas e até do envolvimento em crimes, falam de empregados que se tornaram patrões, da aquisição de carros e imóveis luxuosos, de lucro nos negócios, de sucesso e vitória nas mais variadas atividades.<sup>90</sup>

Observa-se, cada vez mais, o uso estratégico da mídia por parte da IURD. No ano de 2002, era proprietária de 62 emissoras de rádio, da Rede Record (que reúne 63 emissoras afiliadas), além da Rede Mulher, Rede Família e CNT. A igreja também dispõe do portal Arca Universal ([www.arcauniversal.com.br](http://www.arcauniversal.com.br)), que oferece ao internauta links relacionados a produtos e mídias da IURD, além de seu site institucional ([www.igrejauniversal.org.br](http://www.igrejauniversal.org.br)).<sup>91</sup> Todas essas ferramentas têm sido usadas para a propagação de suas ideias e para atrair cada vez mais o público para as suas reuniões onde serão oferecidos os bens simbólicos que esta igreja desenvolveu. A eficiência do *marketing* iurdista é o motor da expansão desta denominação.

### 3.2 A EFICIÊNCIA DO MARKETING DA IURD

A Igreja Universal do Reino de Deus se tornou um campo de estudo de como um movimento religioso pode crescer continuamente, graças às estratégias de *marketing*, mesmo em um ambiente que lhe pareça desfavorável, dada a hegemonia exercida, no meio religioso, sobre o mercado de bens simbólicos.<sup>92</sup>

A expansão da IURD, indubitavelmente, ocorreu em um momento singular na história do comportamento religioso no Ocidente, onde a ênfase já não é mais no “produto religioso” advindo

<sup>85</sup> ROCHA JÚNIOR, 2017, p. 281.

<sup>86</sup> BLEDSOE, 2012, p. 65.

<sup>87</sup> CAMPOS, 1997, p. 287.

<sup>88</sup> CAMPOS, 1997, p. 275.

<sup>89</sup> CAMPOS, 1997, p. 292.

<sup>90</sup> MARIANO, 2005, p. 46.

<sup>91</sup> SANCHOTENE, Carlos R. Samuel; BORELLI, Viviane. Mídia e religião: estratégias de “cura” financeira pela IURD. *Revista Rumores*, v. 2 n. 4 (2009), p. 2.

<sup>92</sup> CAMPOS, 1997, p. 238.

da tradição, mas sim na busca pela satisfação das necessidades do “consumidor”. Para exemplificar a sintonia que existe entre IURD e “consumidor” podemos citar os pedidos de oração recolhidos nos programas de TV ou os pedidos que são anotados em um caderno deixado na frente de seus templos, isso faz com que esta igreja, mais do que as outras, consiga padronizar os bens religiosos mais adequados para seus fiéis e por fim propagandear-los.<sup>93</sup>

A propaganda (técnicas voltadas a mudanças de ideias, comportamentos e sentimentos, principalmente nas crenças religiosas, políticas e ideológicas<sup>94</sup>) da IURD é o elemento fundamental no seu processo de expansão, já que, por meio dela é que se cria e alimenta o mercado.<sup>95</sup> Nas palavras de Campos:

Daí o porquê da afirmação que, sem rádio e televisão, a Igreja Universal jamais teria atingido o sucesso atual, e nem teria se mantido na vanguarda do crescimento neopentecostal do país. Mídia faz com que as barreiras geográficas, sociais e ideológicas, sejam rompidas e os “produtos” iurdianos sejam colocados para um público necessitado, que lhe paga o preço pedido, porque se trata de alcançar a felicidade, o bem físico e espiritual. Para eles, esses “bens” são tão “preciosos”, que “não há dinheiro que os pague”, como nos disse um de seus fiéis.<sup>96</sup>

Como uma grande empresa global a IURD tem sido administrada. As decisões são tomadas pelos líderes do alto escalão juntamente com o Bispo, autoridade máxima. Além disso a compensação financeira dos seus pastores está atrelada ao fato deles conseguirem lucros para a IURD. Outra estratégia de *marketing* da IURD e a localização de seus templos em lugares estratégicos dentro das cidades, semelhante a busca por um bom “ponto” para os negócios seculares.<sup>97</sup> Dada a eficiência com que a IURD utiliza o *marketing* Campos conclui que de fato as técnicas publicitárias dominam as relações da IURD com um público carente dos bens e serviço que a IURD oferece. “É através da linguagem publicitária e do esforço de propaganda, que ela busca atrair a atenção, reunir o seu público e divulgar suas formas de lidar com as aflições do povo”<sup>98</sup>, e isso tem dado muito certo visto o grande sucesso que a IURD tem alcançado. Até mesmo politicamente.

## **4. A BUSCA PELO PODER POLÍTICO NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Já na década de 1960, pode-se observar o advento dos “políticos de Cristo”, eleitos pelos pentecostais clássicos, quando estes começaram a conviver com o deuteropentecostalismo, centrado na cura divina. Nessa época, por exemplo, Manuel de Mello, líder da igreja “O Brasil para Cristo” conseguiu indicar e eleger um deputado federal e um deputado estadual.<sup>99</sup>

Portanto a inserção pentecostal na política não é uma invenção da IURD, mas suas estratégias trazem novidades e estão mudando o jeito de fazer política entre os pentecostais no Brasil.<sup>100</sup>

### **4.1 A PARTICIPAÇÃO DA IURD NA POLÍTICA**

Juntamente com a Assembleia de Deus, a IURD é a igreja pentecostal brasileira com maior sucesso eleitoral. A Igreja Universal tem lançado candidatos desde 1982<sup>101</sup>, com cinco anos apenas de existência. Isso se deve a algumas características da própria igreja, dos quais já se tratou neste artigo:

<sup>93</sup> CAMPOS, 1997, p. 222-223.

<sup>94</sup> CAMPOS, 1997, p. 241.

<sup>95</sup> CAMPOS, 1997, p. 223.

<sup>96</sup> CAMPOS, 1997, p. 223.

<sup>97</sup> BLEDSOE, 2012, p. 104-106.

<sup>98</sup> CAMPOS, 1997, p. 293.

<sup>99</sup> CAMPOS, 1997, p. 451-452.

<sup>100</sup> CAMPOS, 1997, p. 452.

<sup>101</sup> MARIANO, 2005, p. 91.

a primeira delas é a rejeição ao ascetismo, com isso a IURD se vê livre para inserir-se na cultura e participar de políticas partidárias; a segunda característica é a sua visão de batalha espiritual, que permitiu passar aos seus membros a ideia de que não é apenas no plano espiritual que deve-se combater o Maligno, mas isso também tem que ser feito no espaço sócio-político, através da candidatura de políticos evangélicos.<sup>102</sup>

Porém não de qualquer evangélico ou pentecostal, já que a aproximação da IURD com a política se deu com o descontentamento de como estava sendo conduzida a política por evangélicos tradicionais. “A percepção crítica dos políticos evangélicos acrescentou-se a crítica moralista dos neopentecostais, quase todos oriundos das camadas mais baixas das classes médias”.<sup>103</sup> Com o rompimento junto aos políticos evangélicos tradicionais estava aberto o “caminho” para a maneira da IURD de fazer política.

Seu engajamento na política não é desinteressado. A participação da IURD na política visa duas coisas basicamente: a conquista do poder e o atendimento dos seus interesses denominacionais e das causas evangélicas (como defender os privilégios fiscais das igrejas e a liberdade religiosa).<sup>104</sup> Sobre a participação da IURD na política Campos conclui:

Finalmente, vimos que o campo religioso e as suas relações com a sociedade não mais permitem o luxo de uma religiosidade de evasão. Até para sobreviver e defender os seus interesses, as organizações religiosas são obrigadas a criar mecanismos de representação política mais afinados com seus interesses. A politização de uma Igreja é uma consequência natural da multiplicação dos espaços ocupados por ela na sociedade e do aumento de seus interesses patrimoniais, financeiros e burocráticos. A Igreja Universal não é uma exceção, ela precisa de um grupo de pessoas de confiança para defender seus interesses nas várias instâncias políticas, por isso cria seu próprio lobby, que são aqui eufemisticamente chamados de “políticos de Cristo”.<sup>105</sup>

## 4.2 AS CAMPANHAS ELEITORAIS DA IURD

A IURD não mede esforços para eleger o seu candidato. Durante as eleições é possível observar a exibição de faixas eleitorais nos templos. Pastores e líderes religiosos pedem abertamente votos para determinados candidatos no horário de culto, os obreiros distribuem “santinhos” e as suas emissoras de TV e rádio fazem propaganda eleitoral, convidando seus candidatos para entrevistas em seus programas.<sup>106</sup>

Santos fez um estudo antropológico sobre os políticos evangélicos da IURD durante as eleições na cidade de Porto Alegre - RS. Ele afirma que a propaganda televisiva e o material impresso revelavam uma faceta predominantemente “não-religiosa” da campanha dos pastores-vereadores, mas a observação de alguns cultos e o acompanhamento de eventos nos quais os políticos que ele acompanhava se fizeram presentes revela uma realidade bem diferente.<sup>107</sup> Ele relata o que ele observou *in loco*, e a sua conclusão sobre o que observou:

Durante os cultos, os obreiros da igreja entregaram aos fiéis um livreto, intitulado Voto de Fé – união evangélica em favor do povo. Na capa, havia uma série de imagens remetendo ao conceito de uma “identidade gaúcha”: bota, rodas de carroça, colheitadeira, a bandeira do Estado. Ficava claro, assim, de qual “povo” se estava falando. Nas primeiras páginas tínhamos pequenos textos do então deputado estadual Sérgio Peres e do Bispo William, que davam seu apoio e pediam votos para Valdir Caetano. O próprio vereador não deixava de se pronunciar, dessa vez adotando um tom bastante diferente da “campanha

<sup>102</sup> DANTAS, Bruna S. do Amaral. **Religião e Política**: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 2011, p. 28-29,35.

<sup>103</sup> CAMPOS, 1997, p. 453.

<sup>104</sup> MARIANO, 2005, p. 91.

<sup>105</sup> CAMPOS, 1997, p. 468.

<sup>106</sup> MARIANO, 2005, p. 91.

<sup>107</sup> SANTOS, Marcio Martins dos. “Tribunos do povo, servos de Deus”: Um estudo antropológico sobre políticos e religião na cidade de Porto Alegre. **Revista Antropológicas**, ano 12, volume 19(1): 201-239 (2008), p. 228-229.



laica” que verificamos em outros contextos. (...)

Entretanto, o fato de se tornarem aparentemente “secularizados” não significa que tais políticos tenham se desvinculado de sua condição de representantes da IURD. Seu relacionamento com as “bases eleitorais” – no caso, os fiéis da Igreja – combina elementos característicos da cultura política brasileira, como um padrão de relacionamentos pessoais baseados na reciprocidade (Bezerra 1999), com traços peculiares à sua condição de “candidatos oficiais” de uma instituição religiosa, como a construção de uma imagem de “homem de Deus”, em quem o voto seria, mais do que uma obrigação cívica, um “ato de fé”. Evidencia-se, assim, aquela que considero uma das principais constatações desta pesquisa: os pastores-vereadores trabalharam, em suas campanhas, com uma divisão clara entre o que devia ser dito “dentro” e “fora” da Igreja, acionando símbolos e discursos diferentes de acordo com a situação.<sup>108</sup>

Dessa maneira, os políticos da IURD tentam angariar seus votos dentro dos seus limites denominacionais e também nos votantes “secularizados”. Há outros relatos que proporcionam a maneira da IURD agir nas campanhas eleitorais. Campos lembra que Paulo César Graça e Paz, candidato a deputado federal do Rio de Janeiro em 1994, que tentou fazer campanha nas igrejas Universais, comprometendo assim a campanha de Eraldo Macedo, irmão do Bispo. A atitude de Paulo César lhe rendeu notas enérgicas no jornal da IURD, explicando que este não era um candidato da igreja e aconselhava que os fiéis não votassem nele.<sup>109</sup>

Todos esses relatos mostram que a IURD não tem quase nenhum escrúpulo quanto as campanhas eleitorais para benefício de seus candidatos. Com o crescimento rápido desta igreja e a sua participação na produção cultural através das mídias aumentou a necessidade de pessoas de confiança da igreja assumirem cargos políticos. Assim a sua estratégia é criar um *lobby* político que possa exercer pressão nas esferas públicas para a defesa de suas áreas de interesse<sup>110</sup>. Mas será que a IURD tem conseguido sucesso nas eleições que participou?

### 4.3 A IURD NAS ELEIÇÕES

Diversos autores trabalham a influência da IURD em eleições, sejam elas presidenciais, estaduais e municipais. Nessa parte procurou-se trabalhar de forma cronológica nas eleições que as fontes que embasam este trabalho apresentaram.

Campos relata a influência da Igreja Universal nas eleições de 1989 e 1994. Ele afirma que essa igreja e os demais pentecostais ajudaram, decisivamente na derrota de Luís Inácio Lula da Silva em ambas as eleições.<sup>111</sup>

Em 1989, Edir Macedo disse o Jornal do Brasil que “após orar e pedir a Deus que indicasse uma pessoa (para presidente), o Espírito Santo nos convenceu de que Fernando Collor de Mello era o escolhido”. Assim Collor foi a templos, participou das reuniões religiosas e foi a programas de rádio da Universal. Esse apoio à candidatura de Collor não veio só da Universal, mas de quase todos os pentecostais. O movimento evangélico pró-Lula no segundo turno (liderado por Silas Malafaia, sim ele mesmo) era débil e não logrou êxitos.<sup>112</sup>

No final de 1992, Fernando Collor sofreu *impeachment*. Para explicar o seu engano a IURD acusou o ex-presidente de estar sob influência satânica. Lula parecia ser o candidato que levaria o próximo pleito, só que neste interim surge Fernando Henrique Cardoso, responsável pelo plano Real que estancou a inflação brasileira. A campanha da IURD nesta nova campanha retomou os clichês de 1989, que afirmava que Lula iria perseguir os evangélicos caso fosse eleito e que este frequentava

<sup>108</sup> SANTOS, 2008, p. 229,237.

<sup>109</sup> CAMPOS, 1997, p. 456.

<sup>110</sup> CAMPOS, 1997, p. 458.

<sup>111</sup> CAMPOS, 1997, p. 461-462.

<sup>112</sup> CAMPOS, 1997, p. 462.

terreiros de umbanda e candomblé.<sup>113</sup>

Em Julho de 1994, quando Lula estava em boa posição nas pesquisas eleitorais, aconteceu no Rio de Janeiro o emblemático “Clamor pelo Brasil”, organizado por Edir Macedo, com o objetivo de despertar os evangélicos para o risco no caso de uma vitória de Lula<sup>114</sup>. Nas ponderações de Campos ele afirma que:

Temos a absoluta certeza de que a Igreja Universal, atingindo diretamente mais de cinco milhões de adultos brasileiros e talvez outros dez milhões indiretamente, é em parte responsável pelo índice médio de rejeição de Lula, calculado pela pesquisa acima, que atingiu entre os pentecostais 55.1 pontos, enquanto a média nas demais religiões foi de 43.6 pontos.<sup>115</sup>

Em suas ponderações, Campos parece bem convicto da importância e da relevância da Universal nos pleitos que ele analisou. Santos, analisando pleitos posteriores, desta vez em âmbito municipal, observa a diminuição da influência desta igreja que “segundo o jornal O Globo (edição de 17/10/2004), foi bastante considerável: segundo este periódico, a IURD, neste pleito, elegeu apenas 70 vereadores em todo o país, contra os 350 das eleições anteriores, em 2000”.<sup>116</sup>

Porém, hodiernamente, ao que tudo indica, as influências desta denominação sobre o campo político não são pequenas. Em 2016 o senador Marcelo Crivella (PRB) foi eleito prefeito do Rio de Janeiro com 59,36% dos votos válidos, contra 40,64% de Marcelo Freixo (PSOL). Ele é o primeiro prefeito apoiado pela IURD a vencer numa capital brasileira.<sup>117</sup> E, mais recentemente, nas eleições presidenciais de 2018, Prandi, Santo e Bonato enxergaram a influência da Universal e a importância do voto evangélico:

Após um acerto de bastidores, por exemplo, o braço midiático da Igreja Universal, isto é, a Rede Record de televisão, chegou a transmitir uma entrevista exclusiva ao vivo com Bolsonaro (com direito a uma série de dramatizações) no mesmo horário em que acontecia o último e mais importante debate presidencial do primeiro turno na Rede Globo, do qual, evidentemente, Bolsonaro se ausentou.

Na pesquisa de intenção de voto do Datafolha realizada nos dias 3 e 4 de outubro de 2018, o candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro recebeu do conjunto total dos eleitores 31% dos votos, contra 37% dados pelo segmento evangélico. Por sua vez, Fernando Haddad obteve 17% no total da amostra e 13% entre os evangélicos. Ambos foram para o segundo turno: Bolsonaro com 46% e Haddad com 29% dos votos válidos (que excluem os votos nulos e os em branco). Já na pesquisa do Datafolha divulgada às vésperas do segundo turno, Bolsonaro aparecia com 69% dos votos válidos no segmento evangélico, enquanto Haddad obtinha 31%. Esses dados apontam que o voto evangélico teve em Bolsonaro, eleito com 55% dos votos do conjunto total da população, seu candidato preferencial.<sup>118</sup>

Portanto, fica a reflexão e a pergunta: até onde a IURD pode chegar no poder político? A resposta que se dá foi proposta por Campos, em 1997, mas que faz eco até os dias de hoje: “O neopentecostalismo e a Igreja Universal em especial, tende a se tornar uma formidável força eleitoral no Brasil, expectativa que será ou não confirmada nas próximas eleições”.<sup>119</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Universal do Reino de Deus é o grande fenômeno religioso brasileiro do século XXI.

<sup>113</sup> CAMPOS, 1997, p. 463-464.

<sup>114</sup> CAMPOS, 1997, p. 465.

<sup>115</sup> CAMPOS, 1997, p. 467.

<sup>116</sup> SANTOS, 2008, p. 238.

<sup>117</sup> CARTA CAPITAL. **Crivella eleito no Rio**: a vitória política da Universal. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/crivella-eleito-no-rio-a-vitoria-politica-da-universal/>. Acesso em: 03 jul. 2019.

<sup>118</sup> PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. **Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil**. N. 120 (2019): Dossiê religião e modernidade, p. 57-58.

<sup>119</sup> CAMPOS, 1997, p. 467.

Ela é a principal igreja neopentecostal brasileira, tem na figura do Bispo Edir Macedo seu grande referencial religioso-administrativo e tem se expandido de maneira espantosa, de maneira que é a igreja brasileira com maior presença em territórios estrangeiros.

A teologia da prosperidade tem conseguido atrair milhões de pessoas para as suas fileiras de membros, a sua maneira de enxergar a batalha espiritual tem fundamentado o seu combate com outras religiões, mas, paradoxalmente, utiliza-se de “pontos de contato” destas mesmas religiões para incorporar à sua visão de mundo religiosa.

Grandes empresas têm muito a aprender com a IURD na questão de *marketing*. Sem a rádio e a televisão seria muito difícil a IURD ter conseguido tamanha visibilidade e expansão como tem hodiernamente. A eficiência marqueteira desta denominação chama a atenção.

Por fim, a sua busca pelo poder político tem logrado êxitos. Ao longo dos anos a IURD tem se mostrado como uma grande influenciadora na democracia brasileira e tem conseguido fazer o seu *lobby* político para seus próprios interesses. Aonde a IURD pode chegar politicamente ainda é uma grande incógnita que só será respondida com o passar dos anos.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira; CAMPOS, Samuel Marques. Identidade iurdiana em tempos líquidos: questões sobre diferença e tradução na formação identitária da IURD. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap**. V. 3, n. 1, dezembro/2013.

BLEDSOE, David Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso**. São Paulo: Hagnos, 2012.

BLOG BISPO EDIR MACEDO. **Livros**. Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/livros/>. Acesso em 01 de jul. 2019.

BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência: Estudo Exploratório. **Estudos Teológicos**, 35(1):21-38, 1995.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e UMESP, 1997.

CANAL BISPO EDIR MACEDO. **Walter** – um teólogo que não conhecia Deus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gOKmlMyPCrw>. Acesso em: 01 de jul. 2019.

CARTA CAPITAL. **Crivella eleito no Rio: a vitória política da Universal**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/crivella-eleito-no-rio-a-vitoria-politica-da-universal/>. Acesso em: 03 jul. 2019.

DAMASCENO, Maria R. V. de Oliveira; et.al. Sincretismo, Protestantismo e Neopentecostalismo: O Cristianismo em seu enfoque nas populações tradicionais. **Revista Unitas**, v.7, n. 1, 2019.

DANTAS, Bruna S. do Amaral. **Religião e Política: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal**. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 2011.

DUARTE, Marcello F. A teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus e a demonização das religiões afro-brasileiras. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 91-111, jan./abr. 2019.

FOESTER, Norbert H. C. Pentecostalismo brasileiro clássico e secularização. **Estudos de Religião**, Ano XXI, n. 32, jan/jun 2007.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Universal, 1998. Vol. I.
- MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Universal, 2002.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTINS, Jaziel Guerreiro. A demonologia isopentecostal: uma busca pela ressignificação e superação do sofrimento humano. **Via Teológica**. Vol. 16, n. 32, Dez. 2015. p. 11-37.
- PAEGLE, Eduardo G. de Moura; FILHO, Eduardo M. de A. Maranhão. Mercado e discurso religioso na modernidade líquida. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 37, jul./dez. 2009.
- PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. **Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil**. N. 120 (2019): Dossiê religião e modernidade.
- REFKALEFSKY, Eduardo. **Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, e dos Televangelistas nos EUA: um estudo comparado**. Trabalho apresentado no II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação.
- ROCHA JÚNIOR, Volgano. O Neopentecostalismo e a década perdida: como a crise dos anos 1980 estimulou o crescimento da IURD. **Revista Unitas**, v.5, n.2 (n. especial), 2017.
- SANCHOTENE, Carlos R. Samuel; BORELLI, Viviane. Mídia e religião: estratégias de “cura” financeira pela IURD. **Revista Rumores**, v. 2 n. 4 (2009).
- SANTOS, Marcio Martins dos. “Tribunos do povo, servos de Deus”: Um estudo antropológico sobre políticos e religião na cidade de Porto Alegre. **Revista Antropológicas**, ano 12, volume 19(1): 201-239 (2008).
- UNIVERSAL.ORG. **Blog do Bispo Macedo completa 10 anos**. Disponível em: <https://www.universal.org/blog/2017/09/09/blog-do-bispo-macedo-completa-10-anos/>. Acesso em 01 de jul. 2019.
- UNIVERSAL.ORG. **Detalhes da obra – Templo de Salomão**. Disponível em: <https://sites.universal.org/templodesalomao/detalhes-da-obra/>. Acessado em: 08 de jul. 2019.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **A PRÁTICA DISCIPULADORA DE PAULO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS**

*Paul's discipleship practice and its consequences for church planting*

Me. João Eder Graebin<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O discipulado é uma prática central na Igreja de Cristo (Mt 28.18-20), sobretudo naquelas comunidades cristãs que estão em processo de plantio e/ou consolidação. Partindo dessa premissa, o alvo do presente artigo é descrever o *objetivo*, a *metodologia* e o *conteúdo* encontrados na prática do apóstolo Paulo, que, no contexto neotestamentário, foi o missionário com o mais profícuo ministério de plantio de igrejas. Num segundo momento, à luz dessa prática, num segundo momento, o artigo irá refletir sobre as consequências dessa metodologia para o plantio de igrejas hodiernas.

**Palavras-chave:** Discipulado. Grande Comissão. Apóstolo Paulo.

### **ABSTRACT**

Discipleship is a central practice in the Church of Christ (Mat 28:18-20), especially in those Christian communities that are in the process of planting and/or consolidation. Based on this premise, the aim of this article is to describe the objective, methodology, and content found in the practice of the apostle Paul, who, in the New Testament context, was the missionary with the most fruitful ministry of church planting. In a second moment, in this practice, the article will reflect on the consequences of this methodology for the planting of today's churches.

**Keywords:** Discipleship. Mission. Apostle Paul. Planting of churches.

<sup>1</sup> O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, na cidade de Formosa/GO, onde está plantando uma igreja. É Mestre em Teologia/Missologia e doutorando na mesma área pela North-West University (África do Sul). O presente artigo é um excerto da sua dissertação de mestrado intitulada "Montijo Baptist Church: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy", disponível em <https://repository.nwu.ac.za/handle/10394/35270>.

## INTRODUÇÃO

As últimas palavras de Jesus aos seus discípulos foram claras, perpassam quase dois milênios e ainda continuam prementes: “Foi-me dada toda autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.19,20).<sup>2</sup> Justamente porque Jesus tem *toda* autoridade, sua Igreja é incumbida de fazer discípulos de *todas* as nações, ensinando-os a obedecer *a todas as* ordens de Cristo. Nessa tarefa de discipular pessoas, os crentes podem estar certos da companhia graciosa e capacitadora de Jesus, que os acompanhará *todos* os dias.

Embora não haja necessariamente um consenso entre exegetas, teólogos e missiólogos quanto ao que é, de fato, a ordem central nesses versículos<sup>3</sup>, ao comentar essa passagem, Hesselgrave observa que

fazer discípulos é o único imperativo e atividade central indicada na Grande Comissão. Fazer convertidos e crentes certamente está envolvido nesse imperativo. Mas a fé e o discipulado nunca podem ser divorciados entre si. A obediência é exigida, não somente por parte de quem leva a mensagem, mas também da parte daquele que ouve, se arrepende, e crê no evangelho. “Convertidos” e “crentes” (...) podem “viver como quiserem”. Mas “discípulos”, obviamente, devem fazer a vontade do seu Mestre.<sup>4</sup>

Se os estudiosos não são necessariamente unânimes no que é central na perícopa de Mateus 28.18-20, também divergem quanto ao próprio conceito de discipulado<sup>5</sup>. Ao longo desse artigo, será tomada a definição de Broadus (citada por Carson) diz que “discipular uma pessoa para Cristo é trazê-la para a relação de pupilo e mestre, ‘tomar seu jugo’ de instrução autoritativa (Mt 11.29), aceitando o que ele diz como verdade porque ele o diz e submetendo-se a suas experiências como certas, porque ele as fez”.<sup>6</sup>

Desse modo, a Igreja de Cristo faz discípulos debaixo de *toda* autoridade de Cristo, é enviada a *todas* as nações, onde ensina *todas* as coisas ordenadas pelo Senhor e o faz na certeza de o próprio Cristo estará com ela *todos* os dias, até a consumação dos séculos.

Outrossim, quanto à ordem de discipular pessoas, é importante salientar que há uma relação direta entre essa tarefa e o plantio de igrejas. Dito de forma direta: não há como plantar igrejas sem discipular pessoas.

Nesse sentido, o apóstolo Paulo acaba sendo um modelo de discipulador a ser seguido por plantadores de igrejas hodiernos. Paulo entrou na História da Igreja como o missionário do Novo Testamento que teve o mais profícuo ministério de plantio de igrejas. De acordo com Allen,

em pouco mais de dez anos, Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Antes de 47 d.C. não havia igrejas nessas províncias; em 57 d.C., Paulo podia falar como se seu trabalho ali tivesse terminado e planejar extensas viagens ao extremo oeste sem ansiedade, com medo de que as igrejas que ele fundou pudessem perecer em sua ausência por falta de sua orientação e apoio.<sup>7</sup>

Para o estabelecimento dessas igrejas, o apóstolo seguia uma determinada estratégia definida por Kane como um “*modus operandi* flexível”, desenvolvido sob a orientação do Espírito Santo e sujeito a

<sup>2</sup> Ao longo desse artigo a versão bíblica usada é a Nova Versão Internacional.

<sup>3</sup> Quanto a esse tema, veja BOSMA, Carl. Missões e Sintaxe Grega em Mateus 28.19. **Fides Reformata**, XIV, número 1, 2009, p. 9-34.

<sup>4</sup> HESSELGRAVE, D. J. **Plantar Igrejas**: um guia para missões nacionais e transculturais. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 14.

<sup>5</sup> Está fora do escopo desse artigo aprofundar o conceito e a esfera de ação do discipulado cristão. Para tal, sugere-se a leitura de BONHOEFFER, D. **Discipulado**. 11.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004; STOTT, J. R. W. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011; e CARVALHO, D. C. Pode um cristão ter discípulos? **Via Teológica**, vol. 20, n. 40, 2019, p. 35-67.

<sup>6</sup> CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010, p. 742.

<sup>7</sup> ALLEN, R. **Missionary methods**: St. Paul's or ours? Grand Rapids: Eerdmans, 1962, p. 3.

Sua orientação e controle.<sup>8</sup> Tal estratégia era fundamentada nas suas convicções teológicas, moldada por sua filosofia ministerial e executada por uma metodologia específica, que, embora não necessariamente fosse sequencial<sup>9</sup>, contemplava:

- Evangelismo dos incrédulos;
- Discipulado dos crentes;
- Estabelecimento dos líderes;
- A saída para um novo empreendimento missionário.<sup>10</sup>

O objetivo do presente artigo é descrever o objetivo, a metodologia e o conteúdo do discipulado paulino, para, num segundo momento, refletir sobre as consequências dessa prática para o plantio de igrejas.

## 1. O OBJETIVO PAULINO AO DISCIPULAR

É fato de que, no processo de plantio de igrejas, Paulo não considerava sua tarefa terminada depois que as pessoas ouviam o evangelho e se convertiam<sup>11</sup> a Cristo. Esse era apenas o momento inicial da empreitada missionária, e estava longe de ser o final. De acordo com Paulo, os que haviam sido justificados ao depositarem sua fé em Cristo, também haviam sido “chamados para serem santos” (Rm 1.7), ou, usando as palavras de Jesus, os que entraram pela “porta estreita” (justificação/santificação posicional) também precisavam andar no “caminho estreito”<sup>12</sup> (santificação processual).

Embora Paulo estivesse convicto de que aquele que tinha começado uma boa obra nos crentes iria completá-la até o Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6), também não ignorava o fato de que Satanás poderia enganá-los, desviando-os “da sua sincera e pura devoção a Cristo” (2Co 11.3). Sabia que estava vivendo os últimos dias da história, nos quais muitos abandonariam a fé e seguiriam espíritos enganadores e doutrinas de demônios (1Tm 4.3). Essa realidade era, para Paulo, um motivo de inquietação constante, o que pode ser verificado, por exemplo, na sua declaração aos coríntios: “enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas” (2Co 11.28).

Assim, por estar inquieto e preocupado com a vida espiritual daqueles que havia conduzido a Cristo, Paulo, sistematicamente discipulava aqueles que considerava seus filhos na fé. Isso porque Paulo via a si mesmo como um pai espiritual daqueles que havia ganho para Cristo. Esse conceito evoca uma dupla realidade: de um lado, Paulo os havia gerado em Cristo, e, de outro lado, como um pai, o apóstolo tomava sobre si a responsabilidade de educá-los e desenvolvê-los na vida cristã. Isso é expresso, por exemplo, em 1 Coríntios 4.15: “Embora possam ter dez mil tutores em Cristo, vocês não têm muitos pais, pois em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por meio do evangelho”.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> KANE, H. J. *Christian Mission in biblical perspective*. Grand Rapids: Baker, 1976, p. 73.

<sup>9</sup> Hesselgrave lembra que o processo de plantio de igrejas paulino “deve ser olhado tanto sincronicamente como diacronicamente. Ou seja, embora possamos pensar em progredir da etapa de comunicação, para a conversão, para congregar crentes, e assim por diante, devemos lembrar-nos também que, à medida em que passamos pelo tempo para as etapas mais adiantadas do desenvolvimento, ainda devemos continuar levando a efeito as atividades das etapas iniciais (ou supervisionar sua realização). (...) Por isso, linhas nítidas não devem ser traçadas entre os elementos principais do ciclo. Num sentido, são distintos e sequenciais. Noutro sentido, colidem uns com os outros, e fluem uns para os outros” (HESELGRAVE, 1995, p. 42).

<sup>10</sup> GRAEBIN, J. E. **Montijo Baptist Church: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy**. Potschefstroom: NWU, 2019.

<sup>11</sup> Como a palavra “conversão” deve ser entendida? “Geralmente usamos o termo, no contexto religioso, em um dos seguintes sentidos: um é que alguém deixou sua posição religiosa (caso tenha tido alguma) para comprometer-se exclusivamente com outra; outro é que alguém até então um mero adepto da sua fé, descobre o significado e a importância dela com entusiasmo e compreensão” (GREEN, M. **Evangelização na Igreja Primitiva**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 179).

<sup>12</sup> Uma referência aqui as palavras de Jesus em Mateus 7.13,14: “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva à vida! E são poucos os que a encontram”.

<sup>13</sup> Em 1 Tessalonicenses 2.11,12, a ideia de paternidade é expressa por Paulo nas seguintes palavras: “Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata os seus filhos, exortando, consolando e dando testemunho, para que vocês vivam de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória”.

Justamente por ser pai espiritual dos seus convertidos, Paulo era tomado de um zelo de responsabilidade, que o levava a discipliná-los. Essa ideia é claramente expressa, dentre outros lugares, em 2 Coríntios 11.2: “O zelo que tenho por vocês é um zelo que vem de Deus. Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como virgem pura”. A figura evocada aqui, de um pai com ciúmes da sua filha, chama a atenção para o zelo que Paulo tinha ao cuidar de seus filhos espirituais. Ao comentar essa passagem, Harris lembra que “o ciúme humano é um vício, mas compartilhar o ciúme divino é uma virtude. O mais importante é o motivo e o objeto do ciúme. Há um lugar para a preocupação apaixonada de um pai espiritual pela devoção exclusiva e pura a Cristo de seus filhos espirituais, e também um lugar para a raiva dos potenciais violadores dessa pureza”.<sup>14</sup>

Assim sendo, o objetivo de Paulo ao disciplinar seus convertidos era gerar neles maturidade espiritual. Era um objetivo de longo prazo e multifacetado, uma vez que visava, segundo disse aos colossenses, “apresentar todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28). Em outras palavras, tornar os discípulos como Cristo era seu alvo, ou, literalmente, como disse aos efésios, levá-los à maturidade, “atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.13). Por isso, ao ver que a maturidade espiritual dos coríntios estava aquém do esperado, Paulo lamentou: “Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Dei-lhes leite, e não alimento sólido, pois vocês não estavam em condições de recebê-lo” (1Co 3.1,2a).

O que também precisa ficar claro é que o desenvolvimento espiritual almejado por Paulo em seus convertidos não era uma realidade subjetiva e abstrata. Muito pelo contrário. A maturidade espiritual deveria se manifestar na vida dos discípulos de forma objetiva e concreta, nas mais diversas facetas da vida. Assim, por exemplo, o crescimento espiritual dos coríntios deveria se manifestar em relacionamentos pacíficos (1Co 3.1-9; 5.12-6.20), no uso moral do corpo (1Co 5.1-11; 6.12-20), na forma de se comportar nas reuniões da igreja (1Co 11.2-4; 14.26-40), na prática consciente dos dons espirituais (1Co 12-14), e na generosidade financeira àqueles que precisavam de ajuda (1Co 16.1-9). Às outras igrejas, Paulo mencionou características diferentes de crescimento espiritual. De fato, seu objetivo era – como já citado – apresentar “todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28), o que se subentende uma gama de realidades (individuais, coletivas, emocionais, espirituais, relacionais e comportamentais).

Não há dúvida de que Lucas observou esse zelo pela saúde espiritual dos crentes na vida de Paulo (e de seus companheiros de viagem), de modo que em Atos há várias passagens que relatam a atitude deles após a conversão das pessoas. Atos 14.21,22 é relatado que “voltaram para Listra, Icônio e Antioquia, fortalecendo os discípulos e *encorajando-os a permanecer na fé*, dizendo: ‘É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus’”. Em Atos 15.36, Paulo disse: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, *para ver como estão indo*”. Em Atos 16.40, depois de serem açoitados e presos em Filipos, “Paulo e Silas foram à casa de Lídia, onde se encontraram com os irmãos *e os encorajaram*”. Atos 18.23 afirma que “depois de passar algum tempo em Antioquia, Paulo partiu dali e viajou por toda a região da Galácia e da Frígia, *fortalecendo todos os discípulos*”. Em Éfeso, depois do tumulto causado por Demétrio, “Paulo mandou chamar os discípulos e, depois de *encorajá-los*, despediu-se e partiu para a Macedônia. Viajou por aquela região, *encorajando os irmãos com muitas palavras*” (At 20.1-2).

## 2. A METODOLOGIA PAULINA AO DISCIPULAR

Esse cuidado por aqueles que haviam se convertido, levava Paulo a conduzi-los no caminho do discipulado. De que forma?

- Inserindo-os na comunidade cristã (por meio do batismo);
- Nutrindo-os na comunidade dos crentes num ambiente de cuidado, amor, exortação e

<sup>14</sup> HARRIS, M. J. 2 Corinthians. In: GAEBELIN, Frank E.; DOUGLAS, J. D. (edit.). **Romans-Galatians**. Vol. 10 of The Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1978, p. 385.



comunhão (expresso, dentro outros, pela Ceia do Senhor);

- Ensinando-lhes para viverem uma vida de obediência a Cristo.<sup>15</sup>

Essas três atitudes podem ser observadas, por exemplo, na cidade de Éfeso. Após evangelizar um grupo de homens, Paulo os batizou, inserindo-os na comunidade cristã (At 19.5). Consolidou essa comunidade de crentes por dois anos, nutrindo-os num ambiente de cuidado, amor, exortação e comunhão, bem como ensinando-os a viver uma vida de obediência ao Senhor (At 19.9,10; 20.20). Esse zelo pastoral continuou mesmo depois da saída de Paulo da cidade. Quando estava em Mileto, “Paulo mandou chamar os presbíteros da igreja de Éfeso” (At 20.17) e conversou com eles. O diálogo é eivado de exortações pastorais, dentre elas, que esse grupo de líderes deveria cuidar de si mesmos e do rebanho, que seria atacado tanto interna como externamente (At 20.28-30). Essas exortações continuariam na carta que Paulo endereçaria a essa mesma igreja anos depois, explicitando seu zelo pastoral.

O início do processo de discipulado, e, conseqüente cuidado pastoral, se dava na inserção do crente à comunidade cristã, por meio do batismo. O batismo era, na teologia paulina, uma representação do que havia acontecido no momento da conversão a Cristo (Rm 6.1-4). O cristão morreu para o pecado (Rm 6.2), foi lavado dos seus pecados (Tt 3.5) e ressuscitou para uma nova vida (Ef 2.5). Mas não apenas isso. Para Paulo, o batismo representava a entrada na família da fé, a Igreja (Ef 4.1-6), ou, como disse Green, “o batismo formalizava a entrada na sociedade cristã (...) A vida batismal implicava, portanto, em vida santa e amor cristão, e também em adoração e comunhão, testemunho e instrução (...). Em outras palavras, o batismo selava a conversão em todos os sentidos, sejam individuais, coletivos, éticos, culturais ou teológicos. A conversão, o batismo e a vida nova eram inseparáveis”.<sup>16</sup>

Essa compreensão do duplo significado do batismo (como sinal visível do que havia acontecido na conversão e como porta de entrada da comunidade cristã), foi resumido por Bruce nos seguintes termos:

O batismo, no ensino de Paulo, inicia os crentes na sua nova condição de estar “em Cristo”, tanto que a morte e a ressurreição histórica dele se tornam parte da experiência espiritual deles; o batismo no Espírito que o Senhor ressurreto efetuou, os incorpora em um só corpo com ele – ou, como Paulo diz ao Gálatas, “todos quanto fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes; [...] todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.27).<sup>17</sup>

Para que a maturidade espiritual se efetivasse, a comunidade de crentes tinha papel fundamental, por, pelo menos, três fatores: os relacionamentos, o serviço e a nova ética. Nas palavras de Paulo: “Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Ef 4.15,16).

Nesse contexto, Calvino comenta:

Isso significa que nenhum crescimento é de utilidade quando não corresponde a todo o corpo. A pessoa que deseja crescer isoladamente segue um rumo equivocado. Pois que proveito traria [ao corpo] se uma perna ou um braço se desenvolvesse sem simetria, ou uma boca fosse grande demais? Seria ele simplesmente afligido como se tivesse presente um tumor maligno. Portanto, caso queiramos ser considerados em Cristo, que nenhum de nós seja tudo para si mesmo, senão que, tudo quanto venhamos a ser, sejamos em relação uns aos outros. Isso só pode ser realizado pelo amor; e onde o amor não reina, também não existe edificação na Igreja, senão mera dispersão.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Em termos didáticos, é importante sublinhar que Paulo discipulava seus convertidos tanto individualmente quanto coletivamente. Um exemplo de discipulado individual pode ser encontrado em Timóteo, a quem Paulo chama de “verdadeiro filho na fé” (1Tm 1.2). Um exemplo de discipulado coletivo pode ser visto em Atos 19.9, na cidade de Éfeso. Ali, Paulo ensinou um grupo de discípulos, diariamente, na escola de Tirano.

<sup>16</sup> GREEN, 1984, p. 188,191.

<sup>17</sup> BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da Graça**: sua vida, cartas e teologia. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003, p. 92.

<sup>18</sup> CALVINO, J. **João Calvino**: uma coletânea de escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 105.

Quanto aos relacionamentos, é importante salientar que o auxílio dos outros crentes no processo de discipulado era evidente, por exemplo, na comunhão (*koinonia*) vivida entre eles. Segundo Paulo, os relacionamentos eram um dos meios usados pelo Senhor para que o caráter cristão pudesse ser desenvolvido na vida dos discípulos, como é claramente expresso em Atos e nas suas cartas. Assim, em Atos, ao se despedir dos presbíteros de Éfeso, Paulo antevê um tempo futuro de lutas e dificuldades entre eles e lhes afirma: “Sei que depois da minha partida, lobos vorazes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos” (At 20.29,30). Em outras palavras, Paulo estava exortando essa igreja acerca de um ataque de falsos ensinamentos (homens que torcem a verdade), que desembocariam em sérios problemas relacionais (a fim de atrair os discípulos).

Apesar de Paulo não ter plantado a igreja em Roma, se preocupava com as tensões vividas entre “os fracos e os fortes” (Rm 14.1ss.).

F. F. Bruce diz que a igreja de Roma poderia se desintegrar rapidamente se os grupos cristãos (judeus e gentios) insistissem em exercer sua liberdade cristã sem se importar com a opinião dos outros. Paulo, então apresenta um critério que deve ser seguido por todos para resolver essas questões práticas na igreja: o amor e a tolerância. No verso 13 do capítulo 14 ele insta os cristãos a não julgarem um ao outro. A colocarem o interesse do próximo acima do seu próprio interesse.<sup>19</sup>

Os relacionamentos marcados por divisão entre os coríntios são fortemente rechaçados por Paulo: “Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês; antes, que todos sejam unidos num só pensamento e num só parecer” (1Co 1.10). Tal divisão era considerada por Paulo como um ato mundano e carnal (1Co 3.3).

Nessa mesma carta, Paulo mostra que as más companhias dos coríntios corromperam a sua teologia, levando alguns deles a não crer na ressurreição dos mortos (1Co 15). Em tom de indignação, também escreve aos Gálatas, lamentando o seu desvio doutrinário, influenciado pelo relacionamento corrosivo com os judaizantes (Gl 1.6 ss.). Na carta aos efésios Paulo fala da igreja como um local de unidade (Ef 4.1), que “cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida que cada parte realiza a sua função” (Ef 4.16). Isso é possível, segundo Paulo, porque Cristo fez de judeus e gentios “um e destruiu a barreira, o muro de inimizade (...). O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz e reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade” (Ef 2.14-16). Na carta aos filipenses, Paulo apela a Evódia e a Síntique “que vivam em harmonia no Senhor” (Fp 4.2).

Todos esses versículos sublinham a centralidade dada por Paulo aos relacionamentos no seio da comunidade cristã. Nas suas próprias palavras: “Pois nenhum de nós vive apenas para si, e nenhum de nós morre apenas para si” (Rm 14.7). De acordo com Hesselgrave, Paulo dava tamanha importância ao tema dos relacionamentos entre os crentes porque

como pessoa que pertencia à igreja, o novo crente tinha identidade. Era um seguidor de Cristo. Na nova sociedade recebia alimento espiritual através da ação do grupo crente (Ef 4.11-16). Era amado e ensinado a amar (Hb 10.24,25). Recebia toda segurança e estabilidade que advêm de pertencer a um grupo. Este sendo de pertencer era tão íntimo que o grupo era chamado de *corpo* e cada pessoa fazia parte do corpo. Quando uma parte sofria, todas as partes sofriam. Quando um membro era honrado, todos os membros eram honrados (1Co 12.26).<sup>20</sup>

Nesse contexto, a Santa Ceia representava não apenas uma identificação e um lembrar individual com a/da morte de Cristo (1Co 11.24,25), mas também um ato de adoração e comunhão coletiva. Segundo Bruce, para Paulo, a Ceia tinha uma função dupla: “quando eles partiam o pão que era o

<sup>19</sup> SILVA, N. O. **Teologia e Missão**: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos. São Paulo: Morávios, 2000, p. 16.

<sup>20</sup> HESSELGRAVE, 1995, p. 202.

símbolo do corpo de Cristo, eles relembavam seu auto sacrifício na cruz, mas também declaravam participar todos juntos do seu corpo coletivo”.<sup>21</sup> Isso é claramente observado em 1 Coríntios 11.17-34. Aqui Paulo está instruindo os coríntios acerca de como a Santa Ceia deveria ser ministrada no contexto da coletividade, ao mesmo tempo que os exorta no sentido de observarem determinados ritos, que apontam para questões relacionais.

Por sua vez, em Atos, Lucas relata uma cena de comunhão entre os irmãos em Trôade, em que a Santa Ceia foi ministrada no “primeiro dia da semana” (At 20.7), isto é, no domingo. Toda a narrativa aponta para um ambiente de comunhão e aponta o fato que Lucas entendia a Ceia “no contexto de uma refeição comunitária, como no cenáculo em Jerusalém”.<sup>22</sup>

Além dos relacionamentos, Paulo entendia que a comunidade de crentes era peça fundamental para o desenvolvimento da maturidade dos crentes, pois a Igreja era um local de serviço. As cartas paulinas são preches de exortações nesse sentido. Aliás, tais admoestações poderiam ser feitas com total autoridade de Paulo, uma vez que ele tinha uma vida de serviço ao Senhor e aos irmãos, nas suas palavras: “(...) tudo suporte por causa dos eleitos, para que eles também alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna” (2Tm 2.10).

Nesse mesmo espírito de serviço aos crentes, conclama os irmãos: “Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios” (Rm 12.10); “Procurem aperfeiçoar-se, exortem-se mutuamente, tenham um só pensamento, vivam em paz” (2Co 13.11); “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor. Toda a lei se resume num só mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’” (Gl 5.13,14); “Por isso, exortem-se e edificuem-se uns aos outros, como de fato vocês estão fazendo” (1Ts 5.11).

Paulo não apenas exorta os irmãos para o serviço mútuo, mas elogia o espírito servil de Timóteo, dizendo: “Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (Fp 2.20,21). Aliás, foi a Timóteo que Paulo ordenou que orientasse os seus liderados ricos da seguinte forma: “Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação. Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos para repartir” (1Tm 6.17,18), ou seja, uma clara referência ao serviço.

Dentre as formas que o serviço se desenvolvia na prática, estava a assistência aos pobres. De acordo com Paulo, essa era uma marca do seu próprio ministério. Na carta aos gálatas, disse que foi recomendado por Tiago, Pedro e João (líderes da igreja em Jerusalém) a se lembrar dos pobres, o que, segundo Paulo, “se esforçou por fazer” (Gl 2.10). Nessa mesma carta, exorta aos irmãos a não se cansarem da fazer o bem, “especialmente aos da família da fé” (Gl 6.10). Noutro contexto, em Romanos 12.13, Paulo exorta aos irmãos: “Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade”. Em 1 Coríntios 16.1 ss e 2 Coríntios 9.11 fala de ofertas que os coríntios deveriam dar, segundo Paulo, para “assistência aos santos.” (2 Co 9.1). Em Efésios 4.28, Paulo diz: “O que furtava não furtar mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade”. Em Filipenses 2.3,4 assevera: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros”. A palavra aos tessalonicenses é: “Quanto a vocês, irmãos, nunca se cansem de fazer o bem” (2Ts 3.13).

Ao se observar esses versículos, nota-se que “o serviço de assistência aos pobres era uma estrutura fundamental na Igreja [neotestamentária], para que todos possam ter o necessário, sem discriminações.

<sup>21</sup> BRUCE, 2003, p. 276.

<sup>22</sup> STOTT, J. R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1995, p. 360-361.

A partilha dos bens entre os fiéis se efetuava no interior de uma igreja, como entre as igrejas”.<sup>23</sup>

Por fim, Paulo também almejava levar as pessoas a uma vida de obediência. Isso se dava porque, além de ser um local de comunhão e de serviço, a comunidade de crentes era vista como essencial para o crescimento espiritual dos crentes, pois era nela que os crentes desenvolveriam sua nova ética.

É importante notar que a essência da moral cristã, conforme exposta por Paulo, “não era uma forma de autorrealização, mas o cumprimento da Lei; (...) e para Paulo, toda Lei se resumia no seguinte: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’ (Gl 5.14). ‘Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprirei a Lei de Cristo’ (Gl 6.2)”.<sup>24</sup> Ou seja, a realização ética exigida pelo Cristianismo e esperada como fruto do Espírito era algo que só poderia ter lugar em um contexto de relacionamentos interpessoais. Por exemplo, a lista de virtudes apresentada por Paulo como “o fruto do Espírito” (Gl 5.22 ss.), contém muitas virtudes que não têm sentido se separadas das relações pessoais. “A paciência, a longanimidade e a bondade não são coisas que se pode cultivar na solidão”.<sup>25</sup> Para Paulo, era na Igreja que essas virtudes podem crescer e ser cultivadas. A Igreja é a “sociedade na qual a Lei de Cristo é a lei; em que a conduta não é ‘segundo a carne’ *kata sarka*, mas ‘segundo o Espírito’ *kata pneuma*. É o domínio de Cristo e seu Espírito, é o poder dinâmico de todas as atividades”.<sup>26</sup>

### 3. O CONTEÚDO PAULINO AO DISCIPULAR

Isso leva a outra importante pergunta: “Qual era o conteúdo abordado por Paulo ao discipular” Ou, dito de outra maneira: “O que Paulo queria que seus convertidos entendessem e obedecessem?”

Uma vez que, como visto acima, o objetivo de Paulo era gerar maturidade espiritual nas mais diversas facetas da vida dos seus discípulos, o conteúdo que ele ensinava, obviamente, era também amplo. Contudo, havia três áreas centrais do seu ensino aos discípulos:

- A compreensão da experiência de conversão a Cristo;
- A reorientação teológica do pensamento;
- A construção de uma nova ética.

Levar seus discípulos a compreender o que lhes havia acontecido quando se converteram a Cristo foi um dos primeiros conteúdos presentes no discipulado de Paulo aos seus convertidos.<sup>27</sup> Isso é evidenciado, por exemplo, na estrutura que ele usualmente desenvolveu nas suas cartas dirigidas às igrejas que plantou. Em quase todas, os primeiros versículos são separados para esse fim. Assim, aos coríntios, ele afirma: “Sempre dou graças a meu Deus por vocês, por causa da graça que lhes foi dada por ele em Cristo Jesus. *Pois nele vocês foram enriquecidos em tudo (...)* Fiel é Deus, o qual *os chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor*” (1Co 1.4,5a,9).

Aos gálatas, Paulo os saúda dizendo que Jesus “se entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos *resgatar desta presente era perversa*, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gl 1.4). Aos efésios, Paulo toma os três primeiros capítulos da carta para destacar a operosidade da graça divina entre eles.<sup>28</sup> Em Filipenses, Paulo exalta ao Senhor por ter começado neles a boa obra da salvação, a qual completaria até a segunda vinda de Cristo (Fp 1.6). Aos colossenses, ele lhes diz que o Senhor os “*tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz*”, pois, ele os “*resgatou das trevas e os transportou para o Reino do seu Filho amado*, em que há a redenção, a saber, o perdão dos pecados” (Cl 1.12-14). Aos tessalonicenses, Paulo exalta ao Senhor pelo fato de que aquela igreja havia se tornado fruto da escolha graciosa e soberana de Deus (1 Ts 1.4), e porque “desde o princípio *Deus os escolheu para*

<sup>23</sup> FABRIS, J. **Atos dos apóstolos**. Tradução de Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 128.

<sup>24</sup> MANSON, T. W. **Cristo por Paulo**. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 101.

<sup>25</sup> MANSON, 2009, p. 101.

<sup>26</sup> MANSON, 2009, p. 101-102.

<sup>27</sup> Hesselgrave chama esse momento de “ensinos elementares da fé cristã” (HESSELGRAVE, 1995, p. 222).

<sup>28</sup> CALVINO, J. **Institución de la Religión Cristiana**. Tomo II. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1999, p. 15.

*serem salvos* mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade” (2Ts 2.13).

O outro assunto abordado por Paulo no processo de discipulado dos seus convertidos era a reorientação teológica do pensamento. Como visto acima, muitos gentios que conheceram Jesus por meio do ministério paulino eram provenientes de um contexto fortemente influenciado pela idolatria. Porém, quando se converteram a Cristo, passaram por uma mudança de vida, evidenciada por aqueles que estavam perto, de sorte que todos podiam relatar “como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir o Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.9). Se a conversão ao Deus vivo era real, a estrutura de pensamento desses novos crentes, moldada pela cultura idólatra, precisava passar por um processo de transformação.

Em outras palavras, Paulo precisava destruir as falsas concepções de Deus (ou ídolos), e construir uma visão coerente com o ensino das Escrituras (1Co 10.19,20). Caso isso não acontecesse, toda a vida cristã das suas comunidades ficaria comprometida. Desse modo, para ilustrar, quando Paulo ensina aos coríntios acerca dos dons oferecidos pelo Deus verdadeiro (por meio do seu Espírito), faz questão de diferenciar a atuação desse Deus da dos ídolos. Isso se fazia necessário, segundo Paulo, porque quando os coríntios eram pagãos, “de uma forma ou de outra eram fortemente atraídos e levados para ídolos mudos” (1Co 12.2).

O terceiro elemento central no ensino de Paulo era a construção de uma nova ética.<sup>29</sup> Como visto anteriormente, o pressuposto paulino era de que o homem havia sido criado para glorificar a Deus. Entretanto, com a Queda, esse propósito fora desviado. Ao invés de glorificar a Deus, o homem quis ser como Deus. “Em outras palavras, com a Queda, o ser humano passou a ter carência de um estado de vida exatamente como aquele para o qual fora criado”.<sup>30</sup> Para Paulo, essa restauração ao propósito original de Deus se dava por meio da fé no Evangelho de Cristo. A justificação por graça e fé em Cristo, gerava paz com Deus, ou seja, reconciliação (Rm 5.1). De modo que, “se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo” (Rm 5.17).

Contudo, aquele que foi justificado por Cristo e reconciliado com Deus, é chamado para, em tudo, viver uma vida que glorifica ao Senhor. Ou, usando as palavras de Paulo aos Romanos: “Portanto, irmãos, rogo-lhes, pelas misericórdias de Deus, que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (Rm 12.1).<sup>31</sup> Na verdade, o que Paulo diz aqui é: “Aceite a Cristo, renegando a sua vida e entregando-se a ele em adoração, ou seja, ponha sua vida no altar dele, negando seu eu”.<sup>32</sup> Essa era a atitude do próprio Paulo, de sorte que em Gálatas 2.20 ele assume: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.

Observa-se, portanto, que há dois pontos evidentes na teologia paulina, no que diz respeito a ética: primeiro, a vida ética não justifica as pessoas diante de Deus. O moralista descrito em Romanos 2.1-16 é tão injusto diante de Deus quanto o idólatra, descrito em Romanos 1.18-32. Além disso, a vida ética é uma resposta de amor e gratidão a Cristo e evidencia o seu relacionamento com Deus; afinal, as pessoas não são salvas *por* obras (Ef 2.8,9), todavia o são *para* boas obras, as quais Deus preparou antes da fundação do mundo para serem praticadas (Ef 2.10). Ou seja, a vida na graça de Cristo não é, de forma alguma, um chamado ao desleixo ético/moral.

<sup>29</sup> Os helênicos não consideravam a ética como uma parte da religião, o cristianismo sim (GREEN, 1984, p. 180).

<sup>30</sup> REGA, L. S. A Ética em Paulo. In: REGA, L. S. (org). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 54.

<sup>31</sup> A palavra “portanto” (*oun*) pode se referir à frase anterior (de Rm 11.36), ou a todo o conteúdo desenvolvido por Paulo nos capítulos anteriores, em outras palavras, “portanto, agora que vocês conhecem a justificação pela fé em Cristo e foram reconciliados com Deus, ofereçam os seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. Essa organização de pensamento se encontra nas outras cartas de Paulo, as quais, como visto acima, depois de descreverem os efeitos do Evangelho na vida do crente (indicativos), desenvolvem uma série de normas éticas (imperativos).

<sup>32</sup> REGA, 2009, p. 57.

É importante salientar que, para Paulo, todo o processo de transformação ética não era apenas uma questão de esforço próprio do crente. Era uma operação do Espírito Santo (Rm 8.1-4), possibilitada pela graça de Deus, a qual ensina os crentes a “renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente” (1Tm 2.12).

Por fim, como visto anteriormente, o ensino da ética em Paulo envolvia vários aspectos, abrangendo a vida individual e coletiva. Desse modo, por exemplo, os discípulos são chamados individualmente a fugir da imoralidade sexual (1Co 6.18; 1Ts 4.3-5), a abandonar a mentira (Ef 4.25), a criarem seus filhos “segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4), a zelar pela qualidade dos seus pensamentos (Fp 4.8), a orar (Cl 4.3,4), a trabalhar com diligência (2Ts 3.10). Porém, coletivamente, os discípulos são chamados a cuidar uns dos outros (1Co 12.25), a servir uns aos outros mediante o amor (Gl 5.13), a levar os fardos pesados dos outros (Gl 6.2), a perdoarem-se uns aos outros (Ef 4.32), e a consolarem-se uns aos outros (1Ts 4.18).

Para que Paulo ensinasse seus discípulos a obedecer, dois elementos eram centrais: as Escrituras e a sua própria vida.

Como visto acima, para Paulo, o desenvolvimento ético (santificação processual) era uma operação graciosa do Espírito Santo. Porém, no que tange a esse assunto, é importante sublinhar que a santificação acontecia a partir da mente, e pela exposição das Escrituras. Em Romanos 12, depois de dizer que os cristãos deveriam oferecer os seus corpos como sacrifício de adoração ao Senhor (v.1), diz também como isso pode ser viabilizado: pela renovação da mente (v.2).

Renovar a mente requer alteração dos padrões de conduta e opções de escolhas já presentes na estrutura mental e emocional da pessoa. Como isso é possível? O próprio apóstolo explica ao jovem Timóteo o papel das Escrituras na renovação da mente: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3.16,17). As Escrituras ensinam a verdade, evidenciam o erro, mostram como corrigi-lo e instruem na prática da retidão.<sup>33</sup>

Desse modo, não é difícil perceber que, dentre os assuntos centrais das Escrituras ensinadas por Paulo no discipulado, estava o Decálogo. Ele proveu a base para a instrução ética dos convertidos de Paulo. É claro que não aplicou os mandamentos como um fariseu legalista, mas os observou no seu uso didático, como regra de prática para a vida dos crentes.<sup>34</sup>

A fim de aplicar os ensinamentos das Escrituras rapidamente à vida dos convertidos, Paulo procurava pessoas com maior formação e influência, focava seu ministério nessas pessoas e elas, posteriormente, ensinavam a outros (2 Tm 2.2). Allen comenta:

Timóteo esteve em Listra por dezoito meses após a primeira visita de Paulo. Paulo poderia ensinar a Timóteo, que conhecia o Antigo Testamento, como lê-lo e explicá-lo aos cristãos; e Timóteo em dezoito meses poderia ensinar outros para que sua saída não fosse uma perda séria. Gaio em Derbe, Lucas em Filipos, Aristarco e Segundo em Tessalônica, Sopater em Berea, Erasto e muitos outros em Corinto, provavelmente eram homens de alguma educação que podiam rapidamente compreender os princípios essenciais do método de interpretação de São Paulo e depois aplicá-los para o benefício dos menos instruídos.<sup>35</sup>

Além das Escrituras, o outro elemento usado por Paulo para discipular aqueles que ele havia ganhado para Cristo era o seu próprio exemplo de vida. Bosch observa que Paulo “se apresenta como modelo a ser emulado, não apenas por seus colaboradores, mas por todos os cristãos”.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> REGA, 2009, p. 64.

<sup>34</sup> Quanto a esse uso do decálogo, Calvino afirmou: “A lei é o melhor instrumento para capacitar os crentes a aprender diariamente a vontade de Deus a ser seguida” (CALVINO, 1999).

<sup>35</sup> ALLEN, 1962, p. 89.

<sup>36</sup> BOSCH, D. J. *Missão transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 170.

Como visto anteriormente, Paulo se via como um pai zeloso daqueles que havia ganhado para Cristo. Por ser um pai, poderia e deveria apresentar aos seus filhos espirituais um padrão de vida a ser imitado. Assim, em 1 Coríntios 4.16, apela àqueles cristãos: “suplico-lhes que sejam meus imitadores”. E, no próximo versículo diz: “Por essa razão”, (isto é, porque eu quero que vocês sejam meus imitadores), “estou lhes enviando Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor, o qual lhes trará a lembrança a minha maneira de viver em Cristo Jesus, de acordo com o que eu ensino por toda parte, em todas as igrejas” (1Co 4.17).

Nessa mesma carta, depois de dizer que fazia de tudo para com todos, com o propósito de glorificar a Deus e ganhar pessoas para Cristo, apelou aos coríntios: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11.1). Em Filipenses, Paulo coloca a si mesmo como um padrão de vida cristã a ser imitado, e diz: “Irmãos, sigam unidos o meu exemplo e observem os que vivem de acordo com o padrão que lhes apresentamos” (Fp 3.17). A esse mesmo grupo disse para, porém em prática tudo que haviam aprendido, recebido, ouvido e visto na sua vida (Fp 4.9). Nas suas duas cartas aos tessalonicenses, Paulo se coloca como um exemplo a ser seguido em dois sentidos: como alguém que suportou os sofrimentos por ser seguidor de Cristo (1Ts 1.6), e como alguém que não viveu ociosamente, mas demonstrou na sua vida profissional um padrão da ética cristã (2 Ts 3.7,9). Todos esses versículos mostram que Paulo ilustrava o seu ensino com a sua vida. Como disse Hawthorne: “It appears that he [Paul] was of the conviction that the truths of the Christian gospel must never be abstracted from action and put into high-toned words and phrases, but always expressed in the life of the teacher”.<sup>37</sup>

#### 4. CONSEQUÊNCIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS

Diante do exposto até acima, quais são as consequências do alvo, da metodologia e do conteúdo paulino para o discipulado dos seus convertidos para um projeto de plantio de igrejas hodierno? Ou, dito de outra forma, como aplicar esses princípios de discipulado paulino num projeto de plantio de igrejas?

Embora essas não sejam as únicas consequências práticas, três merecem destaque:

- Evangelismo não é o propósito final;
- Discipulado é um trabalho para a vida inteira;
- Discipulado é um trabalho de parceria entre o plantador e a igreja local;

Todo projeto de plantio de igrejas deve priorizar o evangelismo, no intuito de levar as pessoas a Cristo. Entretanto, esse não é o propósito final. Depois que as pessoas se convertem, precisam ser devidamente cuidadas. Matos alerta que

em muitas igrejas locais se verifica uma grande ironia, um grande paradoxo. Essas igrejas fazem um enorme e apreciável investimento na área da evangelização, da atração de novas pessoas e famílias para o evangelho de Cristo. (...) Porém, tão logo essas pessoas se convertem e são recebidas na igreja, elas são, por assim dizer, esquecidas e caem na rotina da vida da comunidade. Como elas já estão do lado de dentro, entende-se que não mais precisam de tanta atenção. É assim que muitos novos membros depois de algum tempo acabam se decepcionando, perdendo o seu entusiasmo inicial e abandonando a igreja. Isso mostra a absoluta necessidade de um elemento complementar ao evangelismo, que é o discipulado ou a integração dos novos convertidos.<sup>38</sup>

Por sua vez, enquanto o evangelismo é – em termos de tempo – uma atividade mais pontual, o discipulado é uma tarefa para a vida toda. Uma igreja pode ser institucionalmente organizada, mas seus membros sempre de novo precisarão ser chamados à obediência a Cristo e a uma transformação

<sup>37</sup> HAWTHORNE, G. F. *Philippians*: Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1983, p. 190.

<sup>38</sup> MATOS, A. S. “Não deixemos de congregar-nos”: enfrentando o problema da evasão de membros. *Fides Reformata*, vol. 19(1), 2014, p. 31.

de caráter. Dito de outra forma, o discipulado apenas terminará quando formos “semelhantes a ele [Jesus]” (1Jo 3.2).

Por vezes, discipular pessoas e gerar nelas maturidade cristã é um trabalho pesado e desgastante para o plantador. Nesse sentido, é importante que ele se lembre que o seu trabalho não deve ser feito sozinho. O próprio contexto da igreja em que o crente está inserido é um local de ensino, crescimento e transformação de caráter.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, neste artigo observou-se que o discipulado é uma tarefa premente na vida da igreja de Cristo. Até que Cristo volte, seus seguidores serão chamados a “ensinar a obedecer a tudo o que o Senhor ordenou” (Mt 28.20).

O apóstolo Paulo levou muito a sério essa tarefa, não resumindo o seu ministério de plantio de igrejas na tarefa de evangelizar, mas sim, levando seus convertidos à maturidade espiritual (seu objetivo ao discipular); inserindo-os na comunidade cristã, nutrindo-os e ensinando-os a viverem uma vida de obediência a Cristo (sua metodologia ao discipular). Por fim, expôs àqueles que estavam sob sua tutela a compreensão da experiência de conversão a Cristo, reorientou teologicamente seus pensamentos e construiu uma nova ética (seu conteúdo ao discipular).

Com certeza, projetos de plantio de igrejas hodiernos que seguirem o modelo paulino – sob a graça do Senhor – serão exitosos no sentido de desenvolverem discípulos de Cristo conhecidos pela sua maturidade, o que, inevitavelmente, redundará num dos fatores indiscutíveis de propagação da fé cristã.

## **REFERÊNCIAS**

ALLEN, R. **Missionary methods**: St. Paul's or ours? Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 2007.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. 11.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOSMA, Carl. Missões e Sintaxe Grega em Mateus 28.19. **Fides Reformata**, XIV, número 1, 2009, p. 9-34.

BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da Graça**: sua vida, cartas e teologia. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003.

CALVINO, J. **Institución de la Religión Cristiana**. Tomo II. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1999.

CALVINO, J. **João Calvino**: Uma coletânea de escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.

CARVALHO, D. C. Pode um cristão ter discípulos? **Via Teológica**, vol. 20, n. 40, 2019, p. 35-67.

FABRIS, J. **Atos dos apóstolos**. Tradução de Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1984.

GRAEBIN, J. E. **Montijo Baptist Church**: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy. Potschefstroom: NWU, 2019. (Dissertação – Mestrado).



- GREEN, M. **Evangelização na Igreja Primitiva**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HARRIS, M. J. 2 Corinthians. In: GAEBELIN, Frank E.; DOUGLAS, J. D. (edit.). **Romans-Galatians**. Vol. 10 of The Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1978.
- HAWTHORNE, G. F. **Philippians**: Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1983.
- HESSELGRAVE, D. J. **Plantar Igrejas**: um guia para missões nacionais e transculturais. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- KANE, H. J. Christian Mission in biblical perspective. Grand Rapids: Baker, 1976.
- MANSON, T. W. **Cristo por Paulo**. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- MATOS, A. S. "Não deixemos de congregar-nos": enfrentando o problema da evasão de membros. **Fides Reformata**, vol. 19(1), 2014, p. 21-33.
- REGA, L. S. A Ética em Paulo. In: REGA, L. S. (org). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009. p. 53-74).
- SILVA, N. O. **Teologia e Missão**: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos. São Paulo: Morávios, 2000.
- STOTT, J. R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1995.
- STOTT, J. R. W. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **O VALOR DA MÚSICA EM PAULO**

*The value of music in Paul*

*Dr. Vanderlei Alberto Schach<sup>1</sup>*

*Esp. Keila Konflanz Weege Rodrigues<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo apresentar biblicamente a respeito da música e seu uso no Novo Testamento através do apóstolo Paulo. Após análise do relato bíblico, percebeu-se que música estava sempre presente nas reuniões e em diversos momentos significativos para os cristãos e era incentivada por Paulo. Portanto, entendeu-se através das instruções e incentivo de Paulo que a música deve ser utilizada não apenas em reuniões formais e informais, mas como um instrumento de valor para a conversão das pessoas ao cristianismo.

**Palavras-chave:** Música. Paulo. Bíblia.

### **ABSTRACT**

This work had as objective to present biblically about music and its use in the New Testament through the apostle Paul. After biblical report analysis, it was noticed that music was always present in meetings and in several significant moments for Christians and was also encouraged by Paul. Therefore, it is understood through Paul's incentive and instructions that music must be used not just in formal and informal meetings, but as an instrument of value to connect people to Christianity.

**Keywords:** Music. Paul. Bible.

<sup>1</sup> Bacharel e mestre em Teologia (Novo Testamento) e doutor em Teologia Prática. Professor de Novo Testamento na Faculdade Batista Pioneira e pesquisador da área de crianças em situação de vulnerabilidade afetiva. Também é um dos pastores que compõem o colegiado da Primeira Igreja Batista de Ijuí – RS. Casado com Aline e pai de Daniel e Samuel. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Possui em Licenciatura em Música pela Faculdade Metodista do Sul e é pós-graduada em Educação Musical. Também é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. É integrante do grupo musical Geração Fiel, atuando como cantora. Casada com Jefferson e mãe de Pedro Henrique, atuantes como obreiros na Igreja Batista Boas Novas em Carazinho / RS. E-mail: keilaweege@msn.com

## INTRODUÇÃO

A música e sua utilização são incentivadas de muitas formas nas Escrituras, muitas de suas referências são encontradas no Antigo Testamento, mas nesta monografia serão brevemente analisadas passagens do Novo Testamento, precisamente examinando as palavras do apóstolo Paulo. Mais do que qualquer outro líder do seu tempo, Paulo foi um dos maiores orientadores das igrejas em sua condução, bem como na forma de uso da música em suas reuniões, pois estas são evidenciadas diversas vezes em ocasiões significativas de sua vida e seus escritos.

O primeiro capítulo aborda através dos textos escritos por Paulo a respeito da adoração como um estilo de vida adorador e como um apreciador da música. O segundo capítulo examina os textos em que Paulo encoraja e incentiva o uso da música junto aos cristãos, sendo esta usada como forma de louvor, gratidão, admoestação e ensino. Já no capítulo três, é feita uma análise de alguns possíveis trechos bíblicos em que Paulo utilizou, seu conteúdo e conteúdo teológico.

### 1. UM ESTILO DE VIDA ADORADOR

A Palavra de Deus tem muito a ensinar a respeito da música. Nela encontra-se a forma de adoração utilizada pelo povo de Deus, tendo em vista que “o processo de adoração é sempre iniciado por Deus. A adoração humana é uma resposta à iniciativa divina”.<sup>3</sup> Por isso, através do conhecimento do modelo bíblico é possível encontrar um caminho para excelência. Para Basden, as Escrituras são a fonte de conhecimento sobre adoração:

A Bíblia é a regra de fé e prática para os cristãos. Isso quer dizer que precisamos buscar nas Escrituras a fonte básica de conhecimento sobre adoração. O relato bíblico nos mostra que a adoração é fundamentalmente a reação de um indivíduo ou um grupo de pessoas a um ato poderoso de Deus.<sup>4</sup>

Para Russel Shedd, “Paulo entende a adoração como resultado do propósito da Criação. Todas as coisas são de Deus, vieram a existir por seu intermédio e para ele (Rm 11.36)”.<sup>5</sup> Por isso, Paulo exorta no texto de 1 Coríntios 10.31: “Assim quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”. Isto dá a conotação que tudo que se fizer para Deus deve ser para glória dele, sendo esta a razão e o propósito do culto e a adoração ao Senhor.

Tendo em vista que a música faz parte da adoração ou culto estabelecido por Paulo, faz-se necessário analisar seu conhecimento a respeito dela. McCommon traz uma abordagem interessante a respeito disto, uma vez que o Apóstolo era de “cultura e refinamento” e possuía uma “genuína apreciação pela música”, pois foi educado no sistema de educação grego e hebraico que por sua vez, exigiam a música como uma das “matérias básicas”.<sup>6</sup> Para o autor, a erudição e cultura de Paulo são reconhecidos em seu estilo de escrita e em suas citações nos textos clássicos, citando ainda o exemplo de 1 Coríntios 13, como sendo um “pensamento dinâmico de um homem de percepção sensitiva, de um verdadeiro poeta”.<sup>7</sup>

Baseado em Aristóteles, a música é a mais moral de todas as artes, menciona Champlin e, ainda afirma que, a música pode levar as pessoas ao entusiasmo coletivo ou também pode acontecer o processo inverso: “Quando o cântico coletivo se torna um costume negligenciado, então isso é sinal de uma vida coletiva decadente”.<sup>8</sup> Como comprovação da sua afirmação, Champlin cita as seguintes músicas:

<sup>3</sup> BASDEN, Paul. **Estilos de Louvor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 23.

<sup>4</sup> BASDEN, 2000, p. 23.

<sup>5</sup> SHEDD in: SOUZA, Sócrates Oliveira de (edit.). **Aperfeiçoamento dos Santos na prática da celebração**. Rio de Janeiro, 2007, p. 24.

<sup>6</sup> MCCOMMON, Paul. **A música na Bíblia**. Tradução de Paulo de Tarso Prado da Cunha. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963, p. 39.

<sup>7</sup> MCCOMMON, 1963, p. 39.

<sup>8</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo, Hagnos,

*Marseillaise*, da Revolução Francesa; *Internationale*, dos países comunistas e *Horst Wessel* da Alemanha hitlerista.<sup>9</sup> Com apenas estes exemplos, já se percebe o quanto a música tem poder de influenciar e motivar pessoas ou até mesmo uma sociedade inteira para propósitos positivos ou negativos.

Além de um grande apreciador, Paulo também encorajava o uso da música e diversas vezes ele fala de modo explícito em algumas de suas cartas, desta forma no próximo capítulo serão analisadas algumas passagens e sua forma de uso.

## 2. O ENCORAJAMENTO DE PAULO PARA O USO DA MÚSICA

Paulo orienta a igreja de Corinto quanto as suas reuniões, e no texto fica claro o encorajamento quanto ao uso da música: “Portanto, que diremos, irmãos? Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja” (1Co 14.26). Morris explica que a palavra “salmo” significava “um cântico entoado com acompanhamento de um instrumento” e provavelmente este cântico que alguém tivesse era de “sua própria composição, para trazer perante os adoradores”.<sup>10</sup>

Os textos de Efésios 5.19 e Colossenses 3.16 mostram que o cântico de hinos, cânticos e salmos faziam parte da liturgia cristã. A prática de louvar a Deus com cânticos está tão enraizada na experiência do povo de Deus que o Apocalipse traz vários cânticos do povo de Deus na glória. Hinos fazem parte dos elementos constituintes do culto cristão. E hinos de bom conteúdo comunicam a teologia da igreja, que é seu suporte espiritual.<sup>11</sup>

Conjectura-se que as músicas cantadas eram de louvor e exaltação a Deus, com o propósito de glorificar o nome do Senhor por todos os seus feitos e tudo que Ele representa para cada cristão, elementos estes presentes no culto cristão. Desta forma, analisar-se-á algumas passagens e as funções sugeridas por Paulo para o uso da música nos próximos subpontos.

### 2.1 A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE GRATIDÃO E LOUVOR

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo também orienta e encoraja a igreja em Éfeso a respeito da música, no texto de Efésios 5.19: “falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor”. Foulkes traz a luz do texto, a ideia de que até mesmo os cristãos utilizavam suas reuniões para se embriagar e que em vez da embriaguez “deve haver um extravasamento do Espírito na forma de cântico e louvor”.<sup>12</sup> O autor complementa ainda que “o cantar tem tido sempre um grande lugar na vida e adoração da Igreja, e cada novo movimento do Espírito tem trazido uma refrescante explosão de cânticos”.<sup>13</sup> Portanto, neste texto, Paulo associa a presença de Deus e a ação alegre do espírito ao exercício da música.

McCommon afirma sobre este texto que “aqueles que amam a Cristo devem estar cheios do Espírito e não do vinho, e devem externar a sua alegria falando entre si mesmos”, o autor conta ainda que nesta passagem, Paulo está afirmando que os cristãos devem “cantar como um só grupo, de tal modo a que o louvor dos seus corações possa subir até os ouvidos de Deus”.<sup>14</sup> O autor traz também uma abordagem sobre os “cânticos espirituais” citados por Paulo no versículo:

A palavra, provavelmente, se refere a um tipo específico de cântico sacro semelhante aos nossos atuais cânticos evangélicos(...) é provável que o salmo, ou o hino, pudesse ter sido usado com os mesmos propósitos dos cânticos espirituais.

Embora seja bem difícil de se determinar a significação exata destas palavras, como estão

---

2002, vol. 4, p. 420.

<sup>9</sup> CHAMPLIM, 2002, vol. 4, p. 420.

<sup>10</sup> MORRIS, Leon. **1 Coríntios**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 160.

<sup>11</sup> COELHO FILHO in SOUZA, 2007, p. 37.

<sup>12</sup> FOULKES, Francis. **Efésios**: introdução e comentário. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo, Vida Nova, 1963, p.126.

<sup>13</sup> FOULKES, 1963, p. 126.

<sup>14</sup> MCCOMMON, 1963, p. 40.

sendo usadas aqui, é razoável supor-se que o Apóstolo tinha em mente três tipos distintos de cânticos sacros. Parece bem evidente acreditar ele que as igrejas deveriam usar todos os meios eficientes de se proclamar o evangelho e de se acrescentar vida e variedade aos cultos de adoração.<sup>15</sup>

Presume-se, então, que neste intuito a música deve servir de forma eficiente para edificação da vida dos cristãos. A música incentivada por Paulo também tinha como função o ensino e a admoestação, que será visto no próximo subponto.

## 2.2 A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E ADMOESTAÇÃO

No livro de Colossenses 3.16, Paulo vai novamente aconselhar a Igreja de Colossos: “Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seus corações”. Para McCommon, a passagem não está falando propriamente sobre a adoração em si, mas sim “no ensino e na admoestação de um ao outro”, pois a música se usada corretamente, “pode ser um dos mais eficientes meios de educação”.<sup>16</sup> O mesmo autor prossegue fazendo uma analogia da música atual com a música utilizada na carta aos Colossenses:

Os proporcionadores de música pseudorreligiosa, barata e inferior, não têm compreendido a verdadeira função desta arte em nossos cultos. A finalidade da música não é simplesmente a de fazer o povo sentir-se bem tornando-o feliz, a fim de que se mantenha numa atitude mentalmente predisposta para ouvir o sermão. A música deve ser usada no ensino e na admoestação de uns aos outros.<sup>17</sup>

Portanto, neste texto, a música se relaciona ao ensino e ao conselho. Em suma, o autor Paul McCommon resume as funções da música de forma clara como:

...meio da nossa expressão religiosa. (...) uma arma espiritual em nossa luta cristã para pôr em fuga forças do mal, para abandonar os corações empedernidos, para dar esperança e força ao povo do Senhor, enquanto vai para luta. (...) Deve ser usada para alimentar as chamas do avivamento a fim de que o Espírito de Deus possa conduzir muitos ao arrependimento e fé. (...) Como expressão de sentimento devocional do nosso coração e de consagração ao nosso Salvador. (...) Na edificação dos cristãos, lembrando-os de sua necessidade de andarem diariamente com Cristo de testemunharem dele. (...) Meio eficiente de educação e pode sustentar a pregação do evangelho.<sup>18</sup>

Claramente as passagens escritas pelo apóstolo Paulo, expressam um modelo eficiente para utilização da música que pode ser utilizado na contemporaneidade. Desta forma, é necessário ainda, analisar alguns exemplos práticos de canções possivelmente entoadas por ele.

## 3. BREVE DESCRIÇÃO AO MODELO DE CÂNTICO UTILIZADO POR PAULO

Um modelo de cântico bíblico é o escrito por Paulo aos Romanos:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.33-36).

Para Pohl, “a adoração começa sem uma interpelação formal, com exclamações de admiração sobre as revelações de Deus”, pois o ser humano diante da sabedoria dele reconhece sua limitação e “ele não satisfaz nossas teorias, nem mesmo nossas teorias de fé”.<sup>19</sup> O autor comenta também os

<sup>15</sup> MCCOMMON, 1963, p. 41.

<sup>16</sup> MCCOMMON, 1963, p. 43.

<sup>17</sup> MCCOMMON, 1963, p. 43.

<sup>18</sup> MCCOMMON, 1963, p. 46-47.

<sup>19</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: comentário esperança. Tradução de Wener Fuchs. Curitiba, Esperança, 1999, p. 195.

versículos 34 e 35 dizendo que “no seu governo Deus não é controlado por condições prévias”, pois ele “não precisa afirmar-se perante ninguém” e “não admite negociação em nada”, desta forma Deus deseja uma “reverência suprema”.<sup>20</sup>

Conforme a ideia do comentarista Pohl, em poucas palavras o apóstolo Paulo reconheceu suas limitações diante do poder e sabedoria divina, e diante de toda essa “admiração diante das profundezas” ele recebe a certeza de que “Deus está integralmente no controle da história” e que não de modo algum “governo contrário ou paralelo” que poderá impor-se a ele. Finalizando o seu louvor a Deus Paulo utiliza as palavras “pois dele, e por ele, e para ele são todas as coisas” (v.36), para Lopes, “todas as coisas são para Deus, pois todas as coisas tendem à sua glória como seu objetivo final”, portanto Deus é o “criador e o agente por intermédio de quem todas as coisas subsistem e são direcionadas à sua devida finalidade”.<sup>21</sup>

Outro modelo encontra-se em Colossenses:

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus (Cl 1.15-20).

O comentarista Martin, afirma que muitos estudiosos acreditam que esta passagem ser em forma de hino em seu caráter literário, tendo ele três estrofes e traz uma divisão feita por Schweizer interessante sobre cada uma delas. Sendo a primeira estrofe (1.15-16) “três linhas que saúda o Cristo cósmico como Senhor da criação”, a segunda estrofe (1.17-18a) “repete parcialmente o pensamento da sua atividade preexistente” e “depois passa a asseverar que Cristo age como um princípio unificador que mantém junto o universo”, e a terceira estrofe (1.18b-20) “celebra o triunfo deste Senhor cósmico que incorpora a ‘plenitude’ divina”.<sup>22</sup>

O comentário bíblico conta que neste formato de “hino antigo”, Paulo trouxe com detalhes a supremacia e suficiência de Cristo, “descrevendo-o como a ‘imagem’ ou réplica exata do próprio Deus” a fim de que os Colossenses não tivessem a Cristo meramente como um “ser angelical”, mas que entendessem o seu “poder e autoridade de Cristo” que tem toda a criação sob o seu domínio.<sup>23</sup> Presume-se então nos cânticos analisados, que Paulo utilizava canções que exaltavam e engrandeciam o nome do Senhor, mas também os usava como uma espécie de recurso pedagógico para que as igrejas se sentissem motivadas para continuar adorando o Deus que Paulo havia apresentado a elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstrou que o apóstolo Paulo tinha a adoração não apenas como um estilo de vida, mas utilizava a música e encorajava seu uso junto às reuniões formais e informais. Chama a atenção também as funções sugeridas por Paulo para o uso da música, não apenas como louvor e gratidão, mas também para ensino e conselho. Todo o modo como Paulo utilizou a música, pode-se ser usado como princípios orientadores para o modelo atual de louvor, pois ainda que as Escrituras não demonstrem que Paulo cantava ou tocava algum instrumento, há em seus escritos, moldes de hinos, sendo estes todos com a sua centralidade em Deus, hinos de louvor e exaltação, deixando um modelo a ser seguido pelas canções e ministérios de louvor da atualidade. Além dessas

<sup>20</sup> POHL, 1999, p. 195.

<sup>21</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo, Hagnos, 2010, p. 393.

<sup>22</sup> MARTIN, Ralph P. **Colossenses e Filemon**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 65-66.

<sup>23</sup> BÍBLIA, 2009, p. 1923.

questões, Paulo também usava a música ou cânticos para levar as pessoas a crerem no único Deus vivo e a desenvolver uma esperança eterna por causa do seu alto fator de convencimento diante do panteão helênico da época paulina.

## **REFERÊNCIAS**

BASDEN, Paul. **Estilos de louvor**. São Paulo: Mundo cristão, 2000.

**BÍBLIA**, Almeida revista e atualizada. 2.ed. São Paulo: SBB, 2009.

CHAMPLIM, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo, Hagnos, 2002. Vol. 4.

FOULKES, Francis. **Efésios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1963.

MARTIN, Ralph P. **Colossenses e Filipenses: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

MCCOMMON, Paul. **A música na Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963.

MORRIS, Leon. **1 Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1981.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1999.

SHEDD, Russel P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

SOUZA, Sócrates O. **O Aperfeiçoamento dos santos na prática da celebração**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO: OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS NA CONCEPÇÃO PAULINA**

*The doctrine of the atonement: the fundamental principles in the Paul conception*

*Esp. José Teixeira Lima<sup>1</sup>*

*Me. Ulicélio Valente de Oliveira<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Deus visitou os seres humanos para trazer-lhes a salvação messiânica: a presença da ação expiatória de Deus em Cristo. Na proclamação das boas novas, os cristãos abordam sobre a morte de Cristo e seu papel na história da salvação, os vários títulos cristológicos, e a obra salvífica de Deus em Cristo. Não há como perceber a importância da obra expiatória de Cristo sem a perspectiva do mal. Os cristãos não têm dúvidas quanto à condição do homem, de estar sujeito ao pecado. Não é apropriado separar a morte e a ressurreição de Cristo, a fim de decidir qual dos dois eventos é o mais importante. Tanto a morte expiatória de Cristo como a sua ressurreição tem significados para a salvação dos pecadores. A vinda de Jesus trouxe expiação dos pecados humanos. Esta é a convicção dos cristãos: Jesus veio ao mundo para salvar o homem do pecado, e sua morte foi central nisso tudo.

**Palavras-chave:** Expição. Morte de Cristo. Pecado. Ressurreição. Salvação.

### **ABSTRACT**

God visited humans to bring them the Messianic Salvation: the presence of atoning action of God in Christ. At the proclamation of the good news, Christians discuss about Christ's death and his role in salvation history, the various

<sup>1</sup> É graduado e especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Já pastoreou a Igreja Batista Atalaia e atualmente trabalha na FATEBE. E-mail: jose\_tlima@hotmail.com.

<sup>2</sup> É graduado e especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Docente Acadêmico no Centro Missiológico Equatorial (CEME) e na Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Graduado em História pela UNISA e Doutorando pela IVY Enber Christian University. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com.



Christological titles, and the salvific work of God in Christ. There is no way to realize the importance of the atoning work of Christ without the prospect of evil. Christians have no doubts about the human condition, is subject to sin. It is not appropriate to separate the death and resurrection of Christ, in order to decide which of the two events is the most important. Both the atoning death of Christ as his resurrection has meant for the salvation of sinners. The coming of Jesus brought human atonement of sins. This is the conviction of Christians: Jesus came to this world to save humanity from sin, and his death was central in it all.

**Key-word:** Atonement. Christ's death. Resurrection. Sin. Salvation.

## INTRODUÇÃO

Conforme Levítico 17.11, o princípio da expiação é representado pelo sangue (o princípio da vida). Pois, o sangue sobre o altar representava a punição simbólica diante de Deus. Desta maneira, os sacrifícios do AT trazem a compreensão de que a expiação pelo pecado deve ser pela substituição. O pecador deveria trazer uma oferta que adquiriu com certo preço, como substituto pela sua própria vida. Os sacrifícios oferecidos nos altares eram ineficazes (cf. 1Sm 15.22; Is 1.10-17; Am 5.21-24; Mq 6.6-8) para a remoção dos pecados, pois, eram repetidos dia após dia, demonstrando que eles não davam nenhuma resposta definitiva para o problema do pecado. Se o sacrifício de animais pudesse tirar pecados, não haveria necessidade de repetição, isto implicava em deficiência. O que se repete não pode ser completo, não tem em si o elemento de perfeição.

A deficiência do sacrifício de animais é revelada em Hebreus 10.4 (“Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados”). Assim, estava indicada a substituição do sistema veterotestamentário do sacrifício de animais pela obra expiatória de Cristo. Na tentativa de contribuir com a construção do entendimento sobre o conceito e ideia específico sobre do sofrimento de Cristo, revelado pelos autores bíblicos, e interpretados pelos teólogos modernos, a preocupação deste artigo consiste em compreender a conceituação e natureza da expiação no AT e NT. Observa-se a expiação e seus efeitos e os princípios teológicos sobre a expiação na perspectiva do apóstolo Paulo.

## 1. DEFINIÇÃO E NATUREZA DA EXPIAÇÃO

Com o passar dos tempos, os sacrifícios expiatórios oferecidos pelo povo israelita evoluíram em seu conceito, ou seja, o sacrifício se tornou um meio pelo qual o homem pudesse aproximar-se de Deus pela santidade (cobrir o pecado), e posteriormente, pela substituição (resgate).

### 1.1 EXPIAÇÃO E O ANTIGO TESTAMENTO

De fato, não resta dúvida de que os sacrifícios expiatórios do AT parte da premissa que o ato iniciante provém de Deus. O Senhor ordenou: “Ninguém aparecerá vazio diante de mim” (cf. Êx 34.20; Dt 16.16). A revelação apresentada no AT foi iniciada quando Deus falou. Assim, a palavra falada introduziu a ação divina. Ele mesmo ensinou a nação israelita a se aproximar dele.

#### 1.1.1 A palavra *Kipper*

No Antigo Testamento a palavra usada para expiar é *kipper* (também, conhecida como *kāpar*, “fazer expiação”, “fazer reconciliação”, “purificar”).<sup>3</sup> Este termo não é empregado no grau simples (Qal), unicamente nos graus intensivos derivados como Piel. Assim, “a palavra hebraica *kipper* (no Piel) expressa a ideia de expiação do pecado pela cobertura do pecado ou do pecador”.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 744.

<sup>4</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: LPC, 1990, p. 344.

Na verdade, existe uma suposição de que a palavra hebraica signifique “cobrir o pecado” com base em uma associação de uma raiz árabe equivalente que significa “cobrir” ou “ocultar”.<sup>5</sup> Pela expiação o pecado era encoberto e se estabelecia novamente a comunhão entre Deus e seu povo, que havia quebrado a mesma pela rebeldia contra a vontade de Deus.<sup>6</sup> O conceito de *kipper* pode significar muito mais que encobrir o pecado. Por isso, vale a pena considerar a proposta conceitual do Dicionário Enciclopédico Bíblico:

*kipper* pode significar: 1) fora da linguagem sacerdotal: às vezes “aplar por um presente” (Gn 32.21; Pv 16.14; Is 47.11), mas geralmente “operar expiação” (por meio da vida de um homem ou de um animal: Êx 32.30; 1Sm 3.14; 2Sm 21.3), mas também “perdoar” (tendo Deus por sujeito: Jr 18.23; Sl 65.4; 78.38; 79.9); 2). Na linguagem sacerdotal (P e Ez 40-48): “operar a expiação por meio de um determinado rito”, p.ex, Lv 4.31-35; 5.6; 16.17, etc).<sup>7</sup>

O ensinamento no AT mostra que sacrifícios de animais não foram feitos para salvar pessoas dos pecados ou levá-las ao céu, mas eles preservavam a santidade da presença de Deus e o relacionamento com o seu povo. O ritual dos sacrifícios expiatórios no AT era um agente purificador a favor do ofertante cujo pecado (impureza) o manchava moral e ritualmente. Também, a favor do ofertante, os objetos do santuário eram purificados. Esta descontaminação dos objetos de culto tornava o ofertante puro, além de abrir o caminho para a reconciliação com Deus.<sup>8</sup> Assim, a santificação no AT era alcançada por meio de um sistema de sacrifícios, onde o Senhor demonstrava a pecaminosidade humana, e os meios limitados e provisórios que adotara para restaurar o pecador à comunhão consigo mesmo.

### 1.1.2 O termo *kōper*

A noção do AT de expiação sofreu modificações com o ingresso de novas concepções. A relação do verbo *kipper* (ou *kāpar*) com o substantivo *kōper* (cf. Êx 21.30; 30.12) que significa “resgate”, mudou o conceito de expiação. “A grande maioria dos usos diz respeito ao ritual realizado pelos sacerdotes de aspergir o sangue sacrificial. Assim, “fazendo expiação” pelo adorador”.<sup>9</sup>

Assim, *kōper* traduz a expiação que se tornou possível mediante o oferecimento de um substituto. Os sacrifícios do AT trazem a compreensão de que a expiação pelo pecado deve ser pela substituição. O pecador deve trazer uma oferta que adquiriu com certo preço, como substituto pela sua própria vida. A vida da carne está no sangue, por isso o sangue dos animais sacrificados tomava em substituição a vida do ofensor. Isto acontecia simbolicamente, visto que o sangue dos animais representava a remissão da vida do transgressor. Por isso, o sangue sobre o altar do sacrifício era necessário para a purificação do pecador. Sobre isto, Paul Hoff escreve:

Levítico 17.11 é o texto-chave quanto à expiação: “a alma da carne está no sangue, pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas”. Isso quer dizer que Deus designou o sangue como sacrifício, provendo assim para a necessidade do homem. Que significa o sangue? Ele é considerado o princípio vital. Não tem significado em si mesmo senão como símbolo e demonstração de que se tirou a vida de um animal inocente para pagar pelos pecados do culpado.<sup>10</sup>

Em Levítico 17.11 encontra-se o princípio fundamental do sistema de sacrifícios judaicos, pois, o sangue representa a vida. E a vida tem de ser oferecida como expiação pelo pecado. A pecaminosidade humana conduz a morte. Esta morte é cancelada pelo sacrifício de um animal, pois, o sangue sobre o altar representava a punição simbólica diante de Deus. Assim, os israelitas deixaram de praticar o arrependimento, a fé, a justiça e a piedade. O coração do povo de Israel ficou endurecido pelo engano

<sup>5</sup> HARRIS, 1998, p. 743.

<sup>6</sup> BERKHOF, 1990, p. 345.

<sup>7</sup> BORN, A. Van Den (Redator). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, p. 541.

<sup>8</sup> HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2006, p. 120.

<sup>9</sup> HARRIS, 1998, p. 744.

<sup>10</sup> HOFF, Paul. **O Pentateuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 2002, p. 158.

do pecado, sendo incapaz de perceber o que estava envolvido nos sacrifícios, além de não fazer uma escolha digna diante de Deus, quanto aos problemas do dia a dia. Pois, o pecado tem a capacidade de equivococar a avaliação sobre os propósitos de Deus.

## 1.2 O TEMO HILASTĒRION NO NOVO TESTAMENTO

Uma das deficiências do sistema mosaico de sacrifícios era a sua repetição, porque o que é completo não se repete. A repetição ensinava não somente a imperfeição da oferta como, também, o horror de pecado a reclamar uma satisfação plena. Tudo que se encontra nos sacrifícios do AT, com todas as limitações e temporariedades, se encontram de modo definitivo e perfeito, sem limitações em Cristo Jesus. Havia o sacrifício pelo sacerdote a cada dia, porque ele mesmo estava rodeado de fraquezas.

No NT, a palavra usada para expiação é *hilasterion*, que representa aquilo que expia ou propícia, meio de propiciação, propiciatório.<sup>11</sup> A Septuaginta (LXX) utiliza *hilasterion* cerca de 22 vezes para o termo hebraico *kapporet*, que pode ser traduzido como propiciatório ou assento de misericórdia.

*Kapporet* era a tampa da arca da aliança que permanecia no interior do “santo dos santos” do primeiro templo. Representava o sinal da misericordiosa presença de Deus entre seu povo.<sup>12</sup> O propiciatório era a tampa da arca da aliança, o lugar onde os requisitos de Deus eram satisfeitos, haja vista que o sangue do novilho sacrificado devia ser aspergido como propiciação pelos pecados do povo (cf. Lv 16.15). O sangue aspergido era o pagamento pelo pecado.

O conceito de expiação caracteristicamente israelita somente pode ser entendido dentro do fundo histórico de doutrina veterotestamentária da propiciação. Neste sentido, os sacrifícios expiatórios oferecidos em altares israelitas eram ineficazes para a remoção dos pecados (cf. 1Sm 15.22; Is 1.10-17; Am 5.21-24; Mq 6.6-8). Isto é revelado em Hebreus 10.4 (“Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados”). Deste modo, estava indicada a substituição do sistema veterotestamentário do sacrifício de animais pela obra expiatória de Cristo.

Sendo assim, o termo *hilasterion* de Romanos 3.25 (a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por Deus, na sua tolerância, deixando impunes os pecados anteriormente cometidos), contém uma alusão ao propiciatório do AT. Este era o lugar onde Deus perdoava os pecados do seu povo e exercia a Sua misericórdia.

A palavra no NT que é traduzida por propiciação nas traduções de João Ferreira de Almeida nas edições Revista Atualizada e Corrigida é *hilasterion*. Palavra usada na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) como tradução de *kapporeth*, que representava a tampa da arca que ficava no tabernáculo que é conhecida como propiciatório, a qual era aspergida com sangue no Dia da Expição.<sup>13</sup>

O Dia da Expição representava o ponto alto do culto veterotestamentário. De fato, o sangue do bode oferecido pelo pecado era aspergido sobre o propiciatório para tirar o pecado do povo. O sacrifício oferecido naquele dia, pelos pecados do povo, prefigurava Cristo. A obra de Cristo redimiu os pecadores pela remissão, pagando um preço pelo seu precioso sangue.

Quando o apóstolo Paulo diz que Deus apresentou Cristo como *hilasterion*, quis dizer que, mediante o sacrifício substitutivo de Cristo na cruz do Calvário, a ira de Deus contra nossos pecados estava sendo retida e nossa culpa estava sendo removida. Assim, “o versículo de Romanos 3 evoca quase, que inevitavelmente esse ato expiatório ao chamar a Cristo crucificado o *hilasterion* em virtude

<sup>11</sup> COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1945.

<sup>12</sup> COENEN, 2000, p. 1953.

<sup>13</sup> HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela Graça**: doutrina bíblica da salvação. Tradução de Wadislau Gomes Martins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 160.

de seu sangue”.<sup>14</sup>

O sangue de Cristo fora oferecido sem defeito, sem mácula, perfeito para a purificação e pagamento da penalidade do pecado. Este pagamento foi aceito por Deus. Leonhard Goppelt escreve que:

Em Rm 3.25, a referência a Lv 16 é implícita à terminologia empregada. Hb 8-10 expõe essa relação explicitamente (9.7, 11-14, 24-28; 10.3). Naquela passagem, Cristo é o sumo sacerdote que oferece o próprio sangue a Deus. Nessa ele representa a tampa da expiação na qual Deus recebe seu sangue. Provavelmente ambos se basearam na mesma tradição – uma interpretação tipológica da morte de Jesus com auxílio de Lv 16 (...) Aliás, há vários indícios de que Paulo está trabalhando com elementos da tradição em Rm 3.25.<sup>15</sup>

Jesus Cristo foi feito propiciação (*hilasterion*), isto é, o seu sangue foi “espiritualmente” aspergido sobre a arca da aliança para aplacar a ira de Deus contra os homens por causa de nossos pecados. Ele o fez de uma vez por todas. No entanto, jamais é dito que Cristo, pelo seu sacrifício, transformou um Deus irado num Deus de amor. “Paulo diz que Deus *apresentou* Cristo como sacrifício de expiação por nós. Isto é: o próprio Deus providenciou o sacrifício propiciatório. Por trás da obra de Cristo está o amor de Deus”.<sup>16</sup> Este é o surpreendente amor pelo qual fomos redimidos. Assim, quando uma pessoa crê na pessoa e obra de Jesus Cristo como único salvador, o ato de propiciação é aplicado a ela pela fé, isto é, crendo que o sangue de Cristo é o único meio de aplacar a ira divina, fazendo com que esta aspersion seja eficaz no seu caso.

A expiação feita por Jesus era a única forma de aplacar a ira de Deus por causa do pecado dos homens. Assim, o sangue de Cristo foi derramado para libertar o homem do domínio do pecado, para justificar o homem diante de Deus como se nunca tivesse cometido um único pecado (cf. Rm 5.9). Agora, no conceito neotestamentário (*hilasterion*), Jesus realizou a obra da expiação dos pecados para manifestar a justiça de Deus. Por isso, Paulo em sua afirmação “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (cf. Rm 3.25), ensina que Cristo obedeceu e sofreu em nosso lugar para satisfazer a Vontade de Deus, alcançando o perdão pela culpa do pecado.

Na verdade, os sacrifícios do AT eram tipos e sombras do grande sacrifício que estava ainda por vir, o sacrifício de Cristo na cruz do calvário que perfeitamente (não simbolicamente) tira os pecados do mundo. O ato expiatório de Cristo tem como fonte a graça de Deus, o Seu desejo de aplicar a sua bondade sobre a humanidade. Ele o fez por meio de Cristo, o autor da redenção. Deus o fez propiciação, o fez *hilasterion*.

Alguém poderia perguntar: por que Deus esperou tanto tempo para fazer isto? E por que só por meio de Cristo? A resposta de Paulo explica que só por meio de Cristo, Deus poderia ser justo e justificador, isto é, se Deus não tivesse providenciado um sacrifício expiatório que realmente fosse eficaz para pagar pelo erro da raça humana, ele não poderia salvar nenhum homem. Era necessário providenciar um sacrifício para que se instalasse no universo um princípio de justiça. Não é possível salvar o culpado à revelia da justiça.

Ao mandar Cristo para cruz, Deus tornou possível a salvação do ser humano sem incorrer em injustiça, pois, a salvação do homem se sustenta no sacrifício de Jesus. Por causa do sacrifício expiatório de seu Filho, Deus, que é justo, sem abdicar de sua justiça pode ser justificador do homem.

## 2. EXPIAÇÃO E SEUS EFEITOS

Em relação ao propósito da expiação se deve considerar que ela foi destinada a contribuir na

<sup>14</sup> GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3.ed. São Paulo: Teológica, 2002, p. 340.

<sup>15</sup> GOPPELT, 2002, p. 341.

<sup>16</sup> HOEKEMA, 2002, p. 160.

relação de Deus com o pecador, no estado e na condição de Cristo como o Autor Mediador da salvação, e no estado e na condição do pecador.

## 2.1 COM REFERÊNCIA A DEUS

O motivo pelo qual a propiciação foi necessária é que o pecado suscita a ira de Deus, assim, ele ofereceu-se a si mesmo. Ao dar o seu Filho, Ele estava dando a si mesmo e através desse ato de amor, libertou os pecadores da ira e do juízo divino. “Isso, de modo algum não tem de ser interpretado como a transformação da ira de Deus em amor”.<sup>17</sup> O sentimento de Deus (o amor) para os homens jamais necessitou mudar, mas o tratamento de Deus com referência aos pecadores, ou seja, o relacionamento prático (separados pelo pecado, mas reconciliados em Cristo) de Deus para os pecadores esse teve de mudar.

“Deve-se salientar primeiramente que a expiação não efetuou mudança alguma no interior de Deus, que é imutável. A única mudança que foi produzida foi uma mudança na relação de Deus com os objetos do seu amor expiatório”.<sup>18</sup> Tal relação é baseada na reconciliação, como está escrito: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (cf. 2Co 5.19), ou em outro lugar: “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (cf. Rm 5.10).

A obra expiatória de Cristo não transforma a ira de Deus em amor. Ela é a própria reconciliação. Sobre os efeitos da propiciação em relação a Deus, John Stott esclarece:

Deus não nos ama porque Cristo morreu por nós; Cristo morreu por nós porque Deus nos amou. É a ira de Deus que necessitava ser propiciada, é o amor de Deus que fez a propiciação. Se pudermos dizer que a propiciação “mudou a Deus” ou que por meio dela ele mudou a si mesmo, esclareçamos que a sua mudança não foi da ira para o amor, da inimizade para a graça, visto que o seu caráter é imutável. O que a propiciação mudou foi os seus tratos para conosco.<sup>19</sup>

O próprio Deus, que tomou o lugar dos pecadores na cruz, para que a substituição fosse eficaz e pudesse assegurar a reconciliação dos pecadores com o Deus justo. Somente Deus, Senhor e Criador, poderia colocar-se como segurança do pecador, tomando o seu lugar, sofrendo a morte em seu lugar como consequência de seus pecados de tal modo que ela fosse finalmente sofrida e vencida.

Na verdade, ao mesmo tempo em que se reconhece que a cruz é a obra de um Pai amoroso, tem que reconhecer que a necessidade da expiação é vista à luz da ira de Deus em oposição ao pecado. Não há mudança em Deus, o que existe é de que a morte de Cristo resolveu o problema do pecado humano e reconciliou os homens com Deus trazendo-lhes a comunhão. “Ele se reconciliou com aqueles que eram objetos da sua ira judicial. Significa que a sua ira foi desviada pela cobertura sacrificial do pecado deles. A expiação não deve ser descrita como a motora do amor de Deus, pois já foi uma expressão do seu amor”.<sup>20</sup>

## 2.2 COM RESPEITO A CRISTO

Na forma de sua carreira terrena, Jesus era o Filho de Deus em fraqueza pela humilhação. Mas, também, Jesus foi designado Filho de Deus em poder no domínio do Espírito, por intermédio da ressurreição. “A expiação assegurou a multiforme recompensa para Cristo como o Mediador. Ele foi constituído Espírito vivificante, fonte inexaurível de todas as bênçãos da salvação para os pecadores”.<sup>21</sup> O próprio Deus “apresentou” ou “propôs” a Jesus Cristo como sacrifício propiciatório (cf. Rm 3.25).

<sup>17</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Junior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 586.

<sup>18</sup> BERKHOF, 1990, p. 361.

<sup>19</sup> STOTT, John. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 155.

<sup>20</sup> BERKHOF, 1990, p. 361.

<sup>21</sup> BERKHOF, 1990, p. 361.

Não é que tenhamos amado a Deus, mas que Ele nos amou e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

Jesus humilhou-se a si mesmo (ao tornar-se humano, ao entrar no caminho da humilhação que o levou a morte, o divino Filho de Deus esvaziou-se), em obediência até a morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e o elevou a condição de Senhor sobre toda a criação. Cristo recebeu a plenitude daqueles dons e graças que Ele confere ao seu povo. No Salmo 68.18, está escrito: “Subiste às alturas, levaste cativo o cativo; recebeste homens por dádivas, até mesmo rebeldes, para que o Senhor Deus habite no meio deles”. O apóstolo Paulo aplica esta passagem a Cristo em Efésios 4.8 (“Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens”).

O pecado e a morte andam juntos (cf. Rm 1.32; 6.16,21; 7.13), mas a morte foi derrotada pela obra salvadora de Cristo (cf. 1Co 15.26). O pecado não é algo normal e aceito por Deus (cf. Rm 1.8). Diante do pecado, o cristão não vê Deus como alguém neutro ou incapaz de intervir a toda forma do mal. Deus se opõe por intermédio de sua “ira” (cf. Rm 2.5-9; 1Ts 1.10; Ef 2.3; 5.6; Cl 3.6). Portanto, a morte de Cristo representou o triunfo sobre os poderes cósmicos.<sup>22</sup>

### 2.3 EM RELAÇÃO AO PECADOR

Enquanto, os escritos judaicos equivocadamente promovem a lei como meio de salvação. Os judeus acreditavam que o estudo da lei e suas práticas eram suficientes para salvação, contudo, a função da lei é deixar claro o que é pecado. A lei mostra às pessoas que elas são pecadoras. A lei não pode atuar para trazer salvação, somente a obra salvadora de Cristo.

Sobre o efeito da obra expiatória de Cristo em relação ao pecador, Berkhof escreveu:

Ela assegurou para aqueles a favor dos quais foi feita: (1) Adequada posição judicial mediante a justificação. Isto inclui o perdão de pecados, a adoção de filhos e o direito a uma herança eterna. (2) A união mística dos crentes com Cristo por meio da regeneração e da satisfação. Isto abrange a gradual mortificação do homem velho, e o gradual revestimento do homem novo, mediante Jesus Cristo. (3) Sua bem-aventurança final, em comunhão com Deus, mediante Jesus Cristo, na glorificação subjetiva e no gozo da vida eterna, numa nova e perfeita criação.<sup>23</sup>

Jesus Cristo obteve a vitória definitiva, trouxe libertação para os pecadores. “A expiação não somente tornou a salvação possível para o homem, mas de fato a garantiu”.<sup>24</sup> Cristo crucificou a carne e as suas paixões (cf. Gl 5.24), e os cristãos que estavam na carne são livres (cf. Rm 7.5). A morte de Cristo libertou os pecadores da escravidão da lei (cf. Rm 7.6), porém, isso não significa que a liberdade é sinônimo de libertinagem, pelo contrário, somos livres para obedecer a essa perfeita lei (cf. Rm 7.7,12,14). A ira de Deus não paira mais sobre os cristãos remidos pelo sangue de Cristo (cf. Rm 5.9; 1Ts 5.9).

Os cristãos foram libertos de todas as forças e poderes que os escravizavam (cf. Cl 2.15; Gl 4.3), e o julgamento divino não precisa ser temido, pois em Cristo não há condenação (cf. Rm 5.17), e sim justificação para a vida eterna. Este é um termo legal. Ele consiste em um veredicto de absolvição, isto é, uma declaração da inocência: declaração de ser o homem justo (cf. Rm 3.24; 5.9; Tt 3.7).

A expiação feita por Cristo foi um ato de justiça, uma demonstração que Deus era de fato um Deus justo, pois, a sua justiça foi manifesta em Cristo. Logo, a justificação do pecador é em si mesma, a declaração de Deus, o justo juiz de que aqueles que creem em Cristo, embora pecadores, sejam considerados justos, uma vez que em Cristo passaram a desfrutar de um correto relacionamento com Deus. A fé é o meio pelo qual a obra expiatória de Cristo é apropriada individualmente. Representa a renúncia de qualquer esforço em justificar-se a si mesmo, e uma absoluta confiança na obra de Cristo

<sup>22</sup> LADD, 2003, p. 597.

<sup>23</sup> BERKHOF, 1990, p. 362.

<sup>24</sup> BERKHOF, 1990, p. 361.

em sua expiação. Está evidente que a justiça imputada é o que mais conta. Não é a fé em si, mas a justiça sobre a base da fé. Justiça completamente separada do mérito humano.<sup>25</sup>

Em suma, o próprio Deus que, em seu santo amor, resolveu fazer a propiciação na pessoa do seu Filho Jesus Cristo, que morreu pela propiciação dos pecados. Assim, Deus tomou a iniciativa amorosa de apaziguar sua própria ira condenando seu próprio Filho ao tomar o lugar dos pecadores e morrer eficazmente pelos eleitos. Assim, Deus o fez propiciação, o fez *hilasterion* (Rm 3.25).

### **3. OS PRINCIPAIS INDICADORES DA EXPIAÇÃO**

De que modo a igreja elabora suas mensagens sobre expiação feita por Cristo? E como este discurso é utilizado na participação e crescimento do Corpo de Cristo? Na tentativa de contribuir com a construção do conceito e ideia de expiação, são descritos alguns princípios sobre o ensino da expiação. Estes beneficiarão um estudo específico sobre o conceito do sofrimento de Cristo, revelado pelos autores bíblicos, e interpretados pelos teólogos modernos. Conforme, os ensinamentos bíblicos sobre a expiação feita por Cristo se podem destacar alguns principais indicadores.

#### **3.1 A EXPIAÇÃO É RESULTADO DA AÇÃO DE DEUS, COM BASE NA FÉ EM JESUS CRISTO**

É inegável que Deus esteve atuando, durante todo o tempo, na obra expiatória de Cristo, a fim de torná-la a manifestação de sua justiça e amor. Sobre a expiação de Cristo, Wayne Grudem disserta sobre o assunto da expiação de forma bem pedagógica

Portanto, o amor e a justiça de Deus foram a causa última da expiação. No entanto, não nos ajudará em nada perguntar qual dos dois é mais importante, pois sem amor de Deus, ele nunca teria dado nenhum passo para nos redimir, mas sem justiça de Deus, não teria sido cumprida a exigência específica de que Cristo obtivesse nossa salvação morrendo pelos nossos pecados. Tanto o amor como a justiça de Deus foram igualmente importantes.<sup>26</sup>

O apóstolo Paulo declara na epístola aos Romanos 3.25-26 que, para Deus ser justo e ainda assim salvar as pessoas, necessitava enviar Cristo para receber o castigo pelos pecados, pois

A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

A justiça de Deus se realizou na cruz. Em um breve exame sobre a justiça de Deus, John Stott escreveu:

É por isso que Deus permitiu, por assim dizer, que os pecados se acumulassem no tempo do Antigo Testamento sem ser punidos (como mereciam) ou perdoados (visto ser “impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados”) (...) O motivo da inação anterior de Deus em face do pecado não era indiferença moral, mas tolerância pessoal até que Cristo viesse e o removesse na cruz. A passagem clássica sobre esse tema é Romanos 3.21-26.<sup>27</sup>

Deus ao levar Cristo à cruz, não somente condenou o pecado, mas também defendeu e demonstrou a sua própria justiça. A expiação dos pecados era fundamental à justificação dos homens. Deus foi capaz de conceder a posição justa aos injustos sem comprometer sua própria justiça. Assim, Ele demonstrou sua justiça, executando publicamente em Cristo.

A morte expiatória de Cristo foi um ato de justiça, uma demonstração que Deus era de fato um Deus justo, pois, a sua justiça foi manifesta em Cristo. Logo, a justificação do pecador é em si mesma,

<sup>25</sup> MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida, 2003, p. 84.

<sup>26</sup> GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 472.

<sup>27</sup> STOTT, 1991, p. 187.

a declaração de Deus, o justo juiz de que aqueles que creem em Cristo, embora pecadores sejam considerados justos, uma vez que em Cristo passaram a desfrutar de um correto relacionamento com Deus.<sup>28</sup>

O fundamento da justificação não consiste na obediência a nomos/lei mosaica, mas, na morte de Cristo (Rm 3.21-26). Enquanto, o meio pelo qual a justificação se torna eficaz para o indivíduo é a fé em Cristo (Rm 3.24-25). A fé é o meio pelo qual a obra expiatória de Cristo é apropriada individualmente. Representa a renúncia de qualquer esforço em justificar-se a si mesmo, e uma absoluta confiança na obra de Cristo em sua morte. Está evidente que a justiça imputada é o que mais conta. Não é a fé, mas a justiça sobre a base da fé. Justiça completamente separada do mérito humano.<sup>29</sup>

Pela fé em Cristo, se aguarda a absolvição divina do pecado no dia do juízo final (Gl 5.5). A absolvição já foi executada pela morte expiatória de Cristo e pode ser recebida pela fé no presente, aqui e agora. “A fé que é posta em relação à justificação não é a fé geral em Deus, muito menos ainda é alguma fé sem conteúdo bem definido e inteligível, é a fé dirigida à pessoa de Cristo”.<sup>30</sup> O julgamento futuro tornou-se uma experiência presente. Em Cristo, o futuro tornou-se presente. O pecador em Cristo agora está na posição de um homem justo e mantém comunhão com Deus. A doutrina da expiação representa que Deus pronunciou a absolvição sobre o homem que tem fé em Cristo no presente, antecipando o juízo final.

Paulo de Tarso em Romanos certifica que “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). E então, a manifestação do amor de Deus indica que de acordo com a vontade do Pai, a expiação de Jesus, o Filho, era absolutamente necessária. “Paulo diz que Deus apresentou Cristo como sacrifício de expiação por nós. Isto é: o próprio Deus providenciou o sacrifício propiciatório. Por trás da obra de Cristo está o amor de Deus”.<sup>31</sup>

O amor de Deus pelos seres humanos, revelado na reconciliação, não deve ser interpretado como o momento em que o indivíduo crê em Cristo e descobre que sua atividade para com Deus sofre mudança de inimidade em amor. Na realidade, a manifestação é a prova de que o amor de Deus aconteceu antes mesmo quando ainda éramos pecadores e estávamos em um estado de hostilidade contra ele (Rm 5.8). Deus realizou a obra expiatória de modo que pudesse conferir aos seres humanos todas as dádivas de seu amor. “Está claro que, para Paulo, a prova final do amor de Deus pelos homens foi a cruz. Claramente, a expiação não é uma questão em que Cristo toma a iniciativa, enquanto o Pai adota um papel passivo”.<sup>32</sup> A cruz não é apenas a medida do amor de Cristo, mas do próprio Deus (2Co 5.19; Rm 5.8). Não há diferença, o amor de Deus é o amor de Cristo, e vice-versa (Gl 2.20; 2Co 5.14; Ef 5.25).

Negar a superioridade da expiação de Cristo com base em sua divindade e humanidade é negar a existência de Deus. Este é o grande perigo da incredulidade, da qual sofrem os homens sem o Amor de Deus. Na verdade, o reconhecimento do caráter propiciatório, substitutivo da morte de Cristo não deve levar ninguém “a negligenciar ou menosprezar a doutrina de que a morte de Cristo, como uma demonstração do amor divino, esteja designada a desencadear uma reação amoroso nos corações humanos”.<sup>33</sup>

Assim, o amor de Cristo revelado em dar-se a si mesmo como um sacrifício expiatório a Deus deve ser imitado pelo andar em amor (Ef 5.2). Claras são as orientações do apóstolo Paulo em relação a conduta dos cristãos, no que se refere às necessidades dos seus semelhantes. Tanto assim que ele

<sup>28</sup> LADD, 2003, p. 594.

<sup>29</sup> MORRIS, 2003, p. 84.

<sup>30</sup> MURRAY, John. **Romanos**. São Paulo: Fiel, 2003, p. 138.

<sup>31</sup> HOEKEMA, 2002, p. 160.

<sup>32</sup> LADD, 2003, p. 587.

<sup>33</sup> LADD, 2003, p. 594.



escreveu: “... antes pelo amor servi-vos uns aos outros, pois, toda a lei se cumpre numa só palavra, a saber: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5.13,14). E acrescenta: “então, enquanto temos oportunidade, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé” (Gl 6.10). como se observa, o amor é a base da vida cristã, ele escrevendo a comunidade de Corinto falou da importância do amor.

### **3.2 A EXPIAÇÃO É FUNDAMENTADA SOMENTE EM CRISTO, CONFORME O CUMPRIMENTO DE SUA MISSÃO**

Jesus era incansável no cumprimento de sua missão. Ele mesmo submeteu-se à vontade do Pai e realizou o seu propósito expiatório. Paulo é cuidadoso ao mostrar que o sacrifício de Cristo serviu de substituto pelos pecados dos homens: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.14-15).<sup>34</sup>

Assim, Deus promoveu graciosamente a salvação que a humanidade era incapaz de obter por meio de seus próprios esforços. Se a salvação fosse dependente da obediência à lei, então a fé em Cristo não teria lugar no plano divino. Mas, a autossalvação é impossível, pois, a morte expiatória de Cristo foi substitutiva, ou seja, ela tomou o lugar dos pecadores na cruz, de sorte que a lei não mais tem força para acusar. Os pecadores estão libertos “mediante o corpo de Cristo” (Rm 7.4). Ele morreu a nossa morte, por nossa causa e em nosso lugar, esse é o real sentido da expiação de Cristo.

As dívidas com Deus somente foram eliminadas com o sacrifício expiatório de Cristo. Jesus fez a obra substitutiva completa. Ele não apenas morreu por todos nós, mas morreu em nosso lugar. Louis Berkhof fala que a substituição feita na cruz foi que:

(...) Cristo tomou voluntariamente o lugar dos pecadores, de sorte que esta substituição não envolve nenhuma injustiça da parte de Deus. Se Deus tivesse agido somente pela estrita justiça, e não por compassivo amor e misericórdia, teria deixado o pecador perecer em seu pecado.<sup>35</sup>

Ao submeter-se espontaneamente ao julgamento de Deus sobre o pecado, Jesus livrou o homem do mesmo juízo. A morte de Cristo não foi o resultado de seu próprio pecado ou culpa, ela foi sofrida no lugar dos pecadores, que eram culpados e merecedores de morte. Em sua expiação, Cristo obteve a vitória definitiva em sua missão, pois, trouxe libertação para os pecadores. O salvo em Cristo está livre da lei, do pecado e da morte.

A morte expiatória de Cristo libertou os pecadores da escravidão da lei (Rm 7.6). Só Cristo cumpriu todas as exigências da *nomos*, isto representa que foi esgotado tudo que a lei pedia, do começo ao fim nele. Por isso é que o apóstolo Paulo ensinou: “pois Cristo é o fim da lei para justificar a todo aquele que crê” (Rm 10.4). Assim, Jesus fez a obra completa por todos os homens na cruz. Sua expiação anulou para sempre o escrito da dívida que era cobrada e que constava de leis e ordenanças que o pecador não podia cumprir. Cristo é o fim da lei, tudo apontava para Ele.

Cristo crucificou a carne e suas paixões (Gl 5.24), e os cristãos que estavam na carne são livres (Rm 7.5). A ira de Deus não paira mais sobre os cristãos (Rm 5.9; 1Ts 5.9). Os cristãos foram libertos de todas as forças e poderes que os escravizavam (Cl 2.15; Gl 4.3), e o julgamento divino não precisa ser temido pelos salvos. Em Cristo não há nenhuma condenação (Rm 5.17), e sim justificação. A justificação consiste em um veredicto de absolvição, isto é, uma declaração da inocência: declaração de ser o homem justo (Rm 3.24; 5.9; Tt 3.7).

Jesus cumpriu sua missão expiatória por todos os homens na cruz. Agora pela fé, os cristãos pertencem ao Cristo vivo e glorioso que venceu a morte e deu vida eterna. Há uma nova condição de

<sup>34</sup> LADD, 2003, p. 590.

<sup>35</sup> BERKHOF, 1990, p. 350-351.

vida para os cristãos, uma nova orientação. Não é mais necessária a lei, nem sua orientação. Os cristãos, agora, vivem sob a lei do Espírito de vida “porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, nos livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2).

### **3.3 A EXPIAÇÃO LEVOU A IGREJA A UM POSICIONAMENTO, DIRECIONADO PELO ESPÍRITO DE DEUS**

A Palavra de Deus declara definitivamente ter a igreja sido posta por esteio e coluna da verdade do mundo (cf. 1Tm 3.15). A igreja não pode ignorar a sua responsabilidade espiritual e social em seu ministério aos homens no mundo.

Paulo de Tarso, apóstolo dos gentios, afirmou que para Deus não havia gregos, nem gentios, nem judeus, mas, que Cristo uma vez morreu por todos (Rm 8.32; 2Co 5.15); para Deus não existem diferenças ou obstáculos, ou limites nacionais, que impeçam a proclamação do Evangelho. Deus anulou o poder do pecado com a expiação de Cristo. Agora, “com a sua operação especial, o Espírito Santo sobrepuja e destrói o poder do pecado, renova o homem à imagem de Deus e o capacita a prestar obediência espiritual a Deus, a ser sal da terra, a luz do mundo e um fermento espiritual em todas as esferas da vida”.<sup>36</sup>

Os antigos sacrifícios tinham o seu lado ritualístico, legal e prático, uma vez que no Tabernáculo ou no Templo, cada um oferecia o seu sacrifício de acordo com as suas posses e posição, sendo que todos tinham de oferecer sacrifícios. Porém, o sacrifício expiatório de Cristo uniu todos debaixo da designação de pecadores, porque “todos pecaram” (Rm 3.23). Todos os homens são igualmente pecadores, todos se extraviaram e sobre os termos de Rm 3.23 John Murray afirmou:

A cláusula “todos pecaram” (v.23) encara o pecado de cada ser humano como “um fato histórico do passado” (Meyer, ad loc.). O tempo verbal empregado abrange todo aspecto no qual possa ser contemplada a pecaminosidade da raça humana; e não seríamos capazes de defender a ideia de que tal declaração se restringe ao pecado de Adão e ao envolvimento de sua posteridade (cf. 5.12). O interesse do apóstolo, nesta altura, é afirmar que, sem importar as diferenças que existem entre os membros da raça, no tocante ao agravamento que intensifica a pecaminosidade de cada um, todos eles, sem exceção ou discriminação, encontram-se na categoria de pecadores (cf. vv. 9-10).<sup>37</sup>

Cristo ofereceu um sacrifício só para todos. Um sacrifício suficiente, pois, o sangue derramado na cruz torna todos os homens iguais. Portanto, não há diferença quanto a cor da pele, posição social, nacionalidade. A parede de separação feita pelo pecado foi derrubada de forma definitiva. Jesus derrubou a parede de separação da lei e das ordenanças (Ef 2.14-15). No NT é demonstrada a ideia de progresso em relação ao AT, pois, não existem classes de pecadores, não há distinção. A expiação de Cristo é suficiente em si mesmo para cobrir todos os pecados.

De fato, Jesus realizou em seu sacrifício de uma vez por todas, a salvação de todo aquele que nele crê. Desta forma, Cristo se constituiu o intercessor e mediador da nova aliança e o novo e vivo caminho a Deus. Daí a permanência do sacrifício expiatório de Jesus para sempre, sem sombra de variação, sem mudança. Ao contrário das coisas criadas no AT as quais são temporais, passageiras.

A partir desses novos valores a fórmula da fé é apresentada para a igreja: “um só coração e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos” (Ef 4.4-6). Assim, o preconceito de Pedro foi quebrado pela manifestação do Espírito Santo, e este, e somente este, é capaz de abrir portas de um coração fechado pelo preconceito e petrificado pela aceção de pessoas: “Reconheço, por verdade, que Deus não faz aceção de pessoas” (At 10.34). As reservas do apóstolo Pedro não eram exatamente as reservas do coração de Deus.

<sup>36</sup> BERKHOF, 1990, p. 393-394.

<sup>37</sup> MURRAY, 2003, p. 139.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível transferir a culpa de nossos pecados a Cristo? Quando o apóstolo Paulo escreveu que Deus apresentou Cristo como *hilasterion*, quis dizer que, mediante o sacrifício substitutivo de Cristo na cruz do Calvário, a ira de Deus contra nossos pecados estava sendo retida e nossa culpa estava sendo removida. Assim, o versículo de Romanos 3 evoca quase, que inevitavelmente esse ato expiatório ao chamar a Cristo crucificado o “*hilasterion* em virtude de seu sangue. A expiação feita por Jesus era a única forma de aplacar a ira de Deus por causa do pecado dos homens. Assim, o sangue de Cristo foi derramado para libertar o homem do domínio do pecado, para justificar o homem diante de Deus como se nunca tivesse cometido um único pecado (Rm 5.9). Agora, no conceito neotestamentário (*hilasterion*), Jesus realizou a obra da expiação dos pecados para manifestar a justiça de Deus. Por isso, Paulo em sua afirmação “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (Rm 3.25), ensina que Cristo obedeceu e sofreu em nosso lugar para satisfazer a Vontade do Pai, alcançando o perdão pela culpa do pecado.

A concepção teológica revela que a expiação tem dupla manifestação: na era presente, o pagamento da dívida do pecado; e no futuro, de forma absoluta, o pagamento total e definitivo do pecado. Desta maneira, o estudo estabeleceu que por causa e por intermédio de Jesus Cristo, seu sofrimento substituiu o nosso, diante de Deus. Assim, a expiação não é restritiva ao povo de Israel, pois, tornou-se universal, podendo ser alcançada por toda e qualquer pessoa que receba pela fé, a mensagem de Cristo. A vinda de Jesus Cristo trouxe expiação dos pecados humanos. Esta foi à convicção dos cristãos da igreja primitiva. Eles não tiveram dúvidas quanto à condição de pecadores, e a presença da ação expiatória de Deus em Cristo. Eles sabiam que o dia do julgamento serviria de teste, salvação para todos que acreditaram na sua obra expiatória, e condenação para os incrédulos.

Na proclamação das boas novas, os cristãos devem abordar sobre a obra expiatória de Deus em Cristo, sua morte e seu papel na história da salvação. Se deve apregoar que a ação expiatória de Cristo se resume no amor. Este é visto como elemento fundamental na morte expiatória de Cristo, pois, foi pelo amor de Cristo que Deus trouxe remissão dos pecados. Esperança para pessoas que estavam desesperadamente necessitadas de Amor e Salvação. Uma árdua atuação do amor de Deus foi o ato expiatório de Cristo, Seu filho amado. Este trouxe salvação aos pecadores e uma realidade gloriosa que preserva os cristãos no caminho certo. O sacrifício expiatório de Cristo cumpriu com as exigências de Deus, estando acima do sistema Levítico baseado por sacrifícios de animais. A manipulação do sangue era a base dos sacrifícios, sendo o sangue de Cristo à oferta expiatória perfeita que retira o pecado do mundo.

Na tentativa de contribuir com a construção do conceito e ideia de expiação, se deve ter cuidado com a doutrina bíblica da expiação: “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”. Esta beneficia um estudo específico sobre o conceito do sofrimento de Cristo, pois, o pecador agora está na posição de um homem justo e mantém comunhão com Deus por meio de Cristo. Quando a expiação é feita, a ira de Deus é removida. Romanos 3.25a faz menção de um sacrifício que remove a ira, ou propiciatório, a saber, o próprio Cristo Jesus. A doutrina da expiação consiste em que Deus pronunciou a absolvição sobre o homem que tem fé em Cristo no presente, antecipando a sua salvação no juízo final.

## REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: LPC, 1990.

**BÍBLIA DE ESTUDO GENEBRA**. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BORN, A. Van Den (Redator). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3.ed. São Paulo: Teológica, 2002.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2006.

HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela Graça**: doutrina bíblica da salvação. Tradução de Wadislau Gomes Martins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristão, 2002.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 2002.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Junior. São Paulo: Hagnos, 2003.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida, 2003.

MURRAY, John. **Romanos**. São Paulo: Fiel, 2003.

STOTT, John. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1991.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*

## **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema Blind Review (avaliação cega), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail revista@batistapioneira.edu.br

### **DIGITAÇÃO**

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### **RESUMO / ABSTRACT**

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

### **TEXTO PRINCIPAL**

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

## **REFERÊNCIAS**

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

## **RESENHAS**

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.